

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DISSERTAÇÃO**

**"BENDITA ÉS TU ENTRE AS MULHERES DE RUS": O DISCURSO  
HAGIOGRÁFICO SOBRE (SANTA) OLGA DE KIEV (RUS – SÉCULOS  
XI A XIII)**

**LEANDRO CÉSAR SANTANA NEVES**

Seropédica, RJ

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**"BENDITA ÉS TU ENTRE AS MULHERES DE RUS": O DISCURSO  
HAGIOGRÁFICO SOBRE (SANTA) OLGA DE KIEV (RUS – SÉCULOS XI A XIII)**

**LEANDRO CÉSAR SANTANA NEVES**

*Sob a orientação do Professor Doutor*

**Marcelo Santiago Berriel**

Dissertação submetida como requisito parcial  
para obtenção do grau de **Mestre em História**,  
no curso de Pós- Graduação em História, Área  
de Concentração: Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ

Março / 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N511b Neves, Leandro César Santana, 1994-  
Bendita és tu entre as mulheres de Rus: O discurso  
hagiográfico sobre (Santa) Olga de Kiev (Rus ? Séculos  
XI a XIII) / Leandro César Santana Neves. - 2018.  
176 f.: il.

Orientador: Marcelo Santiago Berriel.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
História, 2018.

1. Olga de Kiev. 2. Rus de Kiev. 3. Discurso  
Hagiográfico. 4. História Medieval. 5. Produção de  
Memória. I. Berriel, Marcelo Santiago, 1975-, orient.  
II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-Graduação em História III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E  
DOUTORADO

**Bendita és tu entre as mulheres de Rus": O discurso hagiográfico sobre  
(Santa) Olga de Kiev (Rus – Séculos XI a XIII)**

**LEANDRO CÉSAR SANTANA NEVES**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/03/2018.

Banca Examinadora:

  
Professor Doutor MARCELO SANTIAGO BERRIEL  
Orientador e Presidente da Banca - UFRRJ

  
Professor Doutor CLÍNIO DE OLIVEIRA AMARAL – UFRRJ

  
Professor Doutor GABRIEL DE CARVALHO GODOY CASTANHO - UFRJ

*Dedico esta dissertação aos idealizadores da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Obrigado pela deslegitimação do meu trabalho e de diversos outros pesquisadores. Somente sugiro que, ao lerem esta dissertação, guardem-na não na estante, mas em um outro lugar, menor, onde ela merece estar.*

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são em uma parte interessante de um trabalho acadêmico. Nele, o "nós (ou a terceira pessoa do singular, para os puristas)" vira "eu", o parnasiano se transforma em dadaísta, e por aí vai. Nessa parte, até palavrão é permitida (mas não espere encontrar aqui, leitor, e confia em mim quando digo que foi difícil não xingar). O leitor deve estar esperando um daqueles clichês embaraçosos de que "uma dissertação não se faz sozinho" e coisa parecida. Mas é um clichê por uma razão: sem as pessoas mencionadas a dissertação que você, leitor, seja lá por qual bendito (ou maldito, vai saber...) motivo que você que lê esta dissertação, está perdendo seu tempo precioso lendo. E confie em mim, leitor, escrever esta doce amargura e este odioso e amável texto foi mais difícil do que parece. Aos acertos, os nomes que verão aqui são os responsáveis. Aos erros, são puramente *mea culpa*.

Começo agradecendo ao Deus que do fundo do coração eu acredito. Só Ele sabe o quão difícil foi escrever a partir de certo ponto da pesquisa, o tamanho da vontade de desistir da (mas não só) dissertação, as dores e alegrias que se misturavam como ar frio e quente formando um tornado devastador; o mesmo Deus que me deu, dá e sempre dará forças para continuar.

Agradeço a minha família, em especial meus pais, Cristiane e Ronaldo, e meus avós, Ruth e Reinaldo. Eles não entendem o motivo do meu "desperdício" de dinheiro importando livros mais caros que a conta de luz, aprendendo russo, ou tentando mestrado em vez de arranjar um emprego como uma "pessoa normal"; mas me sempre me apoiaram e apoiarão de todas as maneiras possíveis e impossíveis.

Ao orientador desta dissertação, professor doutor Marcelo Santiago Berriel, agradeço a ajuda, o companheirismo, a amizade, a aceitação da minha sina do eterno atraso, o Bourdieu, os conselhos, a confiança no meu tema e na minha capacidade, o lidar com a famosa burocracia do programa, e *et cetera*. Com certeza não tenho palavras para expressar minha gratidão.

Antes de agradecer aos professores que tive no mestrado, há quatro que, sem eles, eu nem estaria no programa. Muito obrigado Drs. Raquel Alvitos, José D'Assunção, e Alexandre Lazzari, que por nada mais que boa vontade me ajudaram no processo seletivo de diversas formas. E ao meu orientador da graduação e profissional de humildade e erudição assustadoras, Dr. Marcos Caldas, obrigado por ser o primeiro a confiar em meu tema e incentivar a minha aventura pela eslavística.

**ERRATA PÓS-DEFESA:** Esqueci de agradecer aos Profs. Drs. Marcello Basile e Roberto Guedes na versão pré-final. Corrijo o meu erro aqui. Afinal, por quê não deveria agradecê-los? Dá-me tu o motivo, caro leitor!

Agradeço aos professores (são todos doutores, por isso não escreverei os Drs. para poupar espaço) os quais tive aula, seja por burocracia ou por minha própria vontade, durante o mestrado. Na ordem que eu tive as aulas, Surama Conde por me ajudar na disciplina de Tutoria mesmo não sabendo sobre o meu tema, e me dar alguns conselhos de textos sobre memória que, embora não usei nesta dissertação, deram algumas ideias para projetos futuros. A Ricardo de Oliveira, *in memoriam*, por me despertar o interesse na História da História e em sua epistemologia, além da presença agradável que sempre levantava animava os espíritos e do incentivo. A Clínio Amaral, que honestamente este espaço é pequeno demais para um professor que virou um bom amigo para todas as horas, só posso dizer que ainda sou um carnívoro inveterado, mas nada me impede de mudar em breve. Marcos Caldas, *magnus magister*, que embora agradei no início merece muito mais do que poucas palavras. O mesmo também pode se dizer a Marcelo Berriel. A Adriana Barreto, Fábio Koifman e Luís Edmundo, obrigado pela disciplina obrigatória e por me fazerem refletir sobre a natureza do

poder. Agradeço também a Renata Rozental que me apresentou ao maravilhoso mundo do antisemitismo tardoantigo e a João Crisóstomo, e cuja disciplina me ajudou a formular um tema futuro. O mesmo posso dizer sobre o sempre solícito Gabriel Castanho, que me abriu os olhos para a atividade eclesiástica na História. Por último, e retificando o esquecimento dele na monografia, agradeço a Álvaro Bragança pela constante cordialidade e pelos esclarecimentos de temáticas da Literatura, e também por prevenir o pulo de muitos gatos nesta dissertação (mas alguns ainda o fazem).

Há outros pesquisadores que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram ao longo desta dissertação e merecem o meu mais profundo obrigado. Novamente em ordem alfabética, agradeço ao Dr. Bruno Gomide (obrigado também por participar da qualificação), Dr. Martin Homza, Dr. Johnni Langer, Doutorando Fabrício Moreira, Dr. André Muceniecks, Dr<sup>a</sup>. Olga Pisnitchenko, Me. Paulo Romanowski, Pe. André Sperandio, Dr. Paulo Tamanini e Dr. Alexander Zhebit.

Menção especial merece o corpo docente da faculdade de Letras-Russo da UFRJ, especialmente a Sônia Branco, que desde o encontro da UNICENTRO a gente esbarra em um ou outro evento. Similarmente agradeço a Gabriella Oliveira, por ser interlocutora entre mim (e minha área) e Letras.

*Большое спасибо* ao Cultura Eslava, na figura da *великая учительница* Elizabeth Íbis por me instruir e ajudar nesta língua maravilhosa que é o russo, mesmo que ir para a Lapa de manhã (ou qualquer horário, para falar a verdade) seja um inferno. Um obrigado também ao Я5. Similarmente, agradeço ao CLAC-UFRJ de francês por me atenuar um idioma intragável e insuportável, com o qual não consigo me entender por nada, mas que tentei e consegui de pouco em pouco para a dissertação.

Agradeço à instituição da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em si por estes seis anos de estadia. Escolher a Rural como *alma mater* foi a melhor decisão que já tomei depois de usar Ariados no *Pokémon Crystal*. Principalmente, agradeço a dois funcionários que quebram o estereótipo de funcionário público inútil e mal-educado. O secretário do PPGHIS Paulo Longarini, um verdadeiro santo que os alunos do programa precisam rezar para, e ele sempre responde rapidamente e com cordialidade. Também agradeço a Antônio, motorista da van entre Nova Iguaçu e Seropédica, sempre sorrindo e de bom humor.

Agradeço à banca de qualificação: os já mencionados Marcelo Berriel, Clínio Amaral e Gabriel Castanho, por aceitarem o convite e, mais que tudo, aceitar a cópia avaliativa em PDF.

Agora é a hora dos meus amigos. Sim, meu caro(a) leitor(a) (que muito provavelmente é um deles), falo dos meus amigos que me destruirão caso o nome deles não se encontre presente aqui. Advirto às aves de rapina que os nomes citados não estão em nenhuma ordem particular de gosto, pois alguns ligam. Muito. Optei ao invés disso por um *randomizer* e portanto a ordem daqui será a ordem aleatória (resumindo: culpem a internet pela ordem, não há hierarquia). Cabe dizer que, ao escrever esta dissertação quatro da manhã enquanto ébrio de sono, esquecerei de poucos ou muitos. Cobrai-me na tese caso este seja o caso.

Luan Mendes, que insiste que não faz "História do Brasil" mas sim da "América", obrigado por seu otimismo constante (que chega a ser irritante de vez em quando), seus constantes encorajamentos e palavras de apreciação, que me salvaram de alguns momentos ruins com grande frequência. Ao discípulo de Plutarco e companheiro de maldições psicológicas, Venícios de Castilho, obrigado pelas longas ou curtas conversas, reclamações da nossa condição de historiador pobre de tema do exterior em um mundo ufanista, ou meras trocas de *memes* (caro[a] leitor[a], desculpe-me pela datação desta dissertação) constantes que me deram (ainda que algumas vezes bastante questionável) um motivo para rir e/ou pensar. Sir Caio Costa, amigo e *fellow* crítico da masturbação acadêmica brasileira aos moldes

franceses, agradeço as conversas sobre universidades, Idade Média e mais coisas mesmo após sua mudança para Niterói. Ao *berserker* "bárbaro" do norte Fábio Baldez, agradeço pela companhia e pela amizade de um outro teimoso que foge do "Ocidente Medieval", e pelas conversas sobre música, filmes de ação dos anos 80, e o Norte da Europa. Companheiro cinéfilo e "necromante" de forros mineiros Felipe Tito, obrigado pela amizade e pela confiança, nas conversas que vão desde teoria da História até a defesa ainda questionável da atrocidade hollywoodiana conhecida como "It, a Coisa" [2017]. Aos amigos da graduação cujo contato não foi tão forte após minha progressão, obrigado André Luiz, Antônio Carlos, Cláudio Lessa, Hugo Leonardo, Karen Carvalho, Renan Laurindo, Renan Suzano, Victor Fernando e Victor Poppe.

Daniel de Moraes, o engenheiro que desde a escola pensa, por razões que desconheço, que sou inteligente, obrigado por essa confiança, e desculpe por não usar o seu apelido aqui (veja xingamento na introdução). Mesmo caso vale para Mateus Marques, mas pelo menos ele gosta de boa música. O "paraíba" do PSDB e "sbtista" da Record, Lucas da Rocha, merece menção honrosa nesses agradecimentos. Embora conheci os seguintes durante o mestrado, foi o suficiente para estas pessoas maravilhosas terem um impacto positivo em minha vida geral e/ou acadêmica; por isso muito obrigado (em ordem alfabética): Daniel Mendonça, Fabiano Alves, Lúrbia Santos, Nathalie Drummond, Petterson Magno, e Thiago "Tio Chico" Ribeiro. João Victor "Furnival", obrigado por, entre todas as diversas coisas, me ensinar que, se eu entendi bem, estampa azul não combina com camiseta roxa. Finalmente, agradeço a Lisa Cheng e Kaushik Katta pelo compartilhamento do conhecimento das bibliotecas da UCLA e da UT e pelos momentos de descontração via *Discord*.

Agradeço à CAPES pela bolsa que financiou esta pesquisa, a bibliografia, a conta de luz, os eventos e os meus cursos de idiomas, sem os quais esta dissertação não existiria ou estaria em uma qualidade bem pior.

Por último, e por ética, agradeço àquela que, por bem ou por mal, inspirou este tema. Embora tenha sido para mim mais difícil escrever esta parte que qualquer outra coisa da dissertação, e embora eu me arrependerei futuramente de ter escrito esta parte, algo teve que colocar a temática na minha cabeça inicialmente. Sei que é bastante provável que ela não lerá esta dissertação, mas na remota possibilidade, e para quebrar o grilhão que me transformou em Atlas que me toma conta desde então, deixo somente um sincero *спасибо* com este pequeno poema, o meu favorito de Aleksáedr Púchkin, que resume este parágrafo mais que perfeitamente:

Я вас любил: любовь ещё, быть может,  
В душе моей угасла не совсем;  
Но пусть она вас больше не тревожит;  
Я не хочу печалить вас ничем.  
Я вас любил безмолвно, безнадежно,  
То робостью, то ревностью томим;  
Я вас любил так искренно, так нежно,  
Как дай вам Бог любимой быть другим.

*With a quivering voice you spoke the word  
Shadow came between us, sharp as a sword  
Gone is my gladness and vanished my pride  
'cause luck didn't stay on our side*

*Leaped in luxury, I cried for the moon  
But the game is out, it all ended too soon  
Awakening came as the belt from the blue  
At last from a sheen to be true*

*Oh my ruthless queen  
You would steal the treasure of my dream  
It's the twinkle in your eyes  
that took me by surprise*

*(Ruthless Queen – Kayak [Ton Scherpenzeel])*

## RESUMO

NEVES, Leandro César Santana. "**Bendita és tu entre as mulheres de Rus**": O discurso hagiográfico sobre (Santa) Olga de Kiev (Rus – Séculos XI a XIII). 2017. 176 p. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2018.

Nesta dissertação, almejamos analisar a imagem posterior da Princesa Olga (†969), que agiu como regente de Kiev após a morte de seu marido, Igor, enquanto este cobrava tributo e seu filho Sviatosláv, sucessor natural, ainda menor de idade. Durante sua vida, Olga foi responsável por uma série de atos e medidas que a diferenciaram de outros governantes, com a decisão mais importante sendo sua conversão ao Cristianismo Ortodoxo de rito Grego por volta da década de 950. Muitos destes fatos que são conhecidos sobre a regente são omitidos, modificados ou exagerados em textos dos séculos posteriores, indicando a manipulação da memória sobre a princesa visando transformá-la em uma santa. Utilizando as reflexões sobre "conceito" de discurso hagiográfico de autores como Anneke Mulder-Bakker, Guy Philippart, Marc van Uytfanghe, entre outros; e da metodologia da leitura isotópica de Algirdas Greimas e Joseph Courtés, argumentamos que a imagem de Olga sofreu transformações pautadas nas necessidades dos autores e do público em duas fontes de Rus que tratam sobre ela diretamente, a *Crônica dos Anos Passados* (século XI – XII) e o *Louvor à Princesa Olga* (século XIII), a fim de criar uma "Olga ideal" passível de ser lembrada e cultuada pelas características selecionadas.

**Palavras-chave:** Princesa Olga de Kiev; discurso hagiográfico; Rus de Kiev

## ABSTRACT

NEVES, Leandro César Santana. "**Blessed art thou among the women of Rus**": **The hagiographic discourse on (Saint) Olga of Kiev (Rus – XIth to XIIIth centuries)**. 2017. 176 p. Dissertation (Master's in History). Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2018.

In this dissertation, we aim to analyze the later image of Princess Olga († 969), who acted as regent of Kiev after the death of her husband, Igor, while he collected tribute and their son Sviatosláv, the natural successor, was still a minor. During her lifetime, Olga was responsible for a series of acts and measures that differentiated her from other rulers, with the most important decision being her conversion to Orthodox Christianity around the 950s. Many of these facts that are known about the princess are omitted, modified, or exaggerated in texts from the later centuries, indicating a manipulation of memory regarding Olga in order to transform her into a saint. Using the considerations on the "concept" of hagiographic discourse from authors like Anneke Mulder-Bakker, Guy Philippart, Marc van Uytfanghe, among others; and the methodology of the isotopic reading from Algirdas Greimas and Joseph Courtés, we argue that Olga's image has undergone transformations based on the authors' and the public's needs in two Russian sources dealing with her, the *Tale of Bygone Years* (XIth-XIIth century) and the *Encomium to Princess Olga* (XIIIth century), wishing to create an "ideal Olga" that should be remembered and worshiped for the selected categories.

**Keywords:** Princess Olga de Kiev; hagiographic discourse; Kievan Rus

## LISTA DE MAPAS E FIGURAS

| FIGURA  | PÁGINA | REFERÊNCIA   |
|---|--------|--|
| Mapa das migrações dos povos eslavos, turcomanos e dos escandinavos nos séculos VIII – IX para o território que viria a se tornar Rus de Kiev.                | 56     | <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/89/East_Slavic_tribes_peoples_8th_9th_century.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/89/East_Slavic_tribes_peoples_8th_9th_century.jpg</a> . Acessado em 12 de Outubro de 2016.           |
| Mapa das transformações político-territoriais em Rus de Kiev entre a morte de Vladimir Sviatoslavitch em 1015 e a morte de Sviatopólk II Iziaslávitch em 1113 | 66     | <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Kievan-rus-1015-1113-%28en%29.png">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Kievan-rus-1015-1113-%28en%29.png</a> . Acessado em 12 de Outubro de 2016.                                     |
| Mapa dos principados de Rus entre o falecimento do príncipe Vladimir Sviatoslávitch em 1015 e o de Mstisláv o Grande em 1132.                                 | 71     | <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/db/Principalities_of_Kievan_Rus%27_%281054-1132%29.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/db/Principalities_of_Kievan_Rus%27_%281054-1132%29.jpg</a> . Acessado em 12 de Outubro de 2016. |
| Mapa de Rus de Kiev entre os séculos XII e XIII, antes da dominação mongol.   | 76     | MARTIN, Janet. <i>Medieval Russia 980 – 1584</i> . 2ª ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 106.   |
| Rus de Kiev nas vésperas da tomada de Kiev em 1240.   | 79     | <a href="http://pages.uoregon.edu/kimball/images/frn.MPR.1237%20TTR.jpg">http://pages.uoregon.edu/kimball/images/frn.MPR.1237%20TTR.jpg</a> . Acessado em 13 de Outubro de 2010.   |
| Pendente de falcão encontrado em Pskov  | 92     | KOVALEV, Roman K. "Grand Princess Olga of Rus' Shows the Bird: Her 'Christian Falcon' Emblem". <i>Russian History</i> 39, 2012, p. 463.  |

## LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

|                              |  |
|------------------------------|--|
| <b>CrN</b> .....             | Crónica de Nestor ( <i>PVL</i> em espanhol)  |
| <b>DMN</b> .....             | Dicionário de Mitologia Nórdica  |
| <b><i>Encomium</i></b> ..... | <i>Encomium for Princess Olga</i> (Tradução de Hollingsworth)  |
| <b>LOUVOR</b> .....          | Louvor à Princesa Olga   |
| <b>ODB</b> .....             | Oxford Dictionary of Byzantium   |
| <b><i>Pámiat</i></b> .....   | <i>Pámiat i Pokhvalá Kníaziu</i> [ <i>Vladímiru Memorial e Louvor ao Príncipe Vladimir</i> ]               |
| <b>PVL</b> .....             | <i>Póvest Vremennýkh Let</i> [ <i>Crónica dos Anos Passados</i> ]  |
| <b>PVL-Li</b> .....          | Tradução da <i>PVL</i> por Dmítrii S. Likhatchióv (Em russo)   |
| <b>PVL-Or</b> .....          | <i>PVL</i> original (contida em Likhatchióv)   |
| <b>RPC</b> .....             | Russian Primary Chronicle ( <i>PVL</i> em inglês)  |
| <b>SK</b> .....              | <i>Stepiénniaia Kníga</i> [ <i>Livro da Genealogia Real</i> ]  |
| <b>SKKDL</b> .....           | <i>Slovár Kníjnikov i Kníjnosti Driévnei Rusí</i> [ <i>Dicionário de Escribas e Livros da Rus Antiga</i> ] |
| <b>URSS</b> .....            | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas  |

## NOTAS DE TRADUÇÃO E TRANSLITERAÇÃO DE NOMES

- Todas as transliterações do russo ao português foram feitas a partir do sistema de transliteração da Universidade de São Paulo, com a tabela em anexo no final deste trabalho. Nos poucos exemplos de transliteração ao grego e ao ucraniano, optamos por utilizar o sistema da Biblioteca do Congresso Americano.
- Optamos por transliterar nomes medievais em sua versão "aportuguesada" caso haja equivalente lusófona (ex.: **Olga** = Ólga; **Antônio** = Antónii; **Teodósio** = Feodósii; **Venceslau** = Vacláv; **Constantino** = Kōnstantinos; **Jorge** = Iúrii). Caso não haja, ou seja nome de autor contemporâneo, a versão original será mantida. Caso o nome equivalente exista mas sendo extremamente incomum (**Vissivaldo** = Vsiévolod), decidimos manter o nome original.
- Em nomes de autores de trabalhos que não estejam em sua língua nativa, seja qual for sua origem, será utilizado a tradução do nome no trabalho (ex.: **Oleg Tvorogov** = Oliég Tvorógov; **Natalia Pushkareva** = Natáliia Puchkarióva). Caso haja dois trabalhos em idiomas diferentes, a preferência será dada ao original. Autores emigrados manterão o nome do trabalho original.

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>16</b>  |
| <b>CAPÍTULO I: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO HAGIOGRÁFICO.....</b>  | <b>25</b>  |
| 1.1 O <i>Métier</i> Bolandista: Bolland, Delehaye e Certeau.....   | 25         |
| 1.2 Gênero Hagiográfico X Discurso Hagiográfico.....   | 27         |
| 1.3 Hagiografia, Historiografia e Memória.....   | 35         |
| 1.4 O Herói e o Criador.....   | 42         |
| 1.5 Alguns Pontos sobre Hagiografia Ortodoxa Grega.....  | 44         |
| 1.6 <i>Sviat'ye i Jitiá</i> – Interpretações e Métodos.....  | 46         |
| <b>CAPÍTULO II: RUS DE KIEV: PRÍNCIPES, DEUS(ES) E LETRAS.....</b>   | <b>54</b>  |
| 2.1 Formação Política, Panteísmo e Cristianismo antes de Vladimir, o Grande.....   | 57         |
| 2.2 Os "Anos Dourados": Vladimir, o Grande e Iarosláv, o Sábio.....  | 62         |
| 2.3 Do Triunvirato <i>Iaroslávitchii</i> a Vladimir Monômaco.....  | 67         |
| 2.4 Fragmentação Familiar e Domínio Mongol .....   | 73         |
| 2.5 Literatura e Letras em Rus.....  | 80         |
| <b>CAPÍTULO III: PRINCESA OLGA DE KIEV (? – 959).....</b>  | <b>86</b>  |
| 3.1 Sobre a Tentativa da Reconstrução da Vida de Olga.....   | 87         |
| 3.2 Os Anos Incógnitos.....  | 89         |
| 3.3 A Expansão Vingativa.....  | 92         |
| 3.4 O Problema do Batismo.....   | 97         |
| 3.5 Entre Duas Cruzes.....   | 101        |
| 3.6 A Questão do Gênero (Feminino).....  | 103        |
| <b>CAPÍTULO IV: OLGA "IGUAL AOS APÓSTOLOS" DE KIEV (SÉCULOS XI – XIII)<br/>– O DISCURSO HAGIOGRÁFICO SOBRE OLGA.....</b> | <b>107</b> |
| 4.1 A Expansão Vingativa – Parte II.....   | 107        |
| 4.2 "Mais Sábia do que Todas as Pessoas" .....   | 117        |
| 4.3 Propagando a Fé: o <i>Exemplum</i> de Olga.....  | 125        |
| 4.4 Helena de Kiev: Olga como <i>Mulier Suadens</i> .....  | 135        |
| 4.5 A Avó e o Neto: Olga e Santidade Dinástica.....  | 138        |
| 4.6 Sobre o (Possível) Culto entre os Séculos XI e XIII.....   | 141        |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>  | <b>146</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>148</b> |
| <b>ANEXOS</b>  |            |
| Anexo I: Tabela de transliteração russo-português utilizada.....   | 161        |
| Anexo II: Lista de Príncipes de Kiev até a Dominação Mongol.....   | 162        |
| Anexo III: Transcrição das entradas de 945 à 969 da <i>PVL</i> .....   | 166        |

## INTRODUÇÃO

Caro leitor possivelmente lusófono que, seja qual for o motivo, lê esta dissertação. Convido-te a imaginar uma terra longínqua e gelada, entre a Ásia e a Europa. Caso enxergues as atuais Rússia ou Ucrânia, estás no caminho certo! Agora imagina-a menor, e em tempos mais antigos. Vejamos... século X, no início do período que é conhecido pela historiografia como Rus de Kiev<sup>1</sup>, onde habitam os homônimos rusos<sup>2</sup>. Que tal? Imagina-a diferente das eras dos dragões, pestes e novelas estúpidas; e mais parecida com a era dos grandes saqueadores do Norte da Europa. Agora, pensa em uma mulher em cima de um pequeno cume. Bela, nobre e poderosa, com uma voz possivelmente suave mas carregada de autoridade e sabedoria. Sua imagem, iluminada, brilha no céu noturno. O nome dela é Olga, princesa<sup>3</sup> de Kiev. Conegues vê-la? Ela está lá. Sim, acima! Seu grande exército segue suas palavras com orgulho e sem questionar. Abaixo, em uma pobre cidade fortificada cercada por uma floresta de árvores repletas de neve, pássaros voam. Pousam e, de repente... um incêndio! O exército marcha em direção à cidade com mais pássaros, e o povo grita desesperadamente.

Agora, avancemos um pouco de local e de data, talvez uma década ou um pouco mais. O local? Ora, a magnífica Cidade Imperial de Constantinopla, joia do Medievo e inspiradora dos reinos cristãos! Mais especificamente, dentro do maravilhoso Grande Palácio. Ora, nada mais pomposo e luxuoso do que o Grande Palácio, e deveria assim ser ao Imperador e ao Patriarca do Império Bizantino, alegados representantes diretos do sagrado na Terra<sup>4</sup>. Há algumas pessoas no salão principal, e três delas chamam a tua atenção. Dois indivíduos bem

<sup>1</sup> Por causa da própria denominação, fruto da hegemonia política e cultural da cidade de Kiev. Logo, ao longo do trabalho focaremos mais na História deste principado do que dos outros que também compõe Rus, a não ser em casos específicos.

<sup>2</sup> Para a diferenciação dos russos modernos, assim como evitar a confusão com o nome do território, optamos neste trabalho em chamar aqueles ligados aos nórdicos que aportaram nas planície Russa de rusos. Ver o segundo capítulo desta dissertação.

<sup>3</sup> O termo como descrito nas fontes seria *kniáz* (feminino; *kniaguínia*) e, politicamente falando, existem diferenças entre o *kniáz* e a titulação latina de "príncipe" adaptada pela Europa Latina. Estamos cientes de que há argumentos para outras denominações como "grão-duque", "rei" e Khagan", mas como a historiografia brasileira (e, de certo modo, a maior parte da historiografia em geral) faz uso constante do termo príncipe ou de sua variante ainda mais controversa "grão-príncipe" (*Velikii Kniáz*), resolvemos por convenção adotar a titulação de "príncipe" aos líderes políticos de Rus. Já que o termo não é objetivo deste trabalho, para uma breve história e debate da titulação, com ênfase no título de Grão-Príncipe, ver RAEV, Mikhail. "The Emergence of the Title Velikii Kniaz' in Rus' and the *Povest Vremmenykh Let*". *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, LI, 2014, p. 48 – 55.

<sup>4</sup> Ver TAMANINI, Paulo Augusto. "O Basileos, o Imperador e o Patriarca: a sinfonia Bizantina na configuração dos ritos". *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia*, 2017, p. 1 – 5. Disponível em: [http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1491313243\\_ARQUIVO\\_OBasileos,oImperadoreoPatriarca.pdf](http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1491313243_ARQUIVO_OBasileos,oImperadoreoPatriarca.pdf). Acessado em 15 de Outubro de 2017.

vestidos, um deles executando um ritual. E próxima dele, a mulher que viste na montanha, prostrada em reverência. São respectivamente o Imperador, o Patriarca, e Olga. Conforme o ritual procede, consegues ver ela brilhando. Ela é cristã, e santa, agora. Estranho, certo? Como pode tal contraste com a mesma pessoa? Bem, foram estas perguntas que nos levaram, há uns três ou quatro anos, ao campo da Russística Medieval, especificamente da princesa. Tão fascinante e intrigante, este paradoxo (o que pensávamos antes em nossa ignorância e etnocentrismo) corroía a nossa mente como o mais potente e perverso dos ácidos. Sabíamos que, mesmo mediante a todas as adversidades de fugir do Comércio Triangular da historiografia brasileira, aquela fome deveria ser saciada.

Voltemo-nos à realidade e mudemos o nosso discurso para algo mais formal. Do pouco que se conhece sobre a vida de Olga (945 – 969), com exceção dos acontecimentos narrados de maneira exagerada e glorificada nas fontes desta dissertação, sabemos que ela se tornou princesa após matrimônio com o líder de Kiev em algum momento do século X. Em 945, após uma tentativa de cobrar tributos da tribo dos Derevlianos, príncipe Igor (912 – 945) é assassinado pelos mesmos, e em seu lugar sua esposa Olga assume o poder como regente enquanto seu filho Sviatosláv Ígorevitch (c. 964 – 980) ainda é menor de idade. Assim começa a vida de Olga como contada na fonte histórica mais importante de Rus, a *Crônica dos Anos Passados* (*Póvest Vremennýkh Let*, doravante *PVL*), embora a compilação desta tenha começado, no mínimo, por volta de 1090. Imediatamente após se tornar regente, a *PVL* conta que a nova regente lança sobre os Derevlianos uma vingança cruel e impiedosa. Após esta, possivelmente em 946 ou 947, Olga estabelece reformas administrativas na região que conquistou, estas sendo pouco estudadas devido ao foco da filologia sobre a vingança e da historiografia sobre o batismo.

Passado um intervalo de sete anos o qual nenhuma fonte diz o que ocorreu, Olga se converte ao cristianismo ortodoxo grego em Constantinopla numa data debatida ferozmente dentro da historiografia, com possibilidade de ter ocorrido entre 946 e 961. Em seu batismo, recebeu o nome de Helena, tal qual é identificada em fontes estrangeiras. Olga faleceu em 969, com Sviatosláv assumindo o poder anos antes por volta de 964 e, ao contrário de sua mãe, permaneceu fiel ao panteísmo.

Este trabalho propõe-se, então, a pensar sobre a imagem de Olga nas fontes hagiográficas escritas em Rus entre os séculos XI e XIII. Tal imagem é marcada pelo tratamento peculiar dado pelos hagiógrafos em relação a sua figura. Nas fontes, Olga possui algumas virtudes típicas da santidade ao mesmo tempo que há a presença de comportamentos utilizados em outras hagiografias como exemplo negativo. Não se observa, contudo, no

contexto de sua vida, as possíveis virtudes, implicando que foram construídas. Verifica-se apenas relatos de sua conversão ao Cristianismo Ortodoxo de matriz Grega, e ainda encontra-se elementos dissonante ao olho nu do pesquisador "ocidental" em sua história de vida, na forma de sua vingança contra os Derevlianos e a busca pelo Cristianismo Latino pouco após ser batizada no credo bizantino.

É impossível abordar o tema em questão sem antes problematizar a natureza das fontes a serem analisadas, ou seja, a noção de *hagiografia* com a qual este trabalho dialoga talvez demasiadamente. Já que nunca houve uma *ars hagiographica* de como devia-se escrever tais fontes, não compactuamos com a afirmação "clássica" ancorada nos Bolandistas de que a hagiografia seria um gênero literário. Ao invés disso, acreditamos em Guy Philippart, principal teórico e inspirador das conclusões desta dissertação, quando este afirma que a hagiografia é um discurso de narrativa surreal ancorado em um herói e no sobrenatural repleto de *topoi* para veicular e facilitar sua mensagem.

Philippart também salienta a importância de lembrar que hagiografia não significa somente uma "vida de santo". Entende-se portanto neste trabalho hagiografia como o discurso de qualquer meio capaz de produzi-lo, seja ele escrito ou imagético, que enfatiza as qualidades de herói de determinado indivíduo através de lugares-comuns derivados da surrealidade que ganha verossimilhança pela ideologia dominante. Assim, a *PVL*, mesmo não sendo totalmente hagiografia *strictu sensu* e sim o que José Toro Vial caracterizaria como uma "crônica universal"<sup>5</sup>, possui alto teor hagiográfico ao tratar sobre Olga, sobretudo nas entradas acerca de sua vingança e seu batismo, podendo ser considerada como uma hagiografia.

Para ser objeto de estudo das ciências sociais, a hagiografia pode ser separada do santo, da santidade e do culto. Também deve-se levar em conta o remetente e a audiência desse discurso, com a hagiografia servindo como um "espelho" entre o leitor e o autor, fazendo a hagiografia ser objeto tanto do cultural quanto do político, tal como objeto de estudo da história religiosa. O uso desta abordagem permite levar em consideração os hagiógrafos em Rus para tentar entender os motivos que levaram à fabricação da santidade de Olga e transformação de sua imagem.

As fontes centrais que compõe o *corpus* documental da dissertação três: *Sermão sobre a Lei e a Graça*, *Louvor à Princesa Olga*, e a *Crônica dos Anos Passados*. Todas estas fontes

---

<sup>5</sup> TORO VIAL, José Miguel de. "As Crônicas Universais e a Cosmografia Medieval". In: TEIXEIRA, Igor Salomão; BASSI, Rafael (Org.). *A Escrita da História na Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 158 – 159.

foram originalmente escritas em eslavo eclesiástico antigo e suas origens são obviamente relacionadas com a Igreja Grega em Rus, com um teor sutil de politização dos indivíduos exaltados típico dos santos de tal base teológica no período em questão.

O *Sermão sobre a Lei e a Graça* (*Slóvo o Zakónie i Blagodáti*) fora escrito por volta de 1047 por pelo metropolita Hilarião, o primeiro de origem rusa a ocupar tal cargo. A fonte não se trata de apenas um, mas de quatro textos distintos que se complementam em um tipo de progressão que o historiador britânico Simon Franklin compara com a Trindade<sup>6</sup>: a primeira parte homônima, dividindo-se em dois textos; o *Encômio a Vladimir*; e uma oração. É a primeira menção a respeito de Olga em uma fonte rusa, ainda que seja somente um único parágrafo dentro do *Encômio*. Algo notável nesta fonte é que Vladimir é constantemente chamado de Basílio, seu nome de batismo, ao invés de seu nome real, algo pouco comum em todos os outros registros de santos, tanto do próprio Vladimir quanto de outros santos de Rus. O *Sermão da Lei e da Graça* encontra-se em inglês no livro do renomado historiador britânico Simon Franklin, *Sermons e Rhetoric of Kievan Rus*<sup>7</sup>.

A respeito do *Louvor à Princesa Olga, Como Ela Foi Batizada e Viveu Virtuosa de acordo com os Mandamentos do Senhor* (*Pokhvalá kniaguínie Ólguie, kak krestíssia i dobrié pojívie po záповedi Gospódni*), este é uma das três partes do *Memorial e Encômio para o Príncipe Vladimir de Rus*; juntamente com o próprio memorial e a *Vida do Abençoado Vladimir*. A parte analisada trata-se de uma exaltação da figura de Olga em sua primeira parte, e a Vladimir na segunda, exaltando ambos devido a sua fé e boas ações como a propagação voluntária do Cristianismo, caridade, entre outros, mas a fonte não necessariamente os adjetiva como "santo"<sup>8</sup>. O *Louvor* encontra-se traduzido para o inglês no livro *Hagiography of Kievan Rus*<sup>9</sup>, e também temos a versão original publicada pelos historiadores/filólogos russos Vsiévolod Srezniévskii e Aleksánder Zimín, e reimpressa pela coleção *Berkeley Slavic Specialties*<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> FRANKLIN, Simon. "Introduction". In: *Sermons and Rhetoric of Kievan Rus*'. Edição e tradução de Simon Franklin. Cambridge: Harvard University Press, 1991, p. xxviii.

<sup>7</sup> HILARIÃO DE KIEV. "Sermon on Law and Grace". In: *Sermons and Rhetoric of Kievan Rus*'. Edição e tradução de Simon Franklin. Cambridge: Harvard University Press, 1991, p. 3 – 29.

<sup>8</sup> A fonte faz uso constante do adjetivo *sviátoi* (santo) e suas flexões/declinações, mas este não se refere diretamente a Vladimir e Olga.

<sup>9</sup> MONGE TIAGO. "July 15. Memorial and Encomium for Prince Volodimer of Rus'. How Volodimer was Baptized and [How He] Baptized His Children and All the Land of Rus' from One End to the Other, and How Volodimer's Grandmother Ol'ga Was Baptized Prior to Volodimer". In: *The Hagiography of Kievan Rus*'. Traduzido, comentado e compilado por Paul Hollingsworth (1992). EUA: Harvard University Press, p. 165 – 181.

<sup>10</sup> MONGE TIAGO. *Pámiat i Pokhvalá Kniázju Rússkomu Vladímiru Iákova Mníkha i Jitiia Kniázia Vladímira* [*Memorial e Louvor ao Príncipe Russo Vladimir do Monge Iákov e Vitae do Príncipe Vladimir*]. Reimpressão

Conforme Paul Hollingsworth, a cópia mais antiga do Memorial é datada do século XV com o chamado manuscrito de Iégorov, porém não só há várias cópias deste, mas também a datação desta cópia pode ser da primeira compilação de estrutura tripartida, já que há cópias mais antigas sem o Louvor à Olga e/ou a Vida de Vladimir<sup>11</sup>. A obra é atribuída ao monge Tiago, mas não se sabe se foi realmente ele que escreveu e/ou compilou, ou se o texto foi escrito por diversos autores devido às incongruências estilísticas e choque de diferentes modos discursivos, mas Hollingsworth argumenta que pode ter existido uma versão original do documento e a que sobreviveu pode ser uma alterada<sup>12</sup>.

Existe um grande debate sobre quando originalmente o documento fora escrito. A hipótese ainda mais aceita é de que seu alegado escritor, Tiago, ou os possíveis múltiplos escritores, começaram a escrever durante a década de 1070 em data próxima à canonização oficial dos santos mártires Boris e Gleb. Entretanto, alguns autores como Francis Butler afirmam que a fonte em sua totalidade seria não do século XI, mas entre o final do século XIII e início do XIV, composta em Nóvgorod devido ao surgimento de um culto ao príncipe Vladimir<sup>13</sup>. Esta última hipótese parece ser mais confiável, e interfere diretamente em nossa hipótese sobre a transformação do discurso.

A *Crônica dos Anos Passados (Póvest Vremennýkh Let)* consiste em um manuscrito semelhante a uma compilação analítica de datação disputada que narra a história do "Povo de Rus" desde o Dilúvio até 1116<sup>14</sup>, mencionando a composição étnica, os primeiros governantes, tratados, leis, guerras, entre outros assuntos. A *PVL*, de acordo com Samuel Cross, parece sofrer influência de outras crônicas, sobretudo a *Chronographia* de George Hamartolos<sup>15</sup>, além de constantemente citar a Bíblia em suas passagens e da tradição oral. A crônica original<sup>16</sup> não sobreviveu, mas há variações que chegaram até nós através de monges copistas. Conforme tentaremos mostrar mais adiante, a nossa percepção de "discurso hagiográfico" permite o tratamento da fonte como uma hagiografia.

dos textos de Vsiévolod I. Srezniévskii e Aleksáedr A. Zimín (Berkeley Slavic Specialties). Oakland: Scythian Books, 1988.

<sup>11</sup> HOLLINGSWORTH, Paul. "Introduction". In: *The Hagiography of Kievan Rus'*. Traduzido, comentado e compilado por Paul A. Hollingsworth. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. lxxxv – lxxxvi.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. lxxxviii – lxxxix.

<sup>13</sup> BUTLER, Francis. *Enlightener of Rus'. The Image of Vladimir Sviatoslavich across the Centuries*. Bloomington: Slavica, 2002, p. 74 – 79.

<sup>14</sup> A versão laurentiniana sempre termina com o colofão do hegúmeno Silvestre na entrada de 1118, que é considerada como o final do texto original.

<sup>15</sup> CROSS, Samuel; SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. "Introduction". In: *The Russian Primary Chronicle: Laurentian Text*. Editado e traduzido por Samuel Hazzard Cross e Olgerd P. Sherbowitz-Wetzor. Cambridge: The Medieval Academy of America, 1953, p. 23 – 30.

<sup>16</sup> Chamada de *Natchálnii svod* pelo filólogo russo Aleksei Chakhmatov, este crendo que a Crônica de Nóvgorod seja o manuscrito mais próximo do original. CHÁKHMATOV apud OSTROWSKI, *op.cit.*, p. xxxiv.

A fonte fora conhecida por muito tempo como "Crônica de Nestor" pois sua autoria era atribuída a São Nestor, o Cronista, por causa de um erro de interpolação contido em uma versão do século XVI<sup>17</sup>. De acordo com o historiador ucraniano Oleksiy Tolochko, duvidar da autoria de Nestor no século XIX era equiparado ao "antipatriotismo" <sup>18</sup>, mesmo com a ideia de Nestor como autor da fonte sendo datada do século XVIII e invenção do celebrado historiador russo Vasili Tatichtchev<sup>19</sup>. Em comparação com outros trabalhos de Nestor como *Vida de Teodósio de Kiev* e *Lição sobre Boris e Gleb*, todavia, a *PVL* não se mantém fiel aos próprios escritos que supostamente são do santo cronista, sobretudo as entradas de 1015 à 1019 e a *Lição*<sup>20</sup>. O hegúmeno Silvestre também é candidato a escritor da *PVL* pois sua assinatura está presente na versão laurentiniana<sup>21</sup>, e há grande possibilidade dele ser o último compilador.

As principais versões da *PVL* consistem na versão laurentiniana datada do século XIV, tendo esse nome por ser de autoria do monge Laurêncio; e a ipatiana do século XV, encontrada no monastério de Ipatiev. Ambas as variantes possuem diferenças significativas tanto à linguagem e a ortografia, quanto nos anos descritos, com a cronologia do texto ipatiano se estendendo até o século XIV<sup>22</sup>. Há ainda mais versões posteriores, como a de Radziwiłł (final do século XV), Acadêmica (final do século XVI) e de Khlebnikov (século XVI)<sup>23</sup>. O texto laurentiniano foi escolhido como uma de nossas fontes centrais por ser a mais antiga e também a versão com maior facilidade de acesso, com as "versões" modernas aqui utilizadas sendo a tradução ao russo de Varvára Adriánova-Piéretts e Dmítirii Likhatchióv<sup>24</sup>, a tradução e tentativa de reconstrução da *PVL* feita pela filóloga espanhola Inés García de la Puente<sup>25</sup>, e a cópia em inglês por Samuel Cross e Olgerd Sherbowitz-Wetzor. Da *PVL* serão utilizadas principalmente as entradas que compreendem os anos de 945 até 969, data da

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. xvi – xvii.

<sup>18</sup> TOLOCHKO: TOLOCHKO, Oleksiy. " On 'Nestor the Chronicler' ". *Harvard Ukrainian Studies*, Vol. 29, Nº. 1/4, 2007, p. 32.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 33.

<sup>21</sup> OSTROWSKI, *op. cit.*, p. xvii.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 220.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. xxv – xxvi.

<sup>24</sup> *Póvest Vremennýkh Let* [Crônica dos Anos Passados]. Traduzido e comentado por Dmítirii S. Likhatchióv e revisão de Varvára P. Adriánova-Piéretts. 2ª Edição. São Petersburgo: Naúka, 1996. Esta versão da *PVL* de Likhatchiov também contém o texto em eslavo eclesiástico antigo transliterado para o Russo.

<sup>25</sup> "Traducción de la 'Crónica de Néstor'", In: GARCÍA DE LA PUENTE, Inés. *Perspectivas indoeuropeas en la Crónica de Néstor: análisis comparado de su contenido con el de otras tradiciones indoeuropeas*. Incluye traducción al español. Tese de Doutorado. Madri: Universidad Complutense de Madrid, 2005. Disponível em <http://pvl.obdurodon.org/translation/spanish.pdf> (Somente a tradução da *PVL*). Acessado em 09 de Setembro de 2016.

primeira menção da vingança de Olga até a sua morte<sup>26</sup>, mas utilizaremos o restante ao longo do texto quando necessário.

As fontes acima mencionadas contam histórias (e Histórias). Mesmo sendo ao nosso ver hagiográficas, elas ainda são fontes narrativas. Acreditamos que as hagiografias de Olga, apesar de terem características diferentes entre si, ainda possuem um tema em comum herdado da memória sobre a regente. Também acreditamos que as hagiografias foram escritas com, embora realisticamente impossível, uma leitura única sem nenhuma ambiguidade esperada por parte do público. Olga era nas hagiografias o que Olga deveria ser. Sendo assim, a metodologia da *leitura isotópica*<sup>27</sup> proposta pelos semiólogos Algirdas Greimas e Joseph Courtés mostram-se bastante úteis pois seu objetivo seria um "[...] crivo de leitura que torna que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que ela permite elidir ambigüidades<sup>28</sup>". Para isso, dividiremos as narrativas em três níveis para descobrir as *categorias semânticas* que se repetem, a fim de encontrar *redes temáticas* que revelem a imagem de Olga que deveria ser louvada e perpetuada. Sobre este método, concordamos com os passos que mostra o historiador brasileiro Ciro Cardoso:

- 1) num primeiro momento, o exame comparativo das partes componentes de um texto – frases, enunciados – descobre suas categorias *sêmicas* (de significação) subjacentes;
- 2) em seguida, isolam-se dentre elas aquelas categorias sêmicas que se repetem, que são recorrentes no texto: são estas, precisamente, *as categorias isotópicas*;
- 3) por fim, tais categorias isotópicas são distribuídas pelos três níveis semânticos de que falei anteriormente (figurativo, temático e axiológico).<sup>29</sup>

Assim como diversas metodologias de análise provenientes da linguística, a leitura isotópica tende a focar nos aspectos sintáticos e semânticos do texto pelo próprio texto. Mas esta dissertação é uma dissertação de História, portanto devemos levar em consideração os

<sup>26</sup> Olga aparece mais três vezes dentro da *PVL*, na entrada de 903, quando se casa com Igor; na entrada de 945, que faz referência ao tratado entre Rus e o Império Romano do Oriente; e em 986 no debate entre Vladimir e sua drujína sobre qual fé eles deveriam adotar, onde neste último Olga aparece como "mais sábia que todas as pessoas".

<sup>27</sup> O conceito de *isotopia* formulado pelo semiólogo franco-lituano Algirdas Greimas resume-se a um tipo de categorias redundantes que dá sentido único a um relato, cf. GREIMAS *apud* CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, Sentido, História*. 2ª Edição. Campinas, Papyrus, 2005, p. 173. Deve-se ressaltar que, ainda que o conceito fora bastante criticado por autores como Umberto Eco e Ciro Cardoso, a metodologia em geral é útil para analisar um texto do ponto de vista de seu autor. Ver *ibid.*, p. 174.

<sup>28</sup> GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Traduzido por Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Cultrix, 1989, p. 247. É necessário falar mais uma vez que, embora acreditamos que todo texto é polissêmico dependendo do receptor, estamos aqui trabalhando a respeito da *intencionalidade* dos autores, que tinham uma única leitura em mente.

<sup>29</sup> CARDOSO, *op. cit.*, p. 174 (Grifos no original).

autores do texto<sup>30</sup> e o contexto em que as fontes foram provavelmente escritas. Citando mais uma vez Cardoso:

Não convém interrogar as estruturas de significação de um texto a secas, sem levar em conta o gênero a que pertence, o funcionamento desse gênero na época em que surgiu o relato que se estiver analisando e as características mais gerais do autor (quando conhecido)<sup>31</sup>.

A dissertação está dividida em duas partes simbólicas, a primeira de quatro capítulos, com dois destes em cada parte. O primeiro capítulo, com o título *Algumas Considerações sobre o Discurso Hagiográfico*, é o suporte teórico de nossos argumentos. Em um primeiro momento, será debatido o conceito de hagiografia sob o prisma da historiografia religiosa, desde a análise dos Bolandistas sobre as vidas de santo até a historiografia mais recente e nossas conclusões sobre o uso do "conceito", fazendo uso de conceitos em que permeiam o tema como discurso, historiografia, memória, poder simbólico, e santidade. Em um segundo momento, tentaremos explicar o fenômeno da hagiografia e santidade através dos estudos que tem como foco a Cristandade Ortodoxa, com um foco maior no último subtópico sobre as abordagens ao estudar Rus.

*Rus de Kiev: Príncipes, Deus(es) e Letras*, nosso segundo capítulo, é um típico capítulo de contextualização, ou seja, buscamos neste traçar um contexto histórico geral de Rus durante o período estudado a fim de situar o leitor, sendo breve pois o espaço de tempo é quase meio milênio. O primeiro tópico tratando brevemente das condições anteriores ao batismo por Vladimir Sviatoslávitch, principalmente sobre o Cristianismo dos varegues colonizadores e os credos antes da oficialização do Cristianismo Grego. Será dada ênfase na abordagem a relação entre Igreja, literatura e também política de Rus a partir de 988 até a mudança do Metropolita de Kiev para Vladimir-Suzdália em 1299. No último tópico, apresentaremos um balanço geral sobre a e sobre a literatura e a escrita em Rus dentro do período abordado.

Os próximos dois capítulos tratam-se de Olga, mas em diferentes abordagens. Em *Princesa Olga de Kiev*, também conhecido como o terceiro capítulo da dissertação, tentaremos abordar a vida de Olga ou o que se sabe sobre ela. Após um balanço sobre biografia e trabalhos que lidam com a regente de maneira não inteiramente representativa, serão abordados os anos iniciais de sua vida, sua possível ocupação além de regente, a expansão e reforma tributária, seu batismo e um pedido de uma missão cristã a Oto I da

---

<sup>30</sup> A identidade verdadeira dos autores é impossível de saber, mas devido a algumas pistas como o idioma do texto e a linguagem, podemos inferir que todos os autores faziam parte da ala religiosa de Rus.

<sup>31</sup> CARDOSO, *op. cit.*, p. 175.

Germânia. Por conta da escassez de fontes, este será o menor dos capítulos, mas neste tentaremos utilizar aquelas que lidam com Olga em seu tempo.

Finalmente, em *Olga "Igual aos Apóstolos de Kiev" (Séculos XI – XIII): O Discurso Hagiográfico sobre Olga* ou quarto capítulo, seguiremos o caminho oposto ao anterior e analisaremos a imagem de Olga nas fontes: o *Sermão da Lei e da Graça*, a *Crônica dos Anos Passados*, e o *Louvor para Princesa Olga*; a partir dos referenciais teóricos mencionados no primeiro capítulo e contrastando com a vida da regente como abordada no segundo. Optamos por uma divisão temática, com o primeiro subtópico tratando da a vingança contra os Derevlianos, presente somente na *PVL*. Um foco maior será dado a sua imagem de cristã e relação com a de seu neto Vladimir, utilizando alguns outros conceitos como *exemplum*, *mulier suadens* e santidade dinástica. A última parte terá como objetivo analisar a possibilidade de um culto dedicado a Olga e as razões de sua canonização tardia, com base no discurso presente nas fontes analisadas.

## CAPÍTULO I

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO HAGIOGRÁFICO

*Ó benditos, dignos de grande louvor! Como me atrevo, maldito e imperfeito e carente de sabedoria, a louvar-vos? Pois qualquer coisa que eu proferir, eu não posso louvar-vos dignamente*<sup>32</sup>.

São Nestor, o cronista

Neste capítulo pretendemos apresentar ao leitor as considerações teóricas a serem utilizadas ao longo da dissertação. Por este motivo, o discurso utilizado por nós neste momento possa parecer (acadêmico/curioso em geral) um pouco técnico e demasiadamente formal. A principal noção e eixo de partida desta parte encontra-se no que seria *hagiografia* e *discurso hagiográfico*, e a partir da discussão destes "conceitos" partimos para outras noções que a hagiografia mantém relação direta, como *historiografia*, *memória*, *apropriação* e *santidade*. Tentaremos relativizar discussões recentes sobre os conceitos acima não somente no campo teórico mas também, quando possível, em como foram aplicados no recorte espaçotemporal desta dissertação.

#### 1.1 – O MÉTIER BOLANDISTA: BOLLAND, DELEHAYE E CERTEAU

Uma análise completa sobre as pesquisas referentes à hagiografia é impossível em uma dissertação de mestrado devido à imensidão das discussões sobre o assunto ao redor do mundo, mas tentaremos nosso melhor para sintetizá-la, levando em conta o desenvolvimento de uma teoria da hagiografia. Começamos com o próprio conceito. Composta pelas palavras gregas *hágios* (santo), e *gráphein* (escrever), uma definição clara do que o termo seria é muito mais tardia do que os próprios textos que por muito tempo foram classificados como hagiografias, embora a palavra fora utilizada desde o século V para referir-se a textos proféticos da Bíblia Hebraica ou aos seus autores<sup>33</sup>. O significado geralmente atribuído à palavra, significando "vida de santo", não foi utilizado no medievo com tal interpretação<sup>34</sup>. O sentido de hagiografia como senso comum surgiu no século XVII a partir da compilação e

<sup>32</sup> NESTOR, O CRONISTA. "Lesson on the Life and Murder of the Blessed Passion-Sufferers Boris and Glëb". In: *The Hagiography of Kievan Rus'*. Traduzido, comentado e compilado por Paul A. Hollingsworth. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 31 (Tradução nossa).

<sup>33</sup> PHILIPPART, Guy. "L'hagiographie comme littérature: concept recent et nouveaux programmes?". *Revue des Sciences Humaines*, nº 251, 1998, p. 12. Philippart afirma que o termo hagiografia foi inventado por Jerônimo (séc. V), que utilizava o termo hebraico *ketubim* como um sinônimo de hagiografias.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 13 – 16.

estudo das vidas de santos pela Sociedade dos Bolandistas, cujos membros são considerados pelo historiador belga Guy Philippart como os primeiros "especialistas sobre santidade"<sup>35</sup>. Para compreender e perceber como estes religiosos influenciaram nos estudos sobre hagiografia, faz-se necessário um breve resumo sobre a trajetória desta associação e seu "pioneirismo" no que mais tarde seria o cerne da discussão.

A Sociedade dos Bolandistas (*Société des Bollandistes*) consiste em uma fração da Ordem Jesuíta holandesa fundada durante a Contrarreforma que foi nomeada em homenagem ao jesuíta flamenco Jean Bolland (1596 – 1665). O clérigo é famoso por ter começado a compilar e escrever diversas vidas de santo para seu *magnum opus*, as *Acta Sanctorum*, contendo várias similaridades com a compilação que seu mestre Héribert Rosweyde (1569 – 1629) tentou fazer enquanto vivo com suas *Fasti Sanctorum*<sup>36</sup>. Embora ambas as obras tivessem diferenças de apresentação e de razão de ser escrita<sup>37</sup>, sua metodologia de análise dos santos são consideradas como as pioneiras no campo de estudo de hagiografia e santidade. Bolland em especial teve maior cuidado com suas fontes após revisar cuidadosamente o material feito por Rosweyde, e utilizar fontes tanto "literárias" quanto "não-literárias"<sup>38</sup>, e, apesar de repudiado inicialmente pelos protestantes, seu método de compilação das *Acta Sanctorum* foi celebrado alguns séculos mais tarde pelos historiadores, principalmente os especialistas ligados à Igreja.

Como exemplo desta historiografia propriamente confessional, temos talvez o autor mais influente sobre o que seria a hagiografia, o Bolandista belga Hyppolite Delehaye. A definição de hagiografia formulada por Delehaye, ao mesmo tempo que reformulou a metodologia Bolandista de tratamento aos santos, é simples e prática: esta consistiria em um gênero literário especificamente cristão cuja finalidade seria a edificação e a propagação da devoção ao santo representado pela hagiografia<sup>39</sup>, ao contrário de outros escritos como a *Historia Ecclesiastica* de Eusébio de Cesareia ou os relatos sobre os mártires romanos de

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>36</sup> MACHIELSEN, Jan. "Heretical Saints and Textual Discernment: The Polemical Origins of the *Acta Sanctorum* (1643–1940)". In: COPELAND, Clare; MACHIELSEN, Jan (Ed.). *Angels of Light? Sanctity and the Discernment of Spirits in Early Modern Period (Studies in Medieval and Reformation Traditions v. 164)*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2013, p. 106. Quanto a sua estrutura, as *Fasti Sanctorum* deveria ser uma compilação de dezoito tomos sobre festas dedicadas a santos, com os três últimos livros sendo índices e notas explicativas; cf. VAN OMMESLAEGHE, Flor. "The *Acta Sanctorum* and the Bollandist Methodology". In: HACKEL, Sergei. *The Byzantine Saint*. Nova Iorque: St. Vladimir Seminary Press, 2001, p. 155.

<sup>37</sup> MACHIELSEN, *op. cit.*, p. 108; 124 – 125. Jan Machielsen argumenta que Rosweyde estava mais preocupado com a filologia e tinha como intenção combater as heresias, enquanto Bolland pretendia comprovar os milagres dos santos em sua compilação, e se estes eram por influência divina ou demoníaca.

<sup>38</sup> VAN OMMESLAEGHE, *op. cit.*, p. 156.

<sup>39</sup> DELEHAYE, Hippolyte. *The Legends of the Saints*. Tradução do francês por Donald Attwater e com memorial sobre Delehaye por Paul Peeters. Nova Iorque: Fordham University Press, 1962, p. 3. O texto original de Delehaye, *Les Légendes Hagiographiques*, foi publicado pela primeira vez em 1905.

Tácito, cuja finalidade não seria a promoção de culto ou (*sic*) da própria Cristandade<sup>40</sup>. Para Delehaye, ao contrário de outros gêneros imprecisos sobre os fatos reais como o conto, a fábula, o mito e a lenda, a hagiografia se preocupa com o santo e o aumento de sua popularidade. E, ao contrário da História, ela não precisa ter qualquer comprometimento com a realidade conquanto que cumpra sua função edificadora<sup>41</sup>. O contexto em que Delehaye formulou sua hipótese é de grande importância, pois durante este tempo a tese de Pierre Saintyves que os santos seriam somente permanências do crenças politeístas ganhou força entre os pesquisadores, e historiadores da Igreja, sobretudo Delehaye, lutaram contra a associação entre santos e deuses como uma explicação pura da santidade, bem como reintroduzindo a hagiografia como passível de ser fonte de análise do historiador<sup>42</sup>, embora por sua maneira como descrita acima.

A metodologia e as pesquisas dos Bolandistas, principalmente sobre as *Acta Sanctorum* e a influência de Hippolyte Delehaye levaram ao historiador jesuíta francês Michel de Certeau<sup>43</sup> a formular algumas considerações sobre a hagiografia, tentando conceituá-la em uma definição que pode ser considerada como clássica devido ao constante acesso a esta pela historiografia sobre o tema. De Certeau, no livro *A Escrita da História*<sup>44</sup>, afirma que a hagiografia seria um gênero literário de cunho edificante<sup>45</sup>, cuja principal função seria festiva devido ao grande número de figuras retóricas que compõe o texto hagiográfico<sup>46</sup>. O vocabulário lúdico criaria um verdadeiro "discurso de virtudes"<sup>47</sup> distante do vocabulário historiográfico, onde as camadas mais populares poderiam reforçar sua identidade e esquecer dos afazeres cotidianos. De Certeau resume bem sua teoria: "A hagiografia seria a região onde, localizados no mesmo lugar e condenados juntos, pululam o falso, o popular, e o arcaico"<sup>48</sup>.

Michel de Certeau chegou a estas conclusões em 1968, em um contexto de pós-Vaticano II, analisando a obra dos Bolandistas e as interpretações de Delehaye. A partir da

---

<sup>40</sup> *Idem*.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>42</sup> Cf. KLANICZAY, Gábor. *Holy Rulers and Blessed Princesses: Dynastic Cults in Medieval Central Europe*. Traduzido do húngaro por Éva Pálmai. 2ª Edição. Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 8.

<sup>43</sup> Michel de Certeau foi escolhido devido ao uso massivo de suas considerações sobre o texto hagiográfico, possivelmente o teórico mais utilizado sobre essa temática no Brasil.

<sup>44</sup> O capítulo em questão, "*Uma Variante: a Edificação Hagiográfica*", foi publicado anteriormente como um artigo intitulado "*Hagiographie*" em 1968 para a *Encyclopaedia Universalis*. O livro *A Escrita da História* fora lançado em 1975.

<sup>45</sup> DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Traduzido por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 266.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 270.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 273.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 271.

década de 1960 porém, segundo Maria de Lourdes Rosa, temas sobre a religiosidade no medievo vem sendo estudados por historiadores ocidentais com pressupostos da ciência da História a partir de um ponto de vista laico<sup>49</sup>. De certo modo, as novas tendências proporcionaram aos historiadores a possibilidade de questionar, entre outros assuntos recorrentes na temática, a própria existência de uma *religião* na Idade Média, visto que religião consiste em um conceito moderno<sup>50</sup>. Temas antes restritos a teologia ou a historiadores ligados a uma ordem religiosa foram tornando-se gradualmente passíveis de pesquisa por historiadores laicos, e novos horizontes teológicos a partir do Concílio do Vaticano II entre 1962 e 1965<sup>51</sup> proporcionaram novas análises com teor mais crítico.

## 1.2 – GÊNERO HAGIOGRÁFICO X DISCURSO HISTORIOGRÁFICO

O método de Bolland para a construção das *Acta Sanctorum* fora durante muito tempo, teoricamente, conhecido<sup>52</sup>. Historiadores afirmavam com frequência que a noção de hagiografia derivaria do modo em que as *Acta* foram organizadas<sup>53</sup>. Guy Philippart, ao tentar analisar as legendas presentes nas *Acta*, chegou à conclusão que não há necessariamente um ponto em comum entre as hagiografias que garanta uma definição tão abrangente. Philippart argumenta que a única característica em comum dos textos seria o teor de seu discurso. Ainda sobre o método Bollandista de análise, Jan Machielsen afirma que as *Acta Sanctorum* (e também a *Fasti Sanctorum* de Rosweyde) tiveram motivos para serem escritas: em plena Contrarreforma e sendo atacados pelos Jansenistas<sup>54</sup>, havia a necessidade de legitimação dos

<sup>49</sup> ROSA, Maria de Lourdes. "Tendências Recentes da Medievalística na Abordagem do Fenômeno Religioso Medieval". In: AMARAL, Clínio de Oliveira; BERRIEL, Marcelo Santiago (Org.). *Religião e Religiosidade na Idade Média: Poder e Práticas Discursivas*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012, p. 25 – 28. Rosa no entanto cita somente trabalhos franceses, ingleses, portugueses e estadunidenses.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p.34.

<sup>51</sup> Os estudos ocidentais (leia-se alemães, franceses e italianos) sobre História Religiosa medieval entre 1960 e 1990 todavia tinham um foco maior no espiritual, minimizando os aspectos econômicos, sociais e políticos. Cf. LAUWERS, Michel. "Como os historiadores do século XX escreveram a história da Igreja feudal?" In: ALMEIDA, Néri de Barros; SILVA, Eliane Moura da (Orgs.). *Missão e pregação. A comunicação religiosa entre a História da Igreja e a História das Religiões*. São Paulo: Editora da Unifesp, 2014, p. 46 – 51.

<sup>52</sup> Por exemplo, ao analisar a "Metodologia Bollandista", que mais parece com a metodologia de Delehaye do que de toda a ordem, Flor van Ommesleaghe afirma que os três pilares desta seriam o santo e sua veneração como objeto, as fontes litúrgicas e hagiográficas, e a interpretação crítica. Cf. VAN OMMESLAEGHE, *op. cit.*, p. 158 – 163.

<sup>53</sup> PHILIPPART, Guy. "Le riche et encombrant héritage de Jean Bolland (1643) et le fantôme hagiologique". In: BOZÓKI, Edina (Org.) *Hagiographie, idéologie et politique au Moyen Age en Occident*. Turnhout: Brepols, 2012, p. 11 (Doravante PHILIPPART<sup>1</sup>).

<sup>54</sup> Já que não é o foco deste trabalho, sobre o Jansenismo e sua querela com os jesuítas, ver DELUMEAU, Jean. *El Catolicismo de Lutero a Voltaire*. Traduzido por Miguel Candel. Barcelona: Editorial Labor, 1973, p. 120 – 151.

santos e da razão de ser da Ordem<sup>55</sup>. A própria seleção dos textos que seriam considerados como hagiografias pelos Bolandistas eram seletivos por natureza pelos clérigos, ou seja, somente eram considerados textos em latim ou grego para a *Acta Sanctorum* cujo culto fora comprovado<sup>56</sup>.

Assim, contrariando a "conceituação" de Hippolyte Delehaye e Michel de Certeau que a hagiografia seria apenas um gênero literário, concordamos com a visão de que a hagiografia seria um discurso. Citando a historiadora holandesa Anneke Mulder-Bakker, "Todo texto, não importando o gênero, que lida com santos é um texto hagiográfico, e merece um estudo; ou, para expor ainda mais enfaticamente, toda fonte que diz algo sobre um santo, e também uma imagem ou objeto material, é uma fonte hagiográfica"<sup>57</sup>. E Philippart expande esta noção ao afirmar que o modo mais prático de definir o que é uma hagiografia seria como um discurso de narrativa surreal<sup>58</sup>. O discurso hagiográfico obviamente possui seus *topoi*, especialmente o de herói<sup>59</sup>, mas somente o herói e o sobrenatural seriam as características que definiriam a hagiografia. E como estas temáticas existem em outros "gêneros", uma definição exata de hagiografia seria impossível<sup>60</sup>.

Pedimos ao leitor uma pausa na explicação de Philippart e do discurso hagiográfico, que será retomada mais adiante, pois achamos que é possível uma contribuição nossa na sua teoria. Acreditamos que o *surreal*, que o historiador tanto usa mas de modo extremamente vago não o define, não seria tão *surreal* assim. Este teria base não no verdadeiro mas no verossímil ao público-alvo. A fonte da surrealidade presente no discurso hagiográfico se daria então por duas formas mútuas para a sua eficácia, pelo transcendente "institucionalizado", ou seja, a religião vigente<sup>61</sup>; e pela tradição tanto do hagiógrafo quanto do seu público. Isso

<sup>55</sup> MACHIELSEN, *op. cit.*, p. 141.

<sup>56</sup> MULDER-BAKKER, Anneke B. "The Invention of Saintliness: Texts and Contexts". In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *The Invention of Saintliness*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2002, p. 12.

<sup>57</sup> "Every text, in whatever genre, that deals with saints is a hagiographic text, and is deserving of study; or, to state it even more emphatically, every source that says something about a saint, also an image or a material object, is a hagiographic source". *Idem* (Tradução nossa).

<sup>58</sup> PHILIPPART<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 13.

<sup>59</sup> GOULLET, Monique. "Introduction". In: WAGNER, Ann. *Les saints et l'histoire. Sources hagiographiques du Haut Moyen Âge*. Rosny-sous-Bois: Bréal, 2004, p. 10 – 12.

<sup>60</sup> PHILIPPART<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 35.

<sup>61</sup> Não é nosso objetivo discutir ou definir o conceito de religião (e tampouco há espaço para tal). Temos consciência da infinitude de concepções acerca do assunto bem como da infinitude de concepções que ainda não conhecemos. Concordamos porém com as conclusões de Sérgio da Mata, apoiando-se no sociólogo alemão Thomas Luckmann, definindo a religião como "[...] uma forma universalmente difundida de prover o homem de mecanismos psicológicos e sociais capazes de equacionar problema da contingência, bem como institucionalizar suas relações com a transcendência. Estas formas de organização são históricas, isto é, variam enormemente ao longo do tempo e de cultura para cultura. Podem assumir características altamente individualizadas, [...] da mesma maneira que podem se mostrar altamente propensas à 'massificação', como nas grandes celebrações e peregrinações". MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 128.

facilitaria a sua função prédica e memorialística, a qual debateremos ao longo deste capítulo e dos demais. É também justificável a partir desta lógica o uso do conceito fora do Cristianismo, como por exemplo para o Budismo e o Islamismo<sup>62</sup>. De fato, concordamos com Jonathan Augustine ao afirmar que a hagiografia associada somente com o Cristianismo católico e com um santo canonizado, algo bastante comum, é um desserviço ontológico que prejudica o avanço dos estudos fora do âmbito cristão<sup>63</sup>. Logo, por discurso surreal entendemos um tipo de situação impossível mas ao mesmo tempo possível que o(s) protagonista(s) enfrentam dentro da narrativa.

Voltemos a Philippart. O conceito de discurso hagiográfico utilizado tanto pelo autor quanto por Mulder-Bakker é diferente, embora receba um certa inspiração, da primeira noção de "discurso hagiográfico" na historiografia, criada por ninguém menos que, quem diria, o próprio Michel de Certeau! O autor francês faz um paralelo entre discurso hagiográfico e historiográfico, este sendo definido como algo que seria um modo de representação fabricado de uma realidade já acontecida, o verdadeiro "resultado" da prática da história<sup>64</sup>. Inspirado no que seria discurso para Roland Barthes, Certeau afirma que:

O *significado* do discurso historiográfico são estruturas ideológicas ou imaginárias; mas elas são afetadas por um referente exterior ao discurso, por si mesmo inacessível: R. Barthes chama este artifício próprio ao discurso historiográfico, "o efeito do real" que consiste em esconder sob a ficção de um "realismo" uma maneira, necessariamente interna à linguagem, de propor um sentido. "O discurso historiográfico não segue o real, não fazendo senão significá-lo repetindo sem cessar *aconteceu*, sem que esta asserção possa jamais ser outra coisa do que o avesso significado de toda a narração histórica"<sup>65</sup>.

Ao passo que, como dito anteriormente, o discurso hagiográfico para Certeau tem por função pura a edificação e festividade, sendo um mero "discurso de virtudes"<sup>66</sup> exclusivo ao gênero literário chamado de hagiografia. O historiador holandês Marc van Uytfanghe todavia, apropriou-se de tal noção e deu sua própria interpretação<sup>67</sup>. Van Uytfanghe desmente a definição proposta por Delehay, pois ora, se todo texto escrito que visa culto e promoção dos

---

<sup>62</sup> Para uma teorização da hagiografia Budista bem como comparações do fenômeno com sua variante cristã, ver AUGUSTINE, Jonathan Morris. *Buddhist Hagiography in Early Japan: Images of Compassion in the Gyōki Tradition*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2005, p. 5 – 8. Sobre hagiografia Islâmica, ver RENARD, John. *Friends of God: Islamic Images of Piety, Commitment, and Servanthood*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2008, p. 2 – 7.

<sup>63</sup> AUGUSTINE, *op. cit.*, p. 1.

<sup>64</sup> DE CERTEAU, *op. cit.*, p. 32.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 52 (Grifos no original).

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 273.

<sup>67</sup> Van Uytfanghe aparentemente chegou às suas conclusões no artigo "*Heiligenverehrung II (Hagiographie)*", o qual, até o momento da redação deste capítulo, não tivemos acesso. Entretanto a versão francesa deste artigo será utilizada neste trabalho.

santos pertenceria ao gênero hagiográfico, por que então tal gênero consiste em diversos escritos de *outros gêneros* como hinos, epístolas, epitáfios, biografias, entre outros<sup>68</sup>? Conforme o autor, tratar hagiografia como gênero literário somente confunde as pesquisas e os resultados:

A questão é, na verdade, se o próprio conceito de gênero literário, mesmo que leve em conta tanto o conteúdo e a forma, é capaz de avaliar o grau de especificidade ou não especificidade da hagiografia cristã. Todos os gêneros não são tão indeterminados e inutilizáveis como a aretologia, mas não é incomum que até mesmo a biografia – para não mencionar as categorias que nela se quis distinguir e que se sobrepõem o tempo todo – entre em simbiose com, por exemplo, com o romance ou a novela (cuja definição por sua vez, levanta problemas), ou com o *encomium*, que é cronologicamente anterior á biografia mas, em seguida, misturado com ela. Mas devemos notar aqui que esse gênero de "elogios" (*Lobschriften*) é perpetuado, com regras mais ou menos rigorosas, nos panegíricos dos mártires devido a, por exemplo, Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa, Gregório Nazianzeno, Astério de Amasia, João Crisóstomo<sup>69</sup>.

Emancipando-se então do gênero literário<sup>70</sup>, van Uytfanghe diz que o discurso hagiográfico, o qual existe desde a Grécia Antiga mas sendo ressignificado pelo discurso cristão<sup>71</sup>, possui quatro características fundamentais: um personagem principal ligado a Deus ou outra divindade; a relação entre o conteúdo e a realidade histórica, a função performativa do conteúdo; e os temas e arquétipos presentes no discurso<sup>72</sup>. O segundo ponto é mais relevante para as considerações deste capítulo, e Uytfanghe argumenta que:

2) a relação entre o enunciado e a realidade histórica. A estilização dos dados ocorre na maioria das vezes em três fases: a subjetividade da personagem, a tradição oral que continua a guiar o substrato histórico, e a formação literária do(s) autor(es). A quantidade e dosagem dessas fases podem diferir consideravelmente, mas há sempre um mínimo de inflexão "kerigmática"<sup>73</sup>.

<sup>68</sup> VAN UYTFANGHE, Marc. "L'hagiographie: un «genre» chrétien ou antique tardif?". *Annalecta Bollandiana*, 111, 1993, p. 146.

<sup>69</sup> "La question se pose, en effet, de savoir si le concept proprement dit de genre littéraire, même s'il prend en compte à la fois le contenu et la forme, est bien àptede évaluer le degré de spécifité ou de non-spécifité de l'hagiographie chrétienne. Tous les genres ne son pas aussi flous et inutilisables que l'arétalogie, mais il n'est pas rare que même la biographie - sans parler des catégories qu'on a voulu y distinguer et qui se recoupent tout les temps - entre en symbiose p. ex. avec le roman ou la nouvelle (dont la définition pose à son tour les problèmes), ou avec l'encomium, lequel est chronologiquement antérieur à la biographie mais s'est ensuite mêlé à elle. Il faut pourtant noter ici que segenre 'd'éloges' (*Lobschriften*) se perpetué, avec ses règles plus ou moins strictes, dans les panegyriques des martyrs dus p. ex. à Basile de Cesarée, Grégoire de Nysse, Grégoire de Nazianze, Astérius d'Amasée, Jean Chrysostome." *Idem* (Tradução nossa).

<sup>70</sup> Embora ele não necessariamente defina o que seria um gênero literário.

<sup>71</sup> VAN UYTFANGHE, *op. cit.*, p. 159 – 166.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 148 – 149.

<sup>73</sup> "2) le rapport entre l'énoncé et la réalité historique. La stylisation des données se déroule le plus souvent en trois phases: la subjectivité du personnage, la tradition orale qui continue d'orienter le substrat historique, et la mise en forme littéraire par le ou les auteur(s). L'importance et le dosage de ces phases peuvent différer

A ausência de um manual sobre a *ars hagiographica*, tanto no medievo latino quanto ortodoxo, deve ser enfatizada. Visto que, de acordo com Philippart, tal termo nem aparecia na literatura da época com sentido de "literatura", um manual de escrita das vidas de santos não existir é bastante peculiar levando em consideração que existiam manuais de arquitetura, beleza, caça, cozinha, construção, dentre outros; e no âmbito literário havia sobre epístolas, poesia, retórica, rezas, *etc*<sup>74</sup>. Não somente um código ou paradigma sobre hagiografia foi inexistente até os Bolandistas, mas a própria noção de gênero textual que englobasse a hagiografia não foi necessariamente pensada no lado ortodoxo do medievo<sup>75</sup>. Ainda mais em Rus, onde concordamos com Gail Lenhoff que os tipos literários eram *protogenéricos*<sup>76</sup>, cujo conceito voltaremos a falar mais adiante na dissertação, ao invés de seguir uma estilística do gênero.

Chamamos atenção acima ao entendimento sobre o que seria o discurso hagiográfico para Michel de Certeau e Marc van Uytfanghe. Mas para entender melhor, devemos adentrar um pouco no conceito-chave do discurso hagiográfico: o *discurso*. E novamente trata-se de um conceito bastante controverso e exaustivamente debatido com muitas chaves de interpretação diferentes<sup>77</sup>. Falar sobre o nosso entendimento do que seria discurso todavia é um mal necessário a uma discussão como esta. Infelizmente, assim como hagiografia, uma definição concreta do que seria discurso é quase impossível de se obter.

Qualquer definição com raízes na linguística traduzida a um trabalho ancorado na História é bastante vaga e complicada. Felizmente para o leitor (e mais ainda para o autor), Maria Aparecida Baccega conceitua discurso de maneira simples. Para a autora, discurso consistiria em um enunciado capaz de produzir sentido, sendo sempre dependente da formação ideológica tanto do receptor quanto do remetente<sup>78</sup>. Nas palavras da autora, "[...] é a

---

*considérablement, mais il y a toujours un minimum d'infléchissement 'kérygmatische'". Ibid., p. 148 (Tradução nossa).*

<sup>74</sup> PHILIPPART, *op. cit.*, p. 16.

<sup>75</sup> Com exceção da retórica, que foi dividida em gêneros. Cf. KAZHDAN, Alexander. "Genre, Literary". In: *ODB*, Volume II, p. 832. Para uma longa e concisa discussão das transformações do conceito de gênero literário, desde Platão até a contemporaneidade, ver LIMA, Luiz Costa. "A Questão dos Gêneros". In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da Literatura em Suas Fontes*. Volume 1. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 255 – 292, especialmente p. 284 – 286, onde o autor mostra sua própria concepção, a qual concordamos mas como o discurso hagiográfico não está preso ao *texto escrito* não podemos aplicá-lo às fontes analisadas.

<sup>76</sup> Retomaremos a este conceito e explicaremos-lo melhor quando falarmos sobre Literatura em Rus. Por hora, ver LENHOFF, Gail. "Toward a Theory of Protogenres in Medieval Russian Letters". *Russian Review*, Vol. 43, Nº 1 (Jan., 1984), p. 50 – 51.

<sup>77</sup> Para um brevíssimo balanço da trajetória do conceito de discurso e da Análise do Discurso (de linha francesa), ver ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, s/d, p. 15 – 22.

<sup>78</sup> BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso: História e Literatura*. São Paulo: Ática, 2000, p. 51 – 59.

manifestação" que, supondo o diálogo (Bakhtin), caracteriza-se por produzir um efeito de sentido<sup>79</sup>.

O discurso, este formado por outros microdiscursos<sup>80</sup>, está imbuído da visão de mundo de um indivíduo/grupo que tenta se contrapor a outros discursos e tornar-se (assim como os remetentes) o dominante, exercendo assim um "poder simbólico" cujo conceito abordaremos mais abaixo neste capítulo. A eficácia viria, então, da capacidade do receptor de compreender a mensagem, ou ao menos como no caso do discurso hagiográfico. Segundo Baccega:

Os discursos vão, portanto, materializar as "visões de mundo" das diferentes classes sociais, com seus interesses antagônicos, os quais se manifestam através de um estoque de palavras e de regras combinatórias que constituem a maneira de uma determinada classe social pensar o mundo num determinado momento histórico: são as várias formações ideológicas correspondentes às várias formações discursivas<sup>81</sup>.

Historicamente, o conceito foi construído a partir da oposição com outros termos como frase, língua texto e enunciado<sup>82</sup>. Um ponto em comum entre as mais diversas correntes dentro da linguística é a concepção do discurso como, conforme Eni Orlandi assim como em Baccega, um "efeito de sentido entre os locutores"<sup>83</sup>.

Podemos explicar sobre as características do discurso formuladas pela Análise do Discurso com base nas considerações de Dominique Maingueneau em sua listagem de alguns aspectos ou "ideias-força"<sup>84</sup> que ajudaram a revitalizar a Análise do Discurso de linha francesa<sup>85</sup>. Entre os selecionados pelo linguista francês, cabe ressaltar dois deles citando o autor. O primeiro deles é o discurso sendo sempre *contextualizado*:

O discurso não intervém *em* um contexto, como se o contexto de uma moldura, um cenário; de fato, não existe discurso que não seja contextualizado: não se pode, de fato, atribuir um sentido a um enunciado

---

<sup>79</sup> *Ibid.*, p. 91

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>81</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>82</sup> Cf. MAINGUENEAU, Dominique. "Discurso". In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Traduzido por Fabiana Komesu (Org.). São Paulo; Contexto, 2012, p. 168 – 169. A saber, entendemos "enunciação", citando novamente Baccega, como "[...] o lugar onde 'nasce' o discurso, o lugar onde 'brota' o discurso. O enunciado é a manifestação desse discurso, quer seja na modalidade escrita da língua, quer seja na modalidade oral". Cf. BACCEGA, *op. cit.*, p. 53 (grifos no original).

<sup>83</sup> ORLANDI, *op. cit.*, p. 21.

<sup>84</sup> MAINGUENEAU, *op. cit.*, p. 170.

<sup>85</sup> Até onde sabemos, existem duas vertentes de Análise do Discurso: a linha francesa e a linha anglo-saxônica. Entre as diferenças estão a metodologia, os tipos de discursos analisados, os objetivos almejados a partir da análise, e a origem disciplinar que norteia os pressupostos das duas escolas. Cf. MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Traduzido por Freda Indursky. 3ª Edição. Campinas: Pontes : Editora da UNICAMP, 1997, p. 16 (Doravante MAINGUENEAU<sup>1</sup>).

fora do contexto. Além disso, o discurso contribui para definir seu contexto e pode *modificá-lo* durante a enunciação<sup>86</sup>.

O segundo aspecto do discurso seria a sua qualidade *interdiscursiva*, isto é, sua interdependência com outros discursos:

*O discurso é assumido em um interdiscurso. O discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho [...] Cada gênero de discurso tem sua maneira de gerar as multiplicidades das relações interdiscursivas: um manual de filosofia não cita da mesma maneira nem se apóia nas mesmas autoridades que um animador de promoções de vendas... O próprio fato de situar um discurso em um gênero (a conferência, o jornal televisado...) implica que ele é colocado em relação ao conjunto ilimitado de outros<sup>87</sup>.*

Essas são as nossas bases teóricas sobre discurso para tentar refletir sobre o que seria discurso hagiográfico. A começar, a seguinte frase de Orlandi pode ser adaptada à nossa tentativa de definição do que seria um discurso hagiográfico: "[...] o discurso é o lugar onde se pode observar esta relação entre língua e ideologia, compreendendo como a língua produz sentidos por/para os sujeitos<sup>88</sup>". Traduzindo a frase e as explicações para o campo da História e, mais especificamente, para o estudo da hagiografia, o discurso hagiográfico consiste em uma produção de sentido através de um meio não necessariamente escrito, sempre proferido em um contexto específico. Este se relaciona com outros discursos, especialmente com o discurso político, e busca a partir de seus *topoi* de cunho sobrenatural, cuja base vem do credo dominante (no caso desta dissertação, o Cristianismo de rito Grego), e da autoridade se seu autor consolidar a ideologia deste ou de seu próprio grupo / grupo que o patrocina.

Deixemos mais uma vez claro ao leitor que devido ao caráter quase impossível de definição do que seria um discurso hagiográfico, esta é nada mais do que nossa modesta tentativa de aproximação de definição: discurso surreal embasado na fé oficial e na tradição com um protagonista/grupo que manifesta a transcendência surreal passível de ser crível. Mas entendendo o discurso hagiográfico desta maneira, podemos seguir para o próximo subtópico com os elementos que constituem-no e dão-no funções, como historiografia, memória, e poder simbólico.

---

<sup>86</sup> MAINGUENEAU, *op. cit.*, p. 171 (Grifos no original).

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 172.

<sup>88</sup> ORLANDI, *op. cit.*, p. 17. Concordamos com a visão de ideologia no discurso expressa por Orlandi de que esta seria uma relação simbólica do locutor com seu mundo manifesta no discurso. Cf. *Ibid.*, p. 47. Mas ideologia faz parte do grupo de conceitos extremamente controversos que esta dissertação tem a sorte duvidosa de precisar abarcar. Para as mais importantes interpretações deste conceito em ordem cronológica, ver KONDER, Leandro. *A Questão da Ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 15 – 147.

### 1.3 – HAGIOGRAFIA, HISTORIOGRAFIA E MEMÓRIA

Como não se trata de um gênero literário, o discurso hagiográfico não está preso somente a textos considerados pelo senso comum como "hagiografia", sendo possível encontrar tal discurso até mesmo em fontes que não possuem relação com o meio escrito, como artesanato, pinturas, lápides, *et cetera*. Citando Philippart, é importante lembrar que hagiografia não significa somente uma "vida de santo"<sup>89</sup>. Mesmo assim, devido à própria natureza do tema seria difícil uma definição geral do que esta seria. Com a hagiografia sendo um discurso capaz de estar presente em vários tipos de textos escritos e imagéticos, é possível considerar uma fonte cronística como um texto hagiográfico, no caso da dissertação a *PVL* e algumas de suas entradas.

Retomando ao argumento de Philippart, ainda que ele faça uso do conceito de discurso hagiográfico de Certeau e van Uytfanghe, para ser objeto de estudo das ciências sociais, a hagiografia deve ser separada do santo, da santidade e do culto<sup>90</sup>. Também é necessário levar em conta o(s) produtor(es) bem como seus possíveis patronos, e a audiência desse discurso, com a hagiografia servindo como um "espelho" entre o leitor e o autor, tornando-a uma reflexão tanto do cultural quanto do político, tal como objeto de estudo da História religiosa<sup>91</sup>. A noção de Philippart sobre hagiografia portanto não é só importante para descobrir um sentido oculto facilmente ignorado em uma fonte por uma análise superficial com base nos equívocos de interpretação dos Bolandistas, mas também abre caminho para refutar outro argumento de Certeau: a relação entre hagiografia e escrita da história.

Como dissemos, a concepção de hagiografia de Michel de Certeau baseia-se na distinção entre historiografia e hagiografia, com esta sendo de caráter festivo e lúdico devido tanto ao seu vocabulário quanto seus *topoi*. Tal interpretação, com base na hagiografia como gênero e bastante inspirada por Delehaye, motivou diversos pesquisadores da área como o norueguês Jostein Børtnes, argumentando que "[...] as Vidas de santos não podem nem ser entendidas como documentos da História das ideias ou como contribuições para a luta pelo poder político sem uma análise prévia dos modos de expressão específicos pertencentes ao gênero"<sup>92</sup>. Entretanto, uma historiografia mas recente parte do pressuposto contrário,

---

<sup>89</sup> PHILIPPART, *op. cit.*, p. 36. É importante lembrar que neste artigo, Phillipart já esboça a ideia de Uytfanghe que a hagiografia seria um discurso, esta discutida mais tarde neste capítulo; entretanto o autor continua caracterizando-a como algo unicamente literário.

<sup>90</sup> PHILIPPART, *op. cit.*, p. 28.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 39.

<sup>92</sup> "[...] *the Lives of Saints cannot be understood even as documents in the history of ideas or as contributions in the political power struggle without prior analysis of specific modes of expression belonging to the genre*".

afirmando que a hagiografia medieval pode ser considerada como um tipo escrita da história. Em seu trabalho sobre a *Legenda Aurea*, Néri Almeida enxerga um outro processo em paralelo à função edificante na fonte: o dominicano Jacopo de Varazze registra as ações de santos também de sua ordem como um modo tanto de fortalecer a própria ordem ao colocar somente santos dominicanos como "contemporâneos"<sup>93</sup>, quanto ao associá-los a regiões geográficas específicas que Jacopo tinha uma ligação profissional/possivelmente emocional<sup>94</sup>, demonstrando uma clara intencionalidade vinda do bispo ao compilar a *Legenda*. A figura dos santos dominicanos presente da compilação, conforme a historiadora, consegue unir através do maravilhoso a hagiografia, propaganda e memória histórica, ao passo em que consegue ensinar por meio da pregação e dos *exempla* a história da ordem aos seus novos membros<sup>95</sup>. Em outras palavras, o discurso hagiográfico agiu também como discurso historiográfico, sobretudo no âmbito da pregação. A escrita da hagiografia agiu como escrita da história

Ao tratarmos porém de uma escrita da história<sup>96</sup> durante a Idade Média, entender o que esta seria no período não é uma tarefa fácil, quiçá o ato de escrevê-la. De acordo com Deborah Deliyannis, o conceito de história no medievo é tributário de Isidoro de Sevilha, o qual diz em seu livro *Etymologiae* que a "história" seria uma disciplina narrativa ramificada da Gramática cujo objetivo seria guardar exatamente o que realmente aconteceu e vale a pena ser lembrado<sup>97</sup>. Na prática, os escritores medievais utilizavam tal concepção em outros tipos de texto, e nestes utilizavam suas diferentes dimensões<sup>98</sup>. Esta "flexibilidade" do uso dos

---

BØRTNES, Jostein. *Visions of Glory: Studies in Early Russian Hagiography*. Traduzido do norueguês por Jostein Børtnes e Paul L. Nielsen. Nova Jersey: Humanities Press International, 1988, p. 17 (Tradução nossa).

<sup>93</sup> ALMEIDA, Néri de Barros. "Hagiografia, Propaganda e Memória Histórica. O Monasticismo na *Legenda Aurea* de Jacopo de Varazze". *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul.-dez., 2014, p. 103.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 107 – 108.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p. 111. Vale lembrar que a ordem dos dominicanos e o próprio Domingos não foram vistos com bons olhos pelo Papado até pouco tempo durante a escrita/compilação da *Acta Sanctorum*, cf. *Ibid.*, p. 110.

<sup>96</sup> Decidimos utilizar "história" (com letra minúscula) ao mencionarmos o medievo pois entendemos o termo capitalizado como a disciplina científica criada no século XVIII.

<sup>97</sup> DELIYANNIS, Deborah Mauskopf. "Introduction". In: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Ed.). *Historiography in the Middle Ages*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2003, p. 1 – 13. A concepção de história para o erudito visigodo é baseada em Platão e pseudo-Cícero; cf. ROEST, Bert. "Medieval Historiography: About Generic Constraints and Scholarly Constructions". In: ROEST, Bert; VANSTIPHOUT, Herman. *Aspects of Genre and Type in Pre-Modern Literary Cultures*. Groningen, Styx Publications, 1999, p. 51; ENGLÉS, Odilo. "Compreensão do conceito na Idade Média". In: KOSELLECK, Reinhart *et al.* *O Conceito de História*. Traduzido por René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 63 – 64.

<sup>98</sup> Deborah Deliyannis afirma que dentro da história existia subdivisões como anais, crônica e gesta; cf. DELIYANNIS, *op. cit.*, p. 5 – 6. Em Constantinopla aparentemente também havia essa divisão, mas não era tão clara mesmo com a separação entre *khronographoi* (cronistas) e *historiographoi* (historiadores) feita por Teófanos Confessor. Cf. KAZHDAN, Alexander. "Historiography". In: *ODB*, Volume II, p. 937.

termos, como afirma o historiador holandês Bert Roest, traz uma dificuldade para classificar a história como um gênero literário durante o medievo<sup>99</sup>.

Mas se não há uma historiografia no sentido de gênero literário durante a Idade Média, havia a lógica de passado? Sim, e obviamente diferente da lógica contemporânea de História. Fatos precisavam ser registrados<sup>100</sup>, em textos escritos ou até pinturas e artesanato, e tais fatos registrados eram "imortalizados" por um motivo caro aos registradores / patrocinadores de seu registro. No caso das fontes escritas, pode-se dizer que havia sim uma historiografia mas que não estava fixa em um modelo específico, e sim disseminada entre os mais diversos tipos de narrativa e poesia. "À História não poderia ser atribuída um lugar específico no currículo medieval porque ela estava em todos os lugares, em tantos disfarces", conforme afirma Roest<sup>101</sup>, e o motivo de tal historiografia existir é um bom ponto de partida para o medievalista, de acordo com Bernard Guenée<sup>102</sup>.

Uma diferença entre hagiografia e historiografia no medievo então não existia devido ao uso de ambas muitas das vezes juntas em uma mesma obra e de recursos retóricos similares, como a presença do sobrenatural, a fim de dar uma "veracidade divina" ao fato merecedor de ser recordado<sup>103</sup>. De fato, tal distinção somente foi forjada no auge do cientificismo e nacionalismo positivista do século XIX com o intuito de separar a verdade (História) dos mitos populares (Hagiografia)<sup>104</sup>, tendência que continuou até a década de 1970. Tal separação também levaria em conta a profissionalização e necessidade de afirmação da profissão do historiador neste período que, ao separar ambas as formas, favoreceria do mesmo modo a definição do que seria História e o método a ser utilizado em sua pesquisa e escrita, mesmo sendo impossível separar História de Hagiografia em momentos anteriores<sup>105</sup>. Atentar a tais aspectos da história da História em si é, portanto, relevante para um maior entendimento da hagiografia (e da historiografia) e de sua função política no medievo, seja ele ortodoxo ou latino. Citando Felice Lifshitz,

O conceito de um gênero de "hagiografia" é uma construção historiográfica e, *ipso facto*, uma ferramenta ideológica. É uma ferramenta que não tinha nenhuma função nos séculos IX, X e XI, e portanto não existia como uma

<sup>99</sup> ROEST, *op. cit.*, p. 53. Para um contra-argumento sobre a existência de um gênero historiográfico, ver DELIYANNIS, *op. cit.*, p. 10 – 12.

<sup>100</sup> GUENÉE, Bernard. "Y a-t-il une historiographie médiévale?" *Revue Historique*, T. 258, Fasc. 2 (524), p. 264.

<sup>101</sup> "History could not be assigned a specific place in the mediaeval curriculum because it was everywhere, in even so many disguises". ROEST, *op. cit.*, p. 57 (Tradução nossa).

<sup>102</sup> GUENÉE, *op. cit.*, p. 233.

<sup>103</sup> ALMEIDA, *op. cit.*, p. 96.

<sup>104</sup> LIFSHITZ, Felice. "Beyond Positivism and Genre: 'Hagiographical' Texts as Historical Narrative". *Viator*, n.º. 25, 1994, p. 98.

<sup>105</sup> *Ibid.*, p. 102.

categoria conceitual. Este [conceito de hagiografia] não deve ser aplicado em nossas análises da Francia Carolíngia tardia e Francia Capetiana, pois ele pode somente obscurecer as realidades daqueles séculos, não iluminá-las<sup>106</sup>.

O discurso historiográfico, assim como o hagiográfico, também fora utilizado como um tipo de mecanismo de legitimação<sup>107</sup>. A historiografia medieval fazia-se uso da memória para registrar o que realmente aconteceu, ou melhor, o que realmente deveria ter acontecido. Considerando a hagiografia como uma forma de escrita da História durante o medievo, é importante então explicar um pouco melhor a relação entre hagiografia e memória. Sobretudo nas sociedades que não eram necessariamente alfabetizadas e com uma forte tradição oral entre todas as suas camadas, os hagiógrafos geralmente faziam uso desta oralidade como matéria-prima de seus escritos<sup>108</sup>. A memória social que era traduzida do oral ao escrito era então ressignificada conforme o contexto histórico e as demandas tanto do escrito quanto de seu público-alvo<sup>109</sup>, oferecendo uma familiaridade que quase nunca encontrará resistência com aqueles que ouvem o discurso. O evento resgatado por essa memória possui possível veracidade, pois como afirmam James Fentress e Chris Wickham:

Nós assumimos, isto é, que se nós mantivermos imagens de eventos em nosso passado, essas imagens se referem a, e até derivam diretamente de, eventos reais. Se nós temos a memória de um evento, então aquele evento aconteceu: dificilmente pensaríamos de outra maneira.<sup>110</sup>

Com isso queremos dizer que a hagiografia deve possuir a memória social<sup>111</sup> de seu público para ser efetiva. Mas tal memória sempre será "articulada"<sup>112</sup> conforme a necessidade

<sup>106</sup> "The concept of a genre of 'hagiography' is a historiographical construction and, ipso facto, an ideological tool. It is a tool that had no function in the ninth, tenth, and eleventh centuries, and thus as a conceptual category did not exist. It should not be anachronistically applied in our analyses of late Carolingian and early Capetian Francia, because it can only obscure the realities of those centuries, not illuminate them." *Ibid.*, p. 113 (Tradução nossa). Embora o foco de Lifshitz seja a França medieval, suas considerações podem ser aplicadas em qualquer trabalho que trata sobre hagiografia e historiografia na Idade Média.

<sup>107</sup> Gabrielle Spiegel mostra o exemplo da ressurgimento e popularidade da *Historia Karoli Magni et Rotholandi* de Pseudo-Turpin como um modo de legitimar as famílias em sua luta pelo poder. Ver SPIEGEL, Gabrielle M. "Forging the Past: The Language of Historical Truth in Middle Ages". *The History Teacher*, Vol. 17, No. 2 (Feb., 1984), p. 276.

<sup>108</sup> FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Social Memory (New Perspectives on the Past)*. 2ª Edição. Oxford: Blackwell, 1992, p. 145.

<sup>109</sup> James Fentress e Chris Wickham exemplificam a dinâmica da ressignificação de uma memória tradicional em um contexto "contemporâneo" com as Sagas Islandesas, escritas no século XIII e que narram eventos nos séculos X e XI. A presença bastante frequente de conflitos entre famílias no documento dá-se pela presença ainda muito forte de contendas no contexto em que as sagas foram escritas. *Ibid.*, p. 171 – 172.

<sup>110</sup> "We assume, that is, that if we retain images of events in our past, these images refer to, and even directly derive from, a real event. If we have a memory of an event, then that event happened: we could hardly think otherwise." *Ibid.*, p. 48 (Tradução nossa).

<sup>111</sup> Utilizamos neste trabalho a definição de memória social formulado por Fentress e Wickham, que definem-na como memória ativa compartilhada e perpetuada por um grupo capaz de ser moldada e utilizada por indivíduos, ao contrário do conceito de *memória coletiva* de Maurice Halbwachs, o qual os autores criticam por ignorar a memória individual, criando uma "passividade" diante da memória do grupo. Cf. *Ibid.*, p. ix – x.

do hagiógrafo, e assim como na historiografia a "verdade" era moldada a partir da ideologia dos que escreviam-na e propagavam-na<sup>113</sup>, o que implicava na formação de uma nova memória social. Não nos esqueçamos que a memória no medievo era também a base do cristianismo<sup>114</sup>. Por se tratar de um discurso com motivações políticas a hagiografia, ao acionar a memória social oral<sup>115</sup>, requer que o autor *aproprie-se* de ideias presentes nesta e as adapte às suas intenções. Conforme Kathleen Ashley e Verónique Plesch, "contrariando as noções de 'origem' ou 'influência', 'apropriação' enfatiza o ato de tomar; este é entendido como sendo 'ativo, subjetivo, e motivado'"<sup>116</sup>.

Ao utilizarmos a concepção de discurso hagiográfico juntamente com as de escrita da História e memória, a hagiografia assume um novo papel nas relações de poder dentro da sociedade que possibilitou sua escrita. E isso se dá graças ao exercício do *poder simbólico* pelos produtores das hagiografias. De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu, o poder simbólico consiste no poder invisível de construção da realidade<sup>117</sup> e estabelecimento de uma dominação a partir de um consenso, com o grupo dominante tentando estabelecer sua visão de mundo<sup>118</sup>. Via de regra, o poder simbólico "[...] só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que exerçam<sup>119</sup>", ou seja, o poder simbólico deve ser naturalizado pelos dominados para ser exercido.

Tal poder consegue assegurar a dominação de um grupo sobre outro e a naturalização da violência simbólica<sup>120</sup> através da imposição de sua visão de mundo conforme seus interesses<sup>121</sup>. Para isso, o grupo dominante deve acumular poder simbólico através das relações com os subalternos e dominá-los de modo que estes não percebam a dominação. Isto pode ser feito através da associação entre o grupo dominante e a categoria que Bourdieu

<sup>112</sup> *Ibid.*, p. 47.

<sup>113</sup> SPIEGEL, *op.cit.*, p. 277.

<sup>114</sup> GEARY, Patrick. "Memória". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs). *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. Volume II. Traduzido por Hilário Franco Júnior *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 191.

<sup>115</sup> Pelo menos no caso desta dissertação, é muito pouco provável que as hagiografias referentes à Olga tenham sido baseadas em fontes escritas devido à condição ágrafa de Rus. Essa discussão será retomada futuramente na discussão sobre o material empírico.

<sup>116</sup> "Contrary to the notions of 'origin' or 'influence,' 'appropriation' emphasizes the act of taking; it is understood to be 'active, subjective, and motivated'". ASHLEY, Kathleen; PLESCH, Verónique. "The Cultural Processes of 'Appropriation'". *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, Volume 32, Number 1, Winter 2002, p. 2 (Tradução nossa).

<sup>117</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Traduzido por Fernando Thomaz. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 7 – 8.

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 11

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 7 – 8.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 12

<sup>121</sup> *Ibid.*, p. 11.

denomina como "especialistas da produção simbólica"<sup>122</sup>. Estes especialistas serão reconhecidos como tais perante outros grupos e auxiliarão na consolidação do projeto de realidade do grupo dominante. No caso desta dissertação, em determinado momento as hagiografias sobre Olga expressam um valor relacionado com sua posição como membro da dinastia Riuríkida e primeira destes a se cristianizar<sup>123</sup>. Neste caso, a "parceria" entre os portadores da verdade (especialistas da produção simbólica) e a dinastia governante (grupo dominante) fica evidente, e o exercício do poder simbólico sobre o público-alvo das hagiografias é exercido. Nas palavras do sociólogo:

[...] o poder simbólico não reside nos "sistemas simbólicos" em uma forma de "illocutionary force" mas que se define em uma relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras<sup>124</sup>.

E como essa dominação invisível e consensual se manifestaria em uma hagiografia? De maneira bastante simples. Considerando a hagiografia como um discurso surreal-historiográfico cuja mensagem deriva tanto de uma memória social existente quanto uma desejada, e cuja análise é capaz de revelar o autor e seu público, cria-se a possibilidade da articulação entre discurso hagiográfico e relações de poder, no momento em que a hagiografia pode ser compreendida como um elemento fundamental para legitimação de um discurso de autoridade de novos atores políticos. Citando novamente o caso de Rus, pois este é o tema da dissertação, a transformação de personagens políticos pela Igreja recém institucionalizada tem relação com a "parceria" entre o clero e os príncipes para assegurarem uma memória positiva de si mesmos, e o caso de Olga, uma santa-a-ser, será visto como os hagiógrafos moldaram sua memória para, além de outras coisas, consolidarem sua realidade desejada.

Agora, apliquemos a concepção de História para Rus. Como eles somente, conforme o historiador britânico Simon Franklin, "descobriram o tempo" tanto sagrado quanto profano a partir do século XI<sup>125</sup>, inicialmente a elite intelectual se apressou para colocar Rus dentro de

---

<sup>122</sup> *Idem*.

<sup>123</sup> Tal momento consiste em quaisquer menção a Vladimir nas fontes, tendo relação direta com o conceito de *mulier suadens*, a ser abordado no quarto capítulo.

<sup>124</sup> BOURDIEU, *op. cit.*, p. 14 – 15 (Grifos no original).

<sup>125</sup> FRANKLIN, Simon. "Borrowed Time: Perceptions of the Past in Twelfth-Century Rus". In: MAGDALINO, Paul (Ed.). *The Perception of the Past in Twelfth-Century Europe*. Londres e Rio Grande: The Hambledon Press, 1992, p. 158 (Doravante FRANKLIN<sup>1</sup>).

um mito fundador com base no credo "verdadeiro"<sup>126</sup>, fazendo uso da tradição nativa e dos novos mecanismos de pensar e agir que a conversão presenteou:

[...] De fato, um dos propósitos, ou consequências, da conversão ao Cristianismo foi providenciar um instrumento ideológico e funcional para transcender as micro-histórias e micromitos, para auxiliar as cada vez mais ambiciosas presunções territoriais dos governantes de Kiev. Mas as versões cristãs impostas, que foram filtradas para Rus através das traduções búlgaras e textos bizantinos em grego, formaram um grupo heterogêneo de exegeses e narrativas formadas em várias temporalidades e locais para uma variedade de propósitos e públicos. Os letrados de Jaroslav tiveram uma tarefa importante de interpretação seletiva. *Ambos* os conjuntos de tradições precisaram ser plausivelmente distorcidas<sup>127</sup>.

E esta tradição do passado fora construída através de diversas "fontes": crônicas, homilias, pinturas, arquitetura, e vidas de santos<sup>128</sup>. Acreditamos que o processo de "sincronização dos tempos cíclico e linear"<sup>129</sup> fez uso do discurso surreal ao mesmo tempo que moldava a memória que deveria ser oficial, atrelando assim historiografia e discurso hagiográfico. Era mais fácil preservar coisas que deveriam ser lembradas ao dar-lhes um artifício com base no surreal provável (presente graças ao Cristianismo) para a produção do sentido de um passado. Neste primeiro momento, a entrada de Rus no plano divino dependia de um santo, e como veremos mais adiante, este precisou de Olga; e em um momento posterior, quando o próprio passado de Rus era a sua própria referência<sup>130</sup>, Olga assumiria um outro papel, mas com as mesmas bases.

#### 1.4 – O HERÓI E OS CRIADORES

<sup>126</sup> *Ibid.*, p. 160 – 163. No século XII a percepção do tempo começou a mudar, sendo menor e mais regional, e o passado universal presente nas fontes foi substituído por um passado "glorioso" de Kiev; cf. *Ibid.*, p. 164 – 170.

<sup>127</sup> "[...] *Indeed, one of the purposes, or consequences, of conversion to Christianity was to provide an ideological and functional device to transcend the micro-histories and micro-myths, to support the increasingly ambitious territorial presumptions of the rulers of Kiev. But the imposed Christian versions, which filtered through to the Rus' via Bulgarian translations and Byzantine Greek texts, formed a heterogeneous cluster of exegesis and narratives composed in various times and places for a variety of purposes and audiences. Jaroslav's bookmen faced a major task of selective interpretation. Both sets of traditions needed to be plausibly distorted.*" *Ibid.*, p. 159 (Tradução nossa, grifos no original).

<sup>128</sup> *Ibid.*, p. 162.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. 160.

<sup>130</sup> *Ibid.*, p. 166.

Como já falamos sobre a relação entre hagiografia e escrita da história, memória e apropriação de ideias para o exercício de um poder simbólico, pode parecer que este capítulo está esquecendo ou ignorando o personagem do discurso: o santo, mais especificamente o santo cristão<sup>131</sup>. Embora Philippart afirme que o santo não é realmente necessário para uma hagiografia<sup>132</sup>, seria uma falha desta dissertação ignorar totalmente o conceito. Afinal, a maioria das fontes a serem analisadas e classificadas como hagiografia fazem uso da *santidade* para legitimar seu discurso através da multiplicidade de tal fenômeno<sup>133</sup>.

O percurso historiográfico sobre os estudos dos santos e da santidade seguem basicamente o mesmo caminho<sup>134</sup>, e a metodologia de abordagem dos santos aplicada neste trabalho seguirá as nossas concepções do que seria hagiografia. Assim, este tópico não será tão grande. De acordo com o historiador britânico Stephen Wilson, os santos "[...] pertencem às e refletem as sociedades que os produzem e honram"<sup>135</sup>. As sociedades ao realizarem estas tarefas não escolhem qual indivíduo deve ser santificado por acaso, mas sim devido a sua memória e a importância que sua figura tenha a exercer sobre determinada igreja ou comunidade.

Responsável pela prédica e rememoração, o santo é um "morto muito especial"<sup>136</sup> que teoricamente intercede entre o humano e o divino. Seja homem, mulher, ou mesmo cachorro<sup>137</sup>, por sua capacidade de materializar a onipotência divina o santo possui uma carga

---

<sup>131</sup> Stephen Wilson afirma que a santidade não é um fenômeno exclusivo ao Cristianismo, com manifestações muito similares ocorrendo no Islamismo, Hinduísmo, Jainismo, Budismo e Sikhismo; e um estudo comparado destas formas é algo que os estudos sobre santidade precisam. Cf. WILSON, Stephen. "Introduction". In: WILSON, Stephen (Ed.). *Saints and their Cults: Studies in Religious Sociology, Folklore and History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 40 – 41. Isso concorda com nossa proposta do surreal hagiográfico depender da religião e da tradição. Citamos estudos sobre hagiografia budista e islâmica na nota 28 deste capítulo, caso o leitor se interesse por exemplos.

<sup>132</sup> PHILIPPART, *op. cit.*, p. 28.

<sup>133</sup> Sofia Gajano afirma que o fenômeno da santidade possui diversas dimensões, entre elas espiritual, teológica, religiosa, social e política; GAJANO, Sofia Boesch. "Santidade". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs). *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. Volume II. Traduzido por Hilário Franco Júnior *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 504. A sua análise foca no medievo latino aparentemente tardio, entretanto condiz com as atitudes no medievo ortodoxo.

<sup>134</sup> Pois a historiografia sobre santidade é tanto incomensurável quanto possui trajetória similar aos estudos sobre hagiografia, seria impossível, e redundante, colocar aqui a trajetória acadêmica da percepção dos santos. Para esboços concisos sobre tal trajetória, ver BROWN, Peter. *The Cult of the Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. Chicago: University of Chicago Press, 1981, p. 13 – 22; KLANICZAY, *op. cit.*, p. 3 – 18 (Klaniczay foca seu debate a partir da página 5 na trajetória do conceito de sacralidade régia e santidade dinástica, este último sendo bastante útil para essa dissertação, mas cujo conceito será desenvolvido quando apresentarmos a questão da relação entre Olga e Helena Augusta).

<sup>135</sup> "[...] belong to and reflect the societies which produce and honour them". WILSON, *op. cit.*, p. 6 – 7 (Tradução nossa).

<sup>136</sup> Cf. BROWN, *op. cit.*, p. 70 – 71.

<sup>137</sup> Como exemplo, temos o cão Guinefort, cuja história de origem indoeuropeia sobre salvar uma criança e ser morto injustiçadamente transformou o animal em uma espécie de mártir, e pessoas começaram a adorar ao santo como padroeiro das crianças. Deve ser enfatizado que este culto não fora em nenhum momento patrocinado pela Igreja Católica, mas sim combatido desde o século XIII até o início do século XX. Ver SCHMITT, Jean-Claude.

simbólica própria que pode ser catalisada pelos grupos que reconhecem este poder. Ele seria então um mecanismo de consolidação do poder simbólico de seus patrocinadores, tendo sua memória moldada para assim obter os fins que os especialistas da produção simbólica desejam obter. Claro, a sua aceitação pelo público-alvo deve ser pré-condição, significando que existe a necessidade da crença e do culto. Como alguns exemplos da função dos santos e de seus cultos, Wilson cita:

Primeiramente, dentro da igreja, os cultos foram utilizados para promover e defender os interesses de mosteiros e igrejas individuais, de ordens religiosas, de dioceses e do papado. Eles também poderiam ser adjuntos ao poder secular das dinastias nos Estados tradicionais, e poderiam ser utilizados por grupos de oposição, assim como para outros propósitos, tanto em sociedades tradicionais quanto em modernas<sup>138</sup>.

Anneke Mulder-Bakker chama atenção de que a maioria das concepções da historiografia "ocidental"<sup>139</sup> sobre santos é enviesada a partir da definição oficial do papa Bento XIV (1740 – 1758) a respeito dos critérios para santificação no século XVIII<sup>140</sup>, e a historiografia não conseguiu uma separação total de uma conceituação eclesiástica, com teóricos renomados sobre santidade como Pierre Deloos, André Vauchez e o próprio Michel de Certeau ainda fazendo suas análises sob o prisma da noção de santo de Bento XIV, mesmo que esses autores tenham contribuído bastante para o despertar de um interesse no estudo dos santos e das hagiografias<sup>141</sup>.

Mulder-Bakker ainda afirma que esses estudos sobre santos no medievo foram guiados por quatro concepções básicas: o santo, como relíquia, como uma ponte material entre o humano e o sobrenatural; como intercessor de vida exemplar; como modelo exemplar (sendo necessariamente o canonizado e não os indivíduos exemplares que jamais foram canonizados, vivos exemplares ou santos locais); e como ícones com valor festivo que dão identidade para uma determinada comunidade<sup>142</sup>. Para Mulder-Bakker,

---

*Le Saint Lévrier. Guinefort, guérisseur d'enfants depuis le XIII<sup>e</sup> siècle.* Nova edição aumentada. Paris: Flammarion, 2004, especialmente p. 131 – 213.

<sup>138</sup>"First, within the church, cults were used to promote and defend the interests of individual monasteries and churches, of religious orders, of dioceses and of the papacy. They could also be adjunct to the secular power of dynasties in traditional states, and they could be used by opposition groups, as well as for other purposes, in both traditional and modern societies." *Ibid.*, p. 26.

<sup>139</sup> A autora faz uso de uma extensiva bibliografia teórico-metodológica proveniente da Alemanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália e Reino Unido; no que com a ausência da historiografia Ibérica pode ser verdadeiramente considerada como tradição "ocidental".

<sup>140</sup> MULDER-BAKKER, *op. cit.*, p. 4.

<sup>141</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>142</sup> *Ibid.*, p. 9 – 11.

[...] santos já não formam uma constante. Eles não são um corpo de eleitos que possuem a marca de Deus em suas testas e seguem seu caminho, intocáveis, através da história. Eles tornaram-se pessoas comuns os quais pessoas ao seu redor em dado tempo reconheceram-lhes como santos, como eleitos. A santidade tornou-se uma questão de espectadores e observadores, uma questão de sacralidade percebida. Os observadores não são somente clérigos e autoridades da Igreja – estes na verdade quase nunca envolvidos durante os estágios iniciais. O próprio santo em potencial, e os fiéis comuns ao seu redor, vem primeiro. Nem estes espectadores mostram uma preocupação automática para uma santidade canonicamente pura<sup>143</sup>.

## 1.5 – ALGUNS PONTOS SOBRE HAGIOGRAFIA ORTODOXA GREGA

Os autores supracitados, com exceção de Jostein Børtnes, trabalham com o fenômeno hagiográfico e com santidade com foco na "Europa Latina", mas não há muita diferença no lado Ortodoxo do Velho Mundo<sup>144</sup>. Seria, pois, injusto omitir estudos sobre a hagiografia ortodoxa grega. Devido às similaridades e por não concordarmos em uma fronteira entre as categorias tardias "Ocidente" e "Oriente" no período medieval, não focaremos muito nas hagiografias do Império Bizantino, mas elas são importantes para compreender como foram estudadas as hagiografias sobre Rus, assunto a ser discutido no próximo tópico.

A hagiografia bizantina, conforme afirma Évelyne Patlagean, era principalmente uma hagiografia da Igreja institucionalizada de Constantinopla<sup>145</sup>, sendo então um discurso de autoridade. O modelo do discurso além dos aspectos básicos de herói(s) contra situação surreal era aparentemente dinâmico, começando como vidas de mártires e dos primeiros ascetas que iam contra a lógica urbana, passando por *vitae* da realeza e de religiosos<sup>146</sup>. Os textos hagiográficos foram escritas por monges que tentavam reproduzir um percurso

<sup>143</sup> "[...] *saints no longer form a constant. They are not a corpus of elect who bear the mark of God on their forehead and go their way, untouchable, through history. They have become ordinary persons whom people around them at a given time recognized as saints, as elect. Saintliness has become a matter of bystanders and onlookers, a question of perceived holiness. The onlookers are not only clerics and Church authorities – these are in fact almost never the ones involved in the initial stages. The potential saint himself, and the common faithful around him, come first. Nor do these bystanders show some automatic concern for a canonically pure saintliness*". *Ibid.*, p. 16 (Tradução nossa).

<sup>144</sup> Compare, por exemplo, MANGO, Cyril. "O Santo". In: CAVALLLO, Guglielmo (Dir.). *O Homem Bizantino*. Tradução de Maria Bragança. Lisboa: Editorial Presença, 1998, p. 241 – 264; e VAUCHEZ, André. "O Santo". In: LE GOFF, Jacques (Dir.). *O Homem Medieval*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1987, p. 211 – 232. Além da similaridade um pouco inquietante entre o formato dos artigos, as características dos santos de ambos os lados são tecnicamente as mesmas dadas algumas particularidades entre os ortodoxos e os latinos.

<sup>145</sup> PATLAGEAN, Évelyne. "Ancient Byzantine Hagiography and Social History". In: WILSON, Stephen (Ed.). *Saints and their Cults: Studies in Religious Sociology, Folklore and History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 102.

<sup>146</sup> KAZHDAN, Alexander; TALBOT, Alice-Mary. "Hagiography". In: *ODB*, vol. II, p. 897 – 898.

narrativo comum, e que era bastante próximo da prática da historiografia<sup>147</sup>. Isso mostra que os limites entre ambas as práticas escritas impostos por Delehaye e Certeau não é exclusividade do Cristianismo latino, auxiliando nossa teoria.

Na historiografia, é muito mais marcante a dimensão política das hagiografias ortodoxas, sobretudo as bizantinas que serviram de inspiração para a produção literária de Rus<sup>148</sup>, e cujos trabalhos sobre estas não são tão reféns de construções posteriores visto que o Império Romano do Oriente não teve uma política de canonização de seus santos durante muito tempo, sendo esta basicamente popular<sup>149</sup>. Por exemplo, Victoria Casamiquela Gerhold conseguiu identificar uma produção hagiográfica sobre o Imperador Basílio I o Macedônio (867 – 886), que jamais tornou-se santo mesmo que seus descendentes criaram uma *bíos* para legitimar sua própria dinastia contra uma rival, fazendo de Basílio um mito fundador e utilizando-se de uma santidade construída para santificar os novos imperadores<sup>150</sup>.

A importância política do santo e de sua hagiografia, bem como as intenções dos autores, em Constantinopla também é demonstrada por Paul Magdalino e Rosemary Morris. Magdalino em seu artigo *'What we heard in the Lives of the saints we have seen with our own eyes': the holy man as literary text in tenth-century Constantinople* analisa o conteúdo de santos que não existiram mas tinham uma "agenda" em suas narrativas do autor mas atribuída aos santos, como críticas ao e desejo de reerguer a Igreja na capital imperial<sup>151</sup>. Em contrapartida, Morris em *The Political Saint of the Eleventh Century* mostra que discípulos de homens santos e que escreveram suas hagiografias não muito tempo depois da morte de seus mentores fizeram uso do discurso hagiográfico e diversos *topoi* para exercer influência política sobre a aristocracia e a camada militar grega<sup>152</sup>. É interessante notar que nenhum dos

<sup>147</sup> PATLAGEAN, *op. cit.*, p. 102 – 103. Patlagean, influenciada por Delehaye e utilizando o método estruturalista, afirma que há diferenças entre a escrita de uma história e a Hagiografia no Império Romano do Oriente.

<sup>148</sup> O tema de literatura em Rus, a partir de um ponto de vista dos protogêneros, será discutido em outro capítulo.

<sup>149</sup> UBIERNA, Pablo A. "El Santo en la sociedad bizantina: Una hagiografía de la estulticia. De Simeón de Emesa a Andrés de Constantinopla". *Byzantion Nea Hellás*, vol. 16, 1997, p. 238 – 239. Ubierna trabalha com os santos "loucos por Cristo" (fenômeno também comum em Rus com os santos denominados *iuródivyi*, ver JIVÓV, Víktor M. *Sviátost - Krátkii Slovar' Agiografícheskikh Tiérminov* [Santidade – Breve Dicionário de Termos Hagiográficos], Moscou: Gnózis, 1994, p. 106 – 110.) e seu desaparecimento, e argumenta que a sociedade grega demandou um tipo de santo e, conforme sua estrutura mental mudava, a sociedade começou a repudiá-lo.

<sup>150</sup> CASAMIQUELA GERHOLD, Victoria. "La dimensión política del género hagiográfico: la Vita Basilii, ¿una hagiografía imperial?". *Temas Medievales*, vol. 21, 2013, p. 46.

<sup>151</sup> MAGDALINO, Paul. "'What we heard in the Lives of the saints we have seen with our own eyes': the holy man as literary text in tenth-century Constantinople". In: HOWARD-JOHNSTON, James; HAYWARD, Paul Anthony (Ed.). *The Cult of the Saints in Late Antiquity and the Middle Ages: essays on the contribution of Peter Brown*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 85.

<sup>152</sup> MORRIS, Rosemary. "The Political Saint of the Eleventh Century". In: HACKEL, Sergei. *The Byzantine Saint*. Nova Iorque: St. Vladimir Seminary Press, 2001, p. 49 – 50.

trabalhos citados explicita qualquer teórico sobre hagiografia ou santidade fora Peter Brown, o qual influenciou bastante os artigos com seu clássico *The Rise and Function of the Holy Man in Late Antiquity*.

Há mais um trabalho, bastante recente por sinal, cuja importância teórica no campo dos estudos sobre hagiografia grega é importante para esta dissertação. Trata-se do artigo de Tomás Fernandez sobre a natureza das hagiografias gregas, divididas entre *bíos* e *martýrion*<sup>153</sup> baseada no herói da hagiografia. Utilizando o conceito de épico de Mikhail Bakhtin, Fernandez afirma que a diferença fundamental entre o santo mártir e o santo da *vita* encontra-se na temporalidade da narrativa, com as narrativas de martírio sempre retomando um passado distante enquanto as *vitae* remetem a um passado próximo ou presente<sup>154</sup>; nas qualidades e nos riscos que o herói corre em sua narrativa<sup>155</sup>. Mas o mais importante deste trabalho seria o argumento de que a hagiografia de martírio requer que o público acredite na plausibilidade dos feitos do herói, mas não necessariamente que o público aceitaria o narrado como verdade absoluta *nem* que todo o público-alvo entendia a mensagem da mesma maneira<sup>156</sup>. A quebra de Fernandez com um paradigma de literatura de ficção e de não-ficção no medievo condiz com as nossas considerações acima sobre a hagiografia como um tipo de escrita da História, ressaltando sempre o que significava História para tal sociedade, dada as fragilidades do uso do conceito de gênero literário no medievo.

## 1.6 – SVIATÝIE I JITHÁ: INTERPRETAÇÕES E MÉTODOS

Os estudos sobre hagiografias e santidade em Rus encontram-se em vários idiomas que não são português; como russo, ucraniano, inglês, polonês, búlgaro, francês, entre outros. A grande maioria destes trabalhos não estão disponíveis para a consulta em bibliotecas brasileiras ou compra em livrarias nacionais. Os que estão à venda são geralmente impossíveis financeiramente de se obter. Cremos que obtivemos porém um número razoável de trabalhos fundamentais sobre o assunto, e através de certos padrões observados nestes estudos, podemos dar um breve panorama sobre o tema da hagiografia e da santidade aplicado em Rus.

Durante muito tempo, a tendência principal dos estudos sobre hagiografia e santidade em Rus foi o foco quase exclusivo que os estudiosos atribuíam às narrativas sobre os

<sup>153</sup> Equivalente aos termos latinos *vita* e *passio*, respectivamente.

<sup>154</sup> FERNANDEZ, Tomás. "Hagiografía bizantina, épica y novela". *Temas Medievales*, vol. 23, 2015, p. 83.

<sup>155</sup> *Ibid.*, p. 83 – 86.

<sup>156</sup> *Ibid.*, p. 81 – 82; 85.

príncipes mártires Borís e Gleb Vladímirovitch, coincidentemente os primeiros santos oficialmente canonizados e cuja existência de culto data do século XI pouco após seu assassinato. As conclusões dos estudos das narrativas sobre os mártires serviam de generalização do fenômeno da santidade em Rus como um todo, já que grande parte dos primeiros santos rusos eram laicos<sup>157</sup> e/ou membros da dinastia Riuríkida em certo grau. Atualmente, os estudos sobre hagiografia e santidade extrapolaram Borís e Gleb, e tratam de outros santos a fim de verificar em suas hagiografias características que mostrem a singularidade de tal texto entre os demais.

Desde o Império Russo acadêmicos da teologia dedicaram-se ao estudo dos santos em Rus de Kiev, aplicando o modelo acima, e um de seus autores principais foi o historiador positivista Ievguiénii Golubínskii (1834 – 1912). Golubínskii é autor de um dos primeiros trabalhos específicos da área, e mesmo que seu trabalho tenha sido feito durante o Império Russo, suas ideias ainda são celebradas e suas obras são utilizadas por vários autores contemporâneos. Um divisor de águas foi sua obra *Historia da Canonização dos Santos na Igreja Russa (Istóriia Kanonizátsii Sviatýkh v Rússkoi Tsérkvi)*. Nesta, Golubínskii argumenta que os processos de canonização dos santos de Rus foram espelhados na canonização dos santos pela Igreja Grega e que esta decidia quem se tornava santo, negando qualquer tipo de autonomia a Rus<sup>158</sup>. Esta ideia veio a influenciar a influenciar diversos trabalhos posteriores, sobretudo marxistas durante a URSS. Golubínskii também afirmava que o conteúdo das hagiografias era entendido como verdade e para os fiéis, o evento narrado realmente aconteceu.

Com a tomada do poder pelos bolcheviques em 1917 e implantação do Comunismo na então URSS, estudos sobre religião, especialmente cristianismo, foram em um primeiro momento proibidos. O próprio estudo do batismo de Vladimir Sviatoslavitch e subsequente conversão de Rus foi somente permitido para sua adição em livros didáticos como o progresso do povo russo saindo da "barbárie pagã"<sup>159</sup>. Do mesmo modo, autores sobre religião foram rechaçados e seus trabalhos sobre Cristianismo em geral foram deslegitimados por esta nova historiografia fortemente marxista, antiteísta e nacionalista<sup>160</sup>. É desnecessário dizer que a santidade e a hagiografia foram temas amplamente ignorados pelos historiadores soviéticos, e quando a santidade aparecia nos trabalhos soviéticos o discurso ideológico do autor e do

<sup>157</sup> WILSON, *op. cit.*, p. 31.

<sup>158</sup> GOLUBÍNSKII, Ievguiénii Ie. *Istóriia Kanonizátsii Sviatýkh v Rússkoi Tsiérkvi* [*História da Canonização dos Santos na Igreja Russa*]. Moscou: Tipografiia Universitiétskaia, 1903, p. 35 – 40.

<sup>159</sup> Cf. OSTROWSKI, Donald. "The Christianization of Rus' in Soviet Historiography: Attitudes and Interpretations (1920 – 1960)". *Harvard Ukrainian Studies* 11, 1987, p. 446 (Doravante OSTROWSKI).

<sup>160</sup> *Ibid.*, p. 447 – 453.

Estado era bastante claro. Tomemos como exemplo o historiador Borís Griékov e seu livro *La Cultura de la Rus de Kiev*<sup>161</sup>, escrito em 1944. Ao analisar as canonizações e as hagiografias, Griékov concluiu que seu conteúdo tinha "alto teor nacionalista", sobretudo nas hagiografias dos mártires Boris e Gleb e de São Feodosii, dando às hagiografias russas uma função identitária e patriótica, assim vistas mais metaforicamente. Na visão de Griékov, canonização de alguns santos foi tardia simplesmente por que o Império Romano do Oriente não os deixou serem canonizados, com medo de perder a "hegemonia cultural" sobre Rus<sup>162</sup>. Ainda para Griékov, o culto aos seus próprios santos tinha propósito de resistência contra a imposição cultural grega; por exemplo razão dos escritos hagiográficos sobre Olga e Vladimir serem aceitos pelo Patriarca foi devido à comparação de ambos com Helena Augusta e Constantino, respectivamente<sup>163</sup>.

Mas nem todos os acadêmicos aceitaram as imposições e proibições estatais sobre o estudo do Cristianismo em Rus, afinal se não fosse possível escrever na URSS, eles poderiam escrever em outros países. Desta maneira surgiu uma historiografia soviética emigrada e fortemente antimarxista que influenciou parte da historiografia ocidental em seus estudos, ainda que o nacionalismo fosse tão forte quanto os acadêmicos que permaneceram na URSS. Muitos dos trabalhos destes misturam Teologia e História, e possivelmente o soviético emigrado mais influente foi o filósofo da religião e historiador Georgy Fedótov. Fedotov, em um ensaio de dois volumes<sup>164</sup> ambicioso e um tanto passional, busca analisar as transformações da *consciência religiosa* russa desde o século X até o século XV<sup>165</sup> e vê nos santos e nas hagiografias de Rus de Kiev a partir do século XI uma fusão voluntária de elementos do Cristianismo Ortodoxo de matriz Grega, sobretudo em escritos sobre mártires e ascetas, com elementos da religião nativa a partir dos próprios cristãos<sup>166</sup>. Na contramão da opinião sobre uma hegemonia imposta que defendia Griékov e os marxistas soviéticos, Fedotov afirma que a sociedade de Rus, em todas as suas estratificações sociais, aceitaram o

---

<sup>161</sup> A obra original de Griékov, *Kultúra Kíevskoi Rusí*, fora publicada pela primeira vez em 1944.

<sup>162</sup> GREKOV, Boris D. *La Cultura de la Rus de Kiev*. Tradução de Lydia Kuper. Moscou: Ediciones em Lenguas Extranjeras, 1947, p. 99 – 102.

<sup>163</sup> *Ibid.*, p. 102 – 105.

<sup>164</sup> Antes destas obras, Fedotov escreveu um livro na década de 1930 um livro chamado *Santos da Rússia Antiga (Sviatýe Driévnei Rússi)*, enquanto vivia na França. Infelizmente, no momento ainda não temos acesso à obra.

<sup>165</sup> Fedotov busca pelo que ele caracteriza em seu livro em alemão como *Religiosität* em francês como *sentiment religieux*, traduzindo os termos para o título homônimo de seu livro. FEDOTOV, Georgy P. *The Russian Religious Mind, Volume I. Kievan Christianity: the Tenth to the Thirteenth Centuries*. 2ª Edição. Nova Iorque: Harper Torchbooks, 1960, p. ix.

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 112.

Cristianismo pela "receptividade" de uma mente religiosa rusa "despertada"<sup>167</sup>. A obra de Fedotov é bastante datada por causa de sua aparente ingenuidade metodológica e afirmações sem evidências para comprová-las, e mesmo assim continua sendo uma obra de referência para os estudos sobre Cristianismo e seus aspectos em Rus.

Ambas visões influenciaram a visão sobre hagiografia e santidade em Rus nos estudos externos à URSS, mas alguns autores conseguiram apresentar suas próprias conclusões de modo inovador e cuja metodologia e resultados de pesquisa constituíram um novo cânone historiográfico para o estudo do período. Mencionaremos dois destes autores, os já citados Jostein Børtnes e Gail Lenhoff pois suas pesquisas tem ligação direta com a questão da hagiografia enquanto gênero literário, discutida mais acima neste capítulo. Ambos os autores possuem abordagens metodológicas que foram inovadoras e extremamente importantes no campo do estudo da hagiografia não somente em Rus mas na teoria da hagiografia como um todo, e suas reflexões são importantes para esta dissertação.

O historiador da literatura e crítico literário Jostein Børtnes propõe uma metodologia inteiramente literária de analisar as hagiografias de Rus. Em *Visions of Glory*, Børtnes faz-se uso de uma rígida análise das fontes com base teórica e metodológica do formalismo russo, com ênfase na método estruturalista de análise de Mikhail Bakhtin e Roman Jakobson<sup>168</sup>, utilizando os pressupostos do gênero literário para alcançar seu objetivo de mapear a história da escrita hagiográfica entre os séculos XI e XVII<sup>169</sup>, a fim de encontrar um padrão estrutural dos textos. Pois se para Børtnes hagiografia trata-se necessariamente de um gênero literário, deve haver alguma marca estilística que se perpetua, e o autor deseja descobrir quais são as características literárias do gênero hagiográfico rus(s)o. Em outras palavras, a preocupação de Børtnes seria a estrutura textual da hagiografia, embora em alguns momentos essa abordagem implique no ignorar o contexto e a razão de ser do texto<sup>170</sup>.

Jostein Børtnes preocupou-se somente com a estrutura textual das hagiografias, ao passo que a eslavista estadunidense Gail Lenhoff levou em consideração o contexto sociocultural em seu livro *The Martyred Princes Boris and Gleb: A Socio-Cultural Study of the Cult and the Texts*. A autora utiliza as *jitiia* de Boris e Gleb para tentar demonstrar dois pontos fundamentais para a análise de uma fonte religiosa: 1) a análise *Sitz im Leben* herdeira

<sup>167</sup> *Ibid.*, p. 411. O nacionalismo de Fedotov é explícito nos momentos em que menciona a sociedade de Rus como um todo no que diz respeito às práticas religiosas e a mentalidade coletiva.

<sup>168</sup> BØRTNES, *op. cit.*, p. 23 – 24.

<sup>169</sup> Entre as *jitiia* analisadas por Børtnes encontram-se as de São Feodosii de Kiev (século XI), Santo Stefan de Perm (século XV) e a auto-biografia do *crente velho* Avvakum (século XVII).

<sup>170</sup> Por exemplo, em sua análise da *jitiie* de São Feodosii, Børtnes preocupa-se mais com o contexto da tendência estética do texto (neste caso a trajetória do neoplatonismo) do que com o motivo da escrita sobre o prior. O autor dedica três parágrafos ao contexto de Kiev e do Monastério das Cavernas. Ver BØRTNES, *op. cit.*, p. 86 – 87.

da *Formgeschichte* do teólogo alemão Rudolf Bultmann<sup>171</sup> que supõe a análise de um texto cristão a partir de critérios socioculturais para determinar sua função e sua razão de ser; e 2) a questão do gênero literário não é tão importante se determinada sociedade não reconhece um valor artístico intrínseco ou um "conjunto de etiquetas" sobre a forma de um texto, especialmente quando determinado texto possui uma *função religiosa*. Uma sociedade que siga este padrão não possui fronteira fixa entre os "tipos de gênero literário"<sup>172</sup>. De acordo com Lenhoff:

Nenhuma das abordagens que foram aplicadas aos escritos russos medievais é capaz de explicar sistematicamente os fenômenos descritos acima<sup>173</sup>. A funcionalidade plural dos textos medievais, sua nomenclatura e estrutura intergenérica, sua forma aberta, e a ubiquidade das anomalias são fatores que devem ser ignorados, trivializados ou tratados como "exceções à regra" se as abordagens devem manter sua validade. [...] Mas "semelhanças familiares" não podem dar conta de casos onde textos que foram relegados a diferentes gêneros exibam equivalências estruturais e funcionais (por exemplo, o sermão sobre a vida de um santo e a *vita* de um santo). Elas também não podem dar conta de casos em que obras com praticamente nenhuma similaridade formal ou temática são colocados dentro da mesma categoria pela comunidade medieval (*Slóvo o Merkúrii Smoliéskom*<sup>174</sup> e *Slóvo o Pólku Ígoreve*<sup>175</sup>)<sup>176</sup>.

Lenhoff então traz uma contribuição importantíssima para os estudos sobre santidade e hagiografia em Rus ao distanciar os escritos sobre santos de uma percepção baseada no gênero literário e tentando recriar o contexto sociocultural de Rus a partir tanto do contexto político quanto da interpretação das fontes. E a mudança de discurso e *formato* dos textos é relacionada com a mudança do ambiente sociocultural e a emergência de novas demandas que modificaram a mensagem e a forma<sup>177</sup> quebrando assim o paradigma da imutabilidade e

<sup>171</sup> LENHOFF, Gail. *The Martyred Princes Boris and Gleb: A Social-Cultural Study of the Cult and the Texts* (UCLA Slavic Studies, Vol 19). Bloomington: Slavica, 1989, p. 7, 18 (Doravante LENHOFF<sup>1</sup>).

<sup>172</sup> *Ibid.*, p. 24 – 26. Lenhoff aqui retoma o conceito de *protogênero*, o qual será explicado quando falarmos sobre literatura em Rus.

<sup>173</sup> A autora refere-se à distinção entre os gêneros levando em consideração sua função em Rus. Ver *Ibid.*, p. 22 – 23.

<sup>174</sup> "Canto sobre Merkúrii de Smolensk".

<sup>175</sup> "Canto da Campanha de Igor" (Título em português dado pela tradutora Maria Aparecida Soares).

<sup>176</sup> "None of the approaches that have been applied to medieval Russian writings is able to account systematically for the phenomena outlined above. The plural functionality of medieval texts, their cross-generic nomenclature and structure, their open-ended form, and the ubiquity of anomalies are factors that must be ignored, trivialized or treated as "exceptions to the rule" if the approaches are to retain their validity. [...] But "family resemblances" cannot account for cases where texts that have been relegated to different genres exhibit structural and functional equivalences (e. g. the sermon on a saint's life and a saint's vita). Nor can they account for cases where works with virtually no formal or thematic similarities are placed within the same category by the medieval community (*Slóvo o Merkúrii Smoliéskom* and the *Slóvo o Pólku Ígoreve*)". LENHOFF<sup>1</sup>, *op; cit.*, p. 23 (Tradução nossa).

<sup>177</sup> *Ibid.*, p. 122.

cristalização da hagiografia e do culto aos santos, abrindo novas possibilidades de pesquisa na área.

Os trabalhos de Børtnes e Lenhoff fazem parte de uma nova etapa historiográfica onde os estudos sobre hagiografia e santidade em Rus começaram florescer especialmente na Rússia a partir de 1985 com a *glasnost*, em 1988 com a comemoração do Milênio do Batismo de Rus pelo príncipe Vladimir Sviatoslavitch, e a eventual dissolução da URSS em 1991<sup>178</sup>, o que de acordo com Simon Franklin ocasionou em um "ressurgimento do interesse nativo" pelo estudo dos santos<sup>179</sup>. Na Rússia, houve republicações de vários livros e artigos do século XIX e início do século XX antes da Revolução Russa, enquanto que em outros países, diversas fontes anteriores ao governo de Pedro o Grande (1672 – 1725) começaram a ser traduzidas e retraduzidas para o idioma vernáculo com edições críticas<sup>180</sup>. No Ocidente novos horizontes teóricos foram experimentados entre historiadores, filólogos e críticos literários; ao passo que não houve na Rússia a abertura imediata de um diálogo entre sua historiografia e a dos países não comunistas, com as obras dentro deste período ainda repetindo a lógica antiteísta soviética e o descaso nos próprios trabalhos sobre os santos e a hagiografia<sup>181</sup>.

As abordagens sobre hagiografia e santidade em Rus não são sempre diferentes, e é importante mencionar as questões e observações que Paul Hollingsworth levanta sobre o tratamento dos santos e da História religiosa em geral de Rus. Ao analisar o papel simbólico dos santos mártires Borís e Gleb na construção das entre os príncipes e o clero de Rus<sup>182</sup>, Hollingsworth chama atenção sobre o tratamento dado por historiadores russos a respeito da

---

<sup>178</sup> Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Polônia e URSS, dentre outros países, comemoraram o Milênio com diversas publicações e conferências acadêmicas a respeito do Cristianismo em Rus de Kiev. O Milênio foi de tal importância que até mesmo o papa João Paulo II (1978 – 2005) emitiu uma carta oficial celebrando evento. Para tal, ver WOJTYŁA, Karol Jozéf (João Paulo II). *Epistola Apostolica Euntes in Mundum ob Expletum Millenium a Baptismo Reginonis Rus' Kioviensis*. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/la/apost\\_letters/1988/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19880125\\_euntes-in-mundum-universum.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/la/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880125_euntes-in-mundum-universum.html). Acessado em 27 de Agosto de 2016 (Link para o documento em latim. O site do Vaticano possui tradução para alemão, espanhol, húngaro, italiano, latim e português; mas estranhamente não há tradução ao russo ou ao ucraniano).

<sup>179</sup> FRANKLIN, Simon. "Towards post-Soviet pre-modernism: on recent approaches to early Rus(s)ian hagiography". In: *Byzantium-Rus-Russia: studies in the translation of Christian culture*. Hampshire: Ashgate, 2002, p. 250 (Doravante FRANKLIN<sup>2</sup>).

<sup>180</sup> No caso dos Estados Unidos, por exemplo, a partir de 1989 a Universidade de Harvard começou a publicar a coleção *Harvard Library of Early Ukrainian Literature* (Biblioteca Harvard de Literatura Ucraniana Antiga), com aclamadas traduções críticas do eslavo eclesiástico antigo ao inglês, muitos destes textos então inéditos em uma língua que não era a original.

<sup>181</sup> FRANKLIN<sup>2</sup>, *op. cit.*, p. 272 – 275.

<sup>182</sup> HOLLINGSWORTH, Paul A., "Holy men and the transformation of political space in medieval Rus". In: HOWARD-JOHNSTON, James D.; HAYWARD, Paul Anthony (Ed.). *The Cult of the Saints in Late Antiquity and the Middle Ages: essays on the contribution of Peter Brown*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 190 – 193.

temática da santidade, buscando enxergar um nacionalismo nascente<sup>183</sup>, tal como tanto os soviéticos marxistas e emigrados buscavam. Hollingsworth ainda afirma que uma metodologia antiquada baseada no culto e/ou canonização "vistos de cima" ou "vistos de baixo", tão comum nos estudos, somente atrasará a pesquisa sobre santidade em Rus, sendo o trabalho do historiador não entender as controvérsias já existentes mas tentar encontrar novas perguntas dentro das certezas existentes<sup>184</sup>. Há também no texto uma duro ataque aos autores que se dedicam ao estudo dos santos em Rus, pois para o autor as pesquisas estão estagnadas em temas ou que já foram discutidos mais vezes do que deveriam e não apresentam nenhum horizonte de pesquisa novo, ou não mencionam a representação dos santos<sup>185</sup>. A crítica de Hollingsworth pode ser sintetizada na seguinte citação:

Em geral (e por isso as exceções se destacam claramente) os estudos religiosos do Leste Eslavo medieval permaneceram intocados pelos desenvolvimentos intelectuais da historiografia medieval tardia e ocidental que tornaram possível a robusta discussão acadêmica sobre o papel do homem sagrado no Mundo Mediterrânico, ao qual pertence o famoso artigo "Holy Man"<sup>186</sup> de Peter Brown. [...] No entanto, pode-se examinar todo o corpo de trabalhos acadêmicos modernos sobre os cultos dos santos na Rus pré-mongol e dificilmente encontrar apenas um traço de influência criativa da Escola dos Annales, da antropologia social ou da sociologia religiosa; e apenas raramente [encontrar] uma menção significativa de Norman Baynes, A. J. Festugière, Arnaldo Momigliano, Évelyne Patlagean, ou Peter Brown, muito menos referências a Mary Douglas e Victor Turner e aos cultos dos homens sagrados islâmicos no norte da África. É ilustrativo que, em 1975, quatro anos após o aparecimento do artigo "Holy Man" de Brown, um historiador tão distinto como Dimitri Obolensky publicou um artigo caracterizando o "culto popular de santos" ("a visão da santidade [...] vistos parcialmente através dos olhos das pessoas simples") como o nível mais alto entre quatro níveis de "religião medieval russa"<sup>187</sup>.

<sup>183</sup> *Ibid.*, p. 204.

<sup>184</sup> *Ibid.*, p. 206 – 209. Paul Hollingsworth baseia-se no artigo de Peter Brown, *The Rise and Function of the Holy Man in the Late Antiquity*, para construir seu argumento sobre a metodologia a ser empregada na análise das canonizações e instaurações de cultos dos santos de Rus de Kiev antes da dominação mongol.

<sup>185</sup> *Ibid.*, p. 205 – 206.

<sup>186</sup> Hollingsworth refere-se ao já mencionado *The Rise and Function of the Holy Man in the Late Antiquity* e ao seu efeito na historiografia.

<sup>187</sup> "In general (and for this reason the exceptions clearly stand out) medieval East Slavic religious studies have remained untouched by the intellectual developments in late antique and Western medieval historiography that have made possible the robust scholarly discussion on the role of the holy man in the Mediterranean world, to which Peter Brown's famous 'Holy Man' article belongs. [...] Yet one could sift through the entire corpus of modern scholarly works on saints' cults in pre-Mongol Rus' and find hardly a trace of creative influence from the Annales school, social anthropology, or religious sociology and scarcely a meaningful mention of Norman Baynes, A. J. Festugière, Arnaldo Momigliano, Évelyne Patlagean, or Peter Brown, much less references to Mary Douglas and Victor Turner and to cults of Islamic holy men in North Africa. It is instructive that in 1975, four years after the appearance of Brown's 'Holy Man' article, such a distinguished historian as Dimitri Obolensky published an article characterizing the 'popular cult of saints' ('the vision of sanctity . . . seen partly through the eyes of simple folk') as the highest of four levels of 'Russian medieval religion'. *Ibid.*, p. 205 (Tradução nossa).

Nesta breve discussão sobre as tendências de análise da hagiografia rusa podemos perceber uma série de especificidades em relação com a hagiografia latina. A começar, é inquestionável entre os autores a influência do modelo de Constantinopla aplicado nos textos. Tal influência não é algo surpreendente visto que os gregos foram os grandes patrocinadores do batismo de Rus, e sobretudo durante o governo de Iarosláv Vladímirovitch (1016 – 1017; 1018 – 1054) houve uma "bizantinização" ou adaptação do ideal de cultura grega em Kiev<sup>188</sup>. Um outro ponto que merece ser mencionado é a influência do panteísmo nordicoeslavo na composição de algumas hagiografias durante os primeiros anos do triunfo do Cristianismo em Rus<sup>189</sup>. Mas provavelmente o mais importante seria a concepção de Lenhoff sobre a influência das demandas socioculturais na construção do texto hagiográfico, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo; embora até onde sabemos e até onde a bibliografia fez-se disponível para esta dissertação, não há trabalhos que vinculem a noção de hagiografia como discurso e a relação entre hagiografia e historiografia. Assim, tentaremos mostrar como as representações de Olga no discurso hagiográfico das fontes selecionadas foram constantemente moldadas a partir das demandas de seus hagiógrafos e como estas afetaram seu lugar na memória ao longo dos séculos XI e XIII.

Este capítulo foi dedicado à apresentação dos horizontes teóricos que guiarão as conclusões desta dissertação. Tentamos dar um resumo conciso do trajeto do conceito acadêmico de hagiografia desde os Bolandistas até as discussões contemporâneas sobre "discurso hagiográfico". A partir do discurso hagiográfico, é possível encontrar em um relato de santidade elementos intrínsecos, no caso da Idade Média, de um tipo de historiografia medieval, da memória contida em determinado texto e sua manipulação pelos hagiógrafos, e de traços evidentes do exercício de um poder simbólico; mas não esquecendo a figura do protagonista. Também tentamos, nos nossos limites, apresentar um conciso resumo das tendências sobre os estudos das hagiografias e dos santos pela historiografia no lado grego e rus(s)o, considerações úteis para o desenvolvimento desta pesquisa.

---

<sup>188</sup> A chamada "Era Dourada" de Iarosláv será eventualmente abordada com mais detalhes. Por hora, ver MARTIN, Janet. *Medieval Russia 980 – 1584*. 2ª ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 87 – 89.

<sup>189</sup> Não trabalhamos muito nesta temática pois trata-se de um tema controverso. Além disso, o discurso sobre Olga possui um alto teor remanescente do panteísmo nórdico e eslavo em algumas passagens, e este terá seu estudo próprio. Para um exemplo de um estudo que leva em consideração os *topoi* pré-cristãos, ver REISMAN, Edward S. "The Cult of Boris and Gleb: Remnant of a Varangian Tradition?". *Russian Review*, Vol. 37, No. 2. (Apr., 1978), p. 142 – 148; onde o autor faz uso da divisão tripartida de Georges Dumézil e do conceito de *dvoeverie* (um conceito bastante importante que norteia os estudos sobre religiosidade em Rus, merecedor de uma síntese no próximo capítulo) para encontrar as alegadas "raízes pagãs" nos escritos e no culto dos santos mártires. Mas também é importante ver a resposta de Gail Lenhoff ao argumento de Reisman e sua própria interpretação da apropriação do panteísmo pelo culto de Boris e Gleb em LENHOFF<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 33 – 41.

## CAPÍTULO II

### RUS DE KIEV: PRÍNCIPES, DEUS(ES) E LETRAS

*No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus*<sup>190</sup>.

Evangelho de João

A passagem supracitada do Evangelho de João consegue ilustrar bem a temática deste capítulo. Rus nem sempre professara a fé dos gregos oficialmente, ou tivera algo que possa ser considerado como literatura<sup>191</sup>, mas a partir de 988 ambos começaram a se desenvolver e se cristalizar de maneira quase mútua. De fato, alguns historiadores consideram que assim que ambos começaram a ocupar um lugar importante dentro da sociedade de Rus, um período inteiramente diferente da história de Rus se iniciou<sup>192</sup>, quando pode finalmente ser conhecida como Rus de Kiev. Logo, o início de sua história começou com sua Cristianização e com sua literatura formal. Mas nossa princesa não faz parte desta história<sup>193</sup>, já que ela viveu algumas décadas antes da Cristianização. O contexto posterior do resgate de sua vida através do discurso hagiográfico presente nas fontes a serem trabalhadas é fundamental para a compreensão da memorialização de Olga, e para isso devemos levar em conta e dissertar brevemente sobre a História de Rus, enfatizando o papel do Cristianismo e da literatura.

Seria bom, porém, antes de começar a explicar a trajetória do Principado, tratar do espaço em si a ser abordado bem como de suas origens. Nossa história começa por volta do século IX, em uma área que vai desde a bacia do rio Dniepre até a fronteira do Império da Khazária<sup>194</sup>, compondo os atuais leste da Ucrânia, noroeste e principalmente sudoeste da Rússia, e leste de Belarus. Conforme Fabrício Moreira, este território conhecido como "planície russa" era composto por cinco partes distinguidas pela historiografia de acordo com

---

<sup>190</sup> Jo 1:1.

<sup>191</sup> Entraremos nesta concepção com um breve debate sobre os conceitos no item 2.5 deste capítulo

<sup>192</sup> Podemos citar a historiadora estadunidense Janet Martin, afirmando que a gênese de uma "Rússia Medieval", incidentalmente o título de seu livro, começou com Vladimir assumindo a posição de príncipe de Kiev. Ver MARTIN, *op. cit.*, p. 1.

<sup>193</sup> Fora argumentado pelo autor desta dissertação, baseado nas conclusões do historiador ucraniano Omeljan Pritsak, que falar de Olga seria falar da "pré-história" de Rus de Kiev. Ver NEVES, Leandro César S. *"Como Uma Pérola no Esterco". Aspectos e Significados do Batismo de Olga de Kiev (Século X A. D.)*. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu: 2015, p. 3.

<sup>194</sup> O Khaganato da Khazária estendia-se de o rio Don até a Ásia Central, perpassando o atual Cazaquistão. Sendo uma potência regional possivelmente desde o século VII, os kházaros agiam, como mediadores entre gregos e árabes, além de afirmarem seu poder na Ásia. A única informação detalhada em português sobre a Khazária encontra-se no útil mas um pouco datado (e tendencioso) trabalho de Marcos Margulies, mas nada desde o lançamento de seu livro fora escrito pelos pesquisadores brasileiros sobre o assunto. Ver MARGULIES, MARGULIES, Marcos. *Os Judeus na História da Rússia*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971, p. 31 – 51.

os fatores topográficos e climáticos bem como as atividades econômicas praticadas pelos povos nativos neste período<sup>195</sup>. Destas nosso foco será a área florestal do sul da Ucrânia onde, como diz a tradição, o lendário Kíi fundara no século VII o que tornar-se-ia mais tarde a cidade de Kiev<sup>196</sup>.

Nesta área, inicialmente habitada pelos mais diversos povos de origem eslava cuja nomenclatura está explícita na *PVL* (e que aceitamos pela simples falta de meios para comprovar<sup>197</sup>) assim como alguns outros de origem turcomana e lapã, foi onde alegadamente ninguém menos que André, apóstolo de Jesus e atual santo padroeiro da Rússia e da Ucrânia (e da Escócia, Romênia, entre outros)<sup>198</sup>, afirmou que uma grande Igreja seria erguida, e com esta um território poderoso com a benção de Deus<sup>199</sup>. Mas em termos históricos, um grupo de navegantes nórdicos vindos provavelmente da atual Suécia adentraram os territórios do norte da planície russa desde o século VIII em busca de prata<sup>200</sup>, que eventualmente foi ao sul em direção ao rio Dniepre em busca de uma nova rota comercial para os depósitos de prata no Califado Abássida e, mais tarde, o fortalecimento dos laços com Constantinopla. Este é o pontapé inicial para a nossa história (e História).

---

<sup>195</sup> MOREIRA, Fabrício de Paula Gomes. *A constituição político-cultural da autoridade dos príncipes Rus' entre os séculos X e XII*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Mariana: Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Ouro Preto, 2014, p. 14 – 18.

<sup>196</sup> *PVL-Or*, p. 9; *PVL-Li*, p. 145; *CrN*, p. 42; *RPC*, p. 54 – 55.

<sup>197</sup> Entre os povos citados estão os Polianianos, os Krivitchinianos, Dregovitchianos, entre outros. Oleksiy Tolochko chama atenção para a possibilidade da listagem das tribos ser somente um mito fundador de um povo. Ver TOLOCHKO, Oleksiy. "The Primary Chronicle's 'Ethnography' Revisited: Slavs and Varangians in the Middle Dnieper Region and the Origin of the Rus' State". In: GARIPZANOV, Ildar H.; GEARY, Patrick J.; URBAŃCZYK, Przemysław (Ed.). *Franks, Northmen and Slavs: Identities and State Formation in Early Medieval Europe*. Turnhout: Brepols, 2011, esp. p. 172 – 193 (Doravante TOLOCHKO<sup>1</sup>).

<sup>198</sup> Sobre a figura medieval do apóstolo, ver JACOPO DE VARAZZE. "Santo André". In: *Legenda Áurea: Vidas de Santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica por Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 58 – 68. Seja qual for a fonte que Jacopo utilizou para compor sua narrativa, lá está presente que André atuou como missionário na região da Cítia, nome dado na Antiguidade à parte da região que mais tarde faria parte de Rus, logo implicando que era conhecido a suposta estadia do apóstolo em Rus; cf. *ibid.*, p. 59.

<sup>199</sup> *PVL-Or*, p. 9; *PVL-Li*, p. 145; *CrN*, p. 42; *RPC*, p. 53 – 54.

<sup>200</sup> FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. *The Emergence of Rus 750-1200*. Essex: Longman, 1996, p. 9.



Mapa das migrações dos povos eslavos, turcomanos e dos escandinavos nos século VIII – IX para o território que viria a se tornar Rus de Kiev. Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/89/East\\_Slavic\\_tribes\\_peoples\\_8th\\_9th\\_century.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/89/East_Slavic_tribes_peoples_8th_9th_century.jpg). Acessado em 12 de Outubro de 2016.

A estrutura política de Rus até o final do século XIII será brevemente discutida nos quatro primeiros subtópicos, começando pela alegada formação de uma entidade política conhecida como Rus (e mais adiante, Rus de Kiev)<sup>201</sup> no século IX. Abordaremos de maneira

<sup>201</sup> Por não concordarmos com nenhuma aplicação que conhecemos do conceito de "Estado", não utilizaremos o termo para referirmos a Rus de Kiev. Termos com certa equivalência como *Gossudárstvo*, *Straná* e *Otiétchestvo*, não foram inicialmente utilizados pelas fontes escritas, que preferiam chamar o que entendiam sobre uma unidade em Rus de "Terra Rus(s)a (*Rússkaia Zemliá*)" e fazia referência somente à área ao redor dos principados de Kiev, Tchernígov e Pereiáslavl, eventualmente alcançando os principados mais ao norte como Nóvgorod e

rápida algumas discussões importantes sobre a formação política tais como a chegada dos escandinavos, o batismo de 988, a "Era Dourada", a perda de prestígio do príncipe de Kiev e subsequente aumento da autonomia dos outros Principados, e a invasão dos Mongóis. Nos últimos dois serão feitos panoramas introdutórios ao funcionamento da Cristandade a escrita e atividade literária em Rus no período abordado, com o foco sendo em Kiev pela bibliografia e pelas fontes disponíveis.

## 2.1 – FORMAÇÃO POLÍTICA, PANTEÍSMO E CRISTIANISMO ANTES DE VLADIMIR, O GRANDE

Falar sobre a formação política de Rus antes de 988 nos obriga a tocar em uma temática ainda controversa após três séculos: a famosa "Controvérsia Normanista" sobre quem se assentou no território e de quem originou a nomenclatura que nomearia o território e o povo. Basicamente desde o século XVIII há uma querela dentro da historiografia da Rus antes dos primeiros príncipes. Nesta briga historiográfica nós temos os Normanistas, acreditam que a origem de Rus é fruto somente dos escandinavos conhecidos como varegues aportando em Kiev e eventualmente "colonizando" a população nativa; e os antinormanistas, afirmando que a nomenclatura englobava unicamente os povos eslavos habitantes da região e que o próprio termo "rus" seria de origem eslava, negando quaisquer influências externas sobretudo as vindas dos nórdicos<sup>202</sup>.

Um modo de ver a situação do ponto de vista tanto dos escandinavos quanto dos eslavos quanto a questão da nomenclatura "Rus" é a hipótese mais aceita por especialistas atualmente, como André Muceniecks. O historiador brasileiro afirmam que o termo derivaria de um grupo de guerreiros cuja liderança e maioria seria escandinava mas também fariam parte eslavos, finos e turcomanos. Em suma, a nomenclatura seria antes de mais nada uma denominação ocupacional que com o passar dos tempos teve sua semântica alterada para a composição étnica que motivou toda a discórdia entre os dois grupos<sup>203</sup>. Seguimos esta

---

Vladímir-Suzdália; cf. HALPERIN, Charles J. "The Concept of the Russian Land from the Ninth to the Fourteenth Centuries". *Russian History*, vol. 2, no 1, 1975, p. 29 – 31. Preferimos então utilizar o termo "território" ou a locução "entidade política"/"entidade administrativa" pelo anacronismo estar em uma escala muito menor do que a nomenclatura "Estado".

<sup>202</sup> André Muceniecks faz uma concisa trajetória da Controvérsia Normanista desde os acadêmicos alemães do século XVIII, incluindo a listagem das fontes disponíveis para a questão, uma possibilidade metodológica de análise do problema, e a visão na historiografia brasileira. Ver MUCENIECKS, André Szczawlinska. *Austrvegr e Gardariki - (re)significações do leste na Escandinávia tardo-medieval*. Tese de Doutorado (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 33 – 51.

<sup>203</sup> *Ibid.*, p. 56.

terceira linha de pensamento mas reconhecemos que a presença dos varegues foi fundamental para a consolidação de uma entidade política na planície russa que mais tarde se tornaria Rus de Kiev.

Como afirmamos, os nórdicos já conheciam o futuro território de Rus desde o século VIII, impulsionados pela procura de rotas comerciais e pela prata que vinha do Califado. Mas a sedentarização somente ocorre a partir do século IX, ao longo da bacia do rio Dniepre. A *PVL* afirma que isto ocorrera em 862, quando os irmãos varegues Riúrik, Síneus e Trúvor foram "convidados" pelos eslavos nativos a serem seus novos líderes pois não havia "ordem"<sup>204</sup>, ao passo que eram dominados pela Khazária neste tempo. Riúrik toma como posse o sul da Planície Russa, e com a morte de seus irmãos ele consegue impor seu domínio às áreas mais ao norte, sobretudo a futura cidade de Nóvgorod. É deste personagem talvez fictício que derivam os "Riuríkidas", a estirpe real de Rus que fora a única dinastia governante até 1598. Quando, todavia, Igor faleceu, o próximo governante fora Oliég, o Vidente (*Viéchtchii*), talvez o primeiro príncipe de Rus, enquanto o filho de Riúrik chamado Igor aparentemente ainda estava em sua minoridade<sup>205</sup>, e Oliég também serviu como seu mentor. Sua liderança, com pouquíssimas fontes até mesmo atestando sua existência, é marcada por confrontos que podem ou não ser verdadeiros contra o Império Bizantino em 907 e 911<sup>206</sup>.

Igor, assumindo de acordo com a datação da *PVL* em 913 após a morte de Oliég e sendo efetivamente o primeiro Riuríkida, entrou em conflito com os gregos em diversas ocasiões, com os confrontos mais emblemáticos sendo a um ataque em 941 e uma derrota para o Império Bizantino em 944. O príncipe foi morto talvez logo após este imbróglio, de uma maneira brutal: conforme a *PVL*, ele fora assassinado pelos Derevlianos ou uma tribo germânica enquanto cobrava-los uma segunda leva de impostos após uma primeira quase imediata. Igor então foi amarrado no meio de dois troncos e partido ao meio, um destino trágico presente curiosamente somente no relato do cronista grego Leão, o Diácono (ca. 950 – 992 ou 994)<sup>207</sup>. Infelizmente, seu herdeiro Sviatosláv Ígorevitch ainda era menor de idade

<sup>204</sup> *PVL-Or*, p. 13; *PVL-Li*, p. 149; *CrN*, p. 47; *RPC*, p. 59.

<sup>205</sup> Não conseguimos encontrar um trabalho que explicasse a dinâmica da maioria para exercer a função de príncipe em Rus de Kiev neste período.

<sup>206</sup> Um "H-L-G-W" fora descrito por fontes kházaras como sendo o governante de Rus, mas há diversos problemas ao confrontar tal menção com os fatos expostos na *PVL*. Ver FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 115 – 116. Ver também ZUCKERMAN, Constantin. "On the Date of the Khazars' Conversion to Judaism and the Chronology of the Kings of the Rus Oleg and Igor. A Study of the Anonymous Khazar Letter from the Genizah of Cairo". *Révue des études byzantines*, 53, 1995, p. 258 – 264.

<sup>207</sup> Citar entradas da *PVL*. O método do assassinato de Igor está em LEÃO, O DIÁCONO. *The History of Leo the Deacon: Byzantine Military Expansion in the Tenth Century*. Traduzido e editado por Alice-Mary Talbot e Dennis F. Sullivan. Washington: Dumbarton Oaks, 2005, p. 156. Enquanto a *PVL* afirma que os algozes do príncipe foram os Derevlianos, Leão o Diácono menciona que ele foi morto pelos "germânicos".

conforme assim como seu pai e após a morte de Riúrik. Então a sucessora de Igor tivera que ser sua esposa e *prima donna* desta dissertação, Olga, mas seu período enquanto regente merece um capítulo especial. Por hora, voltemos ao verdadeiro sucessor ao trono kievano.

Sviatosláv atinge sua maioridade possivelmente em 962, e, ao contrário de sua mãe, se recusa a aceitar a fé dos Gregos. O novo príncipe aparentemente tinha mais coisas com o que se preocupar, como sua campanha massiva expansionista. O príncipe destruiu a Khazária e subjulgou diversos povos nômades da região. Além disso, Sviatosláv organizou uma campanha na região do Danúbio a pedido do Império Bizantino para combater os Búlgaros do Volga<sup>208</sup>, e planejou permanecer na região, em Pereiáslavets. Franklin e Shepard argumentam que esta decisão era baseada em dominar uma nova rota comercial ao longo do Danúbio<sup>209</sup>. Mas o príncipe logo depois atacou territórios gregos, e travou uma guerra com o Imperador João Tzimiskes (969 – 976), sem sucesso. Sviatosláv teve um destino um tanto perturbador, e também por uma tribo. Tal pai, tal filho, diz a *PVL* que o príncipe sofrera uma emboscada dos nômades enquanto carregava os espólios da campanha contra o Império Bizantino e fora assassinado em 972, com seu crânio sendo transformado em um cálice pelos *petchenegues*<sup>210</sup>.

Sviatosláv teve três filhos documentados pela *PVL*. Um destes, Iaropólk, assumiu Kiev em 973 após a morte de seu pai. As fontes não apresentam muita informação sobre os sete anos do principado de Iaropólk, o que faz com que historiadores não enfatizem muito a abordagem sobre ele<sup>211</sup>, somente sabe-se (isto é, confiando na *PVL*) que foi casado com uma freira grega e que assassinou seu irmão Oliég Sviatoslávitch<sup>212</sup> influenciado por um membro de sua *drujína*<sup>213</sup>. Iaropólk seria atacado como parte da campanha expansionista do príncipe de Nóvgorod e seu outro irmão, Vladimir. Este acabou por vencer Iaropolk, que fora morto em uma emboscada de seus próprios seguidores<sup>214</sup>, talvez instigada por Vladimir, e o príncipe da cidade setentrional, ganhando mais tarde o epíteto de "o Grande" (*Velíkii*), tornou-se o

---

<sup>208</sup> Não confundir com o atual país chamado Bulgária. A Bulgária do Volga localizava-se na base do rio homônimo. Sendo oficialmente muçulmana, funcionou durante quase toda a sua existência como um entreposto comercial que conectava mercadores europeus (especialmente nórdicos, rusos, germanos e gregos) com árabes e kházaros, e eventualmente mongóis.

<sup>209</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 145 – 146.

<sup>210</sup> *PVL-Or*, p. 35; *PVL-Li*, p. 172; *CrN*, p. 73; *RPC*, p. 90.

<sup>211</sup> Tanto que dois dos principais manuais de História de Rus dedicam espaço quase ínfimo ao príncipe. Ver FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 151 – 154; VERNADSKY, George. *Kievan Russia*. 2ª Ed. New Haven: Yale University Press, 1972, p. 56 – 58.

<sup>212</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 151 – 152.

<sup>213</sup> Séquito militar que acompanhava o príncipe, logo tinha um status aristocrático e grande poder político dentro da sociedade rusa. Alguns membros podem ou não ter sido boiardos, isto é, verdadeiros aristocratas. Sobre a *drujína*, ver VERNADSKY, *op. cit.*, p. 138 – 139; FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 290 – 291.

<sup>214</sup> *PVL-Or*, p. 36 – 37; *PVL-Li*, p. 172 – 173; *CrN*, p. 74 – 75; *RPC*, p. 91 – 93.

novo governante de Kiev em 980 e iniciou um novo, "santo" capítulo na História de Rus de Kiev.

Antes de Vladimir, é bastante provável que uma união religiosa não existia em Rus, com as diferentes tribos e os varegues crendo em divindades e práticas diferentes. Começando pelos eslavos<sup>215</sup>, há escassez sobre fontes acerca de suas práticas, com os especialistas utilizando tanto das poucas existentes quanto a arqueologia, e até mesmo a cultura popular até o século XIX (e hoje!) devido à "sobrevivência" das práticas com a população mais campesina<sup>216</sup>. Parece que o demiurgo principal seria Perún, divindade associada ao trovão, mencionado ao longo de algumas fontes como a divindade para qual os rusos juravam<sup>217</sup>. De acordo com George Vernadsky, havia também o culto aos ancestrais<sup>218</sup>. Outra figura importante pode ter sido a Mãe Terra Úmida (*Mat Syrá Zemliiá*), que Fedotov argumenta que seria a reminiscência de uma deusa da colheita e fertilidade anterior aos próprios eslavos, Mókoch<sup>219</sup>. Entre outras divindades estão Svaróg, demiurgo do Fogo; Dájbog, divindade do Sol e da fortuna; Stribóg, deus dos ventos; e Viéles, que protegia o gado e provavelmente o comércio<sup>220</sup>.

Quanto aos rusos escandinavos, eles provavelmente eram adeptos aos tradicionais deuses nórdicos. A arqueologia mostra que pingentes femininos do martelo de Thor (*Mjöllnir*) foram encontrados em Rus, significando um possível culto a Thor e/ou assimilação tardia da divindade nórdica com Perún<sup>221</sup>. Alguns ritos são conhecidos por relatos estrangeiros, como do viajante árabe Ibn Fadlan, afirmando que havia um ritual crematório para um morto onde ele era posto em um barco e depois queimado com ouro e animais sacrificados, como galos<sup>222</sup>. E como tentaremos demonstrar no próximo capítulo, Olga teve uma relação direta com uma divindade nórdica. É também possível, embora omissa nas fontes e portanto sendo puramente uma hipótese, que existiam comunidades de muçulmanos e judeus em Rus, respectivamente devido ao contato dos rusos com os búlgaros do Volga e com os kházaros<sup>223</sup>.

---

<sup>215</sup> Mesmo com a informação que temos, não queremos atribuir as divindades eslavas à *todas* as tribos que viviam em Rus, mas assim como a historiografia, evitar a generalização é quase impossível devido à falta de fontes. Vale ressaltar que não se conhece o panteão ou os rituais das tribos turcas que lá habitavam.

<sup>216</sup> FEDOTOV, *op. cit.*, p. 7 – 8.

<sup>217</sup> VERNADSKY, *op. cit.*, p. 54.

<sup>218</sup> *Ibid.*, p. 47 – 48.

<sup>219</sup> FEDOTOV, *op. cit.*, p. 11 – 14.

<sup>220</sup> NEVES, *op. cit.*, p. 22 – 23. Ver também VERNADSKY, *op. cit.*, p. 50 – 56.

<sup>221</sup> NEVES, *op. cit.*, p. 23. Sobre o *Mjöllnir*, ver LANGER, Johnni. "Martelo de Thor (Mjöllnir)". In: *DMN*, p. 301 – 304.

<sup>222</sup> MUCENIECKS, André Szczawlińska. "Ritos Rus". In: *DMN*, p. 411.

<sup>223</sup> O persa Ibn Rustah afirma que no início do século X alguns rusos converteram-se ao Islamismo; cf. *Ibid.*, p. 412. Segundo Muceniecks, porém, Rustah não diferenciava os nórdicos dos eslavos.

Mas eventualmente os rusos "abandonariam" seus panteões em favor do Deus de Abraão e do credo Niceno, uma decisão já tomada pelos seus vizinhos kházaros e búlgaros do Volga com outras variantes do monoteísmo abraâmico: o Judaísmo e o Islamismo, respectivamente<sup>224</sup>. Como dissemos, a tradição justifica a eventual cristianização de Rus a André e a profecia da conversão de Rus, mas o trabalho do apóstolo parece ter sido mais rápido e eficaz nos outros locais por ele visitados como Escócia ou Romênia. Provas concretas sobre a presença do Cristianismo em Rus anteriores ao século X são escassas e duvidosas, com a mais "sólida" sendo a afirmação do Patriarca Fócio de Constantinopla (858 – 867; 877 – 886) em meados da década de 860 sobre uma missão de evangelização aos "Rhos" realizada com sucesso<sup>225</sup>.

Não é possível dizer se foram contadas mentiras a Fócio ou se a missão realmente teve alguns efeitos positivos, mas se o tratado de 907 com os gregos presentes na *PVL* é verdadeiro, eles não juraram lealdade a Deus mas a Perún e Viéles<sup>226</sup>, ou possivelmente às divindades nórdicas do trovão e da fertilidade correspondentes com base na inexistência de menções ao panteão escandinavo na fonte. Somente no tratado de 945 há a menção a rusos cristãos<sup>227</sup>. Seja como for, o fascínio do Cristianismo Ortodoxo de rito Grego que atrairia o príncipe Vladimir ao final do século X em um primeiro momento teve pouca ou nenhuma expressão antes dos meados do mesmo século, ao menos entre o grupo dominante. É provável também que Fócio tenha se referido a um outro estrato que aceitou o Cristianismo, como aldeões ou mercadores, todavia a falta de fontes e vestígios, ao menos que conheçamos, dificulta este tipo de afirmação, por isso deixaremos esta possível questão em aberto.

Uma aristocracia varegue cristianizada em Rus antes de 988 é possível através dos vestígios arqueológicos datados entre 940 e 950. Foram encontrados vários pingentes de cruz ao longo da região de Kiev, indicando uma possível elite mercante cristã, e a própria presença destes objetos pode demonstrar que ser cristão era um *status* mais do que uma profissão de fé<sup>228</sup>. Estes possivelmente entraram em contato com a religião abraâmica através de suas

---

<sup>224</sup> Além de ser um poderoso Império entre duas forças muito mais poderosas (Império Bizantino e Califado Abássida) que conseguiu sobreviver desde o século VII até o X, o Khaganato da Khazária também é notável por ter uma elite e possivelmente khagan que aceitaram o judaísmo. Constantine Zuckerman argumenta que a conversão ocorreu em 863, cf. ZUCKERMAN, *op. cit.*, p. 250; ao passo que Margulies afirma na aceitação ainda no século VIII, cf. MARGULIES, *op. cit.*, p. 42 – 43.

<sup>225</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 54. Vale lembrar que a missão descrita por Fócio aconteceu depois de diversos conflitos entre os rusos e os gregos iniciados em 860 com o ataque a Constantinopla.

<sup>226</sup> *PVL-Or*, p. 17; *PVL-Li*, p. 153; *CrN*, p. 53; *RPC*, p. 38. É válido lembrar que a historiografia, incluindo-nos, acredita na autenticidade dos tratados presentes na fonte e vê uma possibilidade bastante pequena de serem uma invenção do(s) cronista(s).

<sup>227</sup> *PVL-Or*, p. 26; *PVL-Li*, p. 162; *CrN*, p. 63; *RPC*, p. 77.

<sup>228</sup> NEVES, *op. cit.*, p. 27.

viagens até Constantinopla, formando aquilo que o historiador ucraniano Oleksiy Tolochko chama de "Cristianismo Varegue", sendo um tipo de Cristianismo não institucionalizado recebido na cidade Imperial e transplantado em Rus (e em outros domínios escandinavos) pelos mercadores<sup>229</sup>.

Esta grande mescla religiosa em Rus teve "consequências" mesmo após a adoção do Cristianismo como credo único e oficial. Um "fenômeno" baseado na, segundo John Fennell, "dupla adesão" de elementos da fé eslava original na população cristianizada até a contemporaneidade seria a famosa *dvoevériie* ou *fé dual*. A sua ocorrência teria sido mais comum nas áreas mais afastadas dos centros religiosos, o que explicaria o predomínio das críticas da prática à população comum<sup>230</sup>. Basicamente, era percebido por quem escrevia e denunciava que os rusos continuavam com as suas práticas "pagãs" mas ainda assim diziam-se cristãos e participavam dos ritos, como se Jesus fosse uma divindade qualquer no panteão popular, e não havia, até onde as fontes nos permitem perceber, resistência ao Cristianismo<sup>231</sup>. Os futuros especialistas do sagrado detestavam as permanências da fé pré-cristã e atacavam-nas em seus escritos, mas muito pouco podiam fazer para acabar definitivamente com este "problema"<sup>232</sup>, e como veremos, conhecer a mentalidade pré-cristã poderia ser útil em uma tentativa de cristianizá-la para passar uma outra mensagem. A *dvoevériie* esteve também presente em áreas de cristianização tardia como a Estônia medieval, onde assim como em Rus, manifestava-se mais na população rural por meio de práticas como funerais<sup>233</sup>.

## 2.2 – OS "ANOS DOURADOS": VLADIMIR, O GRANDE E IAROSLÁV, O SÁBIO

Uma reviravolta ocorre na História de Rus a partir de 980, com a aceitação do Cristianismo por Vladimir. Mas antes de seu batismo, as fontes tratavam-no de maneira bastante pejorativa, enfatizando sua lascívia com seu suposto e impressionante harém com 800 concubinas espalhadas entre três cidades, além de sua esposa Rogniéda de Pólotsk (!); e sua incredulidade, adorando e promovendo o culto às divindades eslavas como Perún e Mókoch, talvez na tentativa de centralizar a religião de Rus para conseguir maior

<sup>229</sup> TOLOCHKO *apud* NEVES, *op. cit.*, p. 25.

<sup>230</sup> FENNELL, John L. I. *A History of Russian Church to 1488*. Essex: Longman, 1995, p. 40.

<sup>231</sup> Cf. SENYK Sophia. *A History of the Church in Ukraine: Volume I – To the End of the Thirteenth Century*. Roma: Pontificio Instituto Orientale, 1993, p. 198 – 199.

<sup>232</sup> FENNELL, *op. cit.*, p. 42.

<sup>233</sup> Ver VALK, Heiki. "Christianisation in Estonia: A Process of Dual-Faith and Syncretism". In: CARVER, Martin. *The Cross Goes North: Processes of Conversion in Northern Europe, AD 300 – 1300*. Rochester: York Medieval Press, 2003, p. 571 – 580.

legitimidade, e até mesmo assassinando alguns varegues pois eles eram cristãos<sup>234</sup>. Mas o príncipe também era louvado como um grande guerreiro conquistador, entrando em confronto direto com diversas tribos nativas e territórios vizinhos como a Bulgária do Volga<sup>235</sup>. Se estes relatos foram verdade ou não, o que importa é que Vladimir ainda não era um príncipe cristão, mas sua conversão estava próxima.

Vladimir seguiu a tendência de grande parte dos governantes da Europa fora do espectro acadêmico conhecido como "Ocidente Medieval" entre os séculos IX e XI a aceitar o Cristianismo e encorajar a sua propagação em seus domínios<sup>236</sup>. Apesar da *PVL* descrever a "iluminação" do príncipe em 988 como um ato milagroso seguido de testemunhos acerca da glória e pompa do Cristianismo de rito Grego, a historiografia tende a ser mais cautelosa e o batismo de Vladimir torna-se um problema com diversas soluções. Deixando de lado o quando e onde<sup>237</sup>, a hipótese mais aceita sobre a motivação principesca de aceitar o Cristianismo seria uma troca de favores entre Rus e o Império. O Imperador bizantino Basílio II (976 – 1025), precisando de reforços contra a insurgência do militar Bardas Phokas, solicitou auxílio militar do príncipe de Kiev, e em troca este quis a mão de Ana Porfirogênita, irmã de Basílio e aristocrata bastante cobiçada pelos monarcas europeus<sup>238</sup>; mas logo após o auxílio Vladimir atacou Quérson<sup>239</sup>, e lá provavelmente fora batizado<sup>240</sup>.

<sup>234</sup> *PVL-Or*, p. 38 – 39; *PVL-Li*, p. 175; *CrN*, p. 77 – 78; *RPC*, p. 95 – 96.

<sup>235</sup> Sobre a imagem de Vladimir na *PVL* antes de sua conversão, ver BUTLER, *op. cit.*, p. 34 – 40.

<sup>236</sup> Entre os exemplos, temos Boris do Império da Bulgária (852 – 889), Borivoj da Boêmia (867 – 889), Haroldo Gormsson "Dente-Azul" da Dinamarca (958 – 986), Mieszko I da Polónia (960 – 992), Estevão I da Hungria (1000 – 1038), Olaf Haraldsson da Noruega (1015 – 1028). De acordo com Nora Berend (que exclui os búlgaros pois eles "sucumbiram" anos mais tarde), estes processos de cristianização estão relacionados a formações político-territoriais e centralização do poder dos governantes e de uma elite, cf. BEREND, Nora. "Introduction". In: BEREND, Nora (Ed.). *Christianization and the Rise of the Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900 – 1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 6; 31.

<sup>237</sup> Sobre o debate acerca do local e da data, ver MOREIRA, *op. cit.*, p. 63 – 72. Acreditamos que o batismo tenha ocorrido em 987 em Quérson, mas não descartamos que o príncipe poderia ter sido batizado de maneira não oficial anteriormente em Kiev.

<sup>238</sup> Cf. RAFFENSPERGER, Christian. *Reimagining Europe: Kievan Rus' in the Medieval World, 988 – 1146*. Cambridge: Harvard University Press, 2012, p. 162.

<sup>239</sup> Em gr. *Khersonēsos*, cidade portuária localizada na Península da Crimeia nas margens do Mar Negro que pertencia aos bizantinos.

<sup>240</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 161; MARTIN, Janet. *Medieval Russia 980 – 1584*. 2ª ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 8 – 9; MOREIRA, Fabrício de Paula Gomes. "O batismo de Vladimir e as relações entre Rus' e o Império Bizantino no fim do século X". *Revista Alethéia de Estudos sobre Antiguidade e Medievalo* – Volume 2/2, Agosto a Dezembro de 2010, p. 7 (Doravante MOREIRA<sup>1</sup>); BOLENSKY, Dmitry. *The Byzantine Commonwealth: Eastern Europe, 500 – 1453*. Nova Iorque: Praeger Publishers, 1971, p. 192 – 198; RAFFENSPERGER, *op. cit.*, p. 162 – 163; VODOFF, Vladimir. *Naissance de la Chrétienté russe: La conversion du prince Vladimir de Kiev (988) et ses conséquences (XIe-XIIIe siècles)*. Paris: Fayard, 1988, p. 63–66.

As implicações políticas do casamento com Ana são várias, desde a obtenção de um poderoso status simbólico de laço direto com o Império Romano<sup>241</sup> assim legitimando-se dentro do contexto europeu, até a centralização política e legitimação dentro de Rus tendo como base uma religião unificadora<sup>242</sup>. Ao contrário de Olga, Vladimir empenhara-se em converter seu povo, seja pela construção de Igrejas e importação de clérigos estrangeiros, ou pela força, como afirma o Metropolita Hilarião<sup>243</sup>.

Quando Vladimir faleceu em 1015, seus filhos entraram em uma guerra pelo trono Kievano. Aparentemente filho da união entre Vladimir e a viúva grega de Iaropólk, Sviatopólk Vladímirovitch de Túrov, também conhecido pelo carinhoso epíteto de Amaldiçoado (*Okaiányi*), era o primogênito e, possivelmente, deveria ser o novo príncipe<sup>244</sup>, mas quem herdou Kiev fora Boris de Rostóv. Ainda afirma a tradição que, temeroso que perderia o poder para seus irmãos, o novo príncipe optou pela solução mas simples: fratricídio. Com tratava-se do principal obstáculo, Boris fora o primeiro a perecer, sendo morto por mercenários em sua própria residência. Gleb de Múrom foi o próximo, sendo vítima de uma emboscada envolvendo a notícia que seu pai havia morrido, e foi assassinado por seu cozinheiro coagido por um mercenário<sup>245</sup>. Estes mais tarde no mesmo século tornaram-se em mártires, e sem dúvida nos mais importantes santos de Rus de Kiev, mas falaremos mais sobre eles mais abaixo. Sviatosláv Vladímirovitch também caíra nas garras de Sviatosláv enquanto na Hungria, mas este não virou santo.

Então Iarosláv Vladímirovitch de Nóvgorod, que obterá futuramente o epíteto "Sábio" (*Múdryi*), entrou em guerra com Sviatopólk, esta durando quatro anos. Em 1016 Iarosláv venceu e tornou-se príncipe de Kiev, mas Sviatopólk retornou com reforços poloneses e petchenegues, e reassumiu o controle em 1018. Todavia no próximo ano ele sofreu uma derrota talvez definitiva, pois Sviatopólk foge novamente para jamais ser mencionado novamente na *PVL*. O descanso de Iarosláv ainda estava longe de acontecer, pois seu outro

<sup>241</sup> RAFFENSPERGER, *op. cit.*, p. 163. Raffensperger faz uso de seu conceito de "Ideal Bizantino" (*Byzantine Ideal*), que consiste na ideia de que O Império Bizantino seria o resquício do Império Romano, logo associações com os gregos como titulação, arte, sigilografia e *et cetera*, incrementavam a própria legitimidade dos monarcas cristãos europeus; cf.; *ibid.*, p. 11 – 16. Embora o autor não mencione, achamos válido que o casamento de Vladimir com Ana possa ter dado certo *status quo* ao príncipe e a Kiev no cenário internacional.

<sup>242</sup> MOREIRA<sup>1</sup>, *op. cit.* p. 10 – 11. É provável que esta não seria a primeira tentativa de Vladimir estabelecer uma religião oficial, dado os relatos da *PVL* sobre a sua promoção do culto das divindades eslavas.

<sup>243</sup> Cf. METROPOLITA HILARIÃO DE KIEV. *op. cit.*, p. 19.

<sup>244</sup> Uma fonte estrangeira afirma que Sviatopólk tinha sido preso em 1013 por conspirar contra seu pai, relato não encontrado nas fontes de Rus; cf. FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 185.

<sup>245</sup> Este relato está presente em uma das principais fontes sobre os irmãos e uma das mais antigas fontes de Rus, ver abaixo, p. 71 – 72. Para a fonte, ver a tradução em inglês presente em NESTOR, O CRONISTA. "Lesson on the Life and Murder of the Blessed Passion-Sufferers Boris and Glëb". In: *The Hagiography of Kievan Rus'*. Traduzido, comentado e compilado por Paul A. Hollingsworth. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 3 – 32.

irmão Mstisláv de Tmutarakán e atacou Kiev em 1024, mas a solução não fora tão sangrenta desta vez pois ambos os príncipes concordaram em implantar uma diarquia que perdurou até 1036 com a morte de Mstisláv, dando início assim à "Era Dourada"<sup>246</sup>.

A monarquia de Iarosláv fora a joia da coroa da História de Rus de Kiev, e a historiografia tanto nacional quanto estrangeira orgulhosamente faz questão de louvar o período o máximo possível, não sendo difícil perceber o motivo. Durante a "Era Dourada", Rus (principalmente Kiev) conheceu seu máximo esplendor político, jurídico e cultural. O governo de Iarosláv viu uma impressionante "paz" territorial, ou ao menos ausência de relatos de conflitos. No campo jurídico, o príncipe criou o primeiro estatuto legal *escrito* de Rus, o código de leis conhecido como *Rússkaia Právda*<sup>247</sup>. Além das leis escritas, Iarosláv também foi um patrono das letras, com uma grande quantidade de textos majoritariamente religiosos sendo traduzidos para o eslavo eclesiástico antigo durante seu mandato<sup>248</sup>. Mas provavelmente a maior contribuição do governo de Iarosláv tenha sido seu projeto de "bizantinização" de Kiev, talvez mais obviamente expresso na construção da grandiosa Igreja de Santa Sofia de Kiev, que tentara imitar a majestade de sua homônima original na Cidade Imperial<sup>249</sup>. Nóvgorod também entrou no jogo e começou a remodelar-se, criando até mesmo sua própria Santa Sofia<sup>250</sup>. As conquistas de Iarosláv foram deveras imensas, citando Franklin e Shepard, que atestam com ressalvas a glória historiográfica do príncipe:

[...] mas as iniciativas de Iarosláv foram reais e multifacetadas: no planejamento e construção, na legislação, na promoção da Fé, na ideologia do domínio dinástico, na aquisição e uso de tecnologias. Embora em muitos aspectos o projeto fosse imitativo, ele também era distinto. Adaptações são inevitáveis até mesmo em empréstimos culturais escrupulosamente fiéis, assim como uma tradução literal não pode evitar perder nuances de seu [texto] original e capturar as nuances de sua nova língua e contexto. [...] O resultado foi uma síntese característica que, com modificações ao longo do tempo, seria quase definitiva, estabelecendo os parâmetros da identidade coletiva entre os rusos, para quem o reinado de Iarosláv passou a representar um tipo de Era Dourada<sup>251</sup>.

<sup>246</sup> Como exemplo da nomenclatura, ver MARTIN, *op. cit.*, p. 87 – 89.

<sup>247</sup> Na verdade, a denominação *Rússkaia Právda* é o nome também dado às interpolações futuras ao manuscrito original de Iarosláv, que não sobreviveu de forma pura mas por diversas reconstituições de historiadores. Ver FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 217.

<sup>248</sup> *Ibid.*, p. 238. Ver também FRANKLIN, Simon. *Writing, Society and Culture in Early Rus, c. 950 – 1300*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 210 – 216 (Doravante FRANKLIN<sup>3</sup>) para uma teoria da tradução em Rus.

<sup>249</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 211 – 212.

<sup>250</sup> MARTIN, *op. cit.*, p. 89 – 91.

<sup>251</sup> "[...] but Iaroslav's initiatives were real and multi-faceted: in urban planning and construction, in legislation, in the promotion of the Faith, in the ideology of dynastic rule, in the acquisition and use of technologies. Though in many respects the project was imitative, it was also distinctive. Even in scrupulously faithful cultural borrowing some adaptation is inevitable, just as a literal translation cannot avoid losing nuances of its original and cannot avoid picking up nuances from its new language and context [...] The result



Mapa das transformações político-territoriais em Rus de Kiev entre a morte de Vladimir Sviatoslavitch em 1015 e a morte de Sviatopólk II Iziaslávitch em 1113. Atenção aos pontilhados que se referem ao domínio estabelecido por Iarosláv. Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Kievan-rus-1015-1113-%28en%29.png>. Acessado em 12 de Outubro de 2016.

A Cristianização impulsionada por Vladimir e mais tarde Iarosláv deu condições a uma nova instituição e novos atores sociais: a Igreja e seus especialistas do sagrado. Ao

*was a characteristic synthesis which, with modifications over time, was to become almost definitive, setting the parameters of collective identity among the Rus, for whom the reign of Iaroslav came to represent a kind of Golden Age". FRANKLIN e SHEPARD, op. cit., p. 247 (Tradução nossa).*

contrário do Império da Bulgária, que conquistou no século IX uma Igreja Ortodoxa autóctone com seu próprio Patriarca<sup>252</sup>, Rus estava sob a jurisdição de Constantinopla. Logo, primeira leva de clérigos recém-chegados eram bizantinos e "importações" do Império, incluindo os primeiros Metropolitas<sup>253</sup>. Como a cidade de Kiev era o centro político de Rus, o mesmo aconteceu com a sede do Metropolitanato, mas foi somente em meados do século XI que o primeiro Metropolita *de facto* russo foi apontado para a Igreja de Rus: Hilarião de Kiev. Cumprindo seu papel eclesiástico durante a "Era Dourada", Hilarião compôs uma das bases ideológicas do Cristianismo de Rus e também dos príncipes: o *Sermão sobre a Lei e a Graça*, (*Slóvo o Zakónie i Blagodáti*), construído com uma fina retórica que celebra a implantação da Graça (Cristianismo) em Rus<sup>254</sup>.

A Igreja tinha como base inicialmente um estatuto legal feito por Vladimir<sup>255</sup>, e depois escrito por Iarosláv no *Rússkaia Právda*. Conforme Vladimir Vodoff, a instituição era mantida principalmente através de dízimos e de terras<sup>256</sup>, e mesmo assim a concentração excessiva de terras só seria comum a partir do século XV<sup>257</sup>. Neste estágio inicial, o clero era geralmente importado dos Impérios Bizantino e da Bulgária<sup>258</sup>. Também não havia nenhum santo de Rus canonizado neste momento, embora alguns autores acreditam que Boris e Gleb foram cultuados pouco tempo depois de falecerem como mártires<sup>259</sup> e, como veremos, havia alguns "santos" sendo planejados a partir do discurso hagiográfico.

### 2.3 – DO TRIUNVIRATO IAROSLÁVITCHII A VLADIMIR MONÔMACO

Até o ouro pode, em casos extremos, oxidar, como aconteceu com a paz da "Era Dourada" após a morte de Iarosláv em 1054. Mas antes disso, o príncipe pode ter tentado evitar a mesma tragédia que ocorrera com seus irmãos através de um testamento que define o novo modelo de sucessão principesca. Iarosláv dividiu Rus entre seus filhos, dando-lhes os

<sup>252</sup> OBOLENSKY, *op. cit.*, p. 93 – 94.

<sup>253</sup> Para os debates sobre origens do primeiro Metropolita de Rus, ver SENYK, *op. cit.*, p. 87 – 89.

<sup>254</sup> Sobre o Sermão, ver FRANKLIN, *op. cit.*, p. xxvi – xxvii.

<sup>255</sup> Ambos os estatutos, mas principalmente o de Vladimir, são considerados pela historiografia como sendo repletos de adições posteriores, o que dificulta saber qual era de fato a legislação dos dois príncipes com a Igreja; cf. FENNELL, *op. cit.*, p. 55.

<sup>256</sup> VODOFF, Vladimir. *Naissance de la Chrétienté russe: La conversion du prince Vladimir de Kiev (988) et ses conséquences (XIe-XIIIe siècles)*. Paris: Fayard, 1988, p. 148 – 151.

<sup>257</sup> Sobre a relação entre Igreja (e monasticismo) e posse de terra a partir do domínio mongol, ver FENNELL, *op. cit.*, 205 – 217.

<sup>258</sup> Senyk chama atenção para a possibilidade de haver um clero vindo da Boêmia e da Morávia; cf. SENYK, *op. cit.*, p. 55 – 56.

<sup>259</sup> *Ibid.*, p. 231 – 233.

Principados mais importantes de acordo com a idade de cada um<sup>260</sup>. Iziasláv Iaroslávitch de Nóvgorod, sendo o primogênito, assumiu então a cidade de Kiev. No caso da morte do príncipe, quem assumiria seria o seu primeiro irmão; e na ocasião do óbito de todos os irmãos, assume o primogênito do primeiro irmão entre seus tios. Como isto parece confuso aos nossos olhos, exemplificaremos com um *spoiler* da dissertação: após a morte de Vsiévolod, irmão de Iziasláv, o próximo príncipe foi Sviatopólk II<sup>261</sup> Iziaslávitch, filho deste. Com outro *spoiler*, este sistema não funcionou totalmente e tornou os príncipes em Esaú e Jacó.

Rus então consistia em um conjunto de Principados subordinados ao príncipe de Kiev. Até 1063 restaram somente Iziasláv, Sviatosláv II<sup>262</sup> de Tchernígov, e Vsiévolod de Pereiasláv. O governo de Iziasláv, de acordo com a *PVL*, foi marcado por conflitos que ilustraram a mesma fonte em governos anteriores. Três instâncias em particular foram marcas fortes que estilhaçaram a paz estabelecida por seu pai. A primeira foi a chegada dos Pólovtsy ou Cumanos<sup>263</sup>, povo seminômade turco uma nova e perigosa ameaça das estepes que viria a dar uma enxaqueca terrível aos diversos futuros príncipes com seus demasiadamente constantes ataques aos Principados e constante apoio aos inimigos de Rus. Pouco tempo depois, em 1067, Vsesláv Briatchislávitch de Pólotsk, sobrinho de Iarosláv e logo primo dos *Iaroslávitchii*<sup>264</sup>, atacou Nóvgorod e os três irmãos capturaram-no. Entretanto em 1068, uma nova invasão dos Pólovtsy fez com que a própria população de Kiev<sup>265</sup> alegadamente libertasse Vsesláv e o nomeasse príncipe acusado de não auxiliar o povo durante os ataques dos nômades, expulsando Iziasláv da cidade e do trono.

Iziasláv fugiu para a Polônia e retornara em 1069 com ajuda militar dos poloneses, derrotando as forças de Vsesláv e fazendo com que este fugisse para Pólotsk. Mas Iziasláv ainda não teria um governo tranquilo. Em 1073, uma coalizão entre seus irmãos o retiraram novamente de Kiev, e ambos assumiram o trono por mais três anos. Enquanto isso, Iziasláv, exilado na Europa Latina, notoriamente manteve relações com o Papado e outros territórios da Cristandade Latina, até recorrendo ao Papa para resolver um assunto de diplomacia externa

---

<sup>260</sup> MARTIN, *op. cit.*, p. 29 – 30. Para os problemas do testamento, como a omissão de principados, ver FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 247 – 248.

<sup>261</sup> A numeração não fazia parte da titulação do príncipe de Rus, eles sendo reconhecidos nas fontes por seus patronímicos (nome do pai acompanhado do sufixo *-vitch*). Para evitar a confusão com Sviatopólk Vladímirovitch, o Amaldiçoado, utilizaremos o "II" após o nome do príncipe.

<sup>262</sup> Para evitar a confusão com Sviatosláv Ígorevitch, marido de Olga, utilizaremos o "II" após o nome do príncipe. Ver nota 54.

<sup>263</sup> Conforme a *PVL*, sua primeira aparição no território de Rus teria ocorrido em 1061. *PVL-Or*, p. 71; *PVL-Li*, p. 208; *CrN*, p. 117; *RPC*, p. 146.

<sup>264</sup> Filhos de Iarosláv.

<sup>265</sup> Graças ao conselho cidadão conhecido como *viétche*, um tipo de assembleia cidadina composta pelos livres de determinada cidade. Toda cidade tinha um *viétche*. VERNADSKY, *op. cit.*, p. 185 – 186.

com Bolesław II da Polônia (1073 – 1079) e jurando obediência ao Pontífice, mesmo depois do Grande Cisma de 1054<sup>266</sup>. A morte de Sviatosláv II em 1076 fez com que Vsiévolod se tornasse o novo príncipe, mas em 1077 Iziasláv retornou novamente a Kiev com um novo exército. Ambos então concordaram em dividir o trono kievano até 1078, quando Iziasláv é morto sendo empalado por uma lança ao defender Tchernígov, então posse de Vsiévolod e lutando para auxiliá-lo, das tropas de seu sobrinho Oliég Sviatoslávitch de Tchernígov<sup>267</sup> ajudado pelos Pólovtsy<sup>268</sup>.

Vsiévolod fora o único *Iaroslávitch* sobrevivente e governara Kiev até 1093, sendo príncipe tanto da capital como de Tchernígov e Pereiaslávli juntamente com seus filhos, e continuou a disputa com Oliég Sviatoslávitch. a morte de Vsiévolod em 1093 parece ter retomado ao testamento de Iarosláv, pois Sviatopólk II Iziaslávitch assume o trono de Kiev. O novo príncipe tentou se abster de sua briga familiar, não intervindo muito no conflito entre seus primos Oliég de Tchernígov e o novo príncipe deste (e também Pereiaslávli), Vladimir Vsiévolodovitch, ou Vladimir Monômaco<sup>269</sup>, mas acabou ajudando este na maior parte do tempo. Finalmente em 1097, os conflitos aparentemente pausaram com o Acordo de Liúbetch<sup>270</sup> no qual os príncipes concordaram tanto em unir-se contra os Pólovtsy quanto, mais importante, em assumir as terras que foram de seus pais e redistribuíram outros principados para os príncipes órfãos: Sviatopólk continua com Kiev, Oliég finalmente consegue Tchernígov, e Vladimir Monômaco se assenta em Pereiaslávli<sup>271</sup>. Inicialmente o acordo não teve sucesso, pois um de seus príncipes signatários, Vassílko Rostislávitch, fora cegado por uma conspiração que contou com Sviatopólk e Davi Ígorevitch, ambos também participantes de Liúbetch. O ato consternou Vladimir Monômaco<sup>272</sup>, e este com a ajuda de seu antigo rival Oliég atacou seus primos. Um outro acordo fora então firmado em 1100 na cidade

<sup>266</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 257 – 258. Raffensperger argumenta que o contato entre Iziasláv e o Papado mostra que não havia inimizades entre a Igreja de Rus e a Latina e seria benéfica para ambos os lados; cf. RAFFENSPERGER, *op. cit.*, p. 166 – 169.

<sup>267</sup> Não confundir com Oliég Sviatoslávitch, irmão de Iaropólk e Vladimir que fora assassinado por aquele.

<sup>268</sup> *PVL-Or*, p. 85 – 86; *PVL-Li*, p. 233 – 234; *CrV*, p. 132 – 133; *RPC*, p. 166. Após a morte de Sviatosláv II, Vsiévolod obtivera o Principado de Tchernígov como deveria ser a norma dita pelo testamento de Iarosláv, e o ataque de Oliég de Tchernígov pode ter ocorrido para reconquistar a terra de seu pai. FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 259 – 260.

<sup>269</sup> Do grego *Monomakhos* ("que luta em um [único] combate"), sobrenome de uma família aristocrática bizantina que chegou ao poder no século XI com o Imperador Constantino IX Monômaco (1042 – 1055). A esposa de Vsiévolod e mãe de Vladimir era da família do Imperador, passando o sobrenome a Vladimir. Cf. KAZHDAN, Alexander. "Monomachos". In: *ODB*, Vol. II, p. 1398.

<sup>270</sup> Cidade do Principado de Tchernígov.

<sup>271</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 265 – 269; MARTIN, *op. cit.*, p. 36 – 37. Os outros príncipes envolvidos no acordo, todos primos de Sviatopólk II, foram Vassílko Rostislávitch (Terebóvl), Volodár Rostislávitch (Pchémysl) e Davi Ígorevitch (Vladimir-na-Volínia).

<sup>272</sup> Cegar os oponentes políticos como um castigo não era um ato comum entre os rusos, mas era frequente entre os gregos. Ver KAZHDAN, Alexander. "Blinding". In: *ODB*, Vol. I, p. 297 – 298.

de Utiébitchi<sup>273</sup> para tentar novamente selar a paz e julgar Davi, que fora acusado de incitar Sviatopólk II contra Vassílko. Franklin e Shepard analisam o governo de Sviatopólk como positivo, sendo importante para a fundação das bases de uma cultura política em Rus<sup>274</sup>. Até a morte de Sviatopólk II em 1113, uma paz relativa reinou entre os principados, enquanto os príncipes finalmente se uniram contra os Polovtsy em guerra mas também em paz.

Vladimir *Vsiévolodovitch* Monômaco assumiu, possivelmente de má vontade com base na cronística, o trono de Kiev em 1113. A *PVL* explica que sua ascensão ocorreu pelo desejo da própria população participante do *viétche* do Principado, mas o príncipe recusou, o que instigou a pilhagem do palácio e o ataque ao representante do príncipe, aos seus funcionários e, por alguma razão, aos judeus<sup>275</sup>. Como uma aterrorizante moeda de troca, a população convidou novamente Vladimir Monômaco a assumir Kiev, prometendo desta vez outros protestos e ataques diretos à nobreza e aos monastérios caso a demanda não fosse atendida<sup>276</sup>. Caso o leitor lembre sobre um pequeno evento, pouco conhecido e sem muita importância em escala global que ocorreu quase no mesmo local uns oitocentos e quatro anos mais tarde denominado *Revolução Russa*, não se preocupe, pois a historiografia nativa também o fez<sup>277</sup>. De qualquer modo, o governo de Vladimir Monômaco fora marcado por uma relativa paz. Antes de falecer em 1125, o príncipe deixou um testamento aos seus filhos (*Poutchéniie Vladímira Monomákha*; Ensinamento de Vladimir Monômaco), dizendo como os futuros governantes deveriam agir e se comportar. Repleto de homilias e demonstrando conhecimento de forma e conteúdo, o testamento é considerado como um dos grandes marcos da literatura laica de Rus<sup>278</sup>.

<sup>273</sup> Cidade localizada no Principado de Kiev, próxima à bacia do Dniepre.

<sup>274</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 276.

<sup>275</sup> O movimento não seria necessariamente um *pogrom* conforme afirma Margulies; cf. MARGULIES, *op. cit.*, p. 89 – 90; 99. A obscuridade do evento nas fontes impede, porém, uma interpretação do motivo. Para possivelmente a melhor explicação da revolta, ver FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 287 – 288.

<sup>276</sup> *PVL-Or*, p. 125 – 126; *PVL-Li*, p. 260 – 261; *CrN*, p. 167. Como a versão de Cross e Sherbowitz-Wetzor não vai além da Laurentiniana, este relato não encontra-se na tradução ao inglês.

<sup>277</sup> Embora não se rotule como Marxista, George Vernadsky equipara com as explicações de revolução de classe que deu origem à URSS; cf. VERNADSKY, *op. cit.*, p. 94.

<sup>278</sup> O texto está disponível em russo em VLADIMIR VSIÉVOLODOVITCH MONÔMACO. "Poutchéniie Vladímira Monomákha [Ensinamento de Vladimir Monômaco]". In: *Bibliotéka Literatúry Driévnei Russí. Tom I [Biblioteca de Literatura da Rus Antiga. Tomo I]*. Editado e traduzido por Dmítii Likhatchiév *et al.* São Petersburgo: Naúka, 1997, p. 456 – 475. Sobre a fonte, ver TERRAS, Victor. *A History of Russian Literature*. New Haven: Yale University Press, 1991, p. 44 – 45 (ainda que Terras não o considere como um "grande monumento literário"); TVOROGOV, Oleg V. "The Literature of Kievan Russia (Eleventh to Early Thirteenth Century)". In: LIKHACHEV, Dmitry S. *A History of Russian Literature. 11th-17th centuries*. Traduzido por K. M. Cook-Horujy. Moscou: Raduga, 1989, p. 114 – 117.



Mapa dos principados de Rus entre o falecimento do príncipe Vladimir Sviatoslávitch em 1015 e o de Mstisláv Vladímirovitch em 1132. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/db/Principalities\\_of\\_Kievan\\_Rus%27\\_%281054-1132%29.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/db/Principalities_of_Kievan_Rus%27_%281054-1132%29.jpg). Acessado em 12 de Outubro de 2016.

Durante este meio tempo, houve a consolidação do monaquismo em Rus como uma instituição poderosa, principalmente com a criação do Monastério das Cavernas de Kiev

(*Kievo-Petchérskii Lávra*). Eternizado na *PVL* e também no *Paterík*<sup>279</sup>, a tradição cristã de Rus afirma que um ruso de Liúbetch fora tonsurado no Monte Athos<sup>280</sup> e recebera o nome de Antônio. Após retornar para Kiev depois da deposição de Sviatopólk o Amaldiçoado, Antônio encontrou uma caverna e lá começou a praticar suas orações, assim como o acima mencionado Metropolita Hilarião, e eventualmente o local fora-lhe presenteado por Iziasláv quando o número de monges que faziam o mesmo ritual que Antônio começou a se multiplicar<sup>281</sup>. Embora nesta mesma narrativa exista a menção a outros centros monásticos sem nome, o Monastério das Cavernas é o primeiro documentado e com uma produção que sobreviveu<sup>282</sup>. A razão deve ser o seu poder, pois os escritos que provinham deste frequentemente criticavam os príncipes e, até onde sabemos, nada acontecia com os monges<sup>283</sup>, além deles geralmente atuarem como mediadores de disputas.

Dois membros do Monastério das Cavernas merecem destaque. O primeiro é o abade Teodósio, responsável pelo crescimento econômico e político da instituição a partir de meados do século XI, tendo mais tarde um discurso hagiográfico desenvolvido acerca de sua figura<sup>284</sup>. O segundo consiste em Nestor, o Cronista. Nestor foi teoricamente o autor de diversas obras de caráter religioso, incluindo as hagiografias do já mencionado Teodósio, Boris e Gleb (os quais falaremos abaixo) e talvez mais importante, a *PVL*. Embora hoje é aceito que não existiu um autor único para a fonte<sup>285</sup>, a ideia de que Nestor ao menos contribuiu de algum modo para a *PVL* é difundida entre a historiografia e filologia.

Além dos monastérios, o Cristianismo em Rus também lucrou com os primeiros santos oficiais, sendo eles os mártires<sup>286</sup> Boris e Gleb Vladímirovitch. Diz a *PVL* que em 1072 os Iaroslávitchii se reuniram em favor da celebração aos santos<sup>287</sup>, indicando um possível

<sup>279</sup> Do grego *Paterikon*, consiste em uma compilação de narrativas sobre personagens que o autor julga serem importantes para o Cristianismo.

<sup>280</sup> O Monte Athos (*Hagion Athōs*) ou Monte Sagrado (*Hagion Oros*) foi o mais importante monastério bizantino e ainda um dos principais da Igreja Ortodoxa. Localizado próximo de Tessalônica na Grécia, o mosteiro foi fundado possivelmente no século IX, ganhando força nos dois séculos seguintes e se tornando o centro da produção cristã da Ortodoxia. Ver TALBOT, Alice-Mary; KAZHDAN, Alexander. "Athos, Mount". In: *ODB*, Vol. I, 224 – 226.

<sup>281</sup> *The Paterik of the Kievan Caves Monastery*. Traduzido, comentado e compilado por Muriel Heppell. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 18 – 24.

<sup>282</sup> SENYK, *op. cit.*, p. 242.

<sup>283</sup> FENNELL, *op. cit.*, p.66.

<sup>284</sup> *Ibid.*, p. 65. Para a hagiografia de São Teodósio, ver NESTOR, O CRONISTA. "The Life of Our Venerable Father Feodosij, Superior of the Caves Monastery". In: *The Hagiography of Kievan Rus'*. Traduzido, comentado e compilado por Paul A. Hollingsworth. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 33 – 95.

<sup>285</sup> Ver introdução, p. .

<sup>286</sup> O termo no original é *Strastotiérpets* (literalmente "que aguentam/toleram a Paixão"), que de acordo com Viktor Jivov é reservado àqueles que sofriram o martírio causado por enganações e armadilhas. Quase nunca há resistência de um *Strastotiérpets* nas narrativas. JIVÓV, *op. cit.*, p. 105 – 106.

<sup>287</sup> *PVL-Or*, p. 78; *PVL-Li*, p. 216; *CrN*, p. 125; *RPC*, p. 154 – 155.

*terminus post quem* dos primeiros santos nativos de Rus. Sua possível primeira hagiografia, intitulada *Lição sobre a Vida e o Assassinato dos Beatíficos Boris e Gleb (Tchtiéniie o Jití i o Pogubliénii Blajénnuiu Borísa i Gliéba)*, fora escrita por Nestor talvez antes de 1074<sup>288</sup>. O culto aos mártires possui em seu início uma adaptação de valores pré-cristãos ao discurso hagiográfico<sup>289</sup>, e de acordo com Lenhoff, desenvolveu-se a partir de testemunhas que encontraram o corpo de Gleb e experimentaram milagres de cura<sup>290</sup>. Seu surgimento e difusão podem estar relacionados com sua moral: coisas ruins acontecem com irmãos que brigam, logo é necessária a propagação do amor fraternal. Teodósio também tornou-se um santo oficializado pelo Monastério das Cavernas, tendo sua hagiografia sendo escrita possivelmente por volta da década de 1070 após a morte de Teodósio em 1074, e tendo suas relíquias transladadas no final do século XI, e seu culto sendo oficialmente realizado a partir do início do século XII<sup>291</sup>.

#### 2.4 – FRAGMENTAÇÃO FAMILIAR E O DOMÍNIO MONGOL

Vladimir Monômaco teve muitos filhos, e a partir dele a sua descendência passou a controlar a maior parte de Rus como príncipes<sup>292</sup>. Mstisláv Vladímirovitch, o Grande, assumiu em 1125 após a morte de seu pai, e seu irmão Iaropólk II Vladímirovitch viria logo depois em 1132. Durante este intervalo, a supremacia de Kiev e uma relativa paz continuaram a pairar sobre o principado sob um único ramo dos descendentes de Monômaco em uma sucessão direta. Esta situação viera a mudar drasticamente.

Kiev estava em um excelente momento econômico no século XII, principalmente pelo controle da rota até os gregos, e os outros principados também estavam lucrando cada um de sua maneira<sup>293</sup>. Mas este seria o início da derrocada da hegemonia kievana sobre o restante de Rus. Como afirmam Franklin e Shepard, os motivos não foram econômicos, embora a prosperidade ajudou os outros principados a obterem uma maior autonomia e objetivos regionais<sup>294</sup>. O constante caos dinástico, todavia, teve a honra de impulsionar a perda de autoridade da capital. Acontece que conforme foram-se multiplicando a descendência de Vladimir Monômaco e a de seus descendentes, os novos Riuríkidas formaram suas próprias

---

<sup>288</sup> HOLLINGSWORTH, *op. cit.*, p. xxxv.

<sup>289</sup> Ver LENHOFF<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 33 – 41.

<sup>290</sup> *Ibid.*, p. 53 – 54.

<sup>291</sup> SENYK, *op. cit.*, p. 256 – 257.

<sup>292</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 340.

<sup>293</sup> Sobre a economia de Rus neste período, ver *Ibid.*, p. 324 – 337.

<sup>294</sup> *Ibid.*, p. 337 – 338.

dinastias entre si, e cada um tentou, de uma forma ou de outra, obter recursos e poder em seus próprios principados e assim promovendo um desenvolvimento interno a partir do estabelecimento de áreas tributárias patrimoniais<sup>295</sup>, e tanto fizeram aqueles que não pertenciam à prole de Vladimir Monômaco. O fortalecimento dos arredores então fez com que Kiev enfraquecesse. O prelúdio da queda da influência política de Kiev começou com a morte de Iaropólk II em 1139<sup>296</sup>. Viatchesláv Vladímirovitch tornou-se o príncipe da capital, mas no mesmo ano seu primo Vsiévolod Ólgovitch de Tchernígov, filho do acima mencionado Oliég de Tchernígov, toma o poder por força e lá permanece até 1046, quando este falece e seu irmão Igor Sviatoslávitch assume, a contragosto da população<sup>297</sup>. Mas no mesmo ano Iziasláv II Mstislávitch coloca a sua dinastia de volta ao trono kievano após tomar Kiev militarmente<sup>298</sup>, e a situação fica mais confusa a partir de então. Enquanto isso, Jorge Vladímirovitch "Braço-Longo" (*Iúrii Dolgorúkii*), o filho mais novo de Vladimir Monômaco e então príncipe de Rostóv, patrocina o desenvolvimento de uma pequena cidade fortificada ao Nordeste de Rus, chamada Moscóvia ao mesmo tempo que também competia por Kiev, tomando-a em 1149 mas perdendo-a dois anos depois para os depostos Viatchesláv e Iziaslav II, que concordaram em dividir o Principado por meio de moradias diferentes na mesma cidade<sup>299</sup>. Jorge Braço-Longo retornou ao poder em 1055 após a morte de Viatchesláv e Iziaslav II em 1154, expulsando o então príncipe Iziasláv Davydóvitch, neto de Sviatosláv II.

Entendendo o possível cansaço do leitor com os vários *-vitchi* presentes até aqui, resumiremos neste parágrafo o resto da ópera. E é com este tom conflituoso entre primos e irmãos que as disputas pelo principado de Kiev aconteceram a partir de então até o século XIII. Dois momentos devem ser enfatizados, porém, que tem efeito direto no destino da capital. O primeiro é relacionado com uma outra longa crise de sucessão em 1167. Neste ano, depois de quase uma década de ausência de brigas por Kiev<sup>300</sup>, falece o príncipe Rostisláv Mstislávitch (1158 – 1167). Em seu lugar entra Mstisláv II Iziaslávitch por meio da força, e uma coalizão entre alguns demais príncipes liderada André Iúrevitch "Bogoliúbskii"<sup>301</sup> de Vladímir-Suzdália, filho de Jorge Braço-Longo, foi formada, que arrasou Kiev, expulsou Mstisláv II e implantou diversos novos príncipes do ramo de Jorge e de André em Rus, sendo a primeira vez que uma autoridade que não era de Kiev teria obtido este poder de indicação,

<sup>295</sup> Cf. *Ibid.* p. 340.

<sup>296</sup> Janet Martin afirma que o declínio começou antes, com a disputa entre Iaropólk e outros príncipes por Kiev; cf. MARTIN, *op. cit.*, p. 117 – 119.

<sup>297</sup> *Ibid.* p. 121; FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 346.

<sup>298</sup> *Ibid.* p. 346 – 348.

<sup>299</sup> *Ibid.* p. 348 – 350.

<sup>300</sup> Cf. MARTIN, *op. cit.*, p. 123.

<sup>301</sup> Literalmente "de Bogoliúbovo", sendo esta a cidade onde o príncipe residia.

especialmente para a capital<sup>302</sup>. Mais interessante é o fato de que o próprio André jamais cobizou o trono kievano, preferindo o domínio sobre o seu próprio principado e indicando uma mudança de poder para o nordeste. O novo príncipe desta passou a ser o irmão de André Bogoliúbskii, Gleb Iúrevitch. Mesmo após a morte deste em 1171, o príncipe de Vladímir-Suzdália ainda organizou as sucessões dinásticas<sup>303</sup>.

Enquanto o príncipe de Vladímir-Suzdália dava preferência ao norte, o esplendor simbólico de Kiev continuava sendo um atrativo para os governantes dos outros principados. Em 1173, uma coalizão entre principados mais ocidentais como Volínia e Smoliénsk tomou o poder com Sviatosláv III Vsiévolodovitch, descendente de Oliég Sviatoslávitch de Tchernígov, e derrotou a coalizão de André Bogoliúbskii, o qual fora assassinado um ano depois<sup>304</sup>. Mais conflitos entre as famílias visando o trono kievano aconteceram até 1182 com Sviatosláv III e Riúrik II Rostislávitch, este exercendo o poder em seu principado de Smoliénsk, atuando como co-príncipes de Kiev até 1194, o primeiro governo que durou mais de dez anos desde Vladimir Monômaco (apesar de ser um "duunvirato", conforme Martin), quando aquele falece<sup>305</sup>. Neste meio tempo, Vsiévolod III Iúrevitch, apelidado de "Ninho Grande" de Vladímir-Suzdália (*Bolchóie Gnezdó*)<sup>306</sup>, que havia sido príncipe de Kiev em 1173, preferiu não colocar seus esforços para a capital, focando a partir de 1177 na estruturação e prosperidade dos principados do Norte<sup>307</sup>. Tanto que, conforme Franklin e Shepard, a cidade setentrional de Vladímir-em-Klíazma fora transformada por André Bogoliúbskii e Vsiévolod Ninho Grande em uma nova Kiev por meio da imitação dos elementos físicos e simbólicos que compunham a cidade<sup>308</sup>. E Kiev continuou sendo o motivo de conflitos entre os outros príncipes, perdendo uma dinastia própria e sendo disputada principalmente entre Smoliénsk, Tchernígov e, no início do século XIII, Galícia<sup>309</sup>.

---

<sup>302</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 350; MARTIN, *op. cit.*, p. 124 – 128. André Bogoliúbskii, assim como seu pai, preferiu focar no desenvolvimento do norte de Rus.

<sup>303</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 350.

<sup>304</sup> MARTIN, *op. cit.*, p. 128.

<sup>305</sup> *Ibid.*, p. 130.

<sup>306</sup> Ganhou este epíteto pela quantidade de filhos que ele teve, sendo catorze ao todo conforme as fontes.

<sup>307</sup> MARTIN, *op. cit.*, p. 128; FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 351. Franklin e Shepard argumentam que apesar da "emulação", os príncipes de Vladímir-Suzdália buscaram pelo afastamento da autoridade de Kiev no norte, exemplificado pela solicitação de André Bogoliúbskii para o Patriarca de Constantinopla de um Metropolita para Vladímir-em-Klíazma, pedido este que foi negado pois, nas palavras do Patriarca, deveria haver somente um Metropolita para Rus; Cf. *Ibid.*, p. 362 – 363.

<sup>308</sup> *Ibid.*, p. 359.

<sup>309</sup> Não confundir com a região homônima localizada na Espanha. Esta encontra-se atualmente entre a Ucrânia e a Polônia.



Mapa de Rus de Kiev entre os séculos XII e XIII, antes da dominação mongol. Fonte: MARTIN, *op. cit.*, p. 106.

Durante este período, o poder dos especialistas sobre o sagrado aumentou consideravelmente. Conforme Franklin e Shepard, tanto a prosperidade dos principados quanto a descentralização da hegemonia kievana proporcionou a multiplicação e expansão de

igrejas e mosteiros dentro e fora de Kiev, sendo que lentamente além dos limites da capital foram se desenvolvendo variações locais refletidas na arquitetura das igrejas e no material de que elas eram feitas, criando certa identidade regional<sup>310</sup>. Quem patrocinava a difusão do evangelho eram, em sua maioria, os príncipes, com Nóvgorod sendo uma exceção pois geralmente eram os grupos citadinos que promoviam o avanço eclesiástico<sup>311</sup>. Isto dava prerrogativa na interferência principesca na esfera religiosa<sup>312</sup>. O contrário também era verdade, com a ala religiosa atuando em algumas instâncias como mediadores de conflitos entre príncipes<sup>313</sup>.

Havia então uma crise dinástica, e Kiev estava mais que acostumada com disputas do tipo. Mas tudo mudou quando uma nova e devastadora força nômade surgiu vinda do leste: os mongóis ou tártaros. Distante da terra de Rus, o líder mongol Temujin, famoso com o nome de Gengis Khan (1206 – 1227), acabara de falecer, e seu filho Ögedei assumiu como o Grande Cã. Um dos outros filhos de Temüjin, Jochi Khan, também falecera, e seus filhos herdaram parte do controle de seu pai. Um deles, Batu, ficou responsável com a parte mais ocidental das terras, e tornou-se mais tarde um general a mando de seu tio<sup>314</sup>. Nasceu então o Khanato Kipchak, ou *Horda de Ouro*<sup>315</sup>. Ögedei e Batu decidiram que seria bom subjugar aquelas terras a oeste dos búlgaros do Volga, que foram aniquilados e incorporados em 1235 após alguns ataques prévios<sup>316</sup>, e fecharam a maravilhosa saga de Rus de Kiev.

O primeiro ataque mongol fora em no ano de 1223 por Gengis Khan, mas uma coalizão entre diversos príncipes e até os Pólovtsy reduzira a derrota de Rus e atrasaria a destruição<sup>317</sup>, mas o sabor da "vitória" duraria pouco. Campanhas sucessivas e em grande escala a partir de 1227 já sob o comando de Ögedei e Batu começaram a afetar os príncipes e os vizinhos. Em 1237 o primeiro golpe direto em Rus fora desferido, com a destruição completa de Riazán. As próximas vítimas foram Vladímir-Suzdália, Tchernígov e Pereiaslavl. O "cheque-mate" aconteceria em 6 de dezembro 1240, quando Kiev, além da Galícia e Vladímir-na-Volínia, foram tomadas e destruídas pela Horda. Os demais príncipes e

---

<sup>310</sup> *Ibid.*, p. 354 – 355.

<sup>311</sup> Cf. *Ibid.*, p. 355 – 356.

<sup>312</sup> Ver por exemplo a indicação do Metropolita ruso (o primeiro desde Hilarião, todos os anteriores eram gregos) Klíment Smoliátitch por Iziasláv II de Kiev, ação esta que gerou indignação de bispos dos outros principados (particularmente Nóvgorod, Pólotsk e Smoliénsk, este sendo o principado natal de Klíment), e também de Constantinopla. Ver *Ibid.*, p. 361 – 262; SENYK, *op cit.*, p. 109 – 117.

<sup>313</sup> FENNELL, *op. cit.*, p. 115.

<sup>314</sup> ATWOOD, Christopher P. *Encyclopedia on Mongolia and the Mongol Empire*. Nova Iorque: Facts on File, 2004, p. 201 – 202.

<sup>315</sup> Conforme Atwood, o Khanato recebeu este nome por causa tendas amarelas que recebiam os visitantes, cf. *Ibid.*, p. 201.

<sup>316</sup> *Ibid.*, p. 54.

<sup>317</sup> *Ibid.*, p. 150 – 151.

principados, com a notável exceção de Nóvgorod, tornaram-se vassallos do Khan mongol, mantendo autonomia dentro dos seus domínios mas respondendo sempre ao líder asiático, e a "liberdade" só viria no século XV com Ivan III Vassílevitch, o Grande, de Moscóvia (1465 – 1505)<sup>318</sup>.

Na alegada fúria mongol que "destruiu" Rus, nada fora poupado... com exceção da Igreja de Rus! Apesar de parecer irônico ou sem sentido ao nosso olhar contemporâneo, fazia parte do *modus operandi* da Horda Dourada manter as instituições religiosas vigentes nas suas dominações e protegê-las, como no caso da China confucionista e da Pérsia muçulmana, e era comum que muitos chefes mongóis se convertessem à fé dos povos subjugados<sup>319</sup>. A própria crença dos mongóis admitia a existência de todos as divindades de seus vassallos<sup>320</sup>, criando uma certa "tolerância" dentro do Império Mongol. De fato, não houve casos de intervenções dos Cãs na hierarquia eclesiástica ou monástica seja por indicação, patrocínio ou remoção; e igrejas e monastérios cresceram economicamente pois foram isentados de pagar imposto aos mongóis pelos próprios<sup>321</sup>. Mesmo assim diversas igrejas e monastérios foram destruídos e poucos novos foram erguidos. Alexander Zhebit afirma que esta interrupção de construção de templos se deu devido à própria "desorganização das terras russas" e a presença de "[...] múltiplos nestorianos<sup>322</sup> no exército mongol, que consideravam a ortodoxia como uma heresia<sup>323</sup>", a não ser em casos de resistência por parte das instituições religiosas, como nas revoltas populares que podiam ser (ou não) influenciadas pela Igreja<sup>324</sup>.

A destruição de Kiev afetou seriamente o prestígio político do Principado clássico, mas não o eclesiástico, ao menos no primeiro meio século. O azar de Kiev neste aspecto, todavia, ainda estaria por vir. Em 1299, o Metropolita Maksím deixa Kiev em direção a Vladímir-em-Kliázma, no principado de Vladímir-Suzdália. As razões são as mais variadas de

<sup>318</sup> Sobre Ivan III e a derrota dos mongóis, ver MARTIN, *op. cit.*, p. 353 – 354.

<sup>319</sup> Cf. ZHEBIT, Alexander. "Pax Mongolica". In: ZHEBIT, Alexander. (Org.). *Ordens e Pacis: abordagem comparativa das relações internacionais*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2008, p. 171. Ver ainda ATWOOD, *op. cit.*, p. 469 – 470.

<sup>320</sup> De acordo com Christopher Atwood, os mongóis praticavam um tipo de xamanismo no qual os sacerdotes tinham função aparentemente apenas religiosa mas também atuavam na política; Cf. ATWOOD, *op. cit.*, p. 494 – 495.

<sup>321</sup> FENNELL, *op. cit.*, p. 189 – 190.

<sup>322</sup> O Nestorianismo consiste em uma doutrina fundada no século V pelo então Patriarca bizantino Nestório (428 – 431), cujas principais divergências com o Cristianismo Niceno se baseiam na rejeição da natureza ao mesmo tempo humana e divina de Jesus, e da nomenclatura *Theotokos* atribuída à Maria. O Nestorianismo, considerado como heresia pela Igreja Ortodoxa, ganhou força na Ásia Central, sobretudo na Pérsia. Ver KAZHDAN, Alexander. "Nestorianism". In: *ODB*, Vol. II, p. 1459 – 1460; e GREGORY, Timothy E. "Nestorios". In: *ODB*, Vol. II, p. 1460.

<sup>323</sup> ZHEBIT, *op. cit.*, p.171.

<sup>324</sup> FENNELL, *op. cit.*, p. 192.

acordo com as fontes e a historiografia<sup>325</sup>, mas concordamos com a afirmação de Donald Ostrowski sobre a falta de segurança de Kiev, sendo em 1299 tanto um campo de batalha quanto as investidas do emergente Grão-Principado da Lituânia<sup>326</sup> ao sudoeste de Rus, mesmo que fontes digam que o Metropolita se foi por causa da constante violência dos mongóis<sup>327</sup>. Seja como for, no século XIV Kiev, assim como Vladimír-na-Volínia e Galícia, fora anexada à Lituânia, fechando as cortinas do período conhecido como Rus de Kiev.



Rus de Kiev nas vésperas da tomada de Kiev em 1240. Fonte: <http://pages.uoregon.edu/kimball/images/frn.MPR.1237%20TTR.jpg>. Acessado em 13 de Outubro de 2010.

<sup>325</sup> Para um debate sobre a visão de autores clássicos sobre o tema, ver OSTROWSKI, Donald. *The Move of the Metropolitan from Kiev in 1299*. Disponível em: [https://www.academia.edu/19916548/The\\_Move\\_of\\_the\\_Metropolitan\\_from\\_Kiev\\_in\\_1299](https://www.academia.edu/19916548/The_Move_of_the_Metropolitan_from_Kiev_in_1299), p. 1 – 14. Acessado 11 de Maio de 2016 (Doravante OSTROWSKI?).

<sup>326</sup> Sobre os inícios, ver ROWELL, Stephen C. *Lithuania Ascending: a Pagan Empire within East-Central Europe, 1265–1345*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 49 – 81. A fascinante História do Grão-Principado da Lituânia, argüivelmente a última fronteira entre o Cristianismo e um território que adotou oficialmente a sua fé nativa na Europa medieval, ainda está para ter sua escrita cogitada no Brasil, e em inglês o livro de Stephen Rowell é uma boa introdução ao tema.

<sup>327</sup> *Ibid.*, p. 21 – 24.

## 2.5 – LITERATURA E LETRAS EM RUS

Temos que pedir desculpas ao leitor mais uma vez pois, para falar de literatura em Rus, precisamos voltar à discussão conceitual (mas agora de modo breve, não em 30 páginas, para a alegria do leitor), e desta vez o conceito deve ser o de "literatura". Sobre a tentativa de historiador a fim de definir o conceito, Ciro Cardoso adverte que é uma tarefa impossível pois o próprio conceito não é válido para todas as realidades socio-históricas:

Assim, não há como definir a literatura em si: o que pode existir é a conotação social de certos discursos como literários. A literatura é e só pode ser uma noção historicamente definida. Do que se trata, em cada sociedade e época que se estude, é de constituir para os fins da pesquisa o *corpus* de textos literários, discutindo em cada caso os critérios de inclusão e exclusão<sup>328</sup>.

De acordo com a tentativa de definição Jim Meyer, podemos definir uma obra como literária caso ela possa ser encaixada em alguma(s) seis categorias: 1) é um texto escrito; 2) é marcado por uma estilística; 3) faz parte de um gênero literário; 4) é lida esteticamente; 5) o autor pretende que elas sejam lidas esteticamente; 6) são abertas à interpretação do leitor<sup>329</sup>. Conforme Michel Zink, todavia, a literatura do Medievo não está restrita aos livros, mas encontra-se em talvez maior escala na oralidade<sup>330</sup>, o que relativizaria a categoria 1, mas concordando com Meyer quando este afirma que um texto literário seria um texto verbal. Além do mais, conforme explicamos no primeiro capítulo, o autor de determinado texto é imbuído de sua ideologia, e sua obra reflete-a em todas as ocasiões<sup>331</sup>, e o objetivo do autor nem sempre é somente a contemplação artística de sua criação, sobretudo na Idade Média de maneira geral<sup>332</sup>. Mas podemos analisar a literatura de Rus a partir das categorias 1, 2 e 6.

Para simplificar ao leitor e a nós mesmos, entendemos literatura neste tópico simplesmente como um *corpus* de textos escritos com cuidado estético. A partir de Iarosláv, Rus pode ser classificada como uma sociedade socioliterária, ou seja, "[...] sociedades em que

<sup>328</sup> CARDOSO, *op. cit.*, p. 24.

<sup>329</sup> Cf. MEYER, Jim. "What is Literature? A Definition Based on Prototypes". *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session*. Volume 41, 1997, p. 4 – 5. Disponível em <https://eric.ed.gov/?id=ED461270>. Acessado em 1 de Janeiro de 2018. Meyer trabalha com a teoria dos protótipos de Ludwig Wittgenstein, e a lista não é excludente, ou seja, um texto que não está presente em uma das categorias não necessariamente o desqualifica como literário.

<sup>330</sup> ZINK, Michel. "Literatura(s)". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs). *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. Volume II. Traduzido por Hilário Franco Júnior *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 92 – 93.

<sup>331</sup> BACCEGA, *op. cit.*, p. 79.

<sup>332</sup> Contraste com LIKHACHEV, Dmitry S. "Introduction". In: LIKHACHEV, Dmitry S. *A History of Russian Literature. 11th-17th centuries*. Traduzido por K. M. Cook-Horujy. Moscou: Raduga, 1989, p. 10 – 11, que afirma que o autor russo buscava impressionar seu público a partir da "naturalidade" do conteúdo do texto.

a noção de autor, público e literatura existam e sejam reconhecidas explicitamente<sup>333</sup>". Conforme o renomado linguista Dmítrii Likhatchióv, as etapas da literatura de Rus podem ser divididas geograficamente: do século XI ao início do século XII os grandes centros de produção literária estão em Kiev e Nóvgorod, com obras religiosas. A partir de meados do XII até o domínio mongol, estes centros se proliferam para além das duas cidades, e já existe uma diversificação na temática. Com a dominação mongol até o final do século XIV, há certa "tragédia" e "intensidade" nos escritos, refletindo o seu contexto de produção<sup>334</sup>. Indo até o fim da "Rússia Antiga", a partir do século XIV existe um "Renascimento" da literatura e das artes, e começando pelo XVI, há uma intensa secularização da literatura<sup>335</sup>.

Uma outra característica da literatura de Rus antes do século XVII consiste nos textos serem *protogenéricos*. Este conceito, formulado inicialmente por Gail Lenhoff, consiste na determinação da forma do texto por suas demandas sociais. Citando a autora:

Se os primeiros textos russos encontram-se frequentemente em categorias que *estimulam* gêneros literários, como eu afirmo, então ao continuar utilizando o termo nós perpetuamos uma impressão anacrônica e infundada que as categorias da escrita medieval são equivalentes às categorias literárias modernas. [...] Proponho que, ao referirmos às categorias deste período, que nós adotemos o termo "protogênero". Por "protogênero" quero dizer uma categoria que nós impomos sobre um conjunto de respostas similares às demandas de um ou mais sistemas e subsistemas culturais. As dinâmicas de um dado protogênero são reguladas principalmente com a sua relação ao sistema ou subsistema cultural que o gera: as funções do culto Ortodoxo coletivo e individual, a propagação do dogma e da tradição Ortodoxa, mas também, no caso de petições ou comunicações diplomáticas às demandas dos sistemas legais e políticos<sup>336</sup>.

A característica dos textos protogenéricos, conforme a autora, explicaria por exemplo a razão de diversos textos de conteúdo e forma semelhante possuírem nomes diferentes, e vice-versa<sup>337</sup>. Concordamos com Lenhoff sobre a mensagem que se sobressai à estética e o surgimento dos textos estarem relacionados ao contexto que possibilita a sua criação e

<sup>333</sup> CARDOSO, *op. cit.*, p. 24.

<sup>334</sup> LIKHACHEV, *op. cit.*, p. 13 – 14. Sobre este último período, devemos ressaltar ao(à) leitor que o trabalho fora escrito ainda durante a URSS, e possui certo teor nacionalista.

<sup>335</sup> *Ibid.*, p. 14 – 15. Ver também TERRAS, *op. cit.*, p. 47 – 53 (sumário introdutório).

<sup>336</sup> "If early Russian texts sometimes fall into categories that simulate literary genres, as I am claiming, then by continuing to use the term we perpetuate an anachronistic and unfounded impression that the categories of medieval writing are equivalent to modern literary categories. [...] I propose that in referring to the categories of this period we adopt the term "protogenre." By "protogenre" I mean a category that we impose upon a set of similar responses to the demands of one or more cultural systems and subsystems. The dynamics of any given protogenre are governed primarily by its relation to the cultural system or subsystem that generates it: the functions of corporate and individual Orthodox worship, the propagation of Orthodox dogma and tradition but also, in the case of petitions or diplomatic communiques to the demands of the legal and political systems.73". LENHOFF, *op. cit.*, p. 50 – 51 (Tradução nossa, grifos no original).

<sup>337</sup> *Ibid.*, p. 44.

existência. Entretanto, mesmo se uma sociedade não possui "gêneros", estes ainda possuem algumas convenções formais dependendo do texto. Mas estas considerações nos ajudam em nossa afirmação de que hagiografia é sim um discurso, difundida em diversos textos (escritos ou não), que discutimos no capítulo anterior.

Seja como for, toda literatura nativa fora escrita em um só idioma: eslavão ou eslavo antigo (*staroslavianskii*). Por si só, conforme os filólogos, o idioma tinha divisões meramente estéticas com base em seu uso em Rus. O eslavão eclesiástico antigo era aquele que predominava na literatura, pois era utilizado pela ala religiosa nas liturgias, nas traduções e literatura religiosa; enquanto o eslavão oriental era sua variante vernácula<sup>338</sup>. Assim como em outros territórios que utilizavam o eslavo como língua oficial, como o Império da Bulgária ou a Morávia pós-cristianização, o alfabeto escolhido para o registro do idioma foi o cirílico, em homenagem ao santo bizantino Constantino Cirilo (826 – 869), o "apóstolo dos Eslavos" que juntamente com seu irmão São Metódio (815 – 885; portador do mesmo epíteto) foram enviados como missionários à Morávia no século IX<sup>339</sup>. Dito isto, os irmãos realmente criaram um tipo de alfabeto, mas o Glagolítico, considerado como sendo um tipo mais místico utilizado em escritos transcendentais, ao passo que o cirílico fora possivelmente inventado por búlgaros após a visita dos santos<sup>340</sup>. Mesmo assim, este fora o escolhido para Rus, enquanto o Glagolítico aparece em ocasiões extremamente raras nas fontes sobreviventes<sup>341</sup>. O cirílico do eslavão não é o mesmo utilizado atualmente, e o alfabeto também tinha valor numérico, sendo utilizado como numeral a partir da adição de sinais.

A primeira obra literária em papel de Rus, ignorando reconstituições hipotéticas dos filólogos, é o Gospel de Ostromír, escrito em meados da década de 1050<sup>342</sup>. Assim como este, grande parte das obras durante a periodização analisada foram feitas por algum autor ligado à ala religiosa, com os mosteiros sendo os principais centros de produção literária. O tipo específico de autoria da literatura, todavia, não significa dizer que a sociedade de Rus não seja letrada. Muito pelo contrário, há diversas fontes que mostram a capacidade de ler e escrever do ruso urbano laico. Talvez os exemplos mais nítidos consistem nas cartas encontradas em

<sup>338</sup> FRANKLIN<sup>3</sup>, *op. cit.*, p. 84 – 85. A diferença entre ambas as variações encontrava-se mais no vocabulário que, importado do grego, não possuía termos equivalentes na língua nativa. Mas não existem fontes que atestem a existência de peculiaridades entre ambos; cf. *Ibid.*, p. 86 – 88.

<sup>339</sup> Para mais informações sobre os santos, ver HOLLINGSWORTH, Paul A. "Constantine the Philosopher". In: *ODB*, Vol. I. p. 507; *Idem*, "Methodius". In: *ODB*, Vol. II. p. 1354 – 1355.

<sup>340</sup> FRANKLIN<sup>3</sup>, *op. cit.*, p. 93 – 97. Sobre o alfabeto cirílico, ver *Ibid.*, p. 97 – 100.

<sup>341</sup> *Ibid.*, p. 94. Oliég Tvorógov argumenta que a adoção do alfabeto cirílico em Rus dá-se pelo mútuo entendimento do idioma lá utilizado e o búlgaro importado. TVOROGO, *op. cit.*, p. 46.

<sup>342</sup> FRANKLIN<sup>3</sup>, *op. cit.*, p. 26. Há um excerto de madeira encerada encontrado em Nóvgorod que é datado do final do século X ao início do XI, sendo efetivamente a obra literária mais antiga de Rus.

Velíkii Nóvgorod, feitas de casca de bétula<sup>343</sup>. Descobertas no século XX em enorme quantidade, estas consistiam em pequenas cartas cujo conteúdo estaria ligado à atividade econômica, com muitas delas sendo lembretes de cobrança ou pagamento mas também contendo coisas mais mundanas; com uma das cartas sendo hipoteticamente escrita por uma criança<sup>344</sup>. Inscrições em paredes de Igrejas e pedras deixadas pelos laicos por diversos motivos também era algo comum<sup>345</sup>. Seria por esta razão, conforme Franklin, que os autores não gozavam de um prestígio social por simplesmente escreverem obras<sup>346</sup>, mas isto também mostra que embora teoricamente qualquer um poderia escrever, aos religiosos cabia a função de guardiães da memória através de seus livros, enquanto salvo em raríssimos casos (um deles será exposto mais tarde por ser o mais emblemático), o poder da escrita para o laico era outro e tinha outra utilidade.

Apesar de termos como ênfase neste tópico as atividades escritas, não podemos deixar de falar sobre a oralidade. Conforme afirmamos anteriormente, durante o Medievo a literatura oral era mais comum que a escrita, e Rus não era a exceção. Uma modalidade que geralmente é esquecida por manuais de literatura de Rus (simplesmente por serem orais) consiste na *Bylína*, sendo um tipo de épico oral cantado que narrava os grandes feitos de grandes homens, similar a textos como a *Chanson de Roland* ou *El Cantar de Mio Cid*<sup>347</sup>. É consenso que muitas destas remontam aos tempos de Rus de Kiev, assim como os principais personagens das narrativas, sobretudo Vladímir, o Grande<sup>348</sup>. Alex Alexander argumenta que as *bylíny*, assim como os contos de fada, possuem uma grande quantidade de elementos "sobrenaturais"<sup>349</sup>, o que pode ser explicado pelo fato de que o público acredita que as histórias sejam verossímeis. O sobrenatural da *bylína* traduz-se então como o "surreal" da hagiografia.

Como dito mais acima, há uma grande produção de materiais traduzidos em Rus<sup>350</sup>. Eles consistem, em sua maioria, em textos de caráter religioso importados ou dos gregos ou do Império da Bulgária. Entre estes tipos de traduções estão diversos evangelhos apócrifos

<sup>343</sup> Tipo de árvore comum no Hemisfério Norte.

<sup>344</sup> FRANKLIN<sup>3</sup>, *op. cit.*, p. 36 – 47.

<sup>345</sup> *Ibid.*, p. 71 – 74.

<sup>346</sup> *Ibid.*, p. 278.

<sup>347</sup> ALEXANDER, Alex E. *Bylina and Fairy Tale: The Origins of Russian Heroic Poetry*. Den Haag e Paris: Mouton & co, 1973, p. 6 – 7.

<sup>348</sup> TERRAS, *op. cit.*, p. 15 – 16.

<sup>349</sup> *Ibid.*, p. 10 – 11. Ressaltamos que o objetivo de diferenciar conto de fada de *bylína*, este sendo uma "evolução" daquele.

<sup>350</sup> Franklin afirma que as técnicas de tradução dos eslavos orientais tem como objetivo preservar a estrutura morfológica e o sentido do texto original; cf. FRANKLIN<sup>3</sup>, *op. cit.*, p. 214 – 216.

como a *Ida da Virgem aos Tormentos (Khojdiéniie Bogoróditsy po Múkam)*<sup>351</sup>, textos da patrística incluindo São João Crisóstomo (350 – 407) e São Gregório Nazianzeno (329 – 390), e crônicas que inspiraram a *PVL* como as crônicas de George Hamartoulus e João Malalas<sup>352</sup>. Além destes, há também um corpo considerável de textos laicos traduzidos que circulavam, entre eles podemos citar textos que remontam à Antiguidade como a *Guerra dos Judeus* de Flávio Josefo, e a *Alexandriade* do autor helênico Pseudo-Calístenes.

Uma literatura mais secular começou a surgir a partir do século XII mesmo com a grande maioria sendo de caráter religioso considerada como fruto das *bylínny*. Possivelmente o primeiro exemplo de literatura secular trata-se da obra mais famosa e controversa de Rus: o *Canto da Campanha de Igor (Slóvo o Polkú Ígorevie)*<sup>353</sup>. Não se conhece o autor da obra<sup>354</sup>, e entre os pesquisadores o século XII é geralmente aceito como sua data de criação<sup>355</sup>. O *Canto* narra as desventuras do príncipe Igor Sviatoslávitch de Nóvgorod-Siéversk (1180 – 1198)<sup>356</sup> e três outros príncipes que foram derrotados em uma batalha contra os Pólovtsy e eventualmente tomados como prisioneiros por estes. O texto possui um caráter poético e rítmico, assim como o conteúdo, diferente das demais obras da época<sup>357</sup>. Destaque deve ser dado à uma das passagens do *Canto*, na qual Ana Iaroslávna, esposa de Igor, suplica aos elementos da natureza para a volta de seu marido. Esta passagem, bem como o grande número de presságios, leva os especialistas a crerem que há uma sobrevivência das práticas panteístas presentes na fonte e fusão que complementam elementos cristãos ao longo do texto<sup>358</sup>. Outros textos menos religiosos e com ênfase maior em batalhas e na própria Rus surgiram após a dominação mongol, como o anônimo e autoexplicativo *Relato da Destruição de Riazán por Batu (Póvest o Razoriénii Riazáni Batým)*<sup>359</sup>; e *Relato sobre a Perdição da Terra de Rus*

<sup>351</sup> Narrativa que conta a história da intervenção de Maria com Deus acerca dos condenados ao Inferno, resultando em dois meses de alívio para os sofredores a cada ano. TVOROGOV, *op. cit.*, p. 57 – 58. Uma versão traduzida ao inglês pode ser encontrada em ZENKOVSKY, Serge A. *Medieval Russia's Epics, Chronicles and Tales*. Nova Iorque: E. P. Dutton & co, 1974, p. 153 – 160.

<sup>352</sup> TVOROGOV, *op. cit.*, p. 48 – 59.

<sup>353</sup> De fato, tão importante que ela milagrosamente possui uma versão, todavia acrítica, traduzida para o português. Ver *Príncipe Igor: ou O Canto da Campanha de Igor*. Tradução e com Introdução de Maria Aparecida B. P. Soares. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000. Ainda, existe uma enciclopédia e cinco tomos que analisa a obra.

<sup>354</sup> Sobre o debate sobre autor do Canto, ver a extensiva entrada de Lev Dmitriév, o qual termina sem uma conclusão; DMITRIÉV, Lev A. "Avtóra Slóva o Polkú Ígorevie [Autor do Canto da Campanha de Igor]". In: *SKKDR*, Vol. I, p. 16 – 32.

<sup>355</sup> TVOROGOV, *op. cit.*, p. 138 – 139. Estamos cientes sobre os constantes debates sobre a autenticidade da obra, com um dos debates mais recentes tendo afirmado que o *Canto* seria uma forja boêmia do século XVIII.

<sup>356</sup> Situado próximo ao Principado de Tchernígov; ver mapas na página 74.

<sup>357</sup> TVOROGOV, *op. cit.*, p. 149 – 157.

<sup>358</sup> TERRAS, *op. cit.*, p. 42.

<sup>359</sup> *Ibid.*, p. 43 – 44. A tradução do texto para o inglês encontra-se presente em ZENKOVSKY, *op. cit.*, p. 197 – 208.

(*Slovo o Poguíbeli Rússkoi Zemli*), texto poético também anônimo que louva a Rus do passado anterior aos tártaros<sup>360</sup>.

Esta pequena abordagem de quase quatrocentos anos de História de um território tão complexo quanto a própria origem de seu nome teve três objetivos: 1) Situar o contexto das fontes e das ideias presentes nelas a serem analisadas no quarto capítulo; 2) Familiarizar o leitor possivelmente brasileiro e com pouco contato sobre o tema para melhor entendimento da dissertação; e 3) Mostrar a dinâmica de uma sociedade que não faz parte do modelo "convencional" de Medievo. Tratamos aqui de diversos personagens, mas os próximos dois capítulos focarão em somente uma: princesa Olga, que a partir de 945 assumiu a regência de Kiev.

---

<sup>360</sup> *Ibid.*, p. 43 – 44. A tradução do texto para o inglês encontra-se presente em ZENKOVSKY, *op. cit.*, p. 197 – 198.

## CAPÍTULO III

### PRINCESA OLGA DE KIEV (? – 969)

*De fato, a busca por respostas articuladas do século X para qualquer coisa leva à frustração<sup>361</sup>.*

Simon Franklin

Depois de apresentarmos o conceito de hagiografia a ser operacionalizado nesta dissertação, e darmos um breve panorama espaçotemporal de Rus incluindo a trajetória do Cristianismo e da literatura, neste capítulo e no próximo abordaremos finalmente da protagonista da dissertação: Olga de Kiev. Neste em especial, procuraremos falar um pouco sobre Olga em uma perspectiva biográfica, fazendo uso das informações que se sabe ou que se teoriza sobre ela, como a sua função como sacerdotisa da divindade escandinava Freyja, a expansão para o oeste, a visita de Olga à Constantinopla e subsequente batismo da regente, e a tentativa de estabelecer relações com o Reino da Germânia.

A citação acima, todavia, reflete a natureza deste capítulo. Como Rus ainda não tinha começado a registrar por escrito os eventos que considerava importante, dependemos de fontes estrangeiras contemporâneas à vida de Olga (que algumas vezes insistimos em esquecer que uma imagem de Olga pode estar também sendo construída nestas) e assunções da arqueologia para somente então pensarmos na possibilidade de traçar a trajetória da regente. E na ânsia de tentar ser o mais fidedigno possível, os historiadores devem usar fontes posteriores e confiar na memória e honestidade dos autores como na de quem receberam as informações. Novamente citando Simon Franklin:

A imagem da cultura de Kiev é facilmente distorcida pois mesmo suas melhores versões são tênues e reconstruídas tentativamente. O problema é simples: falta de fatos. Historiadores de culturas mais recentes têm o problema de *reduzir* a quantidade de seus materiais em padrões gerenciáveis. Historiadores da cultura de Kiev gastam muito de seu tempo tentando encontrar maneiras plausíveis para preencher os espaços *entre* os fragmentos esparsos de provas reais, contemplando o desconhecido e o desconhecível. Qualquer explicação conectada sobre a cultura de Kiev é um aglomerado de hipóteses. Pior que isso, praticamente qualquer leitura de qualquer palavra em um texto kievano é hipotética. Os manuscritos são tardios, as variações são prolíficas. Ou nós recuamos por trás de dados puros, ou então aceitamos que escolhas devem ser feitas mas a certeza é inatingível, que há um "talvez" implícito em cada passagem<sup>362</sup>.

<sup>361</sup> "Indeed, the search for articulate tenth century responses to anything leads to frustration". FRANKLIN<sup>1</sup>, *op cit.*, p. 157. (Tradução nossa, grifos no original).

<sup>362</sup> "The image of Kievan culture is easily distorted because even the best versions of it are tenuously and tentatively reconstructed. The problem is simple: a lack of facts. Historians of more recent cultures have the

Este será então o itinerário deste capítulo. Ênfase será dada às fontes estrangeiras contemporâneas e hipóteses arqueológicas; mas quando for necessário, e serão muitas as ocasiões, acessaremos fontes muito posteriores à vida de Olga para uma tentativa de mostrar ao leitor quem foi esta personagem em vida, ao passo que ela em *vita* é o objeto do próximo capítulo.

### 3.1 – SOBRE A TENTATIVA DE RECONSTRUÇÃO DA VIDA DE OLGA

Ao passo que as tradições historiográficas que priorizam tanto a sociedade sobre o indivíduo quanto a ausência do aspecto narrativo da "ciência" da História sofrem uma crise mais do que necessária, a escrita da biografia em países historiograficamente reféns destes tipos paradigmáticos volta à tona. Deixamos claro que não é nossa intenção debater o lugar da biografia na História ou de sua trajetória<sup>363</sup>, mas sentimos a necessidade de justificar a razão pela qual, em uma pesquisa cujo tema seria a *construção da imagem*, devemos abrir um parêntese em formato de capítulo para tal prática. É um tema que merece mais cautela do que a dada nesta dissertação, afinal que o hieromártir Marc Bloch perdoe aqueles pobres tolos que se aventuram perspectiva sem qualquer problemática focada em um único indivíduo!

Entre um século, na melhor das hipóteses, da morte de Olga até o primeiro registro de seus feitos por meio escrito, ela ainda vivia neste intervalo na memória de Rus, e aqueles responsáveis por registrar sua vida como *vita* deveriam fazer com que a regente tenha agido conforme seus interesses. Este é o cerne desta dissertação, a imagem criada e adaptada de feitos reais. É necessário, portanto, o exercício biográfico neste capítulo para entender os processos de memorialização e seus sentidos. Logo, creio que esta nossa "desculpa" dê-nos o perdão necessário dos velhos annalistas para prosseguirmos contando um pouco da História de uma "heroína".

O problema seria então como fazer uma biografia de Olga em moldes historiograficamente "aceitáveis". Giovanni Levi cita três entre os vários tipos possíveis de

---

problem of reducing the mass of their materials into manageable patterns. Historians of Kievan culture spend much of their time trying to find plausible ways to fill the gaps between the sparse fragments of real evidence, contemplating the unknown and unknowable. Any connected account of Kievan culture is an agglomeration of hypotheses. Worse than that, virtually any reading of any word in a Kievan text is hypothetical. The manuscripts are late, the variants are prolific. Either we retreat behind raw data, or else we accept that choices have to be made but certainly is unattainable, that there is an implicit 'perhaps' in every statement". FRANKLIN, *op. cit.*, p. xv.

<sup>363</sup> Para tal, remetemos o leitor ao texto do micro-historiador italiano Giovanni Levi, cf. LEVI, Giovanni. "Usos da Biografia". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 170 – 173.

abordagem biográfica feita por historiadores até a data a escrita de seu artigo: a modal, onde o propósito de traçar a vida de um indivíduo possui um interesse somente prosopográfico e para mostrar o indivíduo enquanto reflexo de seu grupo social<sup>364</sup>; a biografia associada ao contexto, a qual faz uso mais do contexto em que a pessoa viveu do que as informações sobre ela<sup>365</sup>; os casos extremos, com a intenção de recriar o contexto do sujeito<sup>366</sup>; e a hermenêutica, influenciada pela antropologia e que enfatiza a problematização da biografia<sup>367</sup>. Mas como argumentamos acima, este não é o problema da dissertação. Este capítulo tem a função de apresentar a personagem ao leitor para demonstrar-lhe o porquê de alguns aspectos da vida de Olga foram exaltados, omitidos, ou criados. Isto não nos impede de fazer uso de alguns elementos das abordagens biográficas, todavia permaneceremos nos aspectos da vida da regente.

Mesmo excluindo as fatos mais "surreais" presentes nas narrativas posteriores, parece que Olga teve uma vida bastante fascinante, e como tal, alguns autores acadêmicos já escreveram biografias sobre ela, mas sempre sendo obrigados a usar as fontes posteriores para tentar reconstruir a sua vida. Um destes, e que seguiremos a estrutura no próximo tópico, é a obra *quasi* romântico do historiador e biógrafo Aleksíei Kárpov, propriamente intitulado *Kniaguínia Olga [Princesa Olga]*<sup>368</sup>. Parte de uma coleção cujo título, *Jizn Zametchátelnyx Liudiéi [Vida de Pessoas Admiráveis]*<sup>369</sup>, causaria arrepios nos historiadores mais puritanos, este livro que é ao mesmo tempo uma pesquisa acadêmica e um material de divulgação tenta fazer um panorama completo da vida de Olga, com o autor admitindo ser difícil pois esta está repleta de lendas e mitos<sup>370</sup>.

Kárpov esbarra em um problema, que é a juventude de Olga, e sua vida antes de tornar-se regente. Para isso, ele faz uso de fontes principalmente datadas após o século XIII, incluindo o grande monumento da "historiografia" russa anterior a Vassílii Tatíchtchev: o Livro da Genealogia Real (*Stepiénniaia Kníga Tsárskogo Rodoslóviia*, doravante *SK*),

---

<sup>364</sup> *Ibid.*, p. 174 – 175.

<sup>365</sup> *Ibid.*, p. 175 – 176.

<sup>366</sup> *Ibid.*, p. 176 – 178.

<sup>367</sup> *Ibid.*, p. 178.

<sup>368</sup> Há também três outras biografias históricas sobre Olga que infelizmente não utilizamos já que não as temos. A primeira é o livro em ucraniano *Knjahnja Ol'ha* (2004), do historiador Volodymyr Rychka; a segunda consiste na obra em polônês *Święta księżna kijowska Olga. Wybór tekstów źródłowych* (2014), de Zofia Brzozowska; e a terceira é a obra do autor russo Andréi Bogdánov, intitulada *Kniaguínia Ólga: Sviatáia Voítelnitsa [Princesa Olga: Santa Guerreira]* (2014).

<sup>369</sup> Entre outras biografias, também escritos por Kárpov, estão Vladimir I Sviatoslávitch, Borís e Gleb, Iarosláv o Sábio, Iúrii Dolgorúkii e Aleksáedr Niévskii.

<sup>370</sup> KÁRPOV, Aleksíei Iu. *Kniaguínia Ólga [Princesa Olga]*. Moscou: Molodáia Gvárdiia, 2012, p. 14.

comissionado pelo infame tsar Ivan Vassílevitch IV, o Terrível<sup>371</sup> (1547 – 1584) ao Metropolita Macário de Moscóvia (1542 – 1563). A obra consiste em um dos exemplos mais escancarados e ao mesmo tempo complexos da aplicação do nosso aporte teórico sobre discurso hagiográfico em uma fonte. No *SK*, há de relatos sobre a vida dos príncipes e tsares anteriores a Ivan IV em formato de hagiografia, sendo eles canonizados ou não, e as virtudes aumentavam gradativamente até chegar ao mais próximo de Deus, Ivan IV<sup>372</sup>. O *SK* tinha o propósito óbvio de, conforme Yakov Lurie e Victor Terras, glorificar a dinastia Riuríkida e o próprio Ivan IV e transformar Moscóvia na "Terceira Roma"<sup>373</sup>.

### 3.2 – OS ANOS INCÓGNITOS

Consta no *SK* que Olga, natural do vilarejo de Vúdubits em Pskov onde hoje está localizado a cidade homônima, morreu com cerca de oitenta anos<sup>374</sup>. Assumindo que sua morte tenha ocorrido de fato em 969, Macário então data o nascimento da regente por volta de 890. Estas informações tornaram-se cânone nos cultos e hagiografias de Olga após o século XVI, provavelmente presentes no *SK* por meio da tradição oral<sup>375</sup>.

Na realidade, nada se sabe sobre ela, com exceção de seu nome. Mas este ao menos é um indicador de sua origem. Olga é obviamente derivado do nórdico Helga, o mesmo provindo do termo *heilagr* que em nórdico antigo significa, curiosamente, *sagrado*<sup>376</sup>. Isto nos dá duas possibilidades: ou Olga era diretamente varegue, ou descendente. Kárpov mesmo assim diz que não é possível traçar uma etnicidade nórdica pois há a chance de ser um nome emprestado da cultura escandinava (*sic*)<sup>377</sup>, o que na nossa opinião não achamos que seja um argumento convincente. Ainda sobre o nome, o autor levanta uma possibilidade interessante dela ser relacionada a Oliég o Vidente, talvez até como sua filha, mas ainda com base em

<sup>371</sup> Embora epíteto conhecido como "terrível", o adjetivo *gróznyi* tem sentido de "ameaçador". Sobre o governo de Ivan IV, ver MARTIN, *op. cit.*, p. 364 – 415.

<sup>372</sup> Cf. LURIE, Yakov. "Literature of the Sixteenth Century". In: LIKHACHEV, Dmitry S. *A History of Russian Literature. 11th-17th centuries*. Traduzido por K. M. Cook-Horujy. Moscou: Raduga, 1989, p. 367.

<sup>373</sup> *Ibid.*, p. 366 – 367; TERRAS, *op. cit.*, p. 70.

<sup>374</sup> METROPOLITA MACÁRIO DE MOSCOVO. "Jitié Sviatói Blajénnoi i Ravnoapóstolnoi... Kniaguíni Ólgui [Vida da Santa Beatífica e Igual aos Apóstolos... Princesa Olga]". In: *BDLR*, v. XII, disponível em <http://lib.pushkinskiydom.ru/Default.aspx?tabid=10116>. Acessado em 26 de Setembro de 2017 (Doravante *SK* em notas).

<sup>375</sup> LURIE, *op. cit.*, p. 367.

<sup>376</sup> Kárpov chama atenção que antes do Cristianismo, o adjetivo tinha conotação de "afortunado" ou "com qualidades necessárias para governar", cf. KÁRPOV, *op. cit.*, p. 21 – 22.

<sup>377</sup> *Ibid.*, p. 22.

fontes muito posteriores e no argumento de que Oliég queria unificar o clã dele com o do filho de Riúrik<sup>378</sup>, fazendo a hipótese ser mera especulação, ainda que esta seja válida.

Ao contrário do Metropolita Macário, não temos certeza de onde ou quando nasceu. Kárpov afirma, com base na Crônica de Nóvgorod e em outras fontes posteriores ao século XIV que aparentemente possuem bases orais, que não há motivos para duvidar de que Olga é originária de Pskov<sup>379</sup>. Plausível, se assumirmos que seus pais eram varegues e estavam lá assentados, mas não podemos descartar a possibilidade dela ser da Escandinávia. Para a idade porém confiamos na lógica do historiador francês Constantin Zuckerman, quando este argumenta que seria quase impossível Olga realizar duas viagens para Constantinopla se esta fosse idosa, devido aos perigos naturais do caminho e o tempo de viagem<sup>380</sup>, mas retornemos a este assunto mais tarde. Ou seja, de início somente sabemos que Olga seria uma jovem nórdica quando se tornou a primeira governante de Rus.

O *SK* também conta que Olga não era de família poderosa mas sim camponesa, mas é improvável pois o casamento com "iguais" era costume matrimonial dos escandinavos<sup>381</sup>. Por muito, Olga sendo parte de uma elite nativa descendente de varegues atrairia os nórdicos buscando a sedentarização e possíveis parceiros comerciais e tributários, o que faria com que a hipótese que Olga teria uma influência política dentro de sua aldeia seja plausível<sup>382</sup>. A primeira menção sobre Olga na *PVL* é justamente o seu casamento com Igor, ocorrendo em 903<sup>383</sup>. Igor possui os mesmos problemas de possível envelhecimento precoce do que sua esposa, sendo provavelmente mais jovem do que a data das fontes atestam<sup>384</sup>.

Ainda sobre o casal, o *SK* não poupa esforços para romantizar o primeiro contato entre os Olga e Igor. Diz a fonte que enquanto em Pskov, o filho de Riúrik encontrou sua belíssima futura esposa nadando e a lascívia tomou conta dele. Olga aparentemente percebeu os olhos famintos do varegue e o admoestou de maneira sábia, e tal sabedoria transformou a luxúria de

---

<sup>378</sup> *Ibid.*, p. 24. Na lógica do autor, a união entre Igor e Olga seria pois um casamento dinástico, e isso consolidaria a posição de Oliég como líder dos varegues, cf. p. 33.

<sup>379</sup> *Ibid.*, p. 16 – 17.

<sup>380</sup> ZUCKERMAN, *op. cit.*, p. 263.

<sup>381</sup> Em nórdico antigo *jafnræði* ("evenly matched", na tradução de Jenny Jochens), ou seja, deveriam possuir semelhante posição social e riqueza. Cf. JOCHENS, Jenny. *Women in Old Norse Society*. Nova Iorque: Cornell University Press, 1995, p. 30 – 31.

<sup>382</sup> PUSHKAREVA, Natalia. *Women in Russian History: From the Tenth to the Twentieth Century New Russian History*. Tradução e edição de Eve Levin. Nova Iorque: M.E. Sharpe, 1997, p. 8. A autora ainda afirma que a experiência política de Olga tenha levado ela a governar Kiev após a morte de Igor.

<sup>383</sup> *PVL-Or*, p. 16; *PVL-Li*, p. 152; *CrN*, p. 51; *RPC*, p. 64. Não há fontes em um curto espaço de tempo que digam quando ambos tenham se casado, cf. KÁRPOV, *op. cit.*, p. 36.

<sup>384</sup> Ver ZUCKERMAN, *op. cit.*, p. 259 – 268 para o debate sobre tanto a idade quando o começo do governo de Igor. Embora a *PVL* diga que Igor já existia no século IX e que ele assumiu em 913 após a morte de seu tutor Oleg, Constantin Zuckerman mostra um argumento convincente sobre a possibilidade dele ser mais novo do que a fonte tentou passar.

Igor em admiração e implicitamente amor, tanto que o príncipe escolheu Olga como sua esposa quando ele retornou para Kiev e resolveu se casar<sup>385</sup>. Embora seja uma historietta adorável, Kárpov chama atenção para a estilística do romance entre Igor e Olga, transplantando o ideal do século XVI em uma situação do século X, conforme a utilidade do *SK*<sup>386</sup>. Para piorar, é improvável que Olga tenha sido a única esposa de Igor<sup>387</sup>, mas ela foi a única que sobreviveu nas fontes.

Isso é tudo que as fontes memorialísticas nos tem a dizer sobre Olga antes dela se tornar regente de Kiev. Mas para não causar ao leitor a impressão de confiarmos somente no fictício na construção da biografia, há mais uma informação sobre Olga que vem sendo elaborada recentemente pelo historiador Roman Kovalev. Em dois artigos buscando a origem de um pingente encontrado em Pskov e do símbolo de um falcão presente neste e em moedas datadas de meados do século X, Kovalev chega à conclusão de que Olga pode ter sido uma sacerdotisa da divindade nórdica Freyja.

Em 2008, um túmulo de um de um homem possivelmente escandinavo importante foi encontrado por uma expedição arqueológica em Pskov<sup>388</sup>. Dentro do local, entre os mais diversos objetos, havia um pingente e várias imitações de *dirhams*<sup>389</sup> de prata datadas da década 950 contendo gravuras de um pássaro, muito possivelmente um falcão, com uma cruz sobre sua cabeça e uma capa (conforme figura abaixo)<sup>390</sup>. No pingente, também há uma figura de uma chave e um bidente, este sendo símbolo dos Riuríkidas até a década de 970<sup>391</sup>. A existência destes símbolos em uma fonte material datada do tempo do governo de Olga levou Kovalev formular a hipótese que Olga seria uma suma sacerdotisa de Freyja (*Völva*), assim como a maioria das mulheres aristocráticas de seu tempo<sup>392</sup>. O argumento de Kovalev é convincente ainda que em alguns momentos o autor confie demais na memorialística, mas como já dissemos a ausência de fontes sobre Olga obriga o uso de compilações muito posteriores.

---

<sup>385</sup> *SK*. A mesma passagem afirma que Olga era da família de Oliég o Vidente, mas conforme argumentamos acima, não podemos confirmar a informação.

<sup>386</sup> KÁRPOV, *op. cit.*, p. 18.

<sup>387</sup> *Ibid.*, p. 34. Era comum que em tempos pré-cristãos, os chefes escandinavos tivessem várias esposas, cf. JOCHENS, *op. cit.*, p. 20.

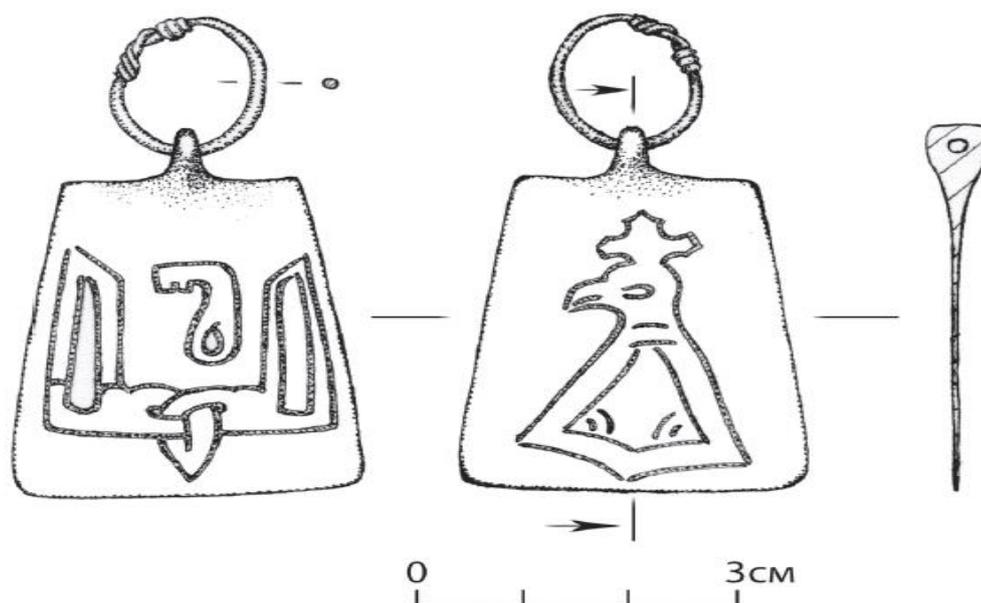
<sup>388</sup> KOVALEV, Roman K. "Grand Princess Olga of Rus' Shows the Bird: Her 'Christian Falcon' Emblem". *Russian History* 39, 2012, p. 461 – 463.

<sup>389</sup> *Dirhams* é o nome dado às moedas de prata cunhadas pelos árabes, sendo estes o principal incentivo dos varegues a comercializar com Bagdá.

<sup>390</sup> KOVALEV, *op. cit.*, p. 467.

<sup>391</sup> *Ibid.*, p. 470 – 473.

<sup>392</sup> *Ibid.*, p. 511.



Pendente encontrado em Pskov. Na primeira figura estão presentes a chave e o bidente; enquanto na segunda há o falcão com a cruz. FONTE: KOVALEV, Roman K. "Grand Princess Olga of Rus' Shows the Bird: Her 'Christian Falcon' Emblem". *Russian History* 39, 2012, p. 463.

Na mitologia nórdica, Freyja era a deusa do amor e da fertilidade, geralmente representada com volúpia e lascívia<sup>393</sup>. Entre os símbolos associados à sua figura estão o falcão, representando a nobreza e a qualidade protetora de Freyja<sup>394</sup>; e a chave, simbolizando sua feminilidade, em aspectos como a proteção do lar e a ajuda nos partos, e a relação do seu culto com o além<sup>395</sup>. No contexto de Olga, conforme Kovalev, a chave passou a ter um sentido similar ao das mulheres da Escandinávia, onde elas eram as guardiãs do lar enquanto seus maridos estavam fora de casa<sup>396</sup>. O simbolismo foi então apropriado à situação de Olga após um evento trágico que ocorreu sobre a casa Riuríkida possivelmente no ano de 945, o qual falaremos no próximo tópico.

### 3.3 – A EXPANSÃO VINGATIVA

A proeminência de Olga enquanto personalidade marcante à la Thomas Carlyle começa com a sua ascensão ao poder, conforme as fontes memorialísticas, em 945 como regente de Kiev enquanto Sviatosláv Ígorevitch, seu filho, era menor de idade. Além do

<sup>393</sup> Para o papel de Freyja dentro do panteão nórdico, bem como da historiografia que trata sobre a divindade, ver LANGER, Johnni. "Freyja". In: *DMN*, p. 125 – 131.

<sup>394</sup> KOVALEV, *op. cit.*, p. 495 – 497. Freyja também tinha uma capa em formato de falcão, cf. *Ibid.*, p. 491.

<sup>395</sup> *Ibid.*, p. 478 – 480.

<sup>396</sup> *Ibid.*, p. 481.

estonteante conto sobre a sua vingança contra o suposto povo que assassinou Igor quando este fora possivelmente em novembro<sup>397</sup> cobrar mais tributo do que deveria, a qual analisaremos no próximo capítulo, assim como antes de assumir a regência quase nada se sabe sobre este período, ao menos antes do auge do Cristianismo. Mesmo com as fontes memorialísticas por base todavia, e com alguns toques da arqueologia, alguns historiadores vêm tentando reconstruir esta etapa da trajetória de Olga.

Já falamos um pouco no capítulo anterior que a pré-condição da regência de Olga foi a morte de Igor. Há somente um relato sobre o evento, que vem até nós como uma advertência de Leão, o Diácono para Sviatosláv enquanto este estava em guerra contra Constantinopla. O cronista grego adverte o príncipe de Rus para que ele não tenha o mesmo destino de seu pai alguns anos atrás:

Eu espero que nós não pareçamos replicar em uma maneira arrogante; pois temos confiança em Cristo, o Deus imortal, que se não deixares o local, então querendo ou não tu serás expulso deste por nós. Pois creio que tu estás bem ciente do erro de seu pai Igor, o qual, ridicularizando os tratados jurados, navegou contra a Cidade Imperial com uma grande tropa e milhares de barcos, mas retornou ao Bósforo da Ciméria com somente dez barcos, sendo ele próprio o mensageiro do desastre que caiu sobre si. Passarei sobre o destino desgraçado que caiu sobre ele mais tarde, em sua campanha contra os Germanos, quando fora capturado por eles, amarrado entre troncos das árvores, e dividido em dois<sup>398</sup>.

Se é possível confiar na *PVL*, a ação imediata de Olga foi entrar em conflito com o povo que alegadamente assassinou Igor, os Derevlianos, um povo de origem turca que habitava as estepes do leste da atual Ucrânia<sup>399</sup>. O método utilizado pela regente consiste em uma trama fascinante que ajudou a moldar a futura imagem de Olga, e que será retomada no próximo capítulo. Os motivos do conflito todavia pode ir além da vingança contra a morte de seu marido. É aceito pela historiografia que os Derevlianos se revoltaram contra a cobrança excessiva de tributo por parte de Igor, logo é provável a campanha da regente fora mais pragmática, com a intenção de acalmar os ânimos dos Derevlianos, do que passional. E mais, de acordo com o historiador ucraniano Yuriy Dyba, a tomada das terras ao oeste de Kiev faria

<sup>397</sup> Cf. KOZLÓV, Mikhaíl N. "Velíkaia Kniaguínia Olga: ot Verkhóvnoi Jrítsy do Prosvetitel'nitsy Russi[Grã-Princesa Olga: de Suma Sacerdotisa a Iluminadora de Rus]". *Vestnik slavianskikh kul'tur*. Vol. 43, 2017, p. 85.

<sup>398</sup> "I hope we do not seem to be making these replies in a boastful spirit; for we have confidence in Christ, the immortal God, that, if you do not leave the land, then willing or not you will be driven from it by us. For I think you are well aware of the mistake of your father Igor, who, making light of the sworn treaties, sailed against the imperial city with a large force and thousands of light boats, but returned to the Cimmerian Bosphoros with scarcely ten boats, himself the messenger of the disaster that had befallen him. I will pass over the wretched fate that befell him later, on his campaign against the Germans, when he was captured by them, tied to tree trunks, and torn in two". LEÃO, O DIÁCONO, *op. cit.*, p. 156 (Tradução nossa).

<sup>399</sup> VERNADSKY, *op. cit.*, p. 23.

parte de uma política de Olga para obter o domínio de rotas fluviais que possibilitariam o maior contato com os mercadores do Ocidente Latino<sup>400</sup>. Os rios que passavam pelo território dos revoltosos eram afluentes da "Rota Bulgária (do Volga) – Kiev – Regensburg<sup>401</sup>", ligando a Bulgária do Volga com a Bavária e a Boêmia, e Olga conseguiu uma posição privilegiada através do domínio da bacia ocidental do rio Bug, obtido via vingança<sup>402</sup>. Liudmíla Morózova ainda acrescenta que a aniquilação dos Derevlianos foi importante para Olga se afirmar perante os outros príncipes e a drujína, uma proposta interessante mesmo que a autora não cite as fontes de tal conclusão<sup>403</sup>.

Recentemente, algumas pesquisas afirmam que a narrativa da vingança consistiria em um rito fúnebre elaborado nos moldes das práticas escandinavas dedicado a Igor<sup>404</sup>. A estrutura do evento, como veremos no próximo capítulo, é entendida como um funeral promovido por Olga ao príncipe falecido, e os Derevlianos serviriam como sacrifício conforme dizia a tradição<sup>405</sup>. Quando abordarmos a vingança de Olga nós falaremos um pouco sobre este rito<sup>406</sup>, mas é importante salientar que, se esta visão está correta e a passagem da vingança fora realmente um funeral, a hipótese de Kárpov sobre Olga como suma sacerdotisa teria ainda mais validade, e a regência de Olga seria portanto ao mesmo tempo política e religiosa.

O conflito contra os Derevlianos teria relação direta com algumas reformas preservadas em um pequeno trecho da *PVL*, nas entradas de 946 e 947:

---

<sup>400</sup> DYBA, Yuriy R. "Administrative and Urban Reforms by Princess Olga: Geography, Historical and Economic Background". *Latvijas arhīvi / Latvijas Nacionālais arhīvs. Galv. red. V. Pētersone*, № 1 – 2, 2013, p. 46 – 47.

<sup>401</sup> NAZARENKO *apud* DYBA, *op. cit.*, p. 47.

<sup>402</sup> *Ibid.*, p. 48. Este mesmo rio também possibilitou o comércio com o Báltico, cf. *Ibid.*, p. 52.

<sup>403</sup> MORÓZOVA, Liudmíla E. "Gossudárstvennaia Diéiatelnost Kniaguíni Ólgui [A Atividade Estatal da Princesa Olga]". *Viéstrnik Iekaterinbúrgskoi dukhóvnoi seminárii [Boletim do Seminário Espiritual de Ecaterinburgo]*, Vol. 4 (12), 2015, p. 35 – 36. De acordo com a autora, Olga precisava "se vingar" para provar que poderia liderar Kiev; uma abordagem interessante mas não alicerçada de modo nenhum pela autora.

<sup>404</sup> Os autores que se propõem a estudar tal temática geralmente fazem uso das descrições do viajante árabe Ahmed Ibn Fadlan sobre os costumes dos *Rhos* no início do século X. Para estes, ver MUCENIECKS, André S. "Ritos Rus". In: *DMN*, p. 410 – 413.

<sup>405</sup> Mikhaíl Kozlów afirma ainda que o motivo das revoltas dos Derevlianos tem relação direta com a aceitação do Cristianismo por parte de Olga, cf. KOZLÓV, *op. cit.*, p. 90. Como explicitado abaixo, não acreditamos em tal hipótese.

<sup>406</sup> Apesar de retornarmos ao tema e a estes autores futuramente, por hora ver KOPTEV, Aleksandr. "Reconstructing the Funeral Ritual of the Kievan Prince Igor (Primary Chronicle, sub anno 945)". *Studia Mythologica Slavica XIII*, 2010, p. 87 – 106; *Ibid.* "Ritual and History: Pagan Rites in the Story of the Princess' Revenge (the Russian Primary Chronicle, under 945 – 946)". *MIRATOR* 11:1, 2010, p. 1 – 54 (doravante KOPTEV<sup>1</sup>; KOZLÓV, *op. cit.*, p. 81 – 95. A perspectiva dos autores é diferente, pois enquanto Koptev constrói seu argumento com uma base Duméziliana de trifuncionalidade e focando nos aspectos do rito *escandinavo*, Kozlów afirma que o funeral teve raiz *eslava* e se baseia em folclore. Como explicitamos no capítulo anterior nossa postura com relação à Controvérsia Normanista, acreditamos que os ritos tinham base escandinava, não negando que um possível emaranhamento tenha acontecido.

[...] E ela impôs-lhes um pesado tributo. Dois terços do tributo vão para Kiev, e a terceira parte vai para Víchgorod. Olga então passou pela terra Derevliana com seu filho, e estabeleceu leis e impostos. Seus entrepostos comerciais e reservas de caça ainda permanecem lá. E então ela retornou à sua cidade de Kiev com seu filho Sviatosláv e permaneceu lá por um ano. No ano de 6455<sup>407</sup>, Olga foi até Nóvgorod e ao longo do lago Msta estabeleceu *pogósty* e coletou tributo, e também coletou impostos anuais e tributos ao longo do Luga. Suas reservas de caça estão presentes por toda a terra; e alfândegas, vilas e *pogósty* ainda existem ao redor da terra de Rus, e seu trenó permanece em Pskov até os dias de hoje; e ao longo do Dniepre as suas reservas de pássaros, e ao longo do [rio] Desná a sua vila de Óljitchi existem até os dias de hoje<sup>408</sup>.

Sobretudo a instauração de postos administrativos chamados de *pogósty* (singular: *pogóst*)<sup>409</sup> em diferentes locais, o que levou historiadores a afirmarem que Olga estaria reformulando as fronteiras de seus domínios e logo, em toda Rus<sup>410</sup>. Acreditamos entretanto na proposta de Aleksándr Korolióv, quando este afirma que a reforma de Olga teve uma magnitude pequena e restrita à área Derevliana que a regente conquistou<sup>411</sup>. Influenciado por Chákhmatov, o autor argumenta que Olga sequer realizou a viagem presente na *PVL* tanto devido ao perigo quanto ao fato de Nóvgorod não ser ainda subordinado a Kiev<sup>412</sup>. Ao invés de expansão territorial ao norte então, a regente teria focado suas atenções para a terra dos Derevlianos e, motivada pelo comércio com a Europa latina em uma centralização de escala menor do que as fontes deixavam implícitas. Citando Dyba:

Então a causa das iniciativas administrativas e urbanas da Princesa Olga depois da guerra contra os Derevlianos foi a necessidade de assegurar o controle estatal sobre as rotas comerciais estrategicamente importantes e seguras (levando em consideração a ameaça dos Petchenegues) que conectava Kiev com os mercados de bens russos na região da Bavária do Danúbio através da área florestal Derevliana e da Volínia. O controle sobre seu segmento da Volínia que atingia o rio Luga e o rio Bug Ocidental deu a Kiev mais uma vantagem – a saída direta (sem a mediação de Ládoga ou de Pólotsk) através dos rios Bug e Vístula até o Mar Báltico. É por isso que Olga concentrou seus esforços em obter uma posição na margem direita do Bug, equipando seu afluente – o rio Luga, logo após a conquista dos

<sup>407</sup> 947.

<sup>408</sup> *PVL-Or*, p. 29; *PVL-Li*, p. 165 – 166; *CrN*, p. 66 – 67; *RPC*, p. 81 – 82 (Tradução nossa com base nas fontes supracitadas).

<sup>409</sup> Atualmente, a palavra significa "cemitério de aldeia".

<sup>410</sup> PUSHKAREVA, *op. cit.*, p. 9. Para um resumo conciso da historiografia russa sobre o tema desde Nikolái Karázmín até a contemporaneidade, ver KOROLIÓV, Aleksándr S. "Administratívno-finánssovaia refórma kniaguíni Ólgui v Otiétchestvennoi Istoriográfií [A Reforma Administrativo-financeira da Princesa Olga na Historiografia Nacional]". *Nauka i Chkóla [Ciência e Escola]*, 2012, n° 6, p. 162 – 166.

<sup>411</sup> KOROLIÓV, Aleksándr S. "K Voprósu ob Ustroítelnoi Díiatelnosti Kniaguíni Ólgui [Sobre a Questão da Atividade Organizacional da Princesa Olga]". *Nauka i Chkóla [Ciência e Escola]*, 2013, n° 5, p. 179 (doravante KOROLIÓV<sup>1</sup>).

<sup>412</sup> *Ibid.*, p. 177 – 178. Seria também improvável uma interferência kievana em Nóvgorod durante a regência de Olga, cf. DYBA, *op. cit.*, p. 40 – 43.

Derevlianos (que providencia a Kiev a supervisão da seção da rota Derevliana) [...]<sup>413</sup>

Talvez ainda motivada pela morte de seu marido e temendo novas revoltas dos povos subordinados<sup>414</sup>, Olga transformou a relação tributária entre Kiev e os povos subordinados. O sistema anterior, conhecido como *poliúdie*, consistia no recolhimento das taxações pelo príncipe e sua *drujína* no inverno<sup>415</sup>. Segundo Franklin e Shepard, esta iniciativa proporcionou o maior controle da produção de artigos de exportação, bem como seu escoamento com os *pogósty* e os santuários de caça<sup>416</sup>. Entre os tributos coletados por Olga estão mel, cera e peles, sendo todos a base da economia kievana de bens de luxo destinados à Constantinopla e outros locais<sup>417</sup>. Destes, dois terços iam para Kiev enquanto o restante ficava com Víchgorod<sup>418</sup>, provavelmente um dos domínios pessoais de Olga herdados enquanto ela era solteira.

Retomando ao emblema do falcão do tópico anterior, Olga pode também ter comandado uma reforma numismática e talvez heráldica, utilizando como símbolos de seu poder a ave de rapina e o bidente, este aparentemente sendo símbolo da dinastia Riuríkida e logo do mando de Sviatosláv<sup>419</sup>. Com base nas moedas datadas da década de 950 encontradas ao longo de Rus e no pingente exposto acima, Kovalev afirma que o uso da simbologia do falcão com a cruz e o bidente expressaria a dualidade do poder em Kiev no tempo da regente; com o pássaro representando Olga (cuja associação está presente no tópico anterior) na posição de regente, e o bidente, como uma insígnia do clã Riuríkida, representando Sviatosláv na posição de príncipe verdadeiro<sup>420</sup>.

---

<sup>413</sup> "So the cause of the administrative and urban initiatives of Princess Olga after the war with the Derevlians was the need to ensure state control over the strategically important and safe (taking into consideration the threat of Pechenigs) trade route which connected Kyiv with the markets of Russian goods in the Bavarian Danube region through the forested Derevlianian and Volynian lands. The control over its Volyn segment that reached the Luga River and the Western Bug River gave Kyiv one more advantage – the direct (without Ladoga or Polotsk mediation) exit through the Bug and the Vistula Rivers to the Baltic Sea. That's is why Olga concentrated her efforts on getting a foothold on the right bank of the Bug, equipping its tributary – the Luga River right after the conquest of the Derevlians (which provides Kyiv with the supervision of Derevlianian route section) [...]" DYBA, *op. cit.*, p. 50 (Tradução nossa).

<sup>414</sup> MORÓZOVA, *op. cit.*, p. 37.

<sup>415</sup> FRANKIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 120; VERNADSKY, *op. cit.*, p. 39. O termo foi utilizado por Constantino VII Porfirogênito em seu *De Administrando Imperio*.

<sup>416</sup> FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 133.

<sup>417</sup> *Ibid.*, p. 134.

<sup>418</sup> Atualmente cidade homônima no centro da Ucrânia.

<sup>419</sup> KOVALEV, *op. cit.*, p. 471.

<sup>420</sup> *Ibid.*, p. 516.

### 3.4 – O PROBLEMA DO BATISMO

Ao passo que as reformas tributárias e administrativas de Olga vêm atraindo uma atenção historiográfica recente, a questão do batismo da regente no Cristianismo de rito Grego é muito provavelmente o assunto mais abordado por qualquer pesquisador que insiste em tê-la como objeto. O acontecimento por si só é importantíssimo em diversos âmbitos do oceano histórico que banha a História de Rus de Kiev, como a relação com os imperadores de Constantinopla e a questão do Cristianismo em Rus antes de Vladimir, motivando vários pesquisadores a escreverem sobre o tema. Tão importante, de fato, que até Edward Gibbon dedica uma pequena parte de seu magnânimo *História do Declínio e Queda do Império Romano* para tratar do assunto<sup>421</sup>; e se Edward Gibbon colocou algo em sua obra, o leitor pode apostar que o tema é relevante.

Nós já trabalhamos com esta temática em um momento anterior e desde então nossa opinião mudou consideravelmente. Somente alguns detalhes permanecem, que falaremos mais ao final deste tópico. Mas podemos começar dizendo que, seja lá quais razões levaram Olga ao Cristianismo Grego, não acreditamos que uma conversão sincera tenha sido a principal destas. Seria nosso cinismo tão massivo ao ponto de acreditar que Olga batizou-se somente por razões políticas e/ou econômicas e que não foi tocada pela mítica beleza da fé dos gregos? Não necessariamente. Acreditamos que Olga tenha sim se tornado cristã, demonstrado pela iconografia acima mencionada do falcão com a cruz sobre a cabeça<sup>422</sup>.

Tudo começa novamente na *PVL*, afirmando que Olga visitou Constantinopla em 955 e lá recebeu o batismo. Um evento de tamanha importância e magnitude claro que deveria estar presente na primeira compilação histórica de Rus<sup>423</sup>. A listagem do Imperador grego Constantino VII Porfirogênito (913 – 959) de procedimentos no Grande Palácio, na obra conhecida como *De Ceremoniis* ou *Livro de Cerimônias*, registra o nome de uma tal Helga, *archontissa* de Rus, em duas ocasiões distintas, provando que Olga realmente esteve na Cidade Imperial. Acontece que, conforme a datação presente nesta fonte, a visita da regente ocorreu na quarta-feira, dia 9 de setembro e no domingo, dia 18 e outubro; e as únicas datas possíveis que combinam ambos os resultados no tempo de vida de Constantino VI são ou 946

<sup>421</sup> GIBBON, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire. Volume V.* s/d, p. 592 – 593.

<sup>422</sup> *Ibid.*, p. 516. O autor ainda afirma que a origem da cruz presente sobre a o falcão tem origens na variante carolíngia de Worms, que provavelmente chegou até Rus por meio da Morávia. Ver KOVALEV, Roman. "Where Did Rus' Grand Princess Olga's Falcon Find Its Cross?". *Archivum Eurasiae Medii Aevi*, nº 21, 2014 – 2015, p. 174 – 181 (doravante KOVALEV<sup>1</sup>). Provavelmente, os rus tiveram contato com esta cruz pela Rota Bulgária (do Volga) – Kiev – Regensburg, mencionada acima.

<sup>423</sup> Mesmo assumindo a hipótese que a *PVL* fez uso de fontes anteriores, o batismo de Olga provavelmente estava presente nestas.

ou 957. Para piorar, o *De Ceremoniis* não diz se Olga fora batizada, somente retoma narra que ela esteve no Grande Palácio com sua comitiva feminina, uma grande quantidade de mercadores, enviados de príncipes de outras partes de Rus, e um clérigo chamado Gregório de proveniência incerta<sup>424</sup>.

Logo, as questões mais trabalhadas sobre o batismo estão na datação. Estas levam em consideração se Olga realizou uma ou duas viagens, se as jornadas para Constantinopla tinham realmente a finalidade do batismo, e se ela já era cristã durante a ocasião. Novamente, já argumentamos exaustivamente sobre esta querela<sup>425</sup>, e outros historiadores já alertaram para a "inutilidade" da questão<sup>426</sup>. Restringiremo-nos neste trabalho, pois não é nosso objetivo aqui, a apresentar sinteticamente os argumentos sobre as *datas*. Começando por aqueles que confiam na data presente na *PVL*, que é corroborada por uma passagem do *Louvor* dizendo que Olga viveu quinze anos como cristã antes de morrer em 969. Esta historiografia parece ter sido superada, com o historiador polonês Andrzej Poppe sendo um de seus últimos bastiões e afirmando que Olga só poderia ter se sentado junto da Imperatriz Helena Lecapena se ela já fosse uma governante cristã, logo o título de *Zōstē Patrikia* (grego: Dama Cingida)<sup>427</sup>. Também confiam nesta data outros especialistas como Alexis Vlasto, George Vernadsky, Matthew Spinka, George Ostrogorsky, Gennádii Litávrin, e o próprio Eurípides Simões de Paula.

Outros autores acreditam que o batismo de Olga ocorrera antes da data estipulada na *PVL*, em 946 para ser mais exato. A base destes seria a visita dos árabes presentes em um dos parágrafos que menciona a regente no *De Ceremoniis*, juntando então uma primeira (ou única) visita imediata de Olga a Constantinopla com seu batismo. Entre os proponentes estão uma primeira fase da produção de Gennádii Litávrin, Mikhaíl Kozlów, Otto Kresten, Liudmíla Morózova, Vladimir Vodoff, e Constantin Zuckerman. Uma exceção entre estes historiadores, Ludolf Müller acredita que Olga teve que ser batizada imediatamente após a morte de Igor, em 944 ou 945, tendo a necessidade de afirmar seu poder perante a *drujína*<sup>428</sup>.

<sup>424</sup> NEVES, *op. cit.*, p. 63 – 64.

<sup>425</sup> *Ibid.*, p. 74 – 87. Por isso, uma parte da bibliografia sobre o debate estará omissa nesta dissertação, e recomendamos o leitor a ver o anterior para mais detalhes.

<sup>426</sup> HOLLINGSWORTH, *op. cit.*, p. 206; KÁRPOV, *op. cit.*, p. 197.

<sup>427</sup> POPPE, Andrzej. "Once Again concerning the Baptism of Olga, Archontissa of Rus". *Dumbarton Oaks Papers, Homo Byzantinus: Papers in Honor of Alexander Kazhdan*, 46, 1992, p. 27 (Doravante POPPE<sup>1</sup>). Poppe porém não explica o porquê da data de 955 ser a correta, fazendo com que seu argumento não tenha força. Sobre o título de *Zōstē Patrikia*, reservado somente a damas da aristocracia ver KAZHDAN, Alexander. "Zoste Patrikia". In: *ODB*, vol. III, p. 2231; POPPE<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 272 – 273.

<sup>428</sup> MÜLLER *apud* NEVES, *op. cit.*, p. 76.

O terceiro grupo, sendo a maioria atualmente, consiste nos historiadores que creem na data do batismo sendo em 957 na segunda (ou única) viagem de Olga para a Cidade Imperial. Dentre os avanços desta historiografia merece destaque Jeffrey Featherstone, que baseia seu argumento em detalhes da própria cerimônia de recepção, como por exemplo o fato do órgão imperial tocar duas vezes na presença da regente<sup>429</sup> ou a posição do trono da Imperatriz<sup>430</sup>. Basicamente, pequenos procedimentos geralmente ignorados por historiadores sustentam de maneira convincente o argumento de Featherstone, e o autor ainda afirma que o batismo ocorreu um pouco antes da cerimônia, possivelmente no Dia da Natividade da Virgem em 8 de setembro, explicando o título de *Zōstē Patrikia*<sup>431</sup>. Para corroborar com a data, uma redação posterior da Crônica de Nóvgorod diz que Olga viajou até Constantinopla e foi batizada em 957/958<sup>432</sup>. Além de Featherstone, e em alguns casos concordando com o autor, fazem parte deste grupo Francis Butler, Simon Franklin, Aleksíei Kárpov, Roman Kovalev, Aleksándr Nazariénko, Omeljjan Pritsak, Christian Raffensperger, Andréi Sákharov, e Jonathan Shepard.

Por último, há dois historiadores que discordam das datações acima e merecem um parêntese especial por suas conclusões. O primeiro é o historiador francês Jean-Pierre Arrignon, que acredita que o batismo ocorreu em 959. Arrignon afirma que a viagem contida no *De Cerimoniis* e o batismo não tiveram o mesmo objetivo, e este somente poderia ter ocorrido em 959 pois Olga teve que entrar em contato com um outra Cristandade poderosa, a qual falaremos mais tarde<sup>433</sup>. O segundo é o já mencionado Dmitry Obolensky, que vai mais longe que os outros autores ao datar o ano em que Olga fora batizada como 961. Para isso, Obolensky faz uso de um "erro" no *Louvor* em que a palavra "quinze" na redação original seria "nove"<sup>434</sup>. Ainda, Obolensky argumenta que a viagem da regente para Constantinopla em 957 tinha a intenção de ser um batismo, mas foi um fracasso e isso motivou Olga a recorrer para o Ocidente, até que um convite do sucessor de Constantino VII Porfirogênito resolveu "fazer as pazes" com Olga e fixar novos tratados, possibilitando o batismo da

---

<sup>429</sup> FEATHERSTONE, Jeffrey. "Olga's Visit to Constantinople in *De Cerimoniis*". *Révue des études byzantines*, tome 61, 2003, p. 243. Isto não seria possível em 946.

<sup>430</sup> *Ibid.*, p. 246.

<sup>431</sup> *Ibid.*, p. 246 – 247.

<sup>432</sup> KÁRPOV, *op. cit.*, p. 152.

<sup>433</sup> ARRIGNON, Jean-Pierre. "Les relations internationales de la Russie Kiévienne au milieu du X e siècle et le baptême de la princesse Olga". In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*. 9e congrès: Dijon. Occident et Orient au Xe siècle, 1978, p. 176 – 178. O motivo da viagem seria, para Arrignon, casar Sviatosláv com a filha de Constantino VII, hipótese esta sendo interessante, mas é mera conjectura sem fontes.

<sup>434</sup> OBOLENSKY, Dmitry. "Ol'ga's Conversion: The Evidence Reconsidered." *Harvard Ukrainian Studies* 12 – 13, 1989, p. 157 (Doravante OBOLENSKY<sup>1</sup>).

regente<sup>435</sup>. Apesar de terem ideias interessantes acerca do evento, até onde sabemos a opinião destes autores não é muito popular dentro da historiografia sobre o tema.

Argumentamos em um trabalho anterior que o batismo tinha ocorrido em 959, a partir da ausência do registro de um batismo no *De Ceremoniis*<sup>436</sup>. Ainda vemos a inexistência desta informação em qualquer fonte como um detrimento ao argumento de 957, *entretanto* admitimos que o batismo pode ter ocorrido neste ano após uma releitura de Featherstone. Sendo assim, arriscamos que Olga foi batizada entre 957 e 959, com probabilidade maior recaindo sobre a primeira data. Ainda acreditamos, porém, que o evento foi realizado em uma única viagem, pois o caminho era árduo e, segundo Kárpov, a viagem poderia demorar de trinta e cinco a quarenta e cinco dias – em condições favoráveis<sup>437</sup>. A razão da jornada fora possivelmente para tratar de assuntos diplomáticos e políticos, dada a presença de embaixadores e mercadores em sua comitiva. Não temos dúvida que o local do batismo foi Constantinopla devido ao *Synopsis Historiarum*, uma fonte cronística bizantina do século XII escrita pelo historiador João Skylitzes, que carrega a seguinte passagem:

A esposa do líder rus que uma vez navegou contra o território Romano<sup>438</sup>, de nome Olga<sup>439</sup>, veio até Constantinopla depois que seu marido faleceu. Ela foi batizada e demonstrou uma devoção fervente. Ela foi honrada de maneira proporcional a sua devoção, e então ela voltou para casa<sup>440</sup>.

Ao passo que a datação do batismo de Olga tenha sido um tema bastante estudado (até demais, e temos culpa nisso!), talvez por um capricho de Clio; a razão de ser do evento, ou seja, por que causas a regente decidiu aceitar Jesus, não foi tão debatida assim. De fato, em trabalhos reservados a seu batismo os motivos ocupam ou dois parágrafos, na melhor das hipóteses. Caro leitor, caso você se sinta perplexo ou confuso, não se preocupe pois não é o único. De qualquer modo, na historiografia voltada para a figura de Olga como um pilar da construção do "Estado" de Rus, a regente tornou-se cristã ou para unificar o território por meio de uma religião única<sup>441</sup>, ou foi pressionada pela ala cristã de sua drujína a converter-

<sup>435</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>436</sup> NEVES, *op. cit.*, p. 82 – 86.

<sup>437</sup> KÁRPOV, *op. cit.*, p. 162.

<sup>438</sup> Skylitzes obviamente se refere ao Império Romano do Oriente.

<sup>439</sup> John Wortley traduziu como Olga, mas no original o nome presente é "Helga".

<sup>440</sup> "The wife of the Russian Chieftain who had once sailed against Roman territory, Olga by name, came to Constantinople after her husband died. She was baptised and demonstrated fervent devotion. She was honoured in a way commensurate with her devotion, then she went back home". JOÃO SKYLITZES. *A Synopsis of Byzantine History 811 – 1057*. Traduzido por John Wortley. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 231 (Tradução nossa).

<sup>441</sup> Para exemplos, ver MORÓZOVA, *op. cit.*, p. 38; PUSHKAREVA, *op. cit.*, p. 9 – 10. Kárpov parece fundir esta ideia com uma noção próxima do *Ideal Bizantino* de Raffenperger ao justificar a conversão de Olga, cf. KÁRPOV, *op. cit.*, p. 147 – 148.

se<sup>442</sup>. Até mesmo ela pode ter se sentido transformada pela "beleza divina" que emanava de Constantinopla em sua longa estadia na Cidade Imperial, e resolveu seguir a religião Imperial<sup>443</sup>. Os motivos também podem ter sido múltiplos, não excluindo os acima mencionados e envolvendo a obtenção de vantagens como apoio e proteção de Constantinopla<sup>444</sup>. Ainda há a intrigante hipótese de Mikhaíl Kozlów, que vê no batismo a opção de escapar do trágico destino do rito funerário de Igor: o suicídio da regente conforme os costumes dos ritos fúnebres<sup>445</sup>.

Também não descartamos a possibilidade de uma conversão pessoal, mas a cruz do Oriente pesou bastante considerando as vantagens existentes do Cristianismo, sobretudo o de rito Grego. Apesar da tentativa Carolíngia constantemente celebrada pela historiografia ocidental de se tornar o centro cultural do mundo Medieval, Constantinopla ainda ocupava esta função no século X<sup>446</sup>, e ser cristão neste mundo era muito mais prolífico que seguir os Kházaros ou a Bulgária do Volga. Concordamos pois com as considerações de Raffensperger, quando o autor afirma que Olga, com desejo de se converter ou já sendo cristã, buscava se filiar à alguma Cristandade por influência da elite cristã de Kiev, foi até Constantinopla com um clérigo que não era bizantino para pressionar politicamente o Imperador e a própria *drujína* cristã<sup>447</sup>. Afinal, Olga sabia que havia no Medievo mais de um meio oficial de interpretar o Cristianismo que não era necessariamente o Ortodoxo Grego, e este seria um bom modo de demonstrar sua autoridade de regente.

### 3.5 – ENTRE DUAS CRUZES

É geralmente aceito pelos historiadores a partir de uma passagem da *PVL* que, após Olga retornar de Constantinopla, Constantino VII Porfirogênio pediu por soldados como prometido, já que o Império estava em guerra no momento<sup>448</sup>. Olga recusou o pedido de ajuda, e relações entre os gregos e os rus estão presentes em fontes até a campanha expansionista de Sviatosláv. Isso significa que, por quaisquer motivos políticos e diplomáticos que a regente visitara a Cidade Imperial, as coisas não saíram como esperado.

---

<sup>442</sup> Para exemplos, ver VERNADSKY, *op. cit.*, p. 40.

<sup>443</sup> KÁRPOV, *op. cit.*, p. 191 – 197.

<sup>444</sup> FENNELL, *op. cit.*, p. 28; FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 135 – 137.

<sup>445</sup> KOZLÓV, *op. cit.*, p. 86.

<sup>446</sup> RAFFENSPERGER, *op. cit.*, p. 11 – 12.

<sup>447</sup> *Ibid.*, p. 157 – 158. Constantinopla era o centro Cristão mais próximo de Kiev com exceção da Bulgária, podendo ser um outro fator para procura inicial pelo Cristianismo de rito Grego.

<sup>448</sup> OBOLENSKY<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 154. Mencionaremos a passagem no próximo capítulo.

Ao distanciarmos-nos das fontes de Rus e de Constantinopla, encontramos algo curioso que aconteceu por volta de 960 e que ilumina uma parte interessante da vida de Olga. Em uma fonte conhecida como *Chronicon*, escrita inicialmente pelo clérigo Regino de Prüm<sup>449</sup>, o arcebispo germano Adalberto de Magdeburgo registrou nas entradas de 959 o seguinte acontecimento:

Embaixadores de Helena, rainha dos russos, que sob o Imperador Constantinopolitano Romano<sup>450</sup> foi batizada em Constantinopla, falsamente, como depois foi descoberto, vieram ao rei para pedir por bispos e presbíteros para sua gente.<sup>451</sup>

Adalberto quer dizer que embaixadores de Rus, possivelmente a mando de Olga, foram para a corte do rei germano Oto I (936 – 972) requisitar uma verdadeira missão de evangelização de bispos pertencentes ao Cristianismo de rito Latino, para Rus. O pedido foi aceito pouco antes de 962, quando um acontecimento impediu a concretização da missão. De acordo com Adalberto, no mesmo ano em que ele se tornou bispo, ele liderou os evangelizadores até Rus, mas foram recebidos com hostilidade pelos rus e a empreitada foi um fracasso, com muitos clérigos assassinados e poucos retornando vivos para o Reino da Germânia<sup>452</sup>.

Em primeiro lugar, devemos concordar com a maior parte da historiografia de que este evento ocorreu depois do batismo de Olga<sup>453</sup>. Em segundo lugar, é possível que a missão de Adalberto não tenha sido necessariamente uma missão de conversão. Como mostra Dmytro Gordiyenko, é possível que a embaixada de Olga tenha visitado a corte de Oto I por motivos que não seriam necessariamente por uma missão evangelizadora, mas que um corpo clérigo seria parte da comitiva germânica<sup>454</sup>. Ainda na concepção do autor, O reino da Germânia buscava pressionar Constantinopla, e procurou obter em Kiev um poderoso aliado para este fim; ao passo que a política expansionista de Olga encontrara alguns obstáculos nos povos das

---

<sup>449</sup> *Reginonis Abbatis Prumiensis cum Continuatione Treverensi*. Editado por Friedrich Kurze. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1890, p. xv.

<sup>450</sup> Romano II (959 – 963), coimperador junto de seu pai Constantino VII Porfirogênito a partir de 945 *de facto* a partir de 959. Ver KAZHDAN, Alexander. "Romanos II". In: *ODB*, vol. III, p. 1806 – 1807.

<sup>451</sup> "*Legati Helenae reginae Rugorum, quae sub Romano imperatore Constantinopolitano Constantinopoli baptizata est, fecte, ut post claruit, ad regem venientes episcopum et presbiteros eidem genti ordinari petebant*". *Ibid.*, p. 170 (Tradução nossa).

<sup>452</sup> *Reginonis Abbatis...*, *op. cit.*, p. 172.

<sup>453</sup> Para uma exceção a esta lógica, ver OBOLENSKY<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 145 – 158. Devemos ressaltar que Obolensky acreditava que o batismo ocorrera em 961.

<sup>454</sup> Cf. GORDIYENKO, Dmytro. "The Mission of Kyivan Princess Ol'ga to the King Otto I, in the Context of Rus' and Germany Foreign Policies". *Byzantinoslavica, Revue internationale des Études Byzantines*, 1-2, 2008, p. 109 – 110.

estepes, fazendo com que a ajuda de Oto I fosse mais que bem-vinda<sup>455</sup>. A hipótese de Andréi Sákharov, acerca de uma busca por redes diplomáticas envolvendo com o oeste, também é válida, mesmo que o autor não confie em um fracasso da expedição de Olga para Constantinopla<sup>456</sup>. Como argumentamos acima, é possível que esta não tenha sido a primeira tentativa de contato de Olga com o oeste, visto a expansão em direção às terras Derevlianas. Mas também é inteiramente possível que a regente, sendo cristã, tenha procurado por uma outra Cristandade com desejos de converter a elite não-cristã.

Recordando que Olga esteve em Constantinopla antes possivelmente também por razões diplomáticas, é possível que o encontro com os gregos tenha sido um fracasso:

Os esforços de Olga para salvaguardar e intensificar o comércio de Rus com os bizantinos e para propagar o seu culto recém-descoberto não deixaram nenhum vestígio arqueológico direto. Nenhum artefato bizantino ou construção de igreja pode ser inequivocamente atribuído aos prováveis quinze anos que Olga passou como um cristã em Kiev, onde foi servido, presumivelmente, por clero Ortodoxo. De fato, o número de objetos sólidos de proveniência, sem dúvida, bizantino do século X, sejam moedas ou ornamentos, encontrados ao longo da Rota do Dnieper é pequena. Isso, e o resultado aparentemente inconclusivos das negociações de Olga em Constantinopla, tende a esbater as implicações de outras formas de evidência arqueológica da metade do meio e segundo do século décimo.<sup>457</sup>

De qualquer modo, não há nenhum traço de uma propagação do Cristianismo, nem do rito Grego nem Latino, em Rus com a exceção da cruz nas moedas. O motivo mais comumente dado pela historiografia seria uma "reação pagã" de Sviatosláv, de sua drujína e da parte pagã da própria drujína de Olga, impossibilitando qualquer fixação oficial do Cristianismo<sup>458</sup>. Esta explicação é plausível, assumindo que Sviatosláv assumira o trono kievano a partir de 960, e é famoso por não aceitar o Cristianismo. O poder desta elite não-cristã foi forte em Kiev até a conversão de Vladímir Sviatoslávitch, e eles provavelmente ou se converteram com o príncipe ou caíram em desgraça.

---

<sup>455</sup> *Ibid.*, p. 110 – 112. É importante frisar que Gordiyenko trabalha com uma perspectiva de formação de Estado tanto para Rus quanto para o futuro Sacro Império.

<sup>456</sup> SÁKHAROV *apud* NEVES, *op. cit.*, p. 87.

<sup>457</sup> "The efforts of Olga to safeguard and further Rus trade with the Byzantines and to propagate her new-found cult have left no direct archaeological trace. Not one Byzantine artefact or church building can be unequivocally attributed to the fifteen years or so Olga spent as a Christian in Kiev, where she was served, presumably, by Eastern Orthodox clergy. In fact the number of solid objects of unquestionably tenth-century Byzantine provenance, whether coins or ornaments, found along the Dnieper Way is small. This, and the apparently inconclusive outcome of Olga's negotiations at Constantinople, tends to blur the implications of other forms of archaeological evidence of the middle and second half of the tenth century." FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 139 (Tradução nossa).

<sup>458</sup> Esta proposição é clássica e inúmeros autores aceitam-na. Para alguns exemplos, ver RAFFENSPERGER, *op. cit.*, p. 158; SENYK, *op. cit.*, p. 46 – 47; VODOFF, *op. cit.*, p. 54.

Nada mais se sabe mais sobre a regente depois de seu contato com os latinos. Fontes posteriores dizem que ela morreu em 969 e que foi enterrada em Víchgorod, sendo que nenhum pesquisador duvida do local ou possui fontes que possam contestar a informação. De qualquer modo, Olga teve uma trajetória bastante interessante mesmo com o pouco que sabemos sobre ela. Uma senhora poderosa filha de elite varegue ou local de Pskov, que se tornou regente e obteve seu próprio séquito militar, realizando diversas reformas administrativas em Kiev. No início sacerdotisa de Freyja, Olga provavelmente encantou-se com a fé dos gregos e suas vantagens, e se tornou cristã, embora o modelo de Cristianismo não tenha sido o mesmo que ela aderiu. Também visitou o centro cultural da Idade Média duas vezes, e tentou estabelecer relações com reinos poderosos da Europa ortodoxa e latina. Todos estes elementos fazem com que a vida de Olga seja fascinante, mas talvez não tenha sido o suficiente para aqueles que futuramente registrariam seus feitos.

### 3.6 – A QUESTÃO DO GÊNERO (FEMININO)

*Amai vossas esposas, mas não dai-as poder sobre vós*<sup>459</sup>.  
Vladimir Vsiévolodovitch Monômaco

Afirmamos no primeiro capítulo desta dissertação que não consideramos a hagiografia como um gênero literário, um outro sentido da palavra por nós negada pode perturbar o leitor por sua ausência neste trabalho. A razão da ausência é bastante simples: apesar de concordarmos que o gênero pode ser uma categoria útil para a análise histórica, ele simplesmente não é o nosso foco. Com a exceção de um traço marcante presente no discurso hagiográfico sobre Olga, o qual será discutido mais adiante, sua feminilidade ou ausência de tal não interfere nas nossas conclusões. Não estamos interessados neste trabalho em analisar como as hagiografias da regente representam a condição feminina em Rus ou tentar ver como esta era, embora o trabalho seja possível<sup>460</sup>; ou quais eram as particularidades e as nuances da santidade feminina rusa.

<sup>459</sup> *"Jenú svoiú liubítie, no nie daváitie im vlásti nad sobói"*. VLADIMIR VSIÉVOLODOVITCH MONÔMACO, *op. cit.*, p. 463 (Tradução nossa). Provavelmente derivado de Eclo 33, 20.

<sup>460</sup> De tal modo que já foi feito várias vezes. Por exemplo, ver DEWEY, Horace W.; KLEIMOLA, Ann M. "Muted Eulogy: Women Who Inspired Men in Medieval Rus". *Russian History* 10:2, 1983, p. 193 – 194; FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 300 – 302; GROSSMAN, Joan Delaney. "Feminine Images in Old Russian Literature and Art". *California Slavic Studies*, 11, 1980, p. 33 – 35; LÓJKINA, Anastassíia O. "«Jitiíé Sviatýia Blajénnyia Ravnoapóstolnyia i v Premúdrosti Preslovúchtchia Velíkiia Kniaguíni Ólgui»: k Voprósu o Jénskoí Sviatósti v Jitiinói Literátúrie [«Vita da Santa Beatífica Igual aos Apóstolos Sábia Famosa Grã-Princesa Olga de Kiev: Sobre a Questão da Santidade Feminina na Literatura Hagiográfica]". *Viéstnik Tcheliábinskogo Gossudárstvennogo Universitiéta [Boletim da Universidade Estatal de Tcheliábinsk]*, № 27 (165), 2009, p. 74 – 77 (embora trabalhe mais com o SK); MCKENZIE, Rosalind. "Women's image in Russian medieval literature". In: BARKER, Adele Marie; GHEITH, Jehanne M. (Ed.). *A History of Women's Writing in Russia*. Cambridge:

Dito isto, seria um pecado historiográfico de nossa parte ignorar que Olga foi uma mulher e que, com 99,99% de certeza nossa, ela se identificava como uma. Para corrigir esta possível omissão, faremos um breve resumo neste tópico sobre as mulheres em Rus, com destaque sobre a representação literária delas. Pedimos então para o leitor tratar este pequeno tópico como um ponto introdutório para (assim esperamos) futuras pesquisas. Há porém dois empecilhos para o estudo das mulheres e da representação feminina nos escritos de Rus, e que influenciam no tamanho ínfimo deste tópico. O primeiro deles é a relativa ausência delas nos escritos. Mesmo em compilações de natureza memorialística a presença feminina era muito pequena e quase insignificante<sup>461</sup>. O segundo motivo concerne a própria historiografia sobre o tema. Conforme Pushkareva, pesquisadora pioneira nos estudos sobre mulheres em Rus, sendo ela bastante recente devido à proibição da URSS de falar sobre o tema, tornando as pesquisas difíceis tanto para historiadores soviéticos e estrangeiros<sup>462</sup>.

Sabemos muito mais sobre as princesas do que quaisquer outras mulheres em Rus, e mesmo sobre elas não há muita informação. Assume-se que elas não agiam diretamente na política (com a óbvia exceção de Olga) e na cultura salvo em raríssimas exceções, mas eram possivelmente letradas<sup>463</sup>. Além disso, Kárpov diz que as princesas tinham acesso à sua própria *drujína*<sup>464</sup>. Ironicamente, existem mais relatos de princesas rusas que se casaram com monarcas estrangeiros, relatos estes em sua maioria não sendo de Rus. Entre as mais notáveis estão as filhas de Iarosláv o Sábio: Anastácia, que assumiu a regência do reino da Hungria com a morte de André I (1046 – 1060); Elizabete, esposa do rei norueguês Haroldo Hardrada (1046 – 1066); Ana, regente do reino dos Francos após a morte de seu marido Henrique I (1031 – 1060)<sup>465</sup>; e Ágata, que se casou com Eduardo o Exilado de Wessex<sup>466</sup>. Também era comum que as princesas tornassem-se freiras, especialmente a partir do século XIII com a difusão dos conventos<sup>467</sup>.

E como é quase óbvio a partir das informações acima, a santidade feminina durante o período Kievano é rara. Além de Olga, Rus não teve muitas santas ou santas-a-ser. Santa

---

Cambridge University Press, 2002. p. 22 – 24. É importante ressaltar que nestes casos, o tratamento dado a Olga é visto como uma anomalia em relação ao da mulher pela literatura em geral.

<sup>461</sup> DIMNIK, Martin. "The Princesses of Chernigov (1054–1246)". *Mediaeval Studies*, 65, 2003, p. 163. É notório que este artigo tente reconstruir a vida política e atuação das princesas da dinastia de Tchernígov (descendentes de Oliég Sviatoslávitch, ver acima, p. 67) a partir das quase inexistentes menções sobre elas.

<sup>462</sup> PUSHKAREVA, *op. cit.*, p. 4.

<sup>463</sup> *Ibid.*, p. 28. Para exceções, ver *Ibid.*, p. 17 – 20.

<sup>464</sup> KÁRPOV, *op. cit.*, p. 34 – 35.

<sup>465</sup> PUSHKAREVA, *op. cit.*, p. 12 – 15. Sobre casamentos intra e extradinásticos em Rus ao longo do período kievano, ver RAFFENSPERGER, *op. cit.*, p. 73 – 91.

<sup>466</sup> Sobre Ágata, ver *Ibid.*, p. 104 – 106.

<sup>467</sup> PUSHKAREVA, *op. cit.*, p. 42 – 43.

Eufрасina de Pólotsk é talvez a segunda mais famosa, sendo atualmente a padroeira de Belarus. Assim como Olga, Eufрасina tem laços com a realeza Riuríkida, sendo princesa de Pólotsk; e, também como a regente, ela possui uma das mais hagiografias mais interessantes e divertidas. Fugindo do casamento aos seus 12 anos, a bela Eufрасina tornou-se freira, e eventualmente abadessa, sempre casta, agindo como copista e reproduzindo diversos livros para vendê-los a fim de conseguir dinheiro. Ela também construiu o primeiro convento de Pólotsk, e converteu pessoalmente diversas mulheres e ensinou-lhes a ler, escrever e copiar; apesar da pressão de diversos homens, incluindo seu próprio pai que tentou impedir a tonsura de Eufрасina e de suas outras filhas, condicionadas pela futura santa<sup>468</sup>. Com o dinheiro dos livros, a abadessa agiu patrocinadora de projetos arquitetônicos e religiosos de Pólotsk, o que provavelmente deu a ela certo poder local; e conforme a sua hagiografia, ela também tinha o respeito do Imperador e do Patriarca<sup>469</sup>. Enquanto peregrinava para Jerusalém, é dito que a abadessa recebeu a visita de um anjo e faleceu em paz, sendo enterrada no Monastério das Cavernas próxima a ninguém menos que São Teodósio<sup>470</sup>. Eufрасina é pouquíssimo explorada pela historiografia, e merece muito mais do que pequenas menções em livros e artigos<sup>471</sup>.

Outras santas mulheres, como Paraskiéva e a Anastácia, mas elas consistem na representação de dias da semana, respectivamente sexta-feira e domingo, e de acordo com Fedotov isto seria um resquício da religião pré-cristã transformada em mitologia no Cristianismo, com Paraskeva sendo a nova transfiguração de Mókoch<sup>472</sup>. Assume-se que a imagem feminina em Rus, com a exceção de Olga e Eufрасina, seja largamente a mesma imagem do restante da Europa cristã, como argumentado pelas diversas autoras supracitadas, pela já explicada ausência de fontes sobre o assunto. De qualquer modo, Joan Grossman afirma que as hagiografias sobre mulheres em Rus são menos didáticas que aquelas sobre homens<sup>473</sup>. Não acreditamos nesta afirmação e exemplificaremos com a mais famosa dentre todas no próximo capítulo.

---

<sup>468</sup> DEWEY e KLEIMOLA, *op. cit.*, p. 191.

<sup>469</sup> *Ibid.*, p. 191 – 192

<sup>470</sup> *Ibid.*, p. 192. Dito isto, Eufрасina só fora canonizada no século XIX.

<sup>471</sup> Infelizmente, não fomos capazes de encontrar a fonte para referir ao leitor ou comparar com Olga.

<sup>472</sup> FEDOTOV, *op.cit.*, p. 389 – 390.

<sup>473</sup> GROSSMAN, *op. cit.*, p. 69.

## CAPÍTULO IV

### OLGA "IGUAL AOS APÓSTOLOS" DE KIEV (SÉCULOS XI – XIII) – O DISCURSO HAGIOGRÁFICO SOBRE OLGA

A sabedoria é um espírito amigo dos homens [...] <sup>474</sup>  
Salomão

Ao passo que no capítulo anterior o foco fora a vida de Olga, neste último pretendemos abordar sua *vita*, ou melhor, *jitiie*, e como alguns detalhes de sua existência foram adicionados, reelaborados e/ou omissos nas produções de memória posteriores. Acreditamos que o legado sobre a regente possui nas narrativas três aspectos a serem levados em consideração para entender o porquê da mudança de sua imagem: a sabedoria, tanto astúcia mundana quanto inteligência divina; a associação a um verdadeiro ícone do Cristianismo; e a estirpe Riuríkida, além dos *topoi* típicos do discurso hagiográfico.

Pretendemos ver a partir da leitura isotópica das fontes selecionadas como estes elementos corroboram com nossa reflexão teórica presente no primeiro capítulo, mostrando uma releitura (por que não dizer, reescritura?) da própria Rus a partir do discurso hagiográfico. Dedicaremos o último tópico à discussão sobre Olga como santa e seu culto, as bases e a ideologia deste.

#### 4.1 – A EXPANSÃO VINGATIVA – PARTE II

No capítulo anterior, analisamos em termos históricos a política expansionista de Olga após esta assumir como regente de Kiev. Agora, faremos o caminho inverso e veremos como tal façanha ganhou a proporção quase épica na fonte e por que foi uma das razões pelas quais o autor desta dissertação pelas quais resolveu estudar a personagem.

Tudo começa com Igor e sua drujína. Após o seu tratado com os gregos, o príncipe voltou aos seus afazeres típicos, sendo um destes a cobrança de tributo das tribos subjugadas, entre elas a tribo dos Derevlianos. Mas a influência dos seus seguidores atçou a sua ganância, que retornou aos Derevlianos para cobrar ainda mais e foi morto:

Ano de 6453<sup>475</sup>. Neste ano, a drujína de Igor lhe disse: "Os servos de Sveniéld<sup>476</sup> estão adornados com armas e finas vestes, mas nós estamos nus.

---

<sup>474</sup> Sb 1. 6.

<sup>475</sup> Forma *anno mundi* de 945.

Vem conosco, ó Príncipe, atrás de tributo, para que assim tanto tu quanto nós tenhamos lucro. Igor guardou as suas palavras, e ele atacou Diéveva em busca de tributo. Ele impôs um novo tributo ao anterior e o obteve com violência, ele e seus companheiros. Depois de consegui-lo, ele retornou à sua cidade. No seu caminho para casa, ele disse para seus seguidores, depois de refletir um pouco: "Ide na frente com o tributo. Eu voltarei e juntar-me-ei convosco novamente mais tarde". Ele dispensou sua drujína em sua jornada no caminho para casa, mas desejando um maior butim, ele retornou com parte de sua drujína. Os Derevlianos ouviram que ele estava se aproximando novamente, e se consultaram com Mal, seu príncipe, dizendo, "se um lobo vier entre as ovelhas, ele tomará todo o rebanho uma a uma, a não ser que ele seja morto. Assim, se nós não o matarmos agora, ele aniquilará todos nós". Eles então foram até Igor e perguntaram-no: "Porque retornas, já que coletaste todo o tributo?" Mas Igor não lhes deu atenção, e os Derevlianos vieram direto da cidade de Iskórosten<sup>477</sup> e assassinaram Igor e sua drujína, que eram poucos. Então Igor foi enterrado, e seu túmulo está localizada perto da cidade de Iskórosten, na terra dos Derevlianos, até os tempos atuais<sup>478</sup>.

Possivelmente houve um vácuo de poder com o príncipe morto e o próximo da sucessão ainda não tendo a idade necessária para governar. Prontamente, o príncipe dos Derevlianos mandou seus enviados para Kiev para propor à regente a união entre os Rus e os Derevlianos sob a forma de um casamento:

Olga, porém, estava em Kiev com seu filho, o menino Svyatoslav. Seu tutor era Asmund<sup>479</sup>, e o chefe militar era Sveniéld, pai de Msticha. Os Derevlianos então disseram: "Vejam, matamos o Príncipe de Rus. Deixemos levar sua esposa Olga para nosso príncipe Mal, e então nós teremos a posse de Sviatosláv, e transferir a nossa vontade a ele". Então eles enviaram seus melhores homens, vinte em número, de barco até Olga, e eles chegaram em Borítchev<sup>480</sup> em seus barcos. Naquele momento, as águas corriam abaixo das alturas de Kiev, e os habitantes não viviam nos vales, mas nas alturas. A cidade de Kiev estava no lugar onde está as presentes residências de Gordiáta e Nicéforo, e o palácio do príncipe estava na cidade onde agora ficam as residências de Vratisláv e Tchúdin, enquanto as terras de caça ficavam fora da cidade. Fora da cidade havia outro palácio, onde o palácio de Cantors está hoje situado, atrás da Igreja da Santíssima Virgem<sup>481</sup> nas alturas. Este lugar era um salão de pedra. Olga foi informada que os Derevlianos tinham chegado, e os convocou à sua presença com graciosas boas vindas. Assim, quando os Derevlianos anunciaram a sua chegada, Olga

---

<sup>476</sup> Sveniéld ou Sveinald foi um importante membro da drujína dos primeiros Riuríkidas que aparece frequentemente na *PVL* até o ano de 977. Há maior ênfase em sua figura quando este sugeriu ao príncipe Iaropólk Sviatoslávitch matar seu meio-irmão Oliég Sviatoslávitch, que assassinara o filho de Sveniéld. Não se sabe quando nasceu ou quando morreu, e nada sobre ele após 977, tendo possivelmente morrido ou caído em desgraça.

<sup>477</sup> Capital de Diéveva e onde atualmente está localizada a cidade de Kórosten, no norte da Ucrânia.

<sup>478</sup> *PVL-Or*, p. 26 – 27; *PVL-Li*, p. 163; *CrN*, p. 64; *RPC*, p. 78 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>479</sup> Tutor de Sviatosláv enquanto este ainda era menor de idade, e aparentemente tinha a mesma patente que tinha Sveneld. Possivelmente nórdico, e é mencionado somente duas na *PVL*.

<sup>480</sup> Antiga rota comercial em Rus' de Kiev onde hoje se localiza uma rua na cidade de Kiev.

<sup>481</sup> Outro nome da Igreja dos Dízimos (*Dessiatínnaia Tsiérkov*) de Kiev, que fora erguida por Vladimir Sviatoslávitch, destruída no período mongol, reconstruída no século XIX e novamente destruída no século XX.

replicou com uma pergunta sobre a razão de sua vinda. Os Derevlianos então anunciaram que sua tribo os enviou para dizer que eles assassinaram seu marido, porque ele era como um lobo, astuto e cruel, mas que os seus príncipes, que assim preservaram a terra de Diéveva, eram bons, e que Olga deveria vir e se casar com seu Príncipe Mal. Pois o nome do Príncipe de Diéveva era Mal<sup>482</sup>.

Em um primeiro momento, Olga parecia ter aceitado a proposta dos Derevlianos, tanto que ordenou-lhes para voltarem no dia seguinte, mas com uma atitude arrogante. Eles foram então carregados em seu barco até o palácio, somente para serem atirados em um buraco cavado na noite anterior e serem enterrados vivos a mando da regente, em um destino "pior que a morte" de Igor:

Olga foi informada que os Derevlianos tinham chegado, e convocou-lhes à sua presença com graciosas boas vindas. Assim, quando os Derevlianos anunciaram a sua chegada, Olga replicou com uma pergunta sobre a razão de sua vinda. Os Derevlianos então disseram: "Nossa tribo nos enviou para dizer-te que assassinamos teu marido, porque ele era como um lobo, astuto e cruel, mas os nossos príncipes, que assim preservaram a terra de Diéveva, eram bons, e que Olga deveria vir e se casar com nosso Príncipe Mal". Pois o nome do Príncipe de Diéveva era Mal. Olga deu esta réplica: "Sua proposta me agrada; de fato, meu marido não pode se levantar novamente dos mortos. Mas eu desejo honrar-vos amanhã na presença de meu povo. Retornai agora ao seu barco, e continuem com um semblante de arrogância. Eu devo lhes enviar de manhã, e devei dizer 'Nós não andaremos a cavalo nem iremos à pé; nos carreguem no nosso barco. E então devei ser carregados em seu barco'". Assim ela os dispensou para suas embarcações. Agora Olga ordenou que um grande buraco deveria ser cavado no salão do castelo, fora da cidade. Assim, pela manhã, Olga, enquanto ela permanecia sentada no salão, enviou seus mensageiros aos estranhos, que a estes disseram: "Olga os convoca com grande honra". Mas eles responderam: "Nós não vamos andar a cavalo ou em carruagens, nem iremos à pé; carregai-nos em nosso barco". As pessoas de Kiev então lamentaram, "A servidão é o nosso destino. Nosso príncipe está morto, e nossa princesa pretende se casar com o príncipe deles". Então eles carregaram os Derevlianos em seu barco. Estes estavam sentados nos bancos com grandes mantos, repletos de orgulho. Assim, eles foram conduzidos até a corte diante de Olga, e quando os homens trouxeram os Derevlianos para dentro, eles os jogaram na trincheira junto com o barco. Olga se inclinou e perguntou-lhes se achavam a honraria cabível. Eles responderam que isto foi pior que a morte de Igor. Ela então comandou que eles fossem enterrados vivos, e então eles foram enterrados<sup>483</sup>.

Conforme o cronista, Olga requisitou a presença dos Derevlianos mais abastados para a aceitação de qualquer acordo matrimonial. Assim foi feito, mas não passava de uma outra armadilha, desta vez os Derevlianos foram queimados vivos:

<sup>482</sup> *PVL-Or*, p. 27; *PVL-Li*, p. 163 – 164; *CrN*, p. 64 – 65; *RPC*, p. 78 – 79 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>483</sup> *PVL-Or*, p. 27; *PVL-Li*, p. 164; *CrN*, p. 65; *RPC*, p. 79 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

Olga então enviou mensagens aos Derevlianos dizendo que, se eles realmente requisitavam sua presença, eles deveriam enviar seus homens de destaque à ela, para que possa ir até seu Príncipe com suas devidas honras, pois pelo contrário o povo de Kiev não a deixaria ir. Quando os Derevlianos ouviram esta mensagem, eles reuniram seus melhores homens que governavam a terra de Dereva, e os mandaram até ela. Quando os Derevlianos chegaram, Olga ordenou que um banho fosse preparado imediatamente, e convidou-lhes para aparecerem diante dela após eles se banharem. O banho então foi aquecido, e os Derevlianos entraram para se banhar. Os homens de Olga fecharam o banho atrás deles, e ela deu ordens para lá atearem fogo pelas portas, para que os Derevlianos queimassem até a morte<sup>484</sup>.

Agora, Olga planejou visitar a cidade dos Derevlianos para cumprir os rituais funerários necessários de Igor, e ordenou para que eles preparassem bastante hidromel<sup>485</sup> para a ocasião. A bebida fora utilizada contra eles próprios, pois eles foram embebedados e em seguida massacrados pelos Rus.

Olga então enviou a seguinte mensagem aos Derevlianos: "Eu estou indo até vossa cidade agora, portanto, preparai uma grande quantia de hidromel na cidade onde vós matastes meu marido, para que eu possa lamentar em seu túmulo e fazer um banquete funerário para ele". Quando ouviram estas palavras, eles reuniram grande quantidade de mel e com este fabricaram hidromel. Com uma pequena escolta, Olga fez a jornada facilmente, e quando ela chegou na tumba de Igor, ela lamentou por seu marido. Ela mandou seus seguidores empilharem um grande monte de terra e quando eles terminassem de empilhar, ela também deu comando para que uma cerimônia fosse feita. Então os Derevlianos sentaram para beber, e Olga mandou seus seguidores os servirem. Os Derevlianos perguntaram a Olga onde estava a drujína que eles enviaram para recebê-la. Ela respondeu que eles estavam seguindo os guarda-costas de seu marido. Quando os Derevlianos ficaram bêbados, ela deu ordens a seus seguidores que os atacassem, e incitou sua drujína por si só para o massacre dos Derevlianos. Então eles mataram cinco mil deles; mas Olga retornou a Kiev e preparou um exército para atacar os sobreviventes<sup>486</sup>.

Mesmo no ano seguinte, Olga ainda estava em conflito com os Derevlianos. A fonte faz uma breve pausa para contar a iniciativa guerreira de Sviatosláv (mas ainda sobre as ordens da regente). A vitória dos rus estava garantida, mas os Derevlianos se isolaram em sua capital, incidentalmente onde Igor perecera:

---

<sup>484</sup> *PVL-Or*, p. 27 – 28; *PVL-Li*, p. 164; *CrN*, p. 65; *RPC*, p. 79 – 80 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>485</sup> Bebida alcoólica feita a partir de mel fermentado, bastante popular entre os nórdicos. O hidromel pode ter sido a principal bebida alcoólica de Rus, bem como um dos principais produtos de exportação como artigo de luxo.

<sup>486</sup> *PVL-Or*, p. 28; *PVL-Li*, p. 164 ; *CrN*, p. 65 – 66; *RPC*, p. 80 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

Ano de 6454<sup>487</sup>. Neste ano, Olga, junto de seu filho Sviatosláv, reuniram um grande e valente exército, e procederam a atacar a terra dos Derevlianos. Estes saíram a encontro das tropas de Olga, e quando ambas as forças estavam prontas para o combate, Sviatosláv atirou sua lança contra os Derevlianos. Mas a lança mal atravessou as orelhas do cavalo, e atingiu sua perna, pois o príncipe era apenas uma criança. Então Sveniéd e Asmund disseram: "O príncipe já começou a batalhar; sigam, vassalos, em direção ao príncipe". Assim eles conquistaram os Derevlianos, que como resultado fez estes fugirem e se isolarem em suas cidades. Olga se apressou com seu filho até a cidade de Iskórosten, pois foi onde seu marido foi assassinado, e sitiou a cidade. Os Derevlianos fizeram barricadas na cidade, e lutaram valentemente por esta, pois sabiam que eles tinham matado o príncipe, e que destino lhes era reservado caso se rendessem<sup>488</sup>.

Seria após a resistência Derevliana em submeter-se aos rus que Olga conclui sua vingança, mesmo questionada sobre a continuidade desta. E o método fora grandioso. Com pássaros dos próprios Derevlianos, Olga fez com que estes incendiassem Iskórosten, e todos os Derevlianos foram mortos ou escravizados, e severamente tributados; ao passo que a terra fora transformada em entreposto comercial:

Olga lá permaneceu por um ano sem ser capaz de tomar a cidade, e então ela pensou em um plano. Ela enviou a seguinte mensagem: "Por que persistis em resistir? Todas as vossas cidades se renderam a mim e se submeteram a tributação, assim os habitantes agora cultivam seus campos em suas terras em paz. Mas vós preferis morrer de fome, sem se submeter a tributação." Os Derevlianos responderam que eles ficariam felizes em se submeter a tributação, mas que ela ainda estava determinada a vingar seu marido. Olga então respondeu, "Já que eu já me vinguei do infortúnio de meu marido duas vezes nas ocasiões que vossos mensageiros vieram até Kiev, e uma terceira vez quando eu fiz uma cerimônia fúnebre para ele, eu não desejo mais vingança, mas estou ansiosa para receber um pequeno tributo. Depois que eu fizer as pazes convosco, retornar-eu-ei ao meu lar novamente". Os Derevlianos então perguntaram o que ela queria deles, e expressaram prontidão em pagar em mel e peles. Olga replicou dizendo que no momento eles não tinham nem mel nem peles, mas que ela tinha um pequeno pedido a fazer. "Dai-me três pombas e três pardais de cada casa. Eu não desejo impor um pesado tributo, assim como meu marido, mas peço por um pequeno presente de vossa parte, pois estais empobrecidos com o sítio". Os Derevlianos se alegraram, e coletaram de cada casa três pombas e três pardais, os quais enviaram a Olga com suas saudações. Olga então os instruiu, ao perceber sua submissão, para que retornassem para sua própria capital. Os Derevlianos reentraram na cidade com felicidade, e quando eles contaram aos habitantes, o povo da cidade se alegrou. Agora Olga deu a cada soldado em seu exército uma pomba e um pardal, e os ordenou para amarrar a cada pomba e pardal um pedaço de enxofre com pequenos pedaços de pano. Quando anoiteceu, Olga mandou seus soldados liberarem as pombas e os pardais. Então os pássaros voaram para seus ninhos, as pombas para os pombais, e os pardais para debaixo dos beirais. Assim os pombais, as gaiolas, as marquises e os palheiros foram incendiados. Não houve uma casa

<sup>487</sup> Forma *anno mundi* de 946.

<sup>488</sup> *PVL-Or*, p. 28; *PVL-Li*, p. 164 – 165; *CrN*, p. 66; *RPC*, p. 80 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

que não foi queimada, e foi impossível apagar as chamas, pois todas as casas pegaram fogo ao mesmo tempo. As pessoas fugiram da cidade, e Olga ordenou seus soldados para capturá-los. Assim ela tomou a cidade e a queimou, e capturou seus anciãos. Alguns dos cativos ela matou, enquanto outros ela deu como escravos aos seus seguidores. Os remanescentes ela deixou para pagar tributo. E ela impôs-lhes um pesado tributo. Dois terços do tributo vão para Kiev, e a terceira parte vai para Víchgorod. Olga então passou pela terra Derevliana com seu filho, e estabeleceu leis e impostos. Seus entrepostos comerciais e reservas de caça ainda permanecem lá. E então ela retornou à sua cidade de Kiev com seu filho Sviatosláv e permaneceu lá por um ano<sup>489</sup>.

Todo historiador que trata de uma narrativa heroica, sobretudo santidade, espera realmente que esta tenha acontecido, e a catarse textual que desperta nossos instintos herdados de Thomas Carlyle mesmerizam-nos a ponto de querermos provar que o fantástico foi real. Nós realmente desejamos que Santo Antão tenha dialogado com o demônio, que São Guinefort tenha salvo a criança da cobra, que Dom Sebastião I um dia voltará para salvar Portugal, assim como esperamos que a viagem de Odisseu tenha realmente acontecido com todos os seus detalhes e que Rômulo e Remo tenham sido amamentados por uma loba. Mas o historiador não pode se deixar seduzir pela fonte, ao invés disso ele precisa encarar a muitas vezes triste realidade que os eventos que cativaram-no nestas histórias não aconteceram. Mas o encantamento pelo texto nos move mesmo assim para continuar estudando estas figuras. Então escolhemos a segunda opção, que seria analisar que significados tais eventos teriam para o autor. É isto que pretendemos fazer neste tópico. Realmente gostaríamos que Olga tivesse embriagado seus inimigos e queimado-os com pássaros, mas como não podemos provar, resta-nos tentar responder a razão da regente ter conseguido tal fama.

Voltemos à dissertação. Embora o narrado possa causar certo espanto ao leitor ocidental contemporâneo, o ato de vingar-se por assassinato era algo comum entre os povos germânicos, e a retaliação imediata foi traduzida para a *Rússkaia Právda*, talvez por modo consuetudinário, ainda mais nos casos de assassinato cometido por um não russo<sup>490</sup>, como foi o caso dos Derevlianos contra Igor. Não só, mas o comportamento de Olga não era exótico às mulheres de Rus<sup>491</sup>, dando plausibilidade e veracidade ao público-alvo. Embora a documentação seja infrequente sobre o assunto, algumas mulheres exerciam a função

<sup>489</sup> *PVL-Or*, p. 28 – 29; *PVL-Li*, p. 165; *CrN*, p. 66 – 67; *RPC*, p. 80 – 81 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>490</sup> TCHEBALIÉNKO, Serguiei B. "Institut Miésti i Kniájeskaia Vlast na Russív IX – Natchálie XI vv. [Instituição da Vingança e Poder Principesco em Rus no Século IX ao Início do Século XI]". *Viéktor Naúki [Vetor da Ciência]*, Nº 4 (19), 2014, p. 117 – 118. A vingança legalizada, todavia, era geralmente posta em prática por meio de compensações financeiras, e o Príncipe tinha poder de intervenção nos processos.

<sup>491</sup> Cf. FRANKLIN e SHEPARD, *op. cit.*, p. 301.

guerreira no restante da Europa, especialmente viúvas nobres<sup>492</sup>. É, portanto, consenso entre os historiadores que a narrativa da vingança é uma herança da tradição folclórica<sup>493</sup> e não uma criação do Cristianismo. O cronista que anotou o ocorrido na *PVL* então somente registrou a provável *vox populi* para a eternidade, por razões que serão discutidas mais adiante.

Sobre a origem das convenções da vingança, todavia, a discussão é um pouco mais complexa. As similaridades com outras narrativas similares leva alguns autores a caracterizar a vingança como herança indoeuropeia<sup>494</sup>. Por exemplo, o uso de pássaros para provocar incêndios também está também presente em sagas nórdicas e crônicas inglesas<sup>495</sup>, enquanto a primeira recepção dos enviados é semelhante a uma passagem do épico *Nibelungenlied* e outras fontes germânicas e nórdicas<sup>496</sup>. Para o historiador Francis Butler, a vingança mostra Olga agindo conforme os padrões das mulheres germânicas, que faziam uso não de força mas da astúcia para atingir seu objetivo pacificador e mantenedor da autonomia de Rus<sup>497</sup>. A regente era, para o autor, uma "mulher de palavras" que agiu através de "charadas" aos Derevlianos<sup>498</sup>, e no fim das contas conseguiu evitar o domínio Derevliano sobre Rus<sup>499</sup>.

Uma outra hipótese sobre a narrativa em si seria a representação de uma prática funerária de Olga enquanto sacerdotisa. Esta é defendida por Aleksandr Koptev, afirmando com base na tripartição Duméziliana<sup>500</sup> que as quatro etapas representam diferentes estágios das honras do funeral de Igor herdados diretamente de temas indoeuropeus. Os Derevlianos sendo enterrados vivos corresponderia ao envio destes por Olga a fim de contactar Igor<sup>501</sup>, assim como o incidente nas termas mas com as divindades celestiais dos eslavos/escandinavos

---

<sup>492</sup> MCLAUGHIN, Megan. "The woman warrior: gender, warfare and society in medieval Europe". *Women's Studies*, Vol. 17, 1990, p. 198 – 199. A autora explica a participação feminina, aceita porém criticada pelo "abandono" da feminilidade, em alguns exércitos medievais pela própria "natureza doméstica" da guerra medieval, cf. *Ibid.*, p. 202.

<sup>493</sup> Ver BUTLER, Francis. "A Woman of Words: Pagan Ol'ga in the Mirror of Germanic Europe". *Slavic Review*, Vol. 63, No. 4, 2004, p. 773 (Doravante BUTLER<sup>1</sup>).

<sup>494</sup> KOPTEV<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 7.

<sup>495</sup> CAM, Helen M. "The Legend of the Incendiary Birds". *The English Historical Review*, Vol. 31, No. 121 (Jan., 1916), p. 99.

<sup>496</sup> BUTLER<sup>1</sup>, *op. cit.*, esp. p. 780.

<sup>497</sup> *Ibid.*, p. 792 – 793.

<sup>498</sup> *Ibid.*, p. 778 – 779. Butler é tributário de Dmítrii Likhatchiév e Dmytro Chizhevsky ao referir-se às "charadas".

<sup>499</sup> *Ibid.*, p. 790.

<sup>500</sup> A teoria da Tripartição ou Trifuncionalidade Duméziliana consiste na teoria acerca da mentalidade postulada por Georges Dumézil (1898 – 1986) sobre as sociedades indoeuropeias, que divide os estratos sociais entre soberanos, em sua maioria sacerdotes ou com função sacerdotal imbuída no poder legal; guerreiros, responsáveis pela guerra; e os comuns, que tinham a função econômica. Esta estrutura era manifestada em uma tríade de divindades e materializada na sociedade que os cultuava. Ver DUMÉZIL, Georges. *Mythe et Épopée I. II. III*. Paris: Quarto / Gallimard, s/d, p. 39 – 662, esp. p. 658 – 662. Para uma crítica, com ênfase na Escandinávia, ver LANGER, Johnni. "Tripartição no Mundo Nórdico". In: *DMN*, p. 524 – 525.

<sup>501</sup> KOPTEV, *op. cit.*, p. 92 – 93.

como destinatários<sup>502</sup>; a morte dos guerreiros ébrios consistiria em um sacrifício humano e "purificação" dos Derevlianos<sup>503</sup>; e os pássaros não são abordados pelo autor pela "diferença" em relação às outras três narrativas<sup>504</sup>.

Ao mesmo tempo, a vingança estaria relacionada à função principesca de Olga, com a morte das classes soberana (os dois grupos de enviados Derevlianos), guerreira (embriagados e assassinados) e comum (população queimada pelos pássaros)<sup>505</sup>. Se Koptev está correto, algo que nós apostamos, a memória social sobre Olga sendo sacerdotisa ainda estava forte no consciente coletivo dos rusos até o século XI<sup>506</sup>, mas narrar um ritual de uma fé diferente de cerca de, na melhor das hipóteses, um século antes da escrita não parece suficientemente plausível.

Recorreremos então à metodologia da Leitura Isotópica para tentar entender o que a mensagem pretendida pelo(s) cronista(s):

---

<sup>502</sup> *Ibid.*, p. 95.

<sup>503</sup> *Ibid.*, p. 97.

<sup>504</sup> *Ibid.*, p. 98.

<sup>505</sup> KOPTEV<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 50 – 51.

<sup>506</sup> O autor afirma que a narrativa da vingança de Olga sofreu influência de relatos sobre Sigrid, rainha nórdica que era avó de Ingigerd, esposa de Iarosláv o Sábio; cf. KOPTEV, *op. cit.*, p. 99 – 100. Mas Koptev também usa esta informação para argumentar que os primeiros Riuríkidas poderiam não ser originalmente escandinavos, mas transformados em tais pela *PVL* (*Ibid.*, p. 99), o qual sem fontes para transformar a conjectura em hipótese não faz muito sentido.

## Redes temáticas das entradas de 945 – 946

| <i>Elementos temáticos principais:</i> | <i>Elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos:</i>  | <i>Elementos axiológicos correlatos:</i> |
|--|--|--|
| /astúcia/<br><br>X                     | /Olga/ = /agir conforme a própria sabedoria/ = /reformatar/ = /pássaros/ = /estabelecer leis/, /astúcia/, /resistência ao inimigo/, /temperança/ = /vitória/, /tributo pesado justificado/   | /governante ideal para Kiev/             |
| /tolice/                               | /Igor/ = /lobo/ = /dar ouvidos à drujína/ = /ganância/ = /agir contra o costume/, /violência/, /Derevlianos/ = /cordeiros/ = /ingênuos/ = /tomar o controle de Rus/ = /desgraça que os abate sob a forma da vingança de Olga/, /morte/, /derrota para os inimigos/, /gula/ = /morte/, /tributo pesado injustificado/ | /governante ruim para Kiev/              |

Leitor, bem-vindo ao lado tradicional da hagiografia. Conforme Kárpov, a *PVL* dá uma justificativa da ação dos Derevlianos na quebra do "contrato" de Igor<sup>507</sup>. Havia um costume, e o príncipe o quebrou por sua ganância incitada por sua drujína invejosa. Concordamos então com Butler quando este afirma que Olga queria com a vingança principalmente "proteger seu povo"<sup>508</sup>, uma lição valiosa ao público-alvo da narrativa, mas retornaremos a este ponto mais tarde. Mas os derevlianos foram tão tolos quanto Igor em sua expectativa de conseguir o casamento de Olga com Mal. Como verdadeiros cordeiros ingênuos que seu príncipe advertira-os para não se tornarem tais, os derevlianos foram abatidos um a um pela sabedoria e pelas ordens da regente, que agiu com temperança ao contrário da lascívia por dinheiro de Igor e bebida dos guerreiros derevlianos. A rede temática sobre Olga faria sentido então como uma moral para o público alvo, tal como a rede sobre Igor e os Derevlianos: estes não eram dignos de serem príncipes, ao contrário de Olga.

A questão seria, então, a razão desta imagem "pagã" perdurar na imagem de uma santa-a-ser, especialmente levando em consideração um contraste, em um primeiro momento, com a imagem cristã produzida sobre Olga na *PVL* e nas fontes posteriores. Adiantando nossas conclusões, acreditamos que a narrativa da retaliação da regente tenha um pano de fundo pedagógico. A vingança não está presente em nenhuma outra fonte até o *SK*, indicando que esta imagem ou desapareceu ou foi remoldada com os outros atributos da regente. Apostamos no segundo conforme a afirmação de Koptev de que o ritual entendido como vingança seria mais "apropriado" a um público cristão<sup>509</sup>. E como está presente na *PVL*, assumimos que ela tem relação com as constantes incursões dos Pólovtsy, que assim como os derevlianos eram povos que viviam à margem da terra de Rus. Não somos filólogos nem temos noção de tal ofício, mas não nos surpreenderia se a transformação de ritual para retaliação tivesse acontecido logo após as primeiras incursões dos povos inimigos em Rus. Como os especialistas do sagrado não podiam apagar, eles simplesmente moldaram, e reescreveram a história.

Logo, houve a necessidade de adaptar o evento, e esta adaptação contém elementos que podem ser traduzidos como um projeto de santidade, sendo tal tipo de lembrança, quase que historiograficamente, típico do discurso hagiográfico. Esta seria nossa análise somente da vingança, como diversos autores a fazem, mas ao contrário da segregação que estes afirmam, colocando a narrativa dentro de um contexto único junto de seu "contraste"

---

<sup>507</sup> KÁRPOV, *op. cit.*, p. 85 – 86.

<sup>508</sup> BUTLER<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 793.

<sup>509</sup> KOPTEV<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 49.

cristão cria a possibilidade de enxergar mais uma dimensão da regente. Em suma, a regente vingativa e a narrativa que trabalharemos no próximo tópico estão ligadas intencionalmente pela sabedoria de Olga.

#### 4.2 – "MAIS SÁBIA DO QUE TODAS AS PESSOAS"

Ao passo que a astúcia de Olga está restrita à *PVL*, a sua adesão ao Cristianismo Ortodoxo de rito Grego é comum a todas as fontes. Seja em 955 como na *PVL* ou quinze anos antes de sua morte como no Louvor, o batismo em Constantinopla foi um evento celebrado por suas hagiografias. E por que não seria, já que a regente fora a primeira governante de Rus a aceitar a fé dos gregos. Foi realmente uma sábia decisão, conforme os autores, digna de uma das pessoas mais sábia de Rus, evidenciado não apenas pelo constante uso dos adjetivos *sábia*<sup>510</sup> na *PVL*, mas por outros fatores que abordaremos neste tópico.

Partimos da consideração que a sabedoria de Olga é aquilo que amarra a narrativa do batismo, estando presente de maneira implícita no relato de sua conversão na *PVL*. Nas entradas de 955<sup>511</sup>, diz o Cronista que quando Olga visitou a Cidade Imperial, o Imperador Constantino VII Porfirogênito encantou-se tanto com a beleza quanto com a sabedoria da regente ao ponto de convidá-la para ser sua Imperatriz. A resposta de Olga foi clara, e demonstra a razão deste tópico:

Ano de 6463<sup>512</sup>. Olga foi até a Grécia, e chegou em Tsargrado<sup>513</sup>. O imperador que governava chamava-se Constantino, filho de Leão<sup>514</sup>. Olga veio até ele, e ele viu que ela era bela e muito sábia, o imperador se maravilhou com seu intelecto, e ele conversou com ela, dizendo: "Tu és digna de governar nossa capital conosco". Quando Olga ouviu suas palavras, ela respondeu: "Sou uma pagã. Se desejas batizar-me, batize-me tu mesmo; caso contrário, não me batizarei". E batizou-a Imperador, com o auxílio do Patriarca<sup>515</sup>.

<sup>510</sup> O adjetivo *múdryi* (sábio; ou no caso de Olga, *múdraia*, sábia) e seus derivados somente remetem a mais quatro personagens além de Olga: Deus, o rei Salomão, e os santos mártires Borís e Gleb. A maior quantidade destes adjetivos qualifica Olga. Um parênteses deve ser aberto a Borís e Gleb, pois o adjetivo que os caracteriza é *bogomúdryie* (sábios dos assuntos divinos), sendo a única adjetivação deste tipo dos mártires e única ocorrência do termo na fonte.

<sup>511</sup> Rever o capítulo anterior para as observações sobre a data do batismo da regente.

<sup>512</sup> Forma *anno mundi* de 955.

<sup>513</sup> Nome que os rusos chamavam Constantinopla.

<sup>514</sup> Leão VI, o Sábio (886–912), Imperador bizantino da dinastia dos Macedônios.

<sup>515</sup> *PVL-Or*, p. 29; *PVL-Li*, p. 166; *CrN*, p. 67; *RPC*, p. 82 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

Para o cronista, a aceitação da fé que justificaria a sua posição social fora um evento especial. Olga, assim como Rus, é iluminada por Deus, e tanto a regente quanto os Riuríkidas devem ser louvados:

Tendo sido iluminada, Olga se alegrou em corpo e alma, e o Patriarca<sup>516</sup>, que lhe instruiu na fé, disse a ela, "Bendita és tu entre as mulheres de Rus, pois tu amaste a luz, e deixaste as trevas. Os filhos dos rusos abençoar-te-ão até a última geração de teus netos"; E ele instruiu-lhe na doutrina da Igreja, na oração, no jejum, no ato de caridade, e que seu corpo seja puro. Ela, cabisbaixa, permaneceu em pé aprendendo os ensinamentos como uma esponja absorvendo água. E inclinando-se diante do Patriarca, disse: "Pelas tuas orações, Senhor, que eu seja protegida das armadilhas do diabo." E seu nome de batismo foi Helena, como a antiga Imperatriz, mãe de Constantino, o Grande. O Patriarca então abençoou Olga e a liberou<sup>517</sup>.

Há uma curiosa demonstração de sabedoria de Olga quando Constantino VII, vendo que Olga foi batizada, pediu-lhe em casamento. Olga, porém, não poderia aceitar já que era agora "filha" espiritual do Imperador:

E após de seu batismo, o Imperador convocou Olga e disse-lhe: "Desejo tomar-te como minha esposa<sup>518</sup>" Mas ela respondeu: "Como você pode se casar comigo, se tu próprio me batizaste e me chamaste de tua filha? Entre os cristãos isto é ilegal, o que deves propriamente saber." Então o Imperador disse: "Olga, tu foste mas astuta que eu." E [o Imperador] deu-lhe muitos presentes em ouro, prata, sedas, e vários vasos, e despediu-se dela, após chamá-la de sua filha<sup>519</sup>.

A próxima passagem não só reconfirma a sapiência de Olga, como também dá-lhe uma outra ressignificação: a sabedoria das coisas divinas. Por sua escolha, a regente é recompensada com a proteção divina de Rus, mesmo eles não sendo iluminados. Olga é comparada pelo cronista com a rainha de Sabá, que na tradição abraâmica visitou o rei Salomão para comprovar a famosa sabedoria do monarca<sup>520</sup>:

Olga, ansiosa em retornar para [sua] casa, foi ao Patriarca para pedir a sua bênção para a jornada de volta à [sua] casa, e disse-lhe: "Meu povo e meu filho são pagãos. Que Deus me proteja de todo o mal". E disse o Patriarca: "Minha filha fiel! Tu foste batizada em Cristo e de Cristo tu adornaste-te. E Cristo proteger-te-á, assim como Ele protegeu Henoc e as primeiras gerações, e depois como Noé na arca, [e como Ele salvou] Abraão de Abimelec, Ló dos sodomitas, Moisés do Faraó, Davi de Saul, os três jovens<sup>521</sup> da fornalha incandescente, e Daniel das feras selvagens, assim Ele

<sup>516</sup> Dependendo da interpretação de quando foi o batismo, o Patriarca pode ter sido tanto Teofilacto Lecapeno (933 – 956) ou Polieucto (956 – 970).

<sup>517</sup> *PVL-Or*, p. 29; *PVL-Li*, p. 166; *CrN*, p. 67; *RPC*, p. 82 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>518</sup> Constantino já era casado com Helena Lecapena neste momento.

<sup>519</sup> *PVL-Or*, p. 29 – 30; *PVL-Li*, p. 166; *CrN*, p. 67; *RPC*, p. 82 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>520</sup> Ver 1Rs 10, 1 – 13; 2Cr 9, 1 – 12.

<sup>521</sup> Ananias, Misael e Azarias; também conhecidos como Sidrac, Misac e Abdênago, cf. Dn 1, 1 – 24.

irá também te proteger do diabo e de suas artimanhas." Então o Patriarca abençoou-lhe, e ela retornou em paz para sua terra, e chegou em Kiev. Assim fora como nos tempos de Salomão, quando a Rainha da Etiópia veio desejando ouvir a sabedoria de Salomão, e testemunhou muita sabedoria e muitas maravilhas. Ainda assim, a beatífica Olga procurou a abençoada sabedoria de Deus. Mas a Rainha procurou por sabedoria humana, enquanto Olga [buscou] a sabedoria divina. Pois os que buscam a sabedoria achá-la-ão. "A sabedoria apregoa fora, nas praças levanta a voz: nos lugares ruidosos ela chama, ela chama, nos vãos das portas, na cidade, ela pronuncia seu discurso: Até quando ingênuos, amareis a ingenuidade, e vós, zombadores, vos empenhareis na zombaria, e vós, insensatos, odiareis o conhecimento?<sup>522</sup>". Desde sua juventude, a beata Olga sempre procurou com sabedoria pelo melhor que há neste mundo, e ela encontrou uma pérola de grande valor, que é Cristo. Pois disse Salomão: "Desejo satisfeito, doçura para a alma<sup>523</sup>;" e, "dando ouvidos à sabedoria e inclinando teu coração ao entendimento<sup>524</sup>". E disse o Senhor, "Todo aquele que o Pai me der virá a mim, e quem vem a mim eu não o rejeitarei<sup>525</sup>"<sup>526</sup>.

Há ainda uma outra tentativa do Imperador de conseguir algo por parte de Olga. Enviados de Constantino VII requisitaram da regente mercadorias aparentemente prometidas, mas Olga faz uma proposta que o Imperador talvez não aceitaria:

Então Olga chegou em Kiev, e o Imperador Grego enviou-lhe embaixadores, dizendo: "Presenteei-te muitas coisas. Tu me dissesstes: 'quando eu retornar para Rus, enviar-te-ei muitos presentes: escravos, cera, e peles, e despachar-te-ei soldados para ajudar-te.'" Olga respondeu aos enviados: Dizei-lhe que se ele passar muito tempo comigo em Potcháina<sup>527</sup> assim como passei contigo em Bósforo, enviar-te-ei." Dito isso, ela liberou os embaixadores<sup>528</sup>.

Depois de sua conversão, Olga tentou convencer Sviatosláv a aceitar sua nova fé. O príncipe, porém, não aceitou a oferta pois não queria desapontar sua drujína, sendo duramente criticado pelo cronista:

Olga vivia com seu filho Sviatoslav, e ela pedia-lhe intensamente para que ele fosse batizado, mas ele desdenhava da sugestão e não a considerava, pois alguém desejasse ser batizado, não era proibido, mas ele seria zombado. "Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem<sup>529</sup>"; "eles não sabem, não entendem, vagueiam em trevas<sup>530</sup>", e não sabem sobre a glória de Deus. Seus corações são endurecidos, e não podem nem ouvir com seus ouvidos ou enxergar com seus olhos. Pois Salomão disse, "os

<sup>522</sup> Pr 1, 20 – 22.

<sup>523</sup> Pr 13, 19. A passagem continua como "[...] para os insensatos é abominação afastar-se do mal".

<sup>524</sup> Pr 8, 17.

<sup>525</sup> Jo 6, 37.

<sup>526</sup> *PVL-Or*, p. 30; *PVL-Li*, p. 166; *CrN*, p. 67 – 68; *RPC*, p. 82 – 83 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>527</sup> Antigo rio que cortava Kiev.

<sup>528</sup> *PVL-Or*, p. 30; *PVL-Li*, p. 166 – 167; *CrN*, p. 68; *RPC*, p. 83 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>529</sup> 1 Co 1, 18. A passagem continua como "[...] mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus".

<sup>530</sup> Sl 82, 5. A passagem continua como "[...] todos os fundamentos da terra se abalam".

feitos dos ímpios estão repletos de razão", "porque vos chamei, e vós recusastes, estendi minha mão, e não fizestes caso; recusastes os meus conselhos, e não aceitastes minha exortação<sup>531</sup>"; "porque odiaram o conhecimento, e não escolheram o temor de Iahweh: não aceitaram o meu conselho, e recusaram minha exortação<sup>532</sup>". Olga frequentemente falava: "Meu Filho, eu conheci a Deus, e estou feliz por isso. Se tu quiseres conhecê-Lo, alegrar-te-á também." Mas ele não atendeu à sua exortação, respondendo: "Como vou aceitar outra fé sozinho? Minha drujína zombará de mim." Mas ela respondeu: "Se fores batizado, todos farão o mesmo." Mas ele não prestou atenção à sua mãe, e seguiu os costumes pagãos, pois ele não sabia que qualquer um que não obedecer sua mãe cairá em desgraça. Assim está escrito: "Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe será morto<sup>533</sup>". Mas ele estava irritado com sua mãe por esta razão. Como Salomão disse: "o sermão é uma afronta contra os ímpios, aquele que acusa o pecador traz desonra, pois acusar os pecadores é [como] um açoite<sup>534</sup>. Quem corrige o zombador atrai o desprezo, quem repreende o ímpio, a desonra. Não repreendas o zombador porque ele te odiará, repreende o sábio, e ele te agradecerá<sup>535</sup>". Mesmo assim, Olga amava muito seu filho Sviatoslav, e disse, "Que seja a vontade de Deus! Se Deus desejar ter piedade sobre minha família e sobre o povo ruso, que Ele encha seus corações e permita-los voltar-se para Cristo, assim como Deus me presenteou." Assim dizendo, ela orou noite e dia em favor de seu filho e do povo, enquanto criava o seu filho até que ele se tornou um homem adulto<sup>536</sup>.

Ao contrário da vingança, esta narrativa parece mais com o conceito típico de hagiografia, se ignorarmos a possível falta de milagres (a não ser que a própria "iluminação" seja um milagre). Alguns especialistas argumentam que somado ao conteúdo notadamente cristão, existe um resquício da memória social (tradição) sobre Olga presente na hagiografia, como a proposta de casamento de Constantino VII e a comparação da regente com a rainha de Sabá<sup>537</sup>. Se acreditarmos na hipótese de Chákhmatov que a parte cristã pode ser datada de 1039 enquanto a adição da tradição seria de 1095<sup>538</sup>, mas ignorando as tentativas de datação, podemos então inferir que a tentativa do registro do batismo de Olga como ação divina pré-data a "paixão" do Imperador. Logo, a imagem inicial que o cronista precisava passar precisava ser somente Olga como precursora do Cristianismo em Rus, transformando assim um evento que possivelmente nem tenha ocorrido na data registrada ou que até onde sabemos, não tenha sido o desejo inicial. Em suma, o público sabia do pano de fundo, ao passo que o

<sup>531</sup> Pr 1, 24 – 25.

<sup>532</sup> Pr 1, 24 – 31.

<sup>533</sup> Ex. 21, 17.

<sup>534</sup> Trecho da Bíblia eslava.

<sup>535</sup> Pr. 9, 7 – 8.

<sup>536</sup> *PVL-Or*, p. 30 – 31; *PVL-Li*, p. 167; *CrN*, p. 68 – 69; *RPC*, p. 83 – 84 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>537</sup> GRIFFIN, Sean Delaine. *Byzantine Liturgy and the Primary Chronicle*. Dissertação de Doutorado em Filosofia (Slavic Languages and Literatures). Los Angeles: University of California, 2014, *op. cit.*, p. 19 – 21. Disponível em <http://escholarship.org/uc/item/61x629w1>. Acessado em 30 de Junho de 2016.

<sup>538</sup> CHÁKHMATOV *apud* GRIFFIN, p. 19 – 20.

discurso hagiográfico construiu os detalhes e ressignificou a memória. Retornaremos ao ponto do início simbólico da fé de Rus mais adiante.

De acordo com Sean Griffin, a partir de um exercício comparativo entre as fontes, a narrativa do batismo de Olga na *PVL* é composta tanto por passagens e alusões bíblicas dos personagens quanto pela liturgia bizantina<sup>539</sup>. De acordo com o autor, o rito do batismo corresponde ao procedimento litúrgico de conversão ao Cristianismo de adultos não-cristãos<sup>540</sup>; ao passo que o cronista fez uso de diversos trechos de hinos e outros textos de natureza litúrgica para construir os *topoi*. Por exemplo, a frase "Bendita és tu entre as mulheres de Rus" derivaria de um hino dedicado a Maria<sup>541</sup>. Com as origens fora do caminho, e já que tanto este não é um trabalho de filologia quanto concordamos com a análise e com as conclusões de Griffin, resta-nos pensar o motivo das escolhas e o razão de ser da imagem de Olga como tal, e apostamos na *sabedoria* da regente como sendo a sua característica fundamental.

Mesmo se tardia, a associação de Olga com a rainha de Sabá mostra a importância da sabedoria da regente na memória social, que da astúcia contra os Derevlianos transformou-se em astúcia com o divino. Olga buscou confirmar a verdade do Cristianismo, já que a *PVL* omite quaisquer outros motivos da presença da regente em Constantinopla, e com a omissão do motivo da visita, é possível que o autor deixe implícito que a viagem de Olga tenha sido somente para a sua conversão desde o início. Acreditamos ainda que a presença frequente de Salomão e de seus alegados versículos ao longo da narrativa são intencionais, sendo um tipo de comparação indireta entre os dois governantes e eventual ênfase na sabedoria de Olga. A esquiva matrimonial e resposta astuciosa sobre o envio de bens de luxo é uma demonstração de grande sabedoria, equiparável àquela do homem mais sábio que já existiu, conforme a tradição cristã. Ela também fora batizada de acordo com sua própria vontade, e tentou de certo modo disseminar sua nova fé ao tentar converter Sviatosláv. Ao nosso ver, além da liturgia apontada por Griffin existe um subtexto de transformação de Olga em um ideal principesco, já que o príncipe perfeito era temente a Deus e dele ganhava a sabedoria divina, especialmente em tempos o Cristianismo não era oficial. Vejamos a rede temática abaixo:

---

<sup>539</sup> A tese de Griffin se baseia na hipótese de que algumas partes da *PVL* foram construídas a partir da liturgia bizantina, tendo portanto um pano de fundo litúrgico. As conclusões do autor corroboram com a nossa concepção de discurso hagiográfico discutida no primeiro capítulo.

<sup>540</sup> GRIFFIN, *op. cit.*, p. 25 – 28.

<sup>541</sup> *Ibid.*, p. 28.

## Redes temáticas da entrada de 955

*Elementos temáticos principais:*

/sabedoria/

X

/tolice/

*Elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos:*

/Olga/ = /gregos/ =  
/Constantinopla/, /luz/ =  
/iluminada/, /Deus/ =  
/Cristo/, /esponja/, /"filha"  
do imperador/, /presença e  
proteção de Deus/,  
astúcia/, /Salomão/,  
/escuta a autoridade  
eclesiástica/, /interesse  
precoce por sabedoria/ =  
/rainha de Sabá/,  
/obediente/, /autoridade  
igual ao Imperador/,  
/escutar a Deus/, /temer a  
Deus/, /respeita a sua  
família/, /destinada à  
glória/

/povo de Olga/ = /Kiev/ =  
/Sviatoslav/ = /pagãos/,  
/trevas/, /diabo/, /mal/,  
/escutar a drujína/, /não  
conseguem ouvir nem ver  
a glória de Deus/,  
/ímpios/, /ingênuos  
(Escolha de Pr 1, 20-33)/  
= /sem sabedoria/, zombar  
os cristãos/ = /não respeita  
a família/, /teimosia/ =  
/surdos/ = /cegos/,  
/destinados à morte/

*Elementos axiológicos correlatos:*

/governante ideal para  
Kiev/

/governante ruim para  
Kiev/

Francis Butler vê Olga de duas maneiras nesta narrativa: tanto como a conversão da regente quanto como a tentativa, por meio da astúcia, de defender Rus contra um Imperialismo bizantino<sup>542</sup>. Concordamos com a postura do autor sobre a sabedoria da regente, mas não sobre o que parece ser o início de um protonacionalismo em Rus e rejeição do imperialismo dos gregos<sup>543</sup> (apesar da defesa de Rus de uma ameaça estrangeira estar correta). Pelo contrário, acreditamos que o cronista eleva Olga, e consequentemente Rus, ao status de equidade com o Imperador e o Império Bizantino. O tratamento por parte de Constantino VII e de Olga uns com os outros mostra então que, ao menos no campo político, o *tsar*<sup>544</sup> e o *kniáz* cristão estão no mesmo patamar, antes da conversão da regente e principalmente depois, com a recusa de Sviatosláv acarretando as guerras contra o Império Bizantino e sua morte pela mão dos Petchenegues. Mesmo assim, Olga ainda respeita e se mostra submissa ao Patriarca, e além do conteúdo litúrgico herdado das fontes que compuseram a narrativa<sup>545</sup> podemos inferir que o ideal de príncipe sábio demonstrado por Olga implica na equiparação política com o Imperador, mas ainda sendo servo fiel da Igreja<sup>546</sup>.

Esta não é o único relato de sabedoria de Olga na *PVL*. Na entrada de 987, após as visitas de enviados de diversos locais com diversos credos, Vladimir está cogitando converter-se a uma das religiões que lhe foram apresentadas. Os próprios enviados do príncipe contaram as suas experiências, que culmina com Olga sendo um argumento de persuasão para a escolha do Cristianismo Grego:

Eles retornaram à sua terra, e o príncipe convocou seus boiardos e os anciãos, e Vladimir disse: "Eis os homens por nós enviados. Ouçamos tudo o que acontecera com eles". E dirigiu-se aos enviados: "Falai perante a *drujína*". Eles então relataram: "Fomos até os búlgaros<sup>547</sup>, observamos como eles adoravam o seu templo, chamado de Mesquita, enquanto eles permaneciam de pé sem [seus] cintos. O búlgaro curva-se, olha para lá e para cá como um louco, e não há alegria entre eles, mas somente tristeza e um fedor terrível. A lei deles não é boa. E fomos até os germanos, e vimo-los realizarem várias cerimônias em seus templos, mas não observamos nenhuma glória lá. E quando fomos à terra dos gregos, eles levaram-nos até as edificações onde adoram seu Deus, e nós não sabíamos se estávamos no Paraíso ou na Terra. Pois na Terra não há semelhante esplendor ou beleza, e não sabemos como descrever. Só sabemos que Deus habita entre os homens, e o serviço é melhor que as cerimônias dos outros países. Pois não

<sup>542</sup> BUTLER, Francis. "Ol'ga's Conversion and the Construction of Chronicle Narrative". *The Russian Review*, Volume 67, issue 2, 2008, p. 231 (Doravante BUTLER<sup>2</sup>).

<sup>543</sup> *Ibid.*, p. 240.

<sup>544</sup> Nome pelo qual o *Basileos* é conhecido na fonte.

<sup>545</sup> Cf. GRIFFIN, *op. cit.*, p. ii.

<sup>546</sup> Concordamos então com Butler em sua análise da reverência de Olga com o Patriarca, cf. BUTLER<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 231.

<sup>547</sup> Pertencentes à Bulgária do Volga.

conseguimos esquecer tal beleza. Todo homem, após saborear algo doce, jamais aceitará novamente o que é amargo, e portanto não podemos mais viver aqui." Então os boiardos disseram: "Se a lei dos gregos fosse maligna, esta não seria aceita por sua avó Olga, a qual foi mais sábia do que todas as pessoas". Vladimir então perguntou-lhes: "Onde devemos batizar-nos?" E eles responderam "Onde desejares"<sup>548</sup>.

Assim, Olga seria tão responsável pela conversão de Vladimir (consequentemente de toda Rus), quanto pela cristianização dos embaixadores gregos e os rusos que visitaram Constantinopla. A fonte também reforça o status memorialístico de Olga, sendo a mais sábia entre todos ao menos até o batismo do príncipe.

A primeira rede temática mostra a transformação da sabedoria de Olga em astúcia para *sophia*, o conceito Ortodoxo de sabedoria divina<sup>549</sup>. E a manifestação da *sophia* pode ser considerada como a própria manifestação de Deus<sup>550</sup>. Sendo sábia e temente a Deus, a regente se transforma em um ideal de excelência principesca, pois a paz (ou possíveis conflitos omitidos propositalmente na *PVL*) prevaleceu até a maioridade de Sviatosláv. O príncipe sábio é aquele capaz de tomar decisões certas, e Olga foi a única que governou entre Oliég e Iaropólk que não conheceu sua ruína por uma decisão de pouca sabedoria<sup>551</sup>. Conforme Butler, tanto a vingança quanto a conversão e até mesmo a recusa da proposta de casamento são relacionados à sapiência, e não temos motivo para desacreditar esta hipótese<sup>552</sup>. Conste também, leitor, que ao contrário da vingança, Olga se consulta com alguém antes de tomar a decisão: o Patriarca de Constantinopla. Olga logo reconhece a hierarquia eclesiástica como superior ao passo que trata o Imperador de modo equivalente. Pelo contrário, como expresso pela segunda rede temática, Sviatosláv continuou como um "pagão" ignorante que dava ouvidos aos seus seguidores em vez de escutar àquela que conhece a verdade, basicamente ignorando alguém instruído na fé. Uma moral relevante para os príncipes, especialmente nos séculos XI e XII marcados por guerras entre primos e irmãos.

<sup>548</sup> *PVL-Or*, p. 49; *PVL-Li*, p. 186; *CrN*, p. 91; *RPC*, p. 111 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>549</sup> Para uma conceptualização de *Sophia* bem como críticas ao seu uso por alguns especialistas, ver MEYENDORFF, John. "Wisdom-Sophia: Contrasting Approaches to a Complex Theme". *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 41, Studies on Art and Archeology in Honor of Ernst Kitzinger on His Seventy-Fifth Birthday (1987), p. 391 – 401.

<sup>550</sup> *Ibid.*, p. 392.

<sup>551</sup> Oliég morreu picado por uma cobra depois de consultar-se com um adivinho. Igor fora incitado por sua drujína a cobrar mais tributos e foi assassinado pelos Derevlianos. Sviatosláv desviara do caminho e sofreu uma emboscada dos Petchenegues, tendo seu crânio transformado em taça pelos inimigos. Está implícito na *PVL* que Iaropólk matou seu irmão Oliég por influência de Sveniéd, que teve seu filho morto por Oliég, e o príncipe foi então assassinado em um complô de traição por sua própria drujína (incitados por Vladimir), que envolveu o convencimento de Iaropólk pelos traidores.

<sup>552</sup> BUTLER<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 790 – 791. Butler, porém, não desenvolve a associação entre sabedoria e as narrativas.

Diferentemente da rainha de Sabá, Olga era portadora de uma grande sabedoria que se dividia em duas: a mundana e a espiritual. Por um lado, a regente venceu os Derevlianos e recusou o matrimônio com o Imperador antes de ser batizada, utilizando a sua astúcia. Por outro lado, mesmo com o batismo Olga "iluminando-a", ela enganou Constantino VII fazendo uso da sua nova doutrina. Considerando as partes mencionadas como resquícios da tradição, a plausibilidade permitida pela memória social de iludir tanto os Derevlianos quanto o próprio Imperador grego pode ter sido o catalisador para a adaptação da sabedoria mundana em divina, tornando-se então um recurso pedagógico. Além disso, citando novamente Butler, a regente agiu em defesa de Rus e de sua linhagem<sup>553</sup>. Olga fora, então, um tipo de governante por excelência e uma característica que todo príncipe deveria almejar: o príncipe sábio, que supera os inimigos tolos, não dá ouvidos aos seus seguidores mas sim aos homens santos (clérigos e monges), e por sua sabedoria, que deve sempre buscar, está no mesmo patamar que o intermediário vivo de Deus na Terra.

#### 4.3 – PROPAGANDO A FÉ: O *EXEMPLUM* DE OLGA

Depois de ser batizada, Olga procurou bispos da Germânia para fazerem trabalho missionário em Rus, e, até onde sabemos, ela não construiu nenhuma igreja ou fez alguma coisa que um bom cristão faria. Isto deve ter sido um problema enorme para os memorialistas. É possível pensar em duas hipóteses sobre o tratamento deste problema: ou o envolvimento político entre Olga e os germanos e a falta de atos cristãos não chegou ao conhecimento dos autores; ou chegou mas eles ignoraram. Não podemos afirmar nenhuma das hipóteses. O que podemos é que a missão de Adalberto não existe nos textos, mas a propagação sim. Por que então houve esta omissão e este acréscimo? Esta resposta é mais fácil de responder. A requisição de uma missão latina por alguém que "converteu-se" à fé dos gregos e não fez o bastante para propagar esta iria na contramão da imagem pretendida.

Em especial a adição de atos de fé à memória de Olga mostram a finalidade que suas hagiografias deveriam ter, tornando-se um *exemplum*. E o que seria este termo? Cremos que o leitor já se acostumou ao nosso constante uso de conceitos de difícil definição, e *exemplum* seria, para o bem ou para o mal, parte deste grupo. De acordo com Jean-Claude Schmitt, os *exempla* seriam "[...] uma breve narrativa dada como verídica e destinada a ser inserida em

---

<sup>553</sup> BUTLER<sup>2</sup>, *op. cit.*, p. 242.

um discurso (em geral em um sermão) para convencer um público por uma lição benéfica<sup>554</sup>, ou seja, um pequeno relato de cunho moralizante que faz uso da realidade do receptor para convencer-lhe em seguir uma conduta proposta. No caso desta dissertação, apresentamos os casos da vingança e do batismo como historietas a fim de passar ao público uma narrativa da qual este tire alguma moral que deve seguir. Embora não seja bastante explícita, a narrativa da morte de Olga e o Louvor são mais óbvios na tentativa de persuasão.

Conforme afirmamos no tópico anterior, a sabedoria de Olga pode ter sido um dispositivo pedagógico para a consolidação de um modelo de príncipe ideal. Ao passo que naquele abordamos a sabedoria da regente, aqui pretendemos abordar a manifestação de sua fé eternizada nos escritos. Antes disso, todavia, na *PVL*, Olga é mencionada entre as entradas de 964<sup>555</sup> e 968 em duas frases nas quais ela assume o papel de guardiã de seus netos enquanto Sviatosláv realiza diversas campanhas militares e se ausenta de Kiev<sup>556</sup>. A próxima menção sobre a regente encontra-se nas entradas de 969. Olga, enferma, impede Sviatosláv de deixar a capital enquanto ela estava viva, e falece três dias depois, requerendo uma cerimônia fúnebre estritamente cristã:

Ano de 6477<sup>557</sup>. Sviatosláv anunciou a sua mãe e a seus boiardos, "Eu não pretendo permanecer em Kiev, mas prefiro viver em Pereiáslavets no Danúbio, já que lá é o centro do meu domínio, onde todas as riquezas estão concentradas: ouro, sedas, vinho, e várias frutas da Grécia; prata e cavalos da Hungria e da Boêmia; e peles, cera, mel, e escravos de Rus". Mas Olga respondeu, "Tu me vês em minha fraqueza. Por que desejas afastar-se de mim?" Pois ela já estava com saúde precária. Ela então reclamou com ele e implorou para que ele primeiro a enterrasse e então ir para onde ele quisesse. Três dias depois Olga faleceu. Seu filho chorou por ela com grande tristeza, assim como seus netos e todas as pessoas. Então eles a carregaram e a enterraram o seu túmulo. Olga ordenou que não deveria haver um banquete funerário para ela, pois ela tinha um sacerdote que realizou os últimos ritos para a beatífica princesa<sup>558</sup>.

O cronista reserva as próximas linhas para o que Griffin classifica como um panegírico de inspiração estilística vinda de hinos a São João Batista e Maria<sup>559</sup>, e a imagem cristã de Olga é consolidada:

<sup>554</sup> "[...] un récit bref donné véridique et destiné à être inséré dans un discours (en général un sermon) pour convaincre un auditoire par une leçon salutaire". SCHMITT apud BRÉMOND, Claude; LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *L'«Exemplum»*. 2ª Edição. Turnhout: Brepols, 1996, p. 37 – 38 (Tradução nossa). Os autores, incluindo o próprio Schmitt, admitem todavia que esta definição seria apenas provisória dada a complexidade do tema.

<sup>555</sup> Não há entradas entre 956 e 963.

<sup>556</sup> *PVL-Or*, p. 31 – 32; *PVL-Li*, p. 167 – 169; *CrN*, p. 69 – 70; *RPC*, p. 84 – 86.

<sup>557</sup> Forma *anno mundi* de 969.

<sup>558</sup> *PVL-Or*, p. 32; *PVL-Li*, p. 169; *CrN*, p. 70; *RPC*, p. 86 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>559</sup> Cf. GRIFFIN, *op. cit.*, p. 36 – 38.

Olga foi a precursora da terra cristã, assim como o dia da primavera precede o sol e como o amanhecer precede o dia. Pois ela brilhava como a lua à noite, e ela era radiante entre os infiéis como uma pérola no esterco, pois o povo estava sujo, e ainda não estavam purificados de seus pecados pelo batismo sagrado. Mas ela estava limpa por esta purificação sagrada. Ela livrou-se das vestes do velho Adão, e vestiu-se com o novo Adão, que é Cristo. Assim dizemos à ela: "Alegrai-se, sabedoria de Rus sobre Deus, pois fomos os primeiros frutos da reconciliação com Ele"<sup>560</sup>.

Olga como intercessora entre Deus e Rus aparece neste próximo trecho, novamente dando a entender que Olga era *de facto* uma santa. Mais citações bíblicas de Salomão (e uma de Davi) compõem o restante da narrativa, estes exaltando sua alma justa e função de proteção:

Ela foi a primeira de Rus a entrar no reino de Deus, e os filhos de Rus então a louvam como sua líder, pois desde sua morte ela intercedeu com Deus no nome deles. As almas dos justos não perecerão. Pois Salomão disse: "Quando os justos se multiplicam, o povo se alegra"<sup>561</sup>. Pois todos os homens a glorificam, enquanto eles observam seu corpo repousando por muitos anos. Como o profeta disse: "Porque eu honro aqueles que me honram"<sup>562</sup>. De tais pessoas Davi também disse, "Eis que ele jamais vacilará, a memória do justo é para sempre. Ele nunca teme as más notícias: seu coração é firme, confiante em Iahweh; seu coração está seguro, nada teme, ele se confronta com seus opressores"<sup>563</sup>. E Salomão disse: "Mas os justos vivem para sempre, recebem do Senhor a sua recompensa, cuida deles o Altíssimo. Receberão a magnífica coroa real, e, das mãos do Senhor, o diadema da beleza; com sua direita ele os protegerá, com seu braço os escudará"<sup>564</sup>. Pois Ele protegeu a beatífica Olga do nosso adversário e nosso inimigo, o diabo<sup>565</sup>.

Conforme mencionamos acima, concordamos com a explicação de Griffin de que esta última narrativa cronística sobre Olga possui influência de João Batista, e isso faz com que a regente consiga a honra de ter batizado Rus. O que Vladimir fez alguns anos mais tarde seria a reconfirmação de uma Rus cristã que no discurso do cronista começou com a "iluminação" de Olga, com sucesso já que na fonte Olga se destacava entre todos os demais rusos, e sua singularidade é demasiadamente presente nas entradas de 955 e 969. Assim como os outros excertos da *PVL*, esta passagem merece sua própria leitura isotópica, mas com elementos temáticos diferentes (embora a sabedoria ainda esteja implícita com as menções a Salomão)

<sup>560</sup> *PVL-Or*, p. 32; *PVL-Li*, p. 169; *CrN*, p. 70 – 71; *RPC*, p. 86 – 87 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>561</sup> Pr 29. 2. A passagem continua como "[...] o povo geme, quando o ímpio governa".

<sup>562</sup> I Sm 2, 30.

<sup>563</sup> Sl 112, 6 – 8

<sup>564</sup> Sb 5, 15 – 16.

<sup>565</sup> *PVL-Or*, p. 32 – 33; *PVL-Li*, p. 169; *CrN*, p. 71; *RPC*, p. 87 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

que desta vez desejam passar ao público a iniciativa cristã da regente e sua recompensa divina:

### Redes Temática da entrada de 969

| <i>Elementos temáticos principais:</i> | <i>Elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos:</i>  | <i>Elementos axiológicos correlatos:</i> |
|--|--|--|
| /vontade divina/<br><br>X              | /Olga/ = /luz/ = /pérola/,<br>/luz/ = /estrela/ =<br>/salvação/ = /limpa/,<br>/sabedoria/ = /Salomão/,<br>/honrada/ = /memória eterna/, /batismo/ = /levou o Cristianismo para Rus/, /justa/ = /prosperidade do povo (Escolha de Pr 29, 2)/ = /proteção de Deus/ | /salvação/                               |
| /contrário da vontade divina/          | /Sviatoslav/ = /pagão/ = /deixar o principado/ = /ganância/, /povo de Kiev/ = /sujo/ = /trevas/ = /esterco/ = /pecadores/ = /não aceitou o batismo/, /príncipe injusto/ = /povo passa por tribulações (Escolha de Pr 29, 2)/ = /vítimas do inimigo/              | /ruína/                                  |

Talvez o leitor esteja se perguntando onde está a outra fonte mencionada na introdução. Podemos responder esta pergunta se assumirmos que a narrativa presente na *PVL* foi a primeira registrada em forma escrita que temos notícia, e que as seguintes são suas debitárias. É interessante pois Olga assume uma santidade mais aparente, ainda que, conforme veremos, ela não tenha sido canonizada neste meio tempo. Entre as fontes, há uma mudança de foco da sabedoria da regente para as suas ações após seu batismo. Falemos então do Louvor, assumindo primeiro que este fora escrito no final do século XIII<sup>566</sup>, e na imagem da regente imortalizadas pelo monge Tiago:

A beatífica princesa Olga de Rus, após a morte de seu marido, príncipe Igor de Rus, foi iluminada pela graça de Deus e aceitou a graça de Deus em seu coração. Ó irmãos, como eu devo louvar a beatífica princesa Olga? Embora ela tenha sido uma mulher em corpo, ela possuía a coragem de um homem. Ela foi iluminada pelo Espírito Santo, e veio a conhecer o verdadeiro Deus, Criador dos Céus e da Terra. Inspirada, ela foi para a terra dos Gregos, para Constantinopla, onde os imperadores são cristãos e o Cristianismo está firmemente estabelecido. Uma vez que ela chegou, ela pediu para ser batizada. Tendo recebido o batismo, ela retornou com grande alegria à terra de Rus, à sua própria casa, e ao seu próprio povo, iluminada em espírito e corpo e carregando o sinal da venerável cruz. Então ela destruiu os santuários demoníacos e começou a viver em Jesus Cristo, vindo a amar Deus com todo seu coração e alma. Ela caminhou nos passos do Senhor Deus, distinguindo-se por todas as suas boas ações e adornando-se com caridade, vestindo os nus, dando de beber aos sedentos, abrigando os viajantes, e dando esmolas aos indigentes, às viúvas, aos órfãos e a todos, e dando humildemente a todos os necessitados, e com amor em seu coração, e ela rezava a Deus noite e dia por sua salvação. Assim, tendo vivido virtuosamente louvando a Deus e à Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, ela faleceu em boa fé e terminou sua vida em paz com nosso Senhor Jesus Cristo<sup>567</sup>.

Ao contrário do cronista da *PVL*, Tiago ignora a campanha contra os Derevlianos e as tradições do batismo por completo, e relata a imagem de Olga enquanto cristã e que age sob os preceitos do Cristianismo, como a caridade e destruição de ídolos. Ainda ao contrário da compilação analítica, Iákov atribui uma característica de Olga que estava lá omissa: sua capacidade de fazer milagres após sua morte:

Deus glorificou o corpo de Helena, nome o qual a beatífica princesa Olga foi nomeada após seu batismo sagrado: seu corpo continua incorrupto em seu túmulo até os dias atuais. Pois Deus honra Seus servos, como Ele diz aos profetas, "Porque eu honro aqueles que me honram, e os que me desprezam

---

<sup>566</sup> Rever introdução para o debate acerca da datação do Louvor.

<sup>567</sup> *Pámiat*, p. 4 – 5 (Srezniévskii) / 16 (Zimín) ; *Encomium*, p. 169 – 170 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

serão desconsiderados<sup>568</sup>". A beatífica princesa Olga glorificou Deus com todas as suas ações e Deus a glorificou. Ouvi outro milagre sobre ela. O beatífico e venerável corpo da beatífica princesa Olga jaz em um pequeno caixão de pedra na Igreja de Santa Theotokos<sup>569</sup>, a igreja de pedra a qual o beatífico príncipe Vladimir construiu em homenagem à sagrada Theotokos. O beatífico caixão de Olga lá está, e no topo do caixão foi feita uma pequena janela, através da qual o corpo deitado inteiro da beatífica Olga pode ser visto. Deixai aqueles que têm fé ir e abrir a janela e ver o nobre corpo deitado inteiro, e maravilhar-se-ão com tal milagre, o qual o corpo jaz incorrupto no caixão por muitos anos. Os fiéis que veem tal milagre louvam a Deus e maravilham-se com a misericórdia que Deus tem com Seus santos. Ó maravilhoso e incrível e mais glorioso é o milagre, irmãos! Este nobre corpo é digno de todos os louvores, pois este descansa inteiro no túmulo como se dormisse. "Reconheci a força de Deus. Em Israel está seu esplendor, nas nuvens a sua força<sup>570</sup>". Vendo isto, os fiéis glorificarão Deus, a quem glorifica os Seus servos! Mas outros não vem com fé e não abrem a janela do caixão, e eles não veem o nobre corpo mas somente o caixão. Deus assim glorificou Sua serva, Princesa Olga de Rus, que foi nomeada Helena no batismo sagrado. Depois de seu batismo sagrado, a beatífica princesa Olga viveu por quinze anos e agradou a Deus com suas boas ações. Ela repousou em 11 de Julho do ano de 6477<sup>571</sup>, tendo confiado sua alma às mãos do Mestre, Cristo Deus. Ouvi, amados<sup>572</sup>.

Em um primeiro momento, seria trágico à crescente Igreja de Rus que sua primeira governante cristã, vividamente representada na memória social rusa sob diversas facetas, não tenha feito nada para a propagação do Cristianismo<sup>573</sup>, e é possível que este tenha sido o caso durante a composição da *PVL*. Logo, o a solução do cronista seria culpar a teimosia de Sviatosláv e de sua drujína pela ausência de uma conversão de Rus e as tentativas de cristianização por Olga teriam sido a intercessão com Deus e a inserção de seu domínio no plano da salvação<sup>574</sup>. Porém, conforme os pais morriam e os filhos geravam mais filhos, esta lembrança amarga se perdia pouco a pouco. Os especialistas em guardar a memória aproveitaram tal nevoeiro e moldaram-na, adicionando um milagre de conversão aqui e outro de incorruptibilidade corpórea ali<sup>575</sup>. O restante da narrativa fala basicamente sobre Vladimir, que seguiu o exemplo de sua avó e obteve sucesso.

<sup>568</sup> 1 Sm 2, 30.

<sup>569</sup> Nome grego de Maria, mãe de Jesus, pelo qual ela é conhecida em grande parte da Ortodoxia.

<sup>570</sup> Sl 68, 35.

<sup>571</sup> Forma *anno mundi* de 959.

<sup>572</sup> *Pámiat*, p. 5 – 6 (Srezniévskii) / 16 – 17 (Zimín); *Encomium*, p. 170 – 171 (Tradução com base nas fontes supracitadas).

<sup>573</sup> Vale lembrar que este fenômeno não foi exclusivo de Rus, pois outros governantes recém-convertidos também não obtiveram êxito na cristianização de seus territórios. Ver BEREND, *op. cit.*, p. 13–14.

<sup>574</sup> Logo, discordamos de Moreira quando ele afirma que Vladimir foi o responsável simbólico sobre a situação de Rus no plano soteriológico; cf. MOREIRA, *op. cit.*, p. 149. Ele pode ter sido a culminância do projeto de salvação, mas o início fora responsabilidade da regente.

<sup>575</sup> Lenhoff diz que a incorruptibilidade completa dos corpos dos santos em Rus, ao contrário do uso de partes como em outras áreas do Medievo, era uma relíquia em si, e o primeiro pré-requisito para a obtenção do status de santo; cf. LENHOFF, Gail. "The Notion of 'Uncorrupted Relics' in Early Russian Culture". In: GASPAROV,

Mas como afirmamos acima, o Louvor também possui características de *exemplum*, talvez mais explícitos que as passagens da *PVL*. Desta vez o foco seria passar para o público uma imagem caridosa e *de facto* cristã da regente, transformando a sua imagem. Olga tornou-se, além de uma governante ideal, em uma cristã ideal. Vejamos abaixo nossa leitura isotópica sobre o assunto:

### Redes Temática do *Louvor*

*Elementos temáticos principais:*

/virtude/

X

/falta de virtude/

*Elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos:*

/Olga/ = /Helena/ =  
 /beatífica/ = /coragem de um homem/ = /digna de louvor/ = /iluminada/,  
 /sabedoria/ = /inspiração/ = /gregos/, /propagação da fé/ = /caridade/ =  
 /destruição de ídolos/,  
 /Venerável Cruz/ =  
 /presença divina/,  
 /milagres/ = /corpo incorruptível/ =  
 /eternidade/

/Povo de Rus/ = /distinto de Olga/ = /adoradores do santuários demoníacos/ = /desprezados por Deus/ = /não percebem o milagre/

*Elementos axiológicos correlatos:*

/Rus cristã/

/Rus pagã/

Leitor, presencie o elemento predicatório e moralizante do discurso hagiográfico em sua face mais óbvia e, possivelmente, efetiva! A ideia do Louvor é basicamente expressa na primeira rede temática: Olga, mulher virtuosa, tenta trazer uma nova era ao seu domínio, marcada pela adoção do Cristianismo no centro da Cristandade Ortodoxa; e por seu pacto sincero e tentativas de coração para espalhar os ideais de Deus (mas não a fé, pois Tiago reconhece que Olga não construiu nenhuma igreja ou monastério), estas materializadas na filantropia<sup>576</sup> e destruição de ídolos, a regente recebeu os presentes máximos: o corpo incorruptível, a honra de Deus, e o louvor eterno (esperado pelo autor) dos rusos. Aqueles que ainda não creem são os que negam a entrada de Rus no plano da salvação, como ocorreu antes de sua morte em uma história que o público talvez conhecesse bem, e mesmo com este sendo consolidado mais tarde com Vladimir, as diversas tribulações que Rus sofreria mais tarde seria culpa dos mesmos que negam a soteriologia. É dever do príncipe, logo, engajar na filantropia e propagação do Cristianismo, para assegurar tanto uma Rus cristã quanto sua memória e de sua dinastia eternizadas.

Retomando à ausência de Oto I das narrativas, seguimos a lógica de que tal omissão quebraria uma das lógicas presentes implicitamente em ambas as fontes: a permanência em uma só fé. No século XI e no seguinte, em pleno pós-Grande Cisma de 1054, Rus manteve relações com a Europa latinizada por meio de casamentos dinásticos e, no caso de Sviatosláv II, contatos diretos com o Papa, apesar de algumas críticas sobre a "heresia de Roma" existir na literatura<sup>577</sup>. Os ataques mongóis e subsequentes campanhas suecas, teutônicas e lituanas no território durante o século XIII também mostraram novas alternativas de fé em uma tentativa de promover a paz. A mensagem é então clara: assumindo que os clérigos sabiam da missão germânica, Olga aceitou a fé tida como verdadeira e com ela repousou até o fim de sua vida, e tal como ela os príncipes e o povo devem aceitar e permanecer na Ortodoxia. Deste modo, os rusos conseguirão a salvação, e os especialistas do sagrado manterão sua posição dentro da sociedade.

---

<sup>576</sup> De acordo com Paul Magdalino, a filantropia consiste em um "atributo divino essencial" e a maior obrigação dos seguidores da Ortodoxia, como o ponto máximo de *emulatio Christi*; cf. MAGDALINO, Paul. "Philantropy". In: *ODB*, Vol. III, p. 1649 – 1650.

<sup>577</sup> Ver o capítulo anterior quando dissertamos sobre as princesas e os casamentos. Sobre a relação da Igreja de Rus com a Igreja Latina, ver SENYK, *op. cit.*, p. 298 – 326.

#### 4.4 – HELENA DE KIEV: OLGA COMO *MULIER SUADENS*

Depois que Olga foi iluminada na graça do Senhor (e de Constantino VII Porfirogênito), ela recebeu o nome cristão de Helena, provavelmente em homenagem à então esposa de Constantino VII que participou da cerimônia do batismo. Mas esta não foi a Helena que os autores tinham em mente quando escreveram sobre Olga, e sim Flavia Iulia Helena Augusta (c. 250 – 330<sup>578</sup>), a santa mãe de ninguém menos que Constantino I, o Grande (306 – 337), Imperador grego famoso no imaginário cristão por, entre outras coisas, proibir a perseguição aos cristãos no Império Romano em 313 com o Edito de Milão e aceitar o Cristianismo como sua própria religião, tornando-se o primeiro Imperador bizantino cristão e eventualmente convocando o Concílio de Niceia em 325<sup>579</sup>. Esta feliz coincidência foi prontamente utilizada pelos autores por meio de um *topos* comum no Medievo.

Como explicamos acima, a sabedoria de Olga fora tamanha que indiretamente convenceu Vladimir que o Cristianismo Grego era o certo para Kiev, e nesta persuasão ela acabou por ser a responsável pela entrada de Rus (e futuramente da Rússia e da Ucrânia) no plano da salvação. A regente logo foi uma verdadeira "mulher persuasiva", ou em latim, *mulier suadens*. Este conceito topológico foi primeiramente trabalhado de maneira breve por Miroslav Labunka somente para Rus, e consiste em algo aparentemente simples: a capacidade feminina de convencer, direta ou indiretamente, os homens próximos a aceitarem o Cristianismo<sup>580</sup>. Este conceito fora mais tarde polido e melhor trabalhado pelo eslovaco Martin Homza, e o autor mostra que o problema é mais complexo do que parece.

Homza mostra que a lógica da persuasão feminina, ou "[...] a habilidade psicológica das mulheres de influenciar os seus parceiros masculinos sobre questões espirituais<sup>581</sup>", consiste em um fenômeno especial nos discursos sobretudo acerca de cristianizadores de determinadas unidades políticas. O *topos* possui dois eixos fundamentais, com base em mulheres importantes para a Cristandade: o primeiro consiste em exemplos femininos bíblicos

<sup>578</sup> Diz a tradição hagiográfica que Helena morreu com 80 anos (coincidentemente a idade que Olga faleceu conforme a *SK*), mas há debates sobre as datas. Ver DRIJVERS, Jan Willem. *Helena Augusta: the mother of Constantine the Great and the legend of her finding of the True Cross*. Leiden: E. J. Brill, 1992, p. 9 – 12 (nascimento); p. 73 – 76 (óbito).

<sup>579</sup> GREGORY, Timothy E.; CUTLER, Anthony. "Constantine I the Great" In: *ODB*, vol. I, p. 498 – 500. Para um resumo sobre o Edito de Milão e o Concílio de Niceia, ver GREGORY, Timothy E. "Edict of Milan". In: *ODB*, vol. I, p. 677; PAPADAKIS, Aristeides. "Nicaea I". In: *ODB*, vol. II, p. 1464 – 1465.

<sup>580</sup> LABUNKA, Miroslav. "Religious Centers and Their Missions to Kievan Rus': From Ol'ga to Volodimer." *Harvard Ukrainian Studies*, 12 – 13, 1989, p. 189.

<sup>581</sup> "[...] the psychological ability of women to influence their male partners in spiritual matters". HOMZA, Martin. *Mulieres Suadentes – Persuasive Women: Female Royal Saints in Medieval East Central and Eastern Europe*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2017, p. 8 (Tradução nossa).

que, de um modo ou de outro, influenciaram a decisão de personagens masculinos por meio da manifestação da vontade de Deus nelas. Exemplos incluiriam Maria, mãe de Jesus e o modelo de feminilidade ideal para o Cristianismo; Eva; Jael; Ester; *et cetera*<sup>582</sup>. O segundo e mais proeminente trata-se de Helena. Embora nascida em uma família de baixo prestígio e abandonada por seu marido Constâncio Cloro (c. 250 – 306), os feitos de seu filho Constantino lhe deram uma posição proeminente na sociedade bizantina e com os diversos bispos pós Niceia<sup>583</sup>. Helena também é famosa por supostamente encontrar a cruz na qual Cristo fora crucificado, a "Vera Cruz" ou "Santa Cruz", em uma de suas peregrinações para Jerusalém, e culto futuro possui relação direta com a relíquia<sup>584</sup>. O nosso foco deve ser Helena, pois ao longo do medievo ela foi uma inspiração para as hagiografias das governantes femininas cristãs, no que é conhecido pela historiografia como *Imitatio Helenae*<sup>585</sup>.

A semelhança das narrativas hagiográficas de Olga coincidem com aquelas sobre Helena. Olga, sendo viúva e possivelmente de origem humilde<sup>586</sup>, não era cristã inicialmente, mas converteu-se em Constantinopla<sup>587</sup>. Homza também afirma que a regente abdicou do posto de governante de Rus para Sviatosláv, do mesmo modo que Helena fez em favor de Constantino<sup>588</sup>, mas não acreditamos que esta tenha sido realmente a intenção dos autores na *PVL*, pois a minoridade de Sviatosláv foi o fato que permitiu que Olga fosse regente. Do mesmo modo, não é explícito em nenhuma das fontes que Olga abandonou a sua posição como regente para se dedicar à caridade e a construção de Igrejas. Muito pelo contrário, acreditamos que a exemplaridade de Olga está no que ela fez *enquanto* na posição de soberana, como mostramos acima. Mas concordamos com Homza em que, assim como a mãe de Constantino, e enfatizado nas fontes sobre a regente, Olga "descobriu a cruz", neste caso

---

<sup>582</sup> *Ibid.*, p. 9 – 10.

<sup>583</sup> DRIJVERS, *op. cit.*, p. 39 – 54. A sua vida anterior à ascensão de Constantino é um mistério, o que não é auxiliado pela historiografia bizantina altamente tendenciosa. Cf. *Ibid.*, p. 9 – 14.

<sup>584</sup> HOMZA, *op. cit.*, p. 39; DRIJVERS, *op. cit.*, p. 95 – 117. A narrativa original é geralmente atribuída a Santo Ambrósio (340 – 397). Jan Drijvers chama atenção ao fato de que já existia um culto à Vera Cruz que, no século IV, não era associado a Helena; cf. *Ibid.*, p. 81. Uma versão chegou a Jacopo de Varazze e fora posta na *Legenda Aurea*. Ver JACOPO DE VARAZZE. "A Descoberta da Santa Cruz". In: *Legenda Aurea: Vidas de Santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica por Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 413 – 422. Para a versão primeva traduzida para o inglês, ver DRIJVERS, *op. cit.*, p. 79 – 80/ enquanto versões posteriores mas mais detalhadas encontram-se em *Ibid.*, p. 147 – 150 (Versão *Protonike*); 165 – 171 (Versão de Judas Ciríaco, que parece ter influenciado mais a narrativa contida na *Legenda Aurea*).

<sup>585</sup> De acordo com Homza, o termo fora utilizado pela primeira vez por Jo Ann McNamara, no artigo "*Imitatio Helenae: Sainthood as an Attribute of Queenship*"; cf. HOMZA, *op. cit.*, p. 35. Durante nossa pesquisa, não tivemos acesso a este artigo.

<sup>586</sup> *Ibid.*, p. 151. Como dissemos porém no capítulo anterior, não há menções sobre a origem social de Olga em registros escritos no período por nós abordado.

<sup>587</sup> *Ibid.*, p. 150. Mas ao contrário de Olga, a conversão de Helena não consistia na parte mais importante de suas hagiografias.

<sup>588</sup> *Ibid.*, p. 151.

uma metáfora para o Cristianismo. Afirma Hilarião em seu *Sermão sobre a Lei e a Graça* sobre Vladimir e Olga:

Ó tua semelhança com Constantino o Grande: de semelhante sabedoria, de semelhante amor à Deus, com semelhante honra à seus seguidores! Com os abençoados pais do Concílio de Niceia, ele trouxe a lei ao povo; e tu, com nossos novos pais – os bispos – em assembleias constantes e em máxima humildade aceitaste o conselho de como estabelecer a lei às pessoas que são novas em sua sabedoria sobre Deus. Ele entre os Helenos e os Romanos fez o reino servo de Deus. E tu, ó abençoado Basílio<sup>589</sup>, fizeste tal qual ele em Rus, para que agora, tanto para nós quanto para eles, Cristo é chamado de Rei. Ele e sua mãe Helena transportaram a Cruz de Jerusalém, e transmitiram sua glória ao redor de seu mundo. E tu e tua avó Olga transportastes a Cruz de Nova Jerusalém – da cidade de Constantino – e estabeleceste-la ao redor de vossa terra, e assim tu afirmaste e confirmaste a fé<sup>590</sup>.

Pode-se dizer que a feminilidade de Olga tem base mais em Helena no que na condição da mulher de Rus, logo a razão de não optarmos por uma abordagem de gênero. De qualquer modo, Olga é considerada como peça fundamental para o triunfo da Cristandade em Rus, assim como Vladimir, o qual retornaremos mais abaixo.

A influência de Olga pode ser sentida nas narrativas de diversas maneiras. Após seu batismo, Olga tenta convencer Sviatosláv a aceitar a fé dos gregos. Fica subentendido tanto na *PVL* quanto no *Louvor* que Vladimir se converteu pela influência indireta de Olga, pois sua *drujína* mencionou a sábia decisão de sua avó; a sua estadia com ela enquanto ele ainda era criança, e a sua mãe, Malúcha, concubina de Sviatosláv, ser servente de Olga<sup>591</sup>. Até o seu milagre da incorruptibilidade tem um teor de persuasão, pois quem conseguir ver com certeza crerá<sup>592</sup>. E mesmo na tradição, o poder persuasivo da regente se mostra através da sua astúcia, ao conseguir enganar os Derevlianos com facilidade. A sua habilidade com as palavras, conforme Butler, era parte de sua sabedoria. Na hipótese de nossa dissertação sobre a

<sup>589</sup> Nome de batismo de Vladimir, provavelmente em homenagem ao seu cunhado e Imperador bizantino Basílio II.

<sup>590</sup> "O you likeness of Constantine the Great: of like wisdom, of like love for Christ, with like honor for His followers! With the blessed fathers of the Council of Nicaea, he set down the law for the people; and you, with our new fathers—the bishops—in frequent assembly and utmost humility took counsel on how to establish the law for these people new in their knowledge of God. He among the Hellenes and the Romans made the kingdom subject to God. And you, O blessed Vasilij, did likewise in Rus', so that now, both for us as for them, Christ is called King. He and his mother Helen transported the Cross from Jerusalem, and transmitted its glory throughout all their world, and affirmed and confirmed the faith. And you and your grandmother Ol'ga transported the Cross from the New Jerusalem—from the city of Constantine—and established it throughout all your land, and so you affirmed and confirmed the faith. And as you were the likeness of him, so God granted you to partake with him in like honor and glory in heaven because of the devotion you showed in your life". METROPOLITA HILARIÃO DE KIEV, *op. cit.*, p. 22 – 23 (Tradução nossa).

<sup>591</sup> *PVL-Or*, p. 33; *PVL-Li*, p. 169 – 170; *CrN*, p. 71; *RPC*, p. 87.

<sup>592</sup> *Pámiat*, p. 6 (Srezniévskii) / 17 (Zimín); *Encomium*, p. 170.

convivência da tradição e da lógica cristã sobre Olga portanto também se encaixa a capacidade de convencimento<sup>593</sup>, pois tanto a imagem da regente enquanto cristã e pagã virtuosa são construídas a partir da persuasão e tentativa de influência que Olga supostamente exerceu.

A associação entre Olga e Helena possivelmente teve uma maior eficácia pela já existência das lendas desta e de seu filho em Rus, sobretudo em Kiev e Nóvgorod. É possível que os patronos ideais da Cristandade fossem conhecidos em Rus ainda mesmo no século X, motivando a escolha do nome de batismo de Olga<sup>594</sup>. Segundo a historiadora polonesa Zofia Brzozowska, havia murais representando Constantino e Helena na catedrais *Hagia Sophia* de Kiev e Nóvgorod desde o século XI<sup>595</sup>, sendo uma fonte mais concreta da presença de ambos no imaginário religioso (ou ao menos eclesiástico) de Rus. É possível que um culto ao Imperador grego, ou ao menos uma produção memorialística, fora provavelmente difundido em Rus por textos traduzidos do grego e de uma arte cristã, e intensificado a partir do século XII com a proliferação do nome *Konstantín* entre os grupos mais abastados<sup>596</sup>. A presença direta de Constantino e de sua mãe em Rus encontra-se ainda mais forte na tradição por meio da associação entre Olga e Vladimir como Helena e Constantino de Rus, obviamente proposital por parte dos hagiógrafos responsáveis pela memorialística de ambos, e que argumentaremos no próximo tópico que teve uma grande importância para os Riuríkidas.

Olga não foi a única *mulier suadens* que herdou inspiração de Helena. Há diversos exemplos, entre elas Mônica e Clotilde; respectivamente a mãe de Agostinho de Hipona e a esposa de Clóvis, que conforme a tradição cristã desempenharam papel fundamental na relação de seu filho/marido com o Cristianismo<sup>597</sup>. Mas de acordo com Homza, este fenômeno ocorreu com mais força na "Europa Central e Oriental" recém cristianizada a partir de meados do século IX conforme abordamos no segundo capítulo, na figura das mulheres associadas de forma consanguínea ou matrimonial com os arautos das conversões, com o primeiro exemplo

---

<sup>593</sup> Homza somente analisa Olga enquanto cristã, e trata a vingança como uma exceção, como mostramos acima. Ver HOMZA, *op. cit.*, p. 146 – 156.

<sup>594</sup> Cf. WHITE, Monica. "Veneration of St. Constantine in Pre-Mongol Rus". In: BOJOVIC, Dragiša (ed.). *Saint Emperor Constantine and Christianity. Vol. II. International Conference Commemorating the 1700th Anniversary of the Edict of Milan*. Niš: The Centre of Church Studies, 2013, p. 352 – 353. White no entanto não mostra nenhuma evidência concreta deste reconhecimento, sendo mera especulação, mas a existência de rus cristãos que mantinham contato com Constantinopla fazem com que a hipótese seja, ao menos, plausível.

<sup>595</sup> BRZOZOWSKA, Zofia. "The Ideal Christian Rulers - Sts. Constantine and Helena in the Spiritual and Political Culture of Kievan Russia". In: BOJOVIC, Dragiša (ed.). *Saint Emperor Constantine and Christianity. Vol. I. International Conference Commemorating the 1700th Anniversary of the Edict of Milan*. Niš: The Centre of Church Studies, 2013, p. 498. Ver ainda WHITE, *op. cit.*, p. 352.

<sup>596</sup> *Ibid.*, p. 356 – 359.

<sup>597</sup> HOMZA, *op. cit.*, p. 11. Para uma tentativa de tipologia, ver LABUNKA, *op. cit.*, p. 189 – 193. Agostinho se encaixa na temática tanto para Labunka quanto para Homza, mesmo não sendo um governante.

e talvez com influência nas hagiografias seguintes (incluindo, conforme Homza, no discurso hagiográfico sobre Olga) sendo a princesa Ludmila da Boêmia (860 – 921). Contam as hagiografias que Ludmila, filha de um membro da nobreza, fora esposa do primeiro príncipe cristão da Boêmia e fundador da dinastia dos Premislida, Borivoj, e ela tornou-se a primeira governante cristã ao ser batizada após a conversão deste<sup>598</sup>. Além do poder sobre o território, Ludmila teve uma função de responsável pela educação de seus netos, um deles sendo o futuro santo padroeiro da República Tcheca Venceslau (903 – 935)<sup>599</sup>. Também possuem histórias e funções similares Doubravka da Boêmia (940 – 977), esposa do governante Mieszko I (930 – 992) que cristianizou as hoje terras polonesas<sup>600</sup>; e Adelaide da Cracóvia, esposa do rei húngaro Géza (940 – 997)<sup>601</sup>.

#### 4.5 – A AVÓ E O NETO: OLGA E A SANTIDADE DINÁSTICA

Para o uso do *topos* de *mulier suadens*, a mulher deve convencer alguém de algo. Geralmente, o influenciado era um homem, ligado à ela por alguma relação familiar. O velho ditado "por trás de um grande homem existe uma grande mulher" resume claramente este conceito, ainda mais se adicionarmos os adjetivos "cristão" e "cristã". Novamente citando os progenitores deste recurso discursivo, Helena alegadamente tanto criou Constantino no caminho de Cristo desde sua infância quanto apoiou a conversão de seu filho e eventualmente conversão do Império Romano, participando ativamente na propagação do Cristianismo ou pelo menos como dizem as lendas. Assim também fizera Ludmila ao cuidar do infante Venceslau. Considerando que ambas as lendas sobre as duas eram conhecidas em Rus<sup>602</sup>, principalmente aquela sobre Helena e Constantino como demonstramos no tópico anterior, os especialistas do sagrado de Rus fizeram um bom uso deste recurso ao relacionarem os

<sup>598</sup> HOMZA, *op. cit.*, p. 82.

<sup>599</sup> *Ibid.*, 83; 95 – 105. O restante da narrativa de Ludmila é trágica, se modo semelhante a Helena, com sua morte sendo arquitetada por sua nora Dahomira, transformando Ludmila em uma santa mártir.

<sup>600</sup> HOMZA, Martin. "The Role of Saint Ludmila, Doubravka, Saint Olga and Adelaide in the Conversion of Their Countries (The Problem of *Mulieres Suadentes*, Persuading Women)". In: URBAŃCZYK, Przemysław (Org.). *Early Christianity in Central and East Europe*. Varsóvia: Wydawnictwo Naukowe Semper, 1997, p. 196 – 197 (Doravante Homza<sup>1</sup>).

<sup>601</sup> *Ibid.*, p. 198 – 201.

<sup>602</sup> A circulação da cultura da Boêmia em Rus e vice-versa durante o medievo é consenso por parte dos especialistas em literatura eslava. Destaque dá-se pela presença de elementos das hagiografias de São Venceslau nas narrativas de Boris e Gleb, além da circulação onomástica presente em ambos os territórios. Ver INGHAM, Norman W. "The Martyred Princes and the Question of Slavic Cultural Continuity in the Early Middle Ages", In: BIRNBAUM, Henrik; FLIER, Michael S. (Ed.). *Medieval Russian Culture: California Slavic Studies XII*. Los Angeles: University of California Press, 1984, p. 31 – 53; JAKOBSON, Roman. "The Czech Part in Church Slavonic Culture". In: *Selected Writings v. 6, Pt. 1 (Early Slavic Paths and Crossroads)*. Prefácio de Stephen Rudy. Berlim, Amsterdã e Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1985, p. 129 – 152. Tal abordagem, todavia, é de certo modo comprometida pelo pan-eslavismo de alguns autores.

patronos da Cristandade grega (e por que não total?) com os primeiros governantes cristãos, Olga e Vladimir.

Vladimir, assim como sua avó, tornou-se eventualmente um santo. Pode ser que o leitor pense que isto é óbvio, dado o peso da sua decisão sobre Rus, e o fato de que toda a ala eclesiástica ser tributária dele pelo poder que eles obtiveram. Ele foi o Constantino de Rus, aquele que inicialmente tirou sua terra das trevas<sup>603</sup>, louvado cerca de trinta anos após a sua morte por Hilarião e tendo pelo mesmo o seu passado pré-cristão ignorado<sup>604</sup>. Realmente o monarca mais importante de Rus no século XI ao menos conforme o Metropolita. Então, por que ele não foi canonizado imediatamente? Especialistas explicam desde a falta de milagres atribuídos ao príncipe<sup>605</sup>, sua reputação não sendo muito boa<sup>606</sup>, falta permissão da Igreja Grega para o reconhecimento<sup>607</sup>, ou até mesmo a falta de um interesse geral na sua oficialização<sup>608</sup>. Talvez tenha sido todos estes motivos, e também para Olga: assumindo a data tardia do *Louvor* e também seu milagre presente no mesmo, a regente não teve nenhuma atividade miraculosa; era ainda conhecida como uma sacerdotisa, que foi transformada em guerreira; Constantinopla não era necessariamente flexível com o reconhecimento de monarcas como santos<sup>609</sup>; e, como mostraremos, o público do discurso hagiográfico sobre Olga era bastante específico.

Ainda assim, a memória de Vladimir presente nas suas fontes iniciais era positiva, ou, como afirma Fabrício Moreira, a "[...] mão divina entre Deus e os Rus<sup>610</sup>", e, certamente, digno de veneração<sup>611</sup>. Ser a encarnação de Constantino para seu povo teve também impacto na sua própria descendência, como argumenta o historiador húngaro Gábor Klaniczay. Este afirma que, além da canonização de Boris e Gleb, Iarosláv planejava promover o culto de seu pai, sendo até anterior que a tentativa de reconhecer os mártires<sup>612</sup>. Esta foi provavelmente uma tática de legitimar seu próprio governo, e sua dinastia, a partir da rememoração e santificação dos membros consanguíneos mais importantes<sup>613</sup>. O reconhecimento dos

---

<sup>603</sup> BUTLER, *op. cit.*, p. 9. Olga, ao contrário do príncipe, não "iluminou" Rus, mas agiu como a noção bíblica de "sal da terra", destoando-se pelo Cristianismo na Rus "pagã" conforme os hagiógrafos.

<sup>604</sup> Sobre a imagem de Vladimir presente no *Sermão sobre a Lei e a Graça*, ver *Ibid.*, p. 8 – 20.

<sup>605</sup> Para o debate ver *Ibid.*, p. 58 – 60.

<sup>606</sup> Para o debate ver *Ibid.*, p. 61 – 62.

<sup>607</sup> Para o debate ver *Ibid.*, p. 63 – 65.

<sup>608</sup> Para o debate ver *Ibid.*, p. 65 – 67.

<sup>609</sup> Como era de costume, raramente membros da realeza eram raramente canonizados pelo Patriarca ou pelo Papa, salvo casos excepcionais; cf. *Ibid.*, p. 63.

<sup>610</sup> Cf. MOREIRA, *op. cit.*, p. 151.

<sup>611</sup> BUTLER, *op. cit.*, p. 54.

<sup>612</sup> KLANICZAY, *op. cit.*, p. 111 – 112.

<sup>613</sup> *Ibid.*, p. 112; mas já falamos sobre as condições de Boris e Gleb no segundo capítulo e falaremos mais uma vez abaixo.

príncipes abriu caminho para nova "hierarquia", conforme Moreira e com toda razão<sup>614</sup>; e nada melhor para legitimar a dinastia a partir da nova fé do que com a santidade dinástica, tornando a linhagem Riuríkida naquilo que André Vauchez chama de *Beata Stirps*<sup>615</sup>. Embora pouquíssimos foram os príncipes de Rus canonizados antes do século XIII, sendo o início da tendência de acordo com Vauchez, a linhagem sagrada Riuríkida consistiria em um elemento de legitimidade dado a um príncipe em constante desgaste devido às guerras contra os seus e os outros.

Se Vladimir é considerado como o ponto de partida da linhagem sagrada dos Riuríkidas, Olga estaria em uma posição anterior. É um pouco óbvio que a tradição sobre Olga e Vladimir liga os soberanos à Helena e Constantino, inserindo Rus em uma lógica histórica cristã<sup>616</sup>, assim como santificar a estirpe Riuríkida. Este processo não é exclusivo de Rus, pois as *mulieres suadentes*, de acordo com Homza, influenciaram os homens que, além de cristianizar, também fundaram ou consolidaram dinastias<sup>617</sup>. O "poder persuasivo" da regente materializa-se na decisão de seu neto, fazendo dele o Apóstolo de Rus, assim como ela mesma. Não é por razão alguma que ambos receberam o título de "igual aos apóstolos" (*ravnoapóstolnyi*), uma posição de grande prestígio dentro da Ortodoxia reservado apenas àqueles que levaram o Cristianismo para uma comunidade, dentre os quais estão, imaginem só, Santa Helena e Constantino, o Grande<sup>618</sup>! A regente seria, logo, reconhecida pelos *exempla* posteriores de sua alegada propagação da fé Ortodoxa.

Acreditamos então que Olga seria a fundadora desta estirpe sagrada, e mesmo sem um culto ela era percebida como tal. São Constantino Cirilo e São Metódio podem ter sido os apóstolos dos eslavos, mas somente a regente foi a "precursora da terra cristã" e, por consequência, da soteriologia de Rus. Dela emanou a vontade de aceitar Cristo a partir da sua sabedoria. Foi por causa de sua avó que Vladimir converteu Rus<sup>619</sup>, Iarosláv adornou Kiev, e

<sup>614</sup> MOREIRA, *op. cit.*, p. 152.

<sup>615</sup> Conforme André Vauchez, a *Beata Stirps* (estirpe sagrada) consistiria na sacralização da linhagem por meio da canonização de indivíduos da mesma, a fim de obter legitimidade para a dinastia. Este processo envolveria tanto a substituição de virtudes por milagres, quanto a transformação do conceito de família carnal para família espiritual; Cf. VAUCHEZ, André. "«Beata Stirps»: sainteté et lignage en Occident aux XIIIe et XIVe siècles". In: *Famille et parenté dans l'Occident médiéval. Actes du colloque de Paris (6-8 juin 1974)*. Rome: École Française de Rome, 1977, p. 403 – 405. O historiador faz uso de exemplos provindos da dinastia húngara de Arpades, a qual um trabalho na mesma temática (e inspirado por Vauchez) pode ser encontrado em KLANICZAY, *op. cit.*, p. 114 – 394.

<sup>616</sup> ISTRÍN *apud* WHITE, *op. cit.*, p. 355.

<sup>617</sup> HOMZA, *op. cit.*, p. 211 – 212.

<sup>618</sup> Cf. JIVÓV, *op. cit.*, p. 89. Entre outros santos com o epíteto encontram-se Santa Tecla (que em algumas tradições fora seguidora do apóstolo Paulo); Santa Nina da Geórgia (280 – 332, matrona da Igreja Ortodoxa Georgiana); São Nikolái do Japão (1836 – 1912, fundador da primeira Igreja Ortodoxa russa no Japão); Maria Madalena; e os irmãos já mencionados São Constantino Cirilo e São Metódio.

<sup>619</sup> Butler acredita ainda que Olga "preparou" Rus para a cristianização de Vladimir; cf. BUTLER, *op. cit.*, p. 30.

os demais príncipes continuaram no caminho do Cristianismo. A regente, conectando Rus a Constantinopla enquanto batizada como Helena, limpou o passado pagão antes de seu neto mais ilustre, e portanto parece que ser um Riuríkida deveria ser cristão. E a prédica presente nos discursos hagiográficos sobre Olga, tema não abordado por Homza ou Klaniczay, somente reforçaria este ponto. Homza está, então, correto ao afirmar que Olga é "mãe de todos os Tsares"<sup>620</sup>, e como toda mãe, a regente teve o papel de educar seus filhos na maneira correta.

#### 4.6 – SOBRE O (POSSÍVEL) CULTO ENTRE OS SÉCULOS XI E XIII

Chegamos ao final da nossa jornada através da imagem de Olga, mas ainda falta falarmos da materialização do projeto de sua santidade, através da canonização e do culto. Esta seria, todavia, a parte mais complicada pois não possuímos informações concretas sobre ambos. A começar, o processo de canonização em Rus é um enigma, e até mesmo os pormenores do modelo bizantino não é bastante explícito para a historiografia<sup>621</sup>, aparentemente não utilizando o termo *canonizatio*, vindo do latim, mas sim *anagnosis* para o reconhecimento de um morto como santo, e somente a partir do século XIII<sup>622</sup>. É possível que, salvo em casos extremos como a já mencionada santidade de Vladimir, havia a necessidade de milagres, geralmente no *topos* de corpo incorrupto tenha sido um dos requisitos<sup>623</sup> ou a taumaturgia, como no caso de Boris e Gleb<sup>624</sup>, além de uma devoção aparente de um determinado grupo. Olga teve o primeiro, mas a questão da devoção é um pouco mais complexa.

John Fennell mostra que até o século XVII, não há a ereção de igrejas ou monastérios dedicados à regente, tampouco o nome "Olga" é uma ocorrência comum nas fontes<sup>625</sup>. Também há uma estranha ausência de iconografia, ao menos que sobrevivera, com a mais antiga sendo supostamente um mural do século XII mas não é creditada por todos os

---

<sup>620</sup> HOMZA, *op. cit.*, p. 156.

<sup>621</sup> Cf. FENNELL, John L. I. "When was Olga Canonized?". In: GASPAROV Boris; RAEVSKY-HUGHES, Olga. *Christianity and the Eastern Slavs – Vol I: Slavic Culture in the Middle Ages*. Berkeley: University of California Press, 1993, p. 77 (doravante FENNELL<sup>1</sup>). Até mesmo em seu tópico sobre Canonização na ortodoxia Grega, Golubínskii somente faz uma tipologia de santos ao invés de dissertar sobre a burocracia ou lógica do processo; Cf. GOLUBÍNSKII, *op. cit.*, p. 12 – 22.

<sup>622</sup> *Ibid.*, p. 11. O termo fora utilizado a partir do século XIII, cf. TALBOT, Alice-Mary. "Canonization". In: *ODB*, vol. I, p. 372.

<sup>623</sup> LENHOFF<sup>2</sup>, *op. cit.*, p. 255. Para outras exceções, ver *Ibid.*, p 258 – 259.

<sup>624</sup> LENHOFF<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 43 – 45.

<sup>625</sup> FENNELL<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 77 – 78.

especialistas da área<sup>626</sup>. Mesmo com estas adversidades, Fennell propõe uma data um tanto exata para uma canonização, ou melhor, reconhecimento oficial da Igreja de Rus: 1284, com base nas menções não de Olga, mas sim de Vladimir, especificamente de uma Igreja dedicada à Vladimir no século XIV e menção ao mesmo na hagiografia do príncipe Moscovita Alexandre Iaroslávitch Niévskii (1252 – 1263), atestando que até esta data havia um reconhecimento<sup>627</sup>. O argumento de Fennell para a datação da canonização de Olga é o mesmo para seu neto: 1285 fora o ano em que, conforme uma fonte de cerca de três séculos após o ocorrido, o Metropolita Maksím (o mesmo que deixou Kiev para Vladímir-em-Kliázma como visto no capítulo II desta dissertação), viajou por Rus pregando sobre a canonização do Príncipe em um Concílio ocorrido no ano anterior<sup>628</sup>. Pela associação discutida acima, Fennell empurra Olga como canonizada por proximidade.

Para haver algum tipo de reconhecimento, deveria haver certa devoção por parte de um grupo. Como dissemos, não há provas concretas sobre um culto a Olga (ou Vladimir), mas o historiador russo Aleksiei Laúchkin acredita na possibilidade. Conforme Laúchkin, a partir de um recurso raramente utilizado pelos historiadores modernos, a data do término da construção da igreja do Monastério de São Miguel das Cúpulas Douradas, no sábado de 11 de julho de 1102<sup>629</sup>. Uma outra gama de eventos importantes, em sua maioria a partir do final do século XI, foram organizados tanto pelos príncipes quanto pelos eclesiásticos<sup>630</sup>, o que mostraria que Olga estaria inserida no calendário litúrgico pois a prática era repetida com santos oficiais como Boris e Gleb, e importados como João Crisóstomo. A devoção viria, portanto, dos especialistas do sagrado e do príncipe. Uma lógica interessante a partir de uma abordagem criativa que merece mérito, mas confiar somente nas datações dadas pelas fontes parece uma manobra arriscada.

Homza também acredita que Olga era cultuada, e consegue demonstrar a partir dos atributos presentes nas fontes as características do culto. Segundo Homza, que emancipa a

<sup>626</sup> *Ibid.*, p. 78. Homza no entanto acredita na autenticidade do mural, cf. HOMZA, *op. cit.*, p. 144.

<sup>627</sup> FENNELL<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 78 – 79.

<sup>628</sup> FENNELL, John. "The Canonization of Saint Vladimir". In: FELMY, Karl Christian (Org.). *Tausend Jahre Christentum in Rußland. Zum Millenium der Taufe der Kiever Rus'*. Göttingen: U. A., 1988, p. 303 – 304 (Doravante FENNELL<sup>2</sup>). Fennell, no entanto, não mostra as razões da canonização tardia de Vladimir, ainda que considere a existência de possível existência de cultos locais. Para uma outra hipótese, ver BUTLER, *op. cit.*, p. 68 – 82.

<sup>629</sup> Cf. LAÚCHKIN, Aleksiei V. "K probléme potchítániia kniaguíni Ólgui i kniázia Vladímira v domongólskoe vriémia [Sobre o problema da veneração da princesa Olga e do príncipe Vladimir no período pré-mongol]". *Trudý Otdiela Drevnerússkoi Literatúry [Trabalhos do Departamento de Literatura Russa Antiga]*, Tomo 63, 2014, p. 50 – 51. Sobre o monastério em si, ver SENYK, *op. cit.*, p. 278. A importância do término sendo especificamente no sábado, de acordo com Laúchkin, dá-se por ser um dos únicos casos em que o evento aconteceu dá neste dia da semana.

<sup>630</sup> *Ibid.*, p. 56 – 57. A maioria dos exemplos de Laúchkin no artigo são sobre Vladimir.

figura de Olga de Vladimir até certo ponto, o possível culto possuía três traços marcantes: a regente como a encarnação de sabedoria e *Sophia*; a associação à Maria; e a identificação como progenitora do Cristianismo em Rus<sup>631</sup>, estes os quais falamos mais acima e concordamos com o historiador, isto é, se realmente houve um culto que vem sido promovido desde talvez o século X, logo após a conversão de Vladimir<sup>632</sup>. A ausência da informação do *Louvor* sobre a transposição das relíquias de Olga para a Igreja de Theotokos na *PVL*, considerando que este seria um evento importantíssimo, mostra que o ato do príncipe convertido tenha sido uma lembrança. Mas Homza acerta novamente acerca do motivo do surgimento do culto. Embora o autor afirma que o culto foi impopular devido à "rapidez" do reconhecimento de Boris e Gleb, e "ressurgiu" com a ascensão dos príncipes do Norte de Rus a partir da dominação mongol e necessidade de centralizar o restante de Rus<sup>633</sup>. Pois que governante, em um tempo de crise, não gostaria de ser associado diretamente com os iguais aos apóstolos?

No início desta pesquisa, a questão do culto era central. Afinal, onde já se viu santo que não era popular? Ainda mais em uma tradição hagiográfica de quase dois séculos. Por que Boris e Gleb foram aceitos pelo povo e não Olga (e conseqüentemente Vladimir)? Estas foram nossas questões antes de escrever a dissertação, mas mudamos o olhar. Convidamos o leitor ao retorno de nossa definição de hagiografia: um enunciado surreal que produz sentido com base na ideologia religiosa dominante, com diversas funções como a memorialística (atrelada a uma escrita da história), predicatória e pedagógica, entre outras. Isso significa que o discurso sobre Olga transforma a sua figura, prega a ideologia cristã e ensina, *contanto que* o público-alvo entenda o discurso com estes fins. Partamos para a operacionalização de tudo que fora explicitado acima.

Lições sobre a importância da dinastias que alguém pertence e o ideal de príncipe permeiam as hagiografias da regente. Logo, não parece que a maioria da população laica era o alvo dos hagiógrafos. Tampouco o clero ou monacato, pois eles provavelmente estavam mais ocupados lendo outros textos sagrados, traduzindo e copiando. Afirmamos então que o discurso sobre Olga era direcionado aos príncipes, que podiam defender seus principados, ter a sabedoria de poder discernir boas opiniões vindas dos servos de Deus, e patrocinar a expansão da Cristandade. Nossa hipótese explica o porquê o culto foi tão tardio e "impopular" com a população, ao compararmos com Boris e Gleb. Os mártires não apodreceram quando

---

<sup>631</sup> HOMZA, *op. cit.*, p. 153 – 155. Na última característica, Homza assume a autenticidade do mural presente na Igreja de Santa Sofia de Kiev. Ver nota 625.

<sup>632</sup> *Ibid.*, p. 146 – 147.

<sup>633</sup> *Ibid.*, p. 156.

encontrados e ainda tiveram relatos quase que imediatos de milagres<sup>634</sup>, estes tendo relação com elementos da fé pré-cristã que ressoou com a população<sup>635</sup>; ao passo que a narrativa de Olga (e Vladimir) tinha uma audiência mais "elevada", e a sua característica "pagã" estava sendo moldada em ato cristão. E mesmo admitindo as primeiras instâncias de santificação, a inexistência de milagres e falta de interesse como um todo dificultaria a propagação. Mas a regente, por sua associação à salvação de Rus e presença na *PVL*, ainda estava presente na memória social, explicando o argumento de Laúchkin<sup>636</sup> sobre a escolha das datas próximas à morte de Olga.

Quanto ao motivo da canonização, o impasse da ausência de fontes que afeta os outros autores é também efetivo neste trabalho. Como dissemos, a hipótese de Homza parece plausível, e o mínimo que podemos fazer é corroborar com as nossas conclusões sobre o caráter pedagógico da hagiografia. Os *exempla* de Olga ensinam aos príncipes sobre a defesa do domínio, sobre ouvir os ensinamentos e conselhos dos bons cristãos, e, talvez mais importante, sobre a propagação da fé por meio da caridade e combate contra os não-cristãos. E estas lições seriam especialmente bem-vindas após a dominação mongol, conforme o clamor caloroso e nostálgico do bispo Serapião de Vladimir-Suzdália a partir de um dos seus sermões:

As igrejas sagradas foram destruídas.  
Os recipientes sagrados foram profanados.  
Os santos foram pisoteados.  
Os prelados foram vítimas da espada.  
Os corpos dos monges santificados tornaram-se comida para as aves.  
O sangue de nossos sacerdotes e irmãos,  
como se fosse água, encharcou a terra.  
A força dos nossos príncipes e voevodas desapareceu.  
Nossos valentes guerreiros, tomados por um grande medo, desapareceram.  
Muitos de nossos irmãos e filhos  
foram tomados em cativo.  
Nosso orgulho foi humilhado.  
Nossa serenidade desapareceu<sup>637</sup>.

---

<sup>634</sup> Ver LENHOFF<sup>1</sup>, *op. cit.*, p. 54.

<sup>635</sup> Nos milagres que envolviam o fogo, elemento sagrado para os eslavos; cf. *Ibid.*, p. 40.

<sup>636</sup> LAÚCHKIN, *op. cit.*, p. 58.

<sup>637</sup> *The sacred churches were destroyed.*

*The sacred vessels were defiled.*

*The saints were trodden upon*

*The prelates were victims of the sword.*

*The bodies of holy monks became food for birds.*

*The blood of our priests and brothers,  
as if it were water, soaked into the earth.*

*The strength of our princes and voevodas has disappeared.*

*Our valiant warriors, seized with great fear, have fled.*

*Many of our brothers and our children*

Vladimir, sendo aquele que converteu Rus e também era conhecido como um ótimo cristão (pelo menos *após* 988, e isto deve ser enfatizado) e defensor dos interesses de Rus e do Cristianismo. Mas a sua ausência de milagres e má reputação tornaria impossível o seu *status* como santo. Logo, o reconhecimento de Olga também proporcionaria a canonização do príncipe por proximidade (ao invés do oposto como afirma parte da historiografia). E se Butler está correto em sua datação do *Louvor*, faria sentido a presença do milagre "concreto" da regente e a ausência deste na *PVL*, pois houve finalmente a necessidade da canonização, o que faz com que concordemos com a datação de Butler.

A mudança de tom entre a *PVL* e o *Louvor* pode ser explicada então pelo contexto. Nos anos antes dos mongóis, Rus entrava constantemente em batalhas contra os povos das estepes, motivo o qual a vingança de Olga permaneceu. Com a destruição de Kiev e domínio dos novos povos das estepes que subjugaram os antigos, os especialistas do sagrado reconheciam o poder mongol e haviam duas maneiras de lidar com eles para evitar uma calamidade maior. O primeiro seria a diplomacia entre o príncipe e os enviados do Khan, assim como está presente na *vita* de Alexandre Niévskii<sup>638</sup>, e tornando a narrativa da retaliação como uma opção de risco. O segundo meio seria a reorganização do Cristianismo, cuja falta fora alegadamente a razão da conquista de acordo com os autores de Rus, o que dá sentido à omissão da vida antecristã da regente e foco nos *exempla* de propagação de fé.

---

*have been led into captivity.*

*Our pride has been humbled.*

*Our serenity has vanished.* ZENKOVSKY, *op. cit.*, p. 244 (Tradução nossa). Sobre Serapião de Vladímir-Suzdália, ver TVORÓGOV, Oliég V. "Serapión [Serapião]". In: *SKKDR*, p. 387 – 389.

<sup>638</sup> Cf. ZENKOVSKY, *op. cit.*, p. 233.

## CONCLUSÃO

Olga seria mais tarde canonizada oficialmente por Macário de Moscóvia no século XVI, culminando em sua representação brevemente aqui citada no *SK*. A partir de seu reconhecimento oficial, Olga ganhou diversos monastérios, conventos e igrejas dedicados à sua figura. Ela também está atrelada a duas ordens militares, uma russa e uma ucraniana, destinada a mulheres excepcionais. A memória sobre a regente não estaciona no campo eclesiástico ou político: ela está presente nos mais diversos tipos de mídia, incluindo filmes, desenhos animados, livros infantis, um balé, romances, e, talvez mais surpreendente, sendo a inspiração de um álbum conceptual de *Death Metal* francês<sup>639</sup>. Ao menos em 2012, também foi o terceiro nome mais popular em meninas nascidas na Rússia, com o segundo sendo Elena<sup>640</sup>. Olga está viva na consciência das novas Rus, e tudo graças aos hagiógrafos dos séculos XI a XIII.

No primeiro capítulo, tentamos fazer um balanço sobre discurso hagiográfico e, em menor escala, santidade. Argumentamos que há outros modos de enxergar uma hagiografia que não estão necessariamente vinculados ao suposto modelo Bolandista, até mesmo sendo possível separá-la da figura do santo (o que não foi o caso desta dissertação em particular), esperando diminuir o tratamento de fontes do tipo como o clássico moralizante e separado da historiografia. A partir de sua capacidade de manipular a memória de um indivíduo/grupo, a hagiografia desfaz e refaz passados, cria histórias, engrandece e encolhem indivíduos e grupos. Novamente, na difícil tarefa de conceituação, o discurso surreal com fins variados que produz seu sentido a partir da surrealidade passível de ser crível pelo público-alvo seria nossa tentativa de definir hagiografia. Se Olga ordenou a embriagamento e assassinato dos soldados Derevlianos a fim de vingar a morte de Igor; ou que o corpo da regente jamais apodreceria e só apareceria como tal àqueles que tem fé, mesmo no intervalo de ao menos 250 anos entre o evento narrado no *Louvor* e a sua escrita; estes acontecimentos são possíveis pois, para os receptores, não seria extraordinário o suficiente para questionar a autenticidade.

Ao fazermos um resumo da trajetória política de Rus de Kiev no segundo capítulo, tentamos, além de disponibilizar ao historiador lusófono um novo material caso, seja qual for o motivo, queira saber mais sobre Rus de Kiev e irritar o historiador que não gosta de capítulo contextual, mostrar o contexto socio-histórico da criação das fontes para justificar no último

---

<sup>639</sup> Aos interessados, o nome do álbum é *A Perfect Absolution*, da banda francesa Gorod.

<sup>640</sup> Cf. <http://www.happy-giraffe.ru/news/post47699/>. O nome mais comum em 2012 foi Anastassia.

capítulo certas atitudes tomadas pelos autores. Por que haveria necessidade de Olga ser guerreira em uma fonte compilada em uma época de guerras contra um povo vizinho e omitir enquanto Rus está sob a posse de um poder bem maior? Assim como todo discurso, a hagiografia parte de um autor bombardeado por seu meio e seus interesses. A imagem hagiográfica de um indivíduo pode, portanto, mudar de lugar para época para hagiógrafo, tornando a hagiografia em um problema historiográfico.

Olga e sua vida, ou ao menos o que realmente pensamos saber sobre ela, fora a estrela do terceiro capítulo. Embora a sua vida não pareça ser tão fascinante quanto a sua *vita*, a regente ainda possui muitas histórias para se gabar, algumas delas as quais os autores de suas hagiografias não souberam como trabalhar. Regente e sacerdotisa ao mesmo tempo, conexões com Cristandades variadas, promotora de importantes reformas econômicas e administrativas, e a lista continua. Não só, mas foi a única mulher que governou sozinha nas descendências de Rus por um bom tempo. Ironicamente, algumas destas várias faces tiveram que ser retiradas da memorialística, muito pois na sua vida não havia nada digno de redenção como no caso seu neto Vladimir, com até mesmo o passado de Olga com Freyja sendo louvado, ainda de maneira que essa relação é rememorada. Em todo caso, Vernadsky tem toda razão ao dizer que Olga, "[...] deve ter sido uma mulher notável"<sup>641</sup>.

Finalmente, tentamos no quarto capítulo aplicar a teoria presente no primeiro nas fontes sobre (Santa) Olga de Kiev, mostrando diferentes aspectos do discurso hagiográfico. A existência de um discurso surreal em uma fonte cronística, narrando as impossíveis aventuras possíveis da regente ao vingar-se de maneira elaborada e recusar a investida do Imperador, mostra a amplitude do conceito, não estando preso por regras de gênero literário. A metamorfose de Olga de sacerdotisa à guerreira demonstra a face *memorialística* e *historiográfica* da hagiografia.

Ainda sobre a remodelação do passado, ser associada à Helena e a Cristianização faz com que Rus entre no plano soteriológico, afetando o próprio curso dos eventos futuros de acordo com os hagiógrafos, e "limpando" um passado "pagão" que, por razões fora do controle dos autores, é interrompida por Sviatosláv e retomada/consolidada por Vladimir. Olga também deveria fazer com que sua dinastia fosse legítima, a partir de sua "iluminação", mostrando o aspecto *político* e *social* da hagiografia. Finalmente, seus milagres e *exempla* contidos nas fontes vão além da moralização de Delehaye e Certeau. É a função de *prédica* do discurso hagiográfico, beirando em um caráter litúrgico, pregando aos príncipes presentes e

---

<sup>641</sup> "[...] she must have been a remarkable woman". VERNADSKY, *op. cit.*, p. 38 (Tradução nossa).

futuros para manterem e patrocinarem o Cristianismo verdadeiro e para serem sábios, assim como Olga, mesmo em tempos de crise, garantindo ainda o status dos autores por meio do poder simbólico.

A palavra-chave presente nos resumos acima é *tentamos*. Ainda há questões que não conseguimos resolver por tempo, recursos, distância; este sendo o obstáculo mais cruel. Há ainda diversas questões a serem respondidas que, pelas mais diversas dificuldades, não pudemos ao menos tentar responder. Qual seria a relação entre Olga e seu principado natal, Pskov, ou com a cidade de Víchgorod, durante o período Kievano? De acordo com Roman Jakobson, havia indícios de culto de Olga na Boêmia do século XII<sup>642</sup>. Como e por que este se desenvolveu? Nós não utilizamos todas as fontes sobre a regente. Há um cânone do século XII atribuído ao misterioso Cirilo, bispo de Túrov<sup>643</sup>, sobre Olga que não conseguimos obter, nem a fonte em si nem historiografia sobre tal. Por que este cânone existiria em um bispado periférico dos grandes centros políticos e religiosos de Rus no século XII? Haveria alguma mudança entre a sua narrativa e das outras fontes? Ainda assim, acreditamos que, com o que temos em nossas mãos, conseguimos dar mais um pequeno avanço na tradição iniciada por Eurípedes Simões de Paula com a primeira tese de Medievalística brasileira<sup>644</sup> e retomada 74 anos depois com dois trabalhos acadêmicos de excelência<sup>645</sup>.

Por último, caro leitor, perdoa o clichê acadêmico que faremos neste exato momento, mas citaremos a autoagiografia do hieromártir Marc Bloch (olha pelo lado bom, não citamos o *Escola dos Annales* de Peter Burke):

Decerto, mesmo que a história fosse julgada incapaz de outros serviços, restaria dizer, a seu favor, que ela entretém. Ou, para ser mais exato — pois cada um busca seus passatempos onde mais lhe agrada —, assim parece, incontestavelmente, para um grande número de homens. Pessoalmente, do mais remoto que me lembre, ela sempre me pareceu divertida<sup>646</sup>.

A História de Rus de Kiev, para nós, é divertida. História do conceito de hagiografia, para nós, é divertida. A imagem de Olga de Kiev, para nós, é *muito* divertida. Marc Bloch justifica a escolha de nosso tema em um país que, infelizmente aos olhos de certos

<sup>642</sup> JAKOBSON, *op. cit.*, p. 140. Para piorar a situação, o renomado polímata não cita a origem desta informação, nem como nota de rodapé.

<sup>643</sup> Sobre o personagem, um famoso autor eclesiástico de Rus de Kiev mas cuja própria existência é contestada, ver FRANKLIN, *op. cit.*, p. xciv – lxxiv.

<sup>644</sup> A datada mas ainda louvável tese presente em PAULA, Eurípedes Simões de. *O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev*. Reimpressão de 1942. São Paulo: FFLCH-USP, 1972.

<sup>645</sup> Sendo eles a tese de doutorado de André Muceniecks e a dissertação de mestrado de Fabrício Moreira, citados ao longo deste trabalho.

<sup>646</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 43.

historiadores daqui, é e deveria ser estigmatizada, mesmo com Olga sendo uma personagem importantíssima até os dias atuais na cultura e na mentalidade russa e ucraniana. Além disso, como Rus foi efetivamente parte da Europa reconhecida pelos próprios europeus medievais<sup>647</sup>, um maior entendimento de Rus ocasionaria no melhor entendimento do período medieval; ainda mais por parte do Brasil, poderia resultar no aprimoramento de um medievalismo não-eurocêntrico. É ainda um pouco frustrante que a surpresa do semilendário bizantinista Alexander Vasiliev sobre o trabalho de Eurípedes Simões de Paula seja reproduzida hoje e aqui, e com tom negativo<sup>648</sup>. Esperamos que, visto que tanto a produção nacional<sup>649</sup> quanto a importação<sup>650</sup> ainda estão em mitose, esta dissertação tenha divertido algum leitor de um modo ou de outro que dê inspiração para que, se não for para estudar sobre Rus, ao menos lembre da existência do principado quando, seja qual for o motivo, pensar sobre História Medieval.

---

<sup>647</sup> Cf. RAFFENSPERGER, *op. cit.*, p. 2; *passim*.

<sup>648</sup> VASILIEV, Alexander A. *The Russian Attack on Constantinople in 860*. Cambridge: The Mediaeval Academy of America, 1946, p. 144.

<sup>649</sup> Angelo Segrillo faz um brevíssimo mas útil panorama sobre o que ele considera como "Estado" Kievano, mesmo que a História da Rússia não seja o objetivo principal de seu livro; ao passo que João Fábio Bertonha, em um livro sobre o tema, dedica a incrível quantidade de uma página e meia para descrever o período. Ver SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 105 – 111; BERTONHA, João Fábio. *Rússia: Ascensão e Queda de um Império*. Curitiba: Juruá, 2009, p. 23 – 24.

<sup>650</sup> Duas traduções de livros sobre História da Rússia (nenhum sobre Ucrânia ou Belarus), as quais não temos acesso mas possuímos os originais em inglês, foram publicadas recentemente. O melhor destes livros é *História Concisa da Rússia* de Paul Bushkovitch. *Uma História Cultural da Rússia* de Orlando Figes, apesar do nome, raramente se aventura antes de Pedro o Grande. Alguns livros da década de 1960, um pouco datados mas ainda úteis, são facilmente encontrados em sebos e livrarias virtuais: *Os Eslavos: Povos e Nações*, de Roger Portal (que também trata sobre outros eslavos que são raríssimos de encontrar em bibliografia lusófona como Boêmia e Bulgária), e *A Evolução da Rússia*, de Otto Hoetzsch.

## REFERÊNCIAS

### **a) Fontes Centrais**

METROPOLITA HILARIÃO DE KIEV. "Sermon on Law and Grace". In: *Sermons and Rhetoric of Kievan Rus'*. Edição e tradução de Simon Franklin. Cambridge: Harvard University Press, 1991, p. 3 – 29.

MONGE TIAGO. "July 15. Memorial and Encomium for Prince Volodimer of Rus'. How Volodimer was Baptized and [How He] Baptized His Children and All the Land of Rus' from One End to the Other, and How Volodimer's Grandmother Ol'ga Was Baptized Prior to Volodimer". In: *The Hagiography of Kievan Rus'*. Traduzido, comentado e compilado por Paul A. Hollingsworth. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 165 – 181.

\_\_\_\_\_. *Pámiat i Pokhvalá Kniázuiu Rússkomu Vladímiru Iákova Mníkha i Jitiia Kniázia Vladímira* [Memorial e Louvor ao Príncipe Russo Vladimir do Monge Iákov e Vitae do Príncipe Vladimir]. Reimpressão dos textos de Vsiévolod I. Srezniévskii e Aleksánder A. Zimín (Berkeley Slavic Specialties). Oakland: Scythian Books, 1988.

*Póvest Vremennýkh Let* [Crônica dos Anos Passados]. Traduzido e comentado por Dmítrii S. Likhatchiév e revisão de Varvára P. Adriánova-Piéretts. 2ª Edição. São Petersburgo: Nauka, 1996.

*The Russian Primary Chronicle: Laurentian Text*. Editado e traduzido por Samuel Hazzard Cross e Olgerd P. Sherbowitz-Wetzor. Cambridge: The Medieval Academy of America, 1953.

"Traducción de la 'Crónica de Néstor'", In: GARCÍA DE LA PUENTE, Inés. *Perspectivas indoeuropeas en la Crónica de Néstor: análisis comparado de su contenido con el de otras tradiciones indoeuropeas*. Incluye traducción al español. Tese de Doutorado. Madri: Universidad Complutense de Madrid, 2005. Disponível em <http://pvl.obdurodon.org/translation/spanish.pdf> (Somente a tradução da PVL). Acessado em 09 de Setembro de 2016.

### **b) Fontes Periféricas**

*Bíblia de Jerusalém*. 10ª Edição. São Paulo: Paulus, 2015.

JACOPO DE VARAZZE. "A Descoberta da Santa Cruz". In: *Legenda Áurea: Vidas de Santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica por Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 413 – 422.

\_\_\_\_\_. "Santo André". In: *Legenda Áurea: Vidas de Santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica por Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 58 – 68.

METROPOLITA MACÁRIO DE MOSCOVO. "Jitiíe Sviatói Blajénnoi i Ravnoapóstolnoi... Kniaguíni Ólgui [Vida da Santa Beatífica e Igual aos Apóstolos... Princesa Olga]". In: *BDLR*, v. XII, disponível em <http://lib.pushkinskijdom.ru/Default.aspx?tabid=10116>. Acessado em 26 de Setembro de 2017.

NESTOR, O CRONISTA. "Lesson on the Life and Murder of the Blessed Passion-Sufferers Boris and Gléb". In: *The Hagiography of Kievan Rus'*. Traduzido, comentado e compilado por Paul A. Hollingsworth. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 3 – 32.

\_\_\_\_\_. "The Life of Our Venerable Father Feodosij, Superior of the Caves Monastery". In: *The Hagiography of Kievan Rus'*. Traduzido, comentado e compilado por Paul A. Hollingsworth. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 33 – 95.

*Príncipe Igor: ou O Canto da Campanha de Igor*. Tradução e com Introdução de Maria Aparecida B. P. Soares. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

*Reginonis Abbatis Prumiensis cum Continuatione Treverensi*. Editado por Friedrich Kurze. Hannover: Imprensia Bibliopolii Hahniani, 1890.

*The History of Leo the Deacon: Byzantine Military Expansion in the Tenth Century*. Traduzido e editado por Alice-Mary Talbot e Dennis F. Sullivan. Washington: Dumbarton Oaks, 2005.

VLADIMIR VSIÉVOLODOVITCH MONÔMACO. "Poutchéniie Vladímira Monomákha [Ensino de Vladimir Monômaco]". In: *Bibliotéka Literatúry Driévnei Russí. Tom I [Biblioteca de Literatura da Rus Antiga. Tomo I]*. Editado e traduzido por Dmítii Likhatchiév *et al.* São Petersburgo: Naúka, 1997, p. 456 – 475.

ZENKOVSKY, Serge A. *Medieval Russia's Epics, Chronicles and Tales*. Nova Iorque: E. P. Dutton & co, 1974.

### **c) Dicionários utilizados**

LUNT, Horace G. *Concise Dictionary of Old Russian: 11th – 17th Centuries*. 2ª edição revisada. Editado por Oscar E. Swan. Bloomington: Slavica, 2012.

ÓJEGOV, S. I.; SHVIÉDOVA, N. Iu. *Tolkóvyi Slovár Rússkogo Iazyká [Dicionário Explicativo da Língua Russa]*. Moscou: Rossíiskaia Akadémiia Naúk, 2013.

TSIÉITLIN, R. M.; VETCHIÉRKI, R.; BLÁGOVOI, É. *Staroslaviánskii Slovár (po Rúkopisiam X – XI vekóv) [Dicionário de Eslavo Eclesiástico Antigo (em Manuscritos dos séculos X – XI)]*. Moscou: Rússkii Iazyk, 1994.

VOINOVA, N. Ia.; STARETS, S. M.; VERKHUCHA, V. M.; ZDITOVETSKI, A. G. *Rússko-Portugálskii Slovár / Dicionário russo-português*. Moscou: Rússkii Iazyk / Língua Russa, 1975.

**c) Bibliografia Teórica e Historiografia**

ALEXANDER, Alex E. *Bylina and Fairy Tale: The Origins of Russian Heroic Poetry*. Den Haag e Paris: Mouton & co, 1973.

ALMEIDA, Néri de Barros. "Hagiografia, Propaganda e Memória Histórica. O Monasticismo na *Legenda Aurea* de Jacopo de Varazze". *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul.-dez., 2014, p. 94 – 111.

ASHLEY, Kathleen; PLESCH, Véronique. "The Cultural Processes of 'Appropriation'". *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, Volume 32, Number 1, Winter 2002, p. 1 – 15.

ATWOOD, Christopher P. *Encyclopedia on Mongolia and the Mongol Empire*. Nova Iorque: Facts on File, 2004.

AUGUSTINE, Jonathan Morris. *Buddhist Hagiography in Early Japan: Images of Compassion in the Gyōki Tradition*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2005.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso: História e Literatura*. São Paulo: Ática, 2000.

BEREND, Nora. "Introduction". In: BEREND, Nora (Ed.). *Christianization and the Rise of the Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900 – 1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 1 – 46.

BERTONHA, João Fábio. *Rússia: Ascensão e Queda de um Império*. Curitiba: Juruá, 2009.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BØRTNES, Jostein. *Visions of Glory: Studies in Early Russian Hagiography*. Traduzido do norueguês por Jostein Børtnes e Paul L. Nielsen. Nova Jersey: Humanities Press International, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Traduzido por Fernando Thomaz. Lisboa: DIFEL, 1989.

BREMOND, Claude; LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *L'«Exemplum»*. 2ª Edição. Turnhout: Brepols, 1996.

BROWN, Peter. *The Cult of the Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

BRZOZOWSKA, Zofia. "The Ideal Christian Rulers - Sts. Constantine and Helena in the Spiritual and Political Culture of Kievan Russia". In: BOJOVIC, Dragiša (ed.). *Saint Emperor Constantine and Christianity. Vol. I. International Conference Commemorating the 1700th Anniversary of the Edict of Milan*. Niš: The Centre of Church Studies, 2013, p. 497 – 508.

BUTLER, Francis. "A Woman of Words: Pagan Ol'ga in the Mirror of Germanic Europe". *Slavic Review*, Vol. 63, No. 4, 2004, p. 771 – 793.

\_\_\_\_\_. *Enlightener of Rus'. The Image of Vladimir Sviatoslavich across the Centuries*. Bloomington: Slavica, 2002.

\_\_\_\_\_. "Ol'ga's Conversion and the Construction of Chronicle Narrative". *The Russian Review*, Volume 67, issue 2, 2008, p. 230 – 242.

CAM, Helen M. "The Legend of the Incendiary Birds". *The English Historical Review*, Vol. 31, No. 121 (Jan., 1916), p. 98 – 101.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, Sentido, História*. 2ª Edição. Campinas, Papirus, 2005.

CASAMIQUELA GERHOLD, Victoria. "La dimensión política del género hagiográfico: la Vita Basilii, ¿una hagiografía imperial?". *Temas Medievales*, vol. 21, 2013, p. 29 – 47.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Traduzido por Fabiana Komesu (Org.). São Paulo; Contexto, 2012.

CROSS, Samuel; SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. "Introduction". In: *The Russian Primary Chronicle: Laurentian Text*. Editado e traduzido por Samuel Hazzard Cross e Olgerd P. Sherbowitz-Wetzor. Cambridge: The Medieval Academy of America, 1953, p. 3 – 50.

DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Traduzido por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DELEHAYE, Hippolyte. *The Legends of the Saints*. Tradução do francês por Donald Attwater e com memorial sobre Delehaye por Paul Peeters. Nova Iorque: Fordham University Press, 1962.

DELIYANNIS, Deborah Mauskopf. "Introduction". In: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (Ed.). *Historiography in the Middle Ages*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2003, p. 1 – 13.

DELUMEAU, Jean. *El Catolicismo de Lutero a Voltaire*. Traduzido por Miguel Candel. Barcelona: Editorial Labor, 1973.

DEWEY, Horace W.; KLEIMOLA, Ann M. "Muted Eulogy: Women Who Inspired Men in Medieval Rus'". *Russian History* 10:2, 1983, p. 188 – 200.

DIMNIK, Martin. "The Princesses of Chernigov (1054–1246)". *Mediaeval Studies*, 65, 2003, p. 163 – 212.

DRIJVERS, Jan Willem. *Helena Augusta: the mother of Constantine the Great and the legend of her finding of the True Cross*. Leiden: E. J. Brill, 1992.

DUMÉZIL, Georges. *Mythe et Épopée I. II. III*. Paris: Quarto / Gallimard, s/d.

DYBA, Yuriy R. "Administrative and Urban Reforms by Princess Olga: Geography, Historical and Economic Background". *Latvijas arhīvi / Latvijas Nacionālais arhīvs. Galv. red. V. Pētersone*, № 1 – 2, 2013, p. 30 – 71.

ENGLES, Odilo. "Compreensão do conceito na Idade Média". In: KOSELLECK, Reinhart *et al.* *O Conceito de História*. Traduzido por René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 63 – 83.

ESBROECH, Michel van. "The Saint as a Symbol". In: HACKEL, Sergei. *The Byzantine Saint*. Nova Iorque: St. Vladimir Seminary Press, 2001, p. 128 – 140.

FEATHERSTONE, Jeffrey. "Olga's Visit to Constantinople in *De Cerimoniis*". *Révue des études byzantines*, tome 61, 2003, p. 241 – 251.

FEDOTOV, Georgii P. *The Russian Religious Mind, Volume I. Kievan Christianity: the Tenth to the Thirteenth Centuries*. 2ª Edição. Nova Iorque: Harper Torchbooks, 1960.

FENNELL, John L. I. *A History of Russian Church to 1488*. Essex: Longman, 1995.

\_\_\_\_\_. "The Canonization of Saint Vladimir". In: FELMY, Karl Christian (Org.). *Tausend Jahre Christentum in Rußland. Zum Millenium der Taufe der Kiever Rus'*. Göttingen: U. A., 1988, p. 299 – 304.

\_\_\_\_\_. "When was Olga Canonized?". In: GASPAROV Boris; RAEVSKY-HUGHES, Olga. *Christianity and the Eastern Slavs – Vol I: Slavic Culture in the Middle Ages*. Berkeley: University of California Press, 1993, p. 77 – 82.

FRANKLIN, Simon. "Borrowed Time: Perceptions of the Past in Twelfth-Century Rus'". In: MAGDALINO, Paul (Ed.). *The Perception of the Past in Twelfth-Century Europe*. Londres e Rio Grande: The Hambledon Press, 1992, p. 157 – 171.

\_\_\_\_\_. "Introduction". In: *Sermons and Rhetoric of Kievan Rus'*. Edição e tradução de Simon Franklin. Cambridge: Harvard University Press, 1991, p. xiii – cix.

\_\_\_\_\_. "Towards post-Soviet pre-modernism: on recent approaches to early Rus(s)ian hagiography". In: *Byzantium-Rus-Russia: studies in the translation of Christian culture*. Hampshire: Ashgate, 2002, p. 250 – 275.

\_\_\_\_\_. *Writing, Society and Culture in Early Rus, c. 950 – 1300*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. *The Emergence of Rus 750 – 1200*. Essex: Longman, 1996.

GAJANO, Sofia Boesch. "Santidade". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs). *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. Volume II. Traduzido por Hilário Franco Júnior *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 504 – 521.

GEARY, Patrick. "Memória". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs). *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. Volume II. Traduzido por Hilário Franco Júnior *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 191 – 207.

GIBBON, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Volume V. s/d.

GOLUBÍNSKII, Ievguiénii Ie. *Istóriia kanonizátsii sviatýkh v rússkoi tsiérkvi* [História da canonização dos santos na Igreja russa]. Moscou: Tipografiia Universitiétskaia, 1903.

GORDIYENKO, Dmytro. "The Mission of Kyivan Princess Ol'ga to the King Otto I, in the Context of Rus' and Germany Foreign Policies". *Byzantinoslavica, Revue internationale des Études Byzantines*, 1-2, 2008, p. 107 – 118.

GOULLET, Monique. "Introduction". In: WAGNER, Ann. *Les saints et l'histoire. Sources hagiographiques du Haut Moyen Âge*. Rosny-sous-Bois, Bréal, 2004, p. 8 – 22.

GREKOV, Boris D. *La Cultura de la Rus' de Kiev*. Traduzido por Lydia Kuper. Moscou: Ediciones em Lenguas Extranjeras, 1947.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Traduzido por Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Cultrix, 1989.

GRIFFIN, Sean Delaine. *Byzantine Liturgy and the Primary Chronicle*. Dissertação de Doutorado em Filosofia (Slavic Languages and Literatures). Los Angeles: University of California, 2014. Disponível em <http://escholarship.org/uc/item/61x629w1> . Acessado em 30 de Junho de 2016.

GROSSMAN, Joan Delaney. "Feminine Images in Old Russian Literature and Art". *California Slavic Studies*, 11, 1980, p. 33 – 70.

GUENÉE, Bernard. "Y a-t-il une historiographie médiévale?" *Revue Historique*, T. 258, Fasc. 2 (524), 1977, p. 261 – 275.

HOLLINGSWORTH, Paul A., "Holy men and the transformation of political space in medieval Rus'". In: HOWARD-JOHNSTON, James D.; HAYWARD, Paul Anthony (Ed.). *The Cult of the Saints in Late Antiquity and the Middle Ages: essays on the contribution of Peter Brown*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 187 – 214.

\_\_\_\_\_. "Introduction". In: *The Hagiography of Kievan Rus'*. Traduzido, comentado e compilado por Paul A. Hollingsworth. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. xiii – xcv.

HOMZA, Martin. *Mulieres Suadentes – Persuasive Women: Female Royal Saints in Medieval East Central and Eastern Europe*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2017.

\_\_\_\_\_. "The Role of Saint Ludimila, Doubravka, Saint Olga and Adelaide in the Conversion of Their Countries (The Problem of *Mulieres Suadentes*, Persuading Women)". In: URBAŃCZYK, Przemysław (Org.). *Early Christianity in Central and East Europe*. Varsóvia: Wydawnictwo Naukowe Semper, 1997, p. 187 – 202.

INGHAM, Norman W. "The Martyred Princes and the Question of Slavic Cultural Continuity in the Early Middle Ages", In: BIRNBAUM, Henrik; FLIER, Michael S. (Ed.). *Medieval Russian Culture: California Slavic Studies XII*. Los Angeles: University of California Press, 1984, p. 31 – 53.

JAKOBSON, Roman. "The Czech Part in Church Slavonic Culture". In: *Selected Writings v. 6, Pt. 1 (Early Slavic Paths and Crossroads)*. Prefácio de Stephen Rudy. Berlim, Amsterdã e Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1985, p. 129 – 152.

JIVÓV, Víktor M. *Sviátost - Krátkii Slovár Aguiografítcheskikh Tiérminov [Santidade – Breve Dicionário de Termos Hagiográficos]*. Moscou: Gnózis, 1994.

JOCHENS, Jenny. *Women in Old Norse Society*. Nova Iorque: Cornell University Press, 1995.

KÁRPOV, Aleksiéi Iu. *Kniaguínia Ólga [Princesa Olga]*. Moscou: Molodáia Gvárdiia, 2012.

KAZHDAN, Alexander (Org). *The Oxford Dictionary of Byzantium – 3 volumes*. Nova Iorque: Oxford, 1991.

KLANICZAY, Gábor. *Holy Rulers and Blessed Princesses: Dynastic Cults in Medieval Central Europe*. Traduzido do húngaro por Éva Pálmai. 2ª Edição. Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

KONDER, Leandro. *A Questão da Ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOPTEV, Aleksandr. "Reconstructing the Funeral Ritual of the Kievan Prince Igor (Primary Chronicle, sub anno 945)". *Studia Mythologica Slavica XIII*, 2010, p. 87 – 106.

\_\_\_\_\_. "Ritual and History: Pagan Rites in the Story of the Princess' Revenge (the Russian Primary Chronicle, under 945 – 946)". *MIRATOR* 11:1, 2010, p. 1 – 54.

KOROLIÓV, Aleksánder S. "Administratívno-finánsovaia refórma kniaguíni Ólgui v Otiétchestvennoi Istoriográfii [A Reforma Administrativo-financeira da Princesa Olga na Historiografia Nacional]". *Náuka i Chkóla [Ciência e Escola]*, 2012, nº 6, p. 162 – 166.

\_\_\_\_\_. "K Voprósu ob Ustroítelnoi Diéiatelnosti Kniaguíni Ólgui [Sobre a Questão da Atividade Organizacional da Princesa Olga]". *Náuka i Chkóla [Ciência e Escola]*, 2013, nº 5, p. 176 – 179.

KOVALEV, Roman K. "Grand Princess Olga of Rus' Shows the Bird: Her 'Christian Falcon' Emblem". *Russian History* 39, 2012, p. 460 – 517.

\_\_\_\_\_. "Where Did Rus' Grand Princess Olga's Falcon Find Its Cross?". *Archivum Eurasiae Medii Aevi*, nº 21, 2014 – 2015, p. 161 – 181.

KOZLÓV, Mikhaíl N. "Velíkaia Kniaguínia Ólga: ot Verkhóvnoi Jrítsy do Prosvetitelnitsy Russí [Grã-Princesa Olga: de Suma Sacerdotisa a Iluminadora de Rus]". *Vestnik slavianskikh kul'tur*. Vol. 43, 2017, p. 81 – 95.

LABUNKA, Miroslav. "Religious Centers and Their Missions to Kievan Rus': From Ol'ga to Volodimer." *Harvard Ukrainian Studies* 12 – 13, 1989, p. 165 – 193.

LANGER, Johnni (Org.) *Dicionário de Mitologia Nórdica - Símbolos, Mitos e Ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.

LAÚCHKIN, Aleksíei V. "K probléme potchitániia kniaguíni Ólgui i kniázia Vladímira v domongólskoe vriémia [Sobre o problema da veneração da princesa Olga e do príncipe Vladimir nos tempos pré-mongóis]". *Trudy Otdiela Drevnerússkoi Literatúry [Trabalhos do Departamento de Literatura Russa Antiga]*, Tomo 63, 2014, p. 45 – 66.

LAUWERS, Michel. "Como os historiadores do século XX escreveram a história da Igreja feudal?" In: ALMEIDA, Néri de Barros; SILVA, Eliane Moura da (Orgs.). *Missão e pregação. A comunicação religiosa entre a História da Igreja e a História das Religiões*. São Paulo: Editora da Unifesp, 2014, p. 29 – 58.

LENHOFF, Gail. *The Martyred Princes Boris and Gleb: A Social-Cultural Study of the Cult and the Texts (UCLA Slavic Studies, Vol 19)*. Bloomington: Slavica, 1989.

\_\_\_\_\_. "The Notion of 'Uncorrupted Relics' in Early Russian Culture". In: GASPAROV, Boris; RAEVSKY-HUGHES, Olga. *Christianity and the Eastern Slavs – Vol I: Slavic Culture in the Middle Ages*. Berkeley: University of California Press, 1993, p. 252 – 275.

\_\_\_\_\_. "Toward a Theory of Protogenres in Medieval Russian Letters". *Russian Review*, Vol. 43, No. 1 (Jan., 1984), p. 31 – 54.

LEVI, Giovanni. "Usos da Biografia". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 167 – 182.

LIFSHITZ, Felice. "Beyond Positivism and Genre: 'Hagiographical' Texts as Historical Narrative". *Viator*, nº. 25, 1994, p. 95 – 113.

LIKHACHEV, Dmitry S. "Introduction". In: LIKHACHEV, Dmitry S. *A History of Russian Literature. 11th-17th centuries*. Traduzido por K. M. Cook-Horujy. Moscou: Raduga, 1989, p. 9 – 42.

LIKHATCHIÓV, Dmítirii S. (Ed.). *Slovár Kníjnikov i Kníjnosti Driévnei Russí. Vyp. I (XI - piérvaia polovína XIV v.) [Dicionário de Escribas e Livros da Rus Antiga. Vol. I (séculos XI – primeira metade do XIV)]*. Leningrado: Naúka, 1987.

LIMA, Luiz Costa. "A Questão dos Gêneros". In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da Literatura em Suas Fontes*. Volume 1. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 255 – 292.

LÓJKINA, Anastassía O. "«Jitiíé Sviatýia Blajénnyia Ravnoapóstolnyia i v Premúdrosti Preslovúchtchia Velíkiia Kniaguíni Ólgui»: k Voprósu o Jénskoi Sviatosti v Jitiinoi Literatúrie [«Vita da Santa Beatífica Igual aos Apóstolos Sábia Famosa Grã-Princesa Olga de Kiev: Sobre a Questão da Santidade Feminina na Literatura Hagiográfica]". *Viéstnik Tcheliábinskogo Gossudárstvennogo Universitiéta [Boletim da Universidade Estatal de Tcheliábinsk]*, №27 (165), 2009, p. 74 – 77.

LURIE, Yakov S. "Literature of the Sixteenth Century". In: LIKHACHEV, Dmitry S. *A History of Russian Literature. 11th-17th centuries*. Traduzido por K. M. Cook-Horujy. Moscou: Raduga, 1989, p. 344 – 410.

MACHIELSEN, Jan. "Heretical Saints and Textual Discernment: The Polemical Origins of the *Acta Sanctorum* (1643–1940)". In: COPELAND, Clare; MACHIELSEN, Jan (Ed.). *Angels of Light? Sanctity and the Discernment of Spirits in Early Modern Period (Studies in Medieval and Reformation Traditions v. 164)*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2013, p. 103 – 141.

MAGDALINO, Paul. "'What we heard in the Lives of the saints we have seen with our own eyes': the holy man as literary text in tenth-century Constantinople". In: HOWARD-JOHNSTON, James; HAYWARD, Paul Anthony (Ed.). *The Cult of the Saints in Late Antiquity and the Middle Ages: essays on the contribution of Peter Brown*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 83 – 112.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Traduzido por Freda Indursky. 3ª Edição. Campinas: Pontes: Editora da UNICAMP, 1997,

MANGO, Cyril. "O Santo". In: CAVALLO, Guglielmo (Dir.). *O Homem Bizantino*. Tradução de Maria Bragança. Lisboa: Editorial Presença, 1998, p. 241 – 264.

MARGULIES, Marcos. *Os Judeus na História da Rússia*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.

MARTIN, Janet. *Medieval Russia 980 – 1584*. 2ª ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MCKENZIE, Rosalind. "Women's image in Russian medieval literature". In: BARKER, Adele Marie; GHEITH, Jehanne M. (Ed.). *A History of Women's Writing in Russia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 15 – 36.

MCLAUGHIN, Megan. "The woman warrior: gender, warfare and society in medieval Europe". *Women's Studies*, Vol. 17, 1990, p. 193 – 209.

MEYENDORFF, John. "Wisdom-Sophia: Contrasting Approaches to a Complex Theme". *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 41, Studies on Art and Archeology in Honor of Ernst Kitzinger on His Seventy-Fifth Birthday, 1987, p. 391 – 401.

MEYER, Jim. "What is Literature? A Definition Based on Prototypes". *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session*. Volume 41, 1997, p. 2 – 11. Disponível em <https://eric.ed.gov/?id=ED461270> . Acessado em 1 de Janeiro de 2018.

MOREIRA, Fabrício de Paula Gomes. *A constituição político-cultural da autoridade dos príncipes Rus' entre os séculos X e XII*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Mariana: Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Ouro Preto, 2014.

\_\_\_\_\_. "O batismo de Vladimir e as relações entre Rus' e o Império Bizantino no fim do século X". *Revista Alethéia de Estudos sobre Antigüidade e Medieval* – Volume 2/2, Agosto a Dezembro de 2010, p. 1 – 13.

MORÓZOVA, Liudmila E. "Gossudárstvennaia Diéiatelnost Kniaguíni Ólgui [A Atividade Estatal da Princesa Olga]". *Viéstnik Iekaterinbúrgskoi dukhóvnoi seminárii [Boletim do Seminário Espiritual de Ecaterinburgo]*, Vol. 4 (12), 2015, p. 31 – 41.

MORRIS, Rosemary. "The Political Saint of the Eleventh Century". In: HACKEL, Sergei. *The Byzantine Saint*. Nova Iorque: St. Vladimir Seminary Press, 2001, p. 43 – 50.

MUCENIECKS, André Szczawlinska. *Austrvegr e Gardaríki - (re)significações do leste na Escandinávia tardo-medieval*. Tese de Doutorado (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MULDER-BAKKER, Anneke B. "The Invention of Saintliness: Texts and Contexts". In: MULDER-BAKKER, Anneke B. (Ed.). *The Invention of Saintliness*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2002, p. 3 – 23.

NEVES, Leandro César Santana. *"Como Uma Pérola no Esterco". Aspectos e Significados do Batismo de Olga de Kiev (Século X A. D.)*. Monografia do Curso de Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu: 2015.

OBOLENSKY, Dimitri. "Ol'ga's Conversion: The Evidence Reconsidered." *Harvard Ukrainian Studies* 12 – 13, 1989, p. 145 – 158.

\_\_\_\_\_. *The Byzantine Commonwealth: Eastern Europe, 500 – 1453*. Nova Iorque: Praeger Publishers, 1971.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, s/d.

OSTROWSKI, Donald. "Introduction". In: OSTROWSKI, Donald (org.). *The Povest' Vremennykh Let: An Interlinear Collation and Paradosis*. 3 Vols. Cambridge: Harvard University Press, 2004, p. xvii – lxxiii.

\_\_\_\_\_. "The Christianization of Rus' in Soviet Historiography: Attitudes and Interpretations (1920 – 1960)". *Harvard Ukrainian Studies* 11, 1987, p. 444 – 461.

\_\_\_\_\_. *The Move of the Metropolitan from Kiev in 1299*. Disponível em: [https://www.academia.edu/19916548/The\\_Move\\_of\\_the\\_Metropolitan\\_from\\_Kiev\\_in\\_1299](https://www.academia.edu/19916548/The_Move_of_the_Metropolitan_from_Kiev_in_1299). Acessado 11 de Maio de 2016.

PATLAGEAN, Évelyne. "Ancient Byzantine Hagiography and Social History". In: WILSON, Stephen (Ed.). *Saints and their Cults: Studies in Religious Sociology, Folklore and History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 101 – 121.

PAULA, Eurípedes Simões de. *O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev*. Reimpressão de 1942. São Paulo: FFLCH-USP, 1972.

PHILIPPART, Guy. "L'hagiographie comme littérature: concept récent et nouveaux programmes?". *Revue des Sciences Humaines*, n° 251, 1998, p. 11 — 39.

\_\_\_\_\_. "Le riche et encombrant héritage de Jean Bolland (1643) et le fantôme hagiologique". In: BOZÓKI, Edina (Org.) *Hagiographie, idéologie et politique au Moyen Age en Occident*. Turnhout: Brepols, 2012, p. 9 – 36.

POPPE, Andrzej. "Once Again concerning the Baptism of Olga, Archontissa of Rus'". *Dumbarton Oaks Papers, Homo Byzantinus: Papers in Honor of Alexander Kazhdan*, 46, 1992, p. 271 – 277.

PUSHKAREVA, Natalia L. *Women in Russian History: From the Tenth to the Twentieth Century New Russian History*. Traduzido do russo por Eve Levin. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 1997.

RAEV, Mikhail. "The Emergence of the Title Velikii Kniaz' in Rus' and the *Povest Vremenykh Let*". *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, LI, 2014, p. 47 – 69.

RAFFENSPERGER, Christian. *Reimagining Europe: Kievan Rus' in the Medieval World, 988 – 1146*. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

REISMAN, Edward S. "The Cult of Boris and Gleb: Remnant of a Varangian Tradition?". *Russian Review*, Vol. 37, No. 2. (Apr., 1978), p. 141 – 157.

RENARD, John. *Friends of God: Islamic Images of Piety, Commitment, and Servanthood*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2008.

ROEST, Bert. "Medieval Historiography: About Generic Constraints and Scholarly Constructions". In: ROEST, Bert; VANSTIPHOUT, Herman. *Aspects of Genre and Type in Pre-Modern Literary Cultures*. Groningen, Styx Publications, 1999, p. 47 – 61.

ROSA, Maria de Lourdes. "Tendências Recentes da Medievalística na Abordagem do Fenômeno Religioso Medieval". In: AMARAL, Clínio de Oliveira; BERRIEL, Marcelo Santiago (Org.). *Religião e Religiosidade na Idade Média: Poder e Práticas Discursivas*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012, p. 25 – 48.

ROWELL, Stephen C. *Lithuania Ascending: a Pagan Empire within East-Central Europe, 1265–1345*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SCHMITT, Jean-Claude. *Le Saint Lévrier. Guinefort, guérisseur d'enfants depuis le XIII<sup>e</sup> siècle*. Nova edição aumentada. Paris: Flammarion, 2004.

SENYK, Sophia. *A History of the Church in Ukraine: Volume I – To the End of the Thirteenth Century*. Roma: Pontificio Instituto Orientale, 1993.

SPIEGEL, Gabrielle M. "Forging the Past: The Language of Historical Truth in Middle Ages". *The History Teacher*, Vol. 17, No. 2 (Feb., 1984), p. 267 – 283.

TAMANINI, Paulo Augusto. "O Basileos, o Imperador e o Patriarca: a sinfonia Bizantina na configuração dos ritos". *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia*, 2017, p. 1 – 12. Disponível em [http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1491313243\\_ARQUIVO\\_OBasileos,oImp eradoreoPatriarca.pdf](http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1491313243_ARQUIVO_OBasileos,oImp eradoreoPatriarca.pdf). Acessado em 15 de Outubro de 2017.

TCHEBALIÉNKO, Serguiei B. "Institut Miésti i Kniájeskaiia Vlast na Rusi v IX – Natchálie XI vv. [Instituição da Vingança e Poder Principesco em Rus no Século IX ao Início do Século XI]". *Viéktor Naúki [Vetor da Ciência]*, № 4 (19), 2014, p. 116 – 119.

TERRAS, Victor. *A History of Russian Literature*. New Haven: Yale University Press, 1991.

TOLOCHKO, Oleksiy. "On 'Nestor the Chronicler'". *Harvard Ukrainian Studies*, Vol. 29, Nº. 1/4, 2007, p. 31 – 57.

\_\_\_\_\_. "The Primary Chronicle's 'Ethnography' Revisited: Slavs and Varangians in the Middle Dnieper Region and the Origin of the Rus' State". In: GARIPZANOV, Ildar H.; GEARY, Patrick J.; URBAŃCZYK, Przemysław (Ed.). *Franks, Northmen and Slavs: Identities and State Formation in Early Medieval Europe*. Turnhout: Brepols, 2011, p. 169 – 188.

TORO VIAL, José Miguel de. "As Crônicas Universais e a Cosmografia Medieval". In: TEIXEIRA, Igor S.; BASSI, Rafael (Org.). *A Escrita da História na Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 158 – 183.

TVOROGOV, Oleg V. "The Literature of Kievan Russia (Eleventh to Early Thirteenth Century)". In: LIKHACHEV, Dmitry S. *A History of Russian Literature. 11th-17th centuries*. Traduzido por K. M. Cook-Horuji. Moscou: Raduga, 1989, p. 134 – 175.

UBIERNA, Pablo A. "El Santo en la sociedad bizantina: Una hagiografía de la estulticia. De Simeón de Emesa a Andrés de Constantinopla". *Byzantion Nea Hellás*, vol. 16, 1997, p. 235 – 248. Disponível em: <http://www.byzantion.uchile.cl/index.php/RBNH/article/view/40697/42257>. Acessado em 20 de Dezembro de 2016.

VAN OMMESLAEGHE, Flor. "The *Acta Sanctorum* and the Bollandist Methodology". In: HACKEL, Sergei. *The Byzantine Saint*. Nova Iorque: St. Vladimir Seminary Press, 2001, p. 155 – 163.

VAN UYTFANGHE, Marc. "L'Hagiographie: Un «Genre» Chrétien ou Antique Tardif?" *Annalecta Bollandiana*, 111, 1993, p. 135 – 188.

VALK, Heiki. "Christianisation in Estonia: A Process of Dual-Faith and Syncretism". In: CARVER, Martin. *The Cross Goes North: Processes of Conversion in Northern Europe, AD 300 – 1300*. Rochester: York Medieval Press, 2003, p. 571 – 580.

VASILIEV, Alexander A. *The Russian Attack on Constantinople in 860*. Cambridge: The Mediaeval Academy of America, 1946.

VAUCHEZ, André. "«Beata Stirps» : sainteté et lignage en Occident aux XIIIe et XIVe siècles". In: *Famille et parenté dans l'Occident médiéval. Actes du colloque de Paris (6-8 juin 1974)*. Rome: École Française de Rome, 1977, p. 397 – 406.

\_\_\_\_\_. "O Santo". In: LE GOFF, Jacques (Dir.). *O Homem Medieval*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1987, p. 211 – 232.

VERNADSKY, George. *Kievan Russia*. 2ª Ed. New Haven: Yale University Press, 1972.

VODOFF, Vladimir. *Naissance de la Chrétienté russe: La conversion du prince Vladimir de Kiev (988) et ses conséquences (XIe-XIIIe siècles)*. Paris: Fayard, 1988.

WHITE, Monica. "Veneration of St. Constantine in Pre-Mongol Rus". In: BOJOVIC, Dragiša (ed.). *Saint Emperor Constantine and Christianity. Vol. II. International Conference Commemorating the 1700th Anniversary of the Edict of Milan*. Niš: The Centre of Church Studies, 2013, p. 351 – 362.

WILSON, Stephen. "Introduction". In: WILSON, Stephen (Ed.). *Saints and their Cults: Studies in Religious Sociology, Folklore and History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 3 – 53.

WOJTYŁA, Karol Jozéf (João Paulo II). *Epistola Apostolica Euntes in Mundum ob Expletum Millenium a Baptismo Reginonis Rus' Kioviensis*. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/la/apost\\_letters/1988/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19880125\\_euntes-in-mundum-universum.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/la/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880125_euntes-in-mundum-universum.html). Acessado em 27 de Agosto de 2016.

ZHEBIT, Alexander. "Pax Mongolica". In: ZHEBIT, Alexander (Org.). *Ordens e Pacis: abordagem comparativa das relações internacionais*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2008, p. 169 – 178.

ZINK, Michel. "Literatura(s)". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. Volume II. Traduzido por Hilário Franco Júnior et al. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 90 – 107.

ZUCKERMAN, Constantin. "On the Date of the Khazars' Conversion to Judaism and the Chronology of the Kings of the Rus Oleg and Igor. A Study of the Anonymous Khazar Letter from the Genizah of Cairo". *Revue des études byzantines*, 53, 1995, p. 237 – 270.

| <b>ANEXO I: TABELA DE TRANSLITERAÇÃO DO RUSSO UTILIZADA NESTE TRABALHO (CF. MODELO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)</b> |   |   |
|--|---|---|
| <b>Alfabeto</b>  | <b>Transcrição para Registro Catalográfico ou Linguístico</b> | <b>Adaptação Fonética para Nomes Próprios</b> |
| A, a, <i>a</i>   | A   | A   |
| Б, б, <i>б</i>   | B   | B   |
| В, в, <i>в</i>   | V   | V   |
| Г, г, <i>г</i>   | G   | G, Gu antes de <i>e, i</i>                    |
| Д, д, <i>д</i>   | D   | D   |
| Е, е, <i>е</i>   | E   | E, Ie   |
| Ё, ё, <i>ё</i>   | Io  | Io  |
| Ж, ж, <i>ж</i>   | J   | J   |
| З, з, <i>з</i>   | Z   | Z   |
| И, и, <i>и</i>   | I   | I   |
| Й, й, <i>й</i>   | I   | I   |
| К, к, <i>к</i>   | K   | K   |
| Л, л, <i>л</i>   | L   | L   |
| М, м, <i>м</i>   | M   | M   |
| Н, н, <i>н</i>   | N   | N   |
| О, о, <i>о</i>   | O   | O   |
| П, п, <i>п</i>   | P   | P   |
| Р, р, <i>р</i>   | R   | R   |
| С, с, <i>с</i>   | S   | S, SS (intervocálico)                         |
| Т, т, <i>т</i>   | T   | T   |
| У, у, <i>у</i>   | U   | U   |
| Ф, ф, <i>ф</i>   | F   | F   |
| Х, х, <i>х</i>   | Kh  | Kh  |
| Ц, ц, <i>ц</i>   | Ts  | Ts  |
| Ч, ч, <i>ч</i>   | Tch   | Tch   |
| Ш, ш, <i>ш</i>   | Ch  | Ch  |
| Щ, щ, <i>щ</i>   | Chth  | Chth  |
| Ъ, ъ   | ''  |   |
| Ы, <i>ы</i>  | Y   | Y   |
| Ь, <i>ь</i>  | '   |   |
| Э, э, <i>э</i>   | É   | É   |
| Ю, ю, <i>ю</i>   | Iu  | Iu  |
| Я, я, <i>я</i>   | Ia  | Ia  |

ANEXO II: LISTA DE PRÍNCIPES DE KIEV ATÉ A CONQUISTA MONGOL<sup>651</sup>

| <b>Príncipe</b>                          | <b>Duração</b>  | <b>Ramo Dinástico</b>                   |
|--|---|---|
| Oliég, o Vidente                         | 882 – 912   | Nenhum (Tutor de Igor)                  |
| Igor Riúrikovitch                        | c. 912 – 945  | Riúrik                                  |
| Olga                                     | 945 – c. 964  | Nenhum (esposa de Igor)                 |
| Sviatosláv Ígorevitch                    | 964 – 972   | Riúrik                                  |
| Iaropólk Sviatoslávitch                  | 973 – 980   | Riúrik                                  |
| Vladimir Sviatoslávitch, o Grande        | 980 – 1015  | Riúrik                                  |
| Sviatopólk Vladímirovitch, o Amaldiçoado | 1015 – 1016<br>1018   | Vladimir o Grande                       |
| Iarosláv Vladímirovitch, o Sábio         | 1016 – 1018<br>1018 –<br>1024 – 1036 (com<br>Mstisláv<br>Vladímirovitch)<br>1036 – 1054 | Vladimir o Grande                       |
| Mstisláv Vladímirovitch                  | 1024 – 1036 (com<br>Iarosláv, o Sábio)  | Vladimir o Grande;<br>Tmutarakán        |
| Iziasláv Iaroslávitch                    | 1054 – 1068<br>1069 – 1073<br>1076 – 1078 (com<br>Vsiévolod Iaroslávitch)               | Iarosláv                                |
| Vsesláv Briatchislávitch                 | 1068 – 1069   | Vladimir o Grande<br>(neto);<br>Pólotsk |

<sup>651</sup> Por razões explicadas na introdução, resolvemos deixar somente os príncipes de Kiev.

|                                      |   |                                     |
|--------------------------------------|---|-------------------------------------|
| Sviatosláv Iaroslávitch              | 1073 – 1076   | Iarosláv                            |
| Vsiévolod Iaroslávitch               | 1076 – 1078 (com<br>Iziasláv Iaroslávitch)<br>1078 – 1093                 | Iarosláv                            |
| Sviatopólk Iziaslávitch              | 1093 – 1113   | Iziasláv                            |
| Vladimir Vsiévolodovitch<br>Monômaco | 1113 – 1125   | Vsiévolod                           |
| Mstisláv Vladímirovitch,<br>o Grande | 1125 – 1132   | Monômaco                            |
| Iaropólk Vladímirovitch              | 1132 – 1139   | Monômaco                            |
| Viatchesláv Vladímirovitch           | 1139<br>1150<br>1151 – 1154 (com<br>Iziasláv Mstislávitch)                | Monômaco                            |
| Vsiévolod Ólgovitch                  | 1139 – 1146   | Oliég Sviatoslávitch;<br>Tchernígov |
| Igor Ólgovitch                       | 1146  | Oliég Sviatoslávitch;<br>Tchernígov |
| Iziasláv Mstislávitch                | 1146 – 1149<br>1150<br>1151 – 1154 (com<br>Viatchesláv<br>Vladímirovitch) | Mstisláv o Grande                   |
| Jorge Vladímirovitch<br>Braço-Longo  | 1149 – 1150<br>1150 – 1151<br>1155 – 1157                                 | Monômaco                            |
| Iziasláv Davydóvitch                 | 1154 – 1155<br>1157 – 1158<br>1161  | Tchernígov                          |
|                                      |   |                                     |

|                                     |  |   |
|-------------------------------------|--|---|
| Rostisláv Mstislávitch              | 1154<br>1159 – 1161<br>1161 – 1167   | Mstisláv o Grande;<br>(Ramo de Smoliénsk)           |
| Mstisláv Iziaslávitch               | 1158 – 1159<br>1168 – 1169<br>1170   | Mstisláv o Grande                                   |
| Vladimir Mstislávitch               | 1167<br>1171   | Mstisláv o Grande                                   |
| Gleb Iúrevitch                      | 1169 – 1170<br>1170 – 1171   | Jorge Braço-Longo;<br>Ramo de Vladímir-<br>Suzdália |
| Miguel Iúrevitch                    | 1171<br>1173   | Vladímir-Suzdália                                   |
| Romano Rostislávitch                | 1171 – 1173  | Smoliénsk   |
| Vsiévolod Iúrevitch<br>Ninho Grande | 1073   | Vladímir-Suzdália                                   |
| Riúrik Rostislávitch                | 1173<br>1174 – 1176<br>1181<br>1194 – 1202<br>1203 – 1206 (com<br>Romano, o Grande e<br>Rostisláv Riúrikovitch)<br>1207 – 1210 | Smoliénsk   |
| Iarosláv Iziaslávitch               | 1173 – 1174<br>1174  | Iziasláv Mstislávitch;<br>Lutsk                     |
| Sviatosláv Vsiévolodovitch          | 1174<br>1176 – 1181<br>1181 – 1194   | Tchernígov  |
| Romano Mstislávitch,<br>o Grande    | 1202<br>1203 – 1206 (com<br>Riúrik Rostislávitch e<br>Rostisláv Riúrikovitch)  | Mstisláv Iziaslávitch,<br>Galícia                   |
| Igor Iaroslávitch                   | 1202 – 1203<br>1212 – 114  | Lutsk   |

|                                       |   |                                   |
|---------------------------------------|---|-----------------------------------|
| Rostisláv Riúrikovitch                | 1203 – 1206 (com Riúrik Rostislávitch e Romano, o Grande) | Smoliénsk                         |
| Vsiévolod Sviatoslávitch, o Escarlata | 1206 – 1207<br>1207<br>1210 – 1212                        | Tchernígov                        |
| Mstisláv Románovitch, o Velho         | 1214 – 1223   | Smoliénsk                         |
| Vladímir Riúrikovitch                 | 1123 – 1235   | Smoliénsk                         |
| Iziasláv Vladímirovitch               | 1235 – 1236   | Possivelmente Nóvgorod-Siéverskii |
| Iarosláv Vsiévolodovitch              | 1236 – 1238   | Vladímir-Suzdália                 |
| Miguel Vsiévolodovitch                | 1238 – 1240   | Tchernígov                        |
| Rostisláv Mstislávitch                | 1240  | Smoliénsk                         |

### ANEXO III: TRANSCRIÇÃO DAS ENTRADAS DE 945 A 969 DA PVL

Optamos por reproduzir tanto as traduções de Likhatchiów quanto de Cross para o conforto do leitor. A terceira tradução consultada, de Inés García de la Puente, encontra-se no link em suas citações. Decidimos omitir as entradas de 964 a 968, pois estas referem-se a Sviatosláv.

**Cf. *Póvest Vremennýkh Let [Crônica dos Anos Passados]. Traduzido e comentado por Dmítrii S. Likhatchiów e revisão de Varvára P. Adriánova-Piéretts. 2ª Edição. São Petersburgo: Naúka, 1996, p. 163 – 167; 169.***

В год 6453. В тот год сказала дружина Игорю: «Отроки Свенельда изоделись оружием и одеждой, а мы наги. Пойдем, князь, с нами за данью, и себе добудешь, и нам». И послушал их Игорь — пошел к древлянам за данью и прибавил к прежней дани новую, и творили насилие над ними мужи его. Взяв дань, пошел он в свой город. Когда же шел он назад, — поразмыслив, сказал своей дружине: «Идите с данью домой, а я возвращусь и похожу еще». И отпустил дружину свою домой, а сам с малой частью дружины вернулся, желая большего богатства. Древляне же, услышав, что идет снова, держали совет с князем своим Малом: «Если повадится волк к овцам, то вынесет все стадо, пока не убьют его; так и этот: если не убьем его, то всех нас погубит». И послали к нему, говоря: «Зачем идешь опять? Забрал уже всю дань». И не послушал их Игорь; и древляне, выйдя из города Искоростеня, убили Игоря и дружинников его, так как было их мало. И погребен был Игорь, и есть могила его у Искоростеня в Деревской земле и до сего времени.

Ольга же была в Киеве с сыном своим, ребенком Святославом, и кормилец его был Асмуд, а воевода Свенельд — отец Мстиши. Сказали же древляне: «Вот убили мы князя русского; возьмем жену его Ольгу за князя нашего Мала и Святослава возьмем и сделаем ему, что захотим». И послали древляне лучших мужей своих, числом двадцать, в ладье к Ольге, и пристали в ладье под Боричевым. Ведь вода тогда текла возле Киевской горы, а люди сидели не на Подоле, но на горе. Город же Киев был там, где ныне двор Гордяты и Никифора, а княжеский двор был в городе, где ныне двор Воротислава и Чудина, а место для ловли птиц было вне города; был вне города и другой двор, где стоит сейчас двор деместика, позади церкви святой Богородицы; над горою был теремной двор — был там каменный терем. И поведали Ольге, что пришли древляне, и призвала их Ольга к себе, и сказала им: «Гости добрые пришли». И ответили древляне: «Пришли, княгиня». И сказала им Ольга: «Так говорите же, зачем пришли сюда?». Ответили же древляне: «Послала нас Деревская земля с такими словами: „Мужа твоего мы убили, так как муж твой, как волк, расхищал и грабил, а наши князья хорошие, потому что берегут Деревскую землю, — пойди замуж за князя нашего за Мала"». Было ведь имя ему Мал, князю древлянскому. Сказала же им Ольга: «Любезна мне речь ваша, — мужа моего мне уже не воскресить; но хочу воздать вам завтра честь перед людьми своими; ныне же идите к своей ладье и ложитесь в ладью, величаясь, а утром я пошлю за вами, а вы говорите: „Не едем на конях, ни пеши не пойдем, но понесите нас в ладье", — и вознесут вас в ладье», и отпустила их к ладье. Ольга же приказала выкопать яму великую и глубокою на теремном дворе, вне града. На следующее утро, сидя в тереме, послала Ольга за гостями, и пришли к ним, и сказали: «Зовет вас Ольга для чести великой». Они же ответили: «Не едем ни на конях,

ни на возах и пеши не идем, но понесите нас в ладье». И ответили киевляне: «Нам неволя; князь наш убит, а княгиня наша хочет за вашего князя», — и понесли их в ладье. Они же сидели, величаясь, избоченившись и в великих нагрудных бляхах. И принесли их на двор к Ольге, и как несли, так и сбросили их вместе с ладьей в яму. И, склонившись к яме, спросила их Ольга: «Хороша ли вам честь?». Они же ответили: «Горше нам Игоревои смерти». И повелела засыпать их живыми; и засыпали их.

И послала Ольга к древлянам, и сказала им: «Если вправду меня просите, то пришлите лучших мужей, чтобы с великою честью пойти за вашего князя, иначе не пустят меня киевские люди». Услышав об этом, древляне избрали лучших мужей, управлявших Деревскою землею, и прислали за ней. Когда же древляне пришли, Ольга приказала приготовить баню, говоря им так: «Вымывшись, придите ко мне». И натопили баню, и вошли в нее древляне, и стали мыться; и заперли за ними баню, и повелела Ольга зажечь ее от дверей, и тут сгорели все.

И послала к древлянам со словами: «Вот уже иду к вам, приготовьте меда многие в городе, где убили мужа моего, да поплачусь на могиле его и сотворю тризну по своему муже». Они же, услышав об этом, свезли множество меда и заварили его. Ольга же, взяв с собою небольшую дружину, отправилась налегке, пришла к могиле своего мужа и оплакала его. И повелела людям своим насыпать высокий холм могильный, и, когда насыпали, приказала совершать тризну. После того сели древляне пить, и приказала Ольга отрокам своим прислуживать им. И сказали древляне Ольге: «Где дружина наша, которую послали за тобой?». Она же ответила: «Идут за мною с дружиною мужа моего». И когда опьянели древляне, велела отрокам своим пить в их честь, а сама отошла недалеко и приказала дружине рубить древлян, и иссекли их 5000. А Ольга вернулась в Киев и собрала войско на оставшихся.

Начало княжения Святослава, сына Игоре в а. В год 6454. Ольга с сыном своим Святославом собрала много храбрых воинов и пошла на Деревскую землю. И вышли древляне против нее. И когда сошлись оба войска для схватки, Святослав бросил копьем в древлян, и копье пролетело между ушей коня и ударило коня по ногам, ибо был Святослав еще ребенок. И сказали Свенельд и Асмуд: «Князь уже начал; последуем, дружина, за князем». И победили древлян. Древляне же побежали и затворились в своих городах. Ольга же устремилась с сыном своим к городу Искоростеню, так как те убили ее мужа, и стала с сыном своим около города, а древляне затворились в городе и стойко оборонялись из города, ибо знали, что, убив князя, не на что им надеяться. И стояла Ольга все лето и не могла взять города, и замыслила так: послала она к городу со словами: «До чего хотите досидеться? Ведь все ваши города уже сдались мне и согласились на дань и уже возделывают свои нивы и земли; а вы, отказываясь платить дань, собираетесь умереть с голода». Древляне же ответили: «Мы бы рады платить дань, но ведь ты хочешь мстить за мужа своего». Сказала же им Ольга, что-де «я уже мстила за обиду своего мужа, когда приходили вы к Киеву, и во второй раз, а в третий — когда устроила тризну по своему муже. Больше уже не хочу мстить, — хочу только взять с вас небольшую дань и, заключив с вами мир, уйду прочь». Древляне же спросили: «Что хочешь от нас? Мы рады дать тебе мед и меха». Она же сказала: «Нет у вас теперь ни меду, ни мехов, поэтому прошу у вас немного: дайте мне от каждого двора по три голубя да по три воробья. Я ведь не хочу возложить на вас тяжкой дани, как муж мой, поэтому-то и прошу у вас мало. Вы же изнемогли в осаде, оттого и прошу у вас этой малости». Древляне же, обрадовавшись, собрали от двора по три голубя и по три воробья и послали к Ольге с поклоном. Ольга же сказала им: «Вот вы и покорились уже мне и моему дитяти, — идите в город, а я завтра отступлю от него и пойду в свой город». Древляне же с радостью вошли в город и поведали обо всем людям, и обрадовались люди в городе. Ольга же, раздав воинам —

кому по голубю, кому по воробью, приказала привязывать каждому голубю и воробью трут, завертывая его в небольшие платочки и прикрепляя ниткой к каждому. И, когда стало смеркаться, приказала Ольга своим воинам пустить голубей и воробьев. Голуби же и воробьи полетели в свои гнезда: голуби в голубятни, а воробьи под стрехи, и так загорелись — где голубятни, где клетки, где сараи и сеновалы, и не было двора, где бы ни горело, и нельзя было гасить, так как сразу загорелись все дворы. И побежали люди из города, и приказала Ольга воинам своим хватать их. А как взяла город и сожгла его, городских же старейшин забрала в плен, а прочих людей убила, а иных отдала в рабство мужам своим, а остальных оставила платить дань.

И возложила на них тяжкую дань: две части дани шли в Киев, а третья в Вышгород Ольге, ибо был Вышгород городом Ольгиным. И пошла Ольга с сыном своим и с дружиной по Древлянской земле, устанавливая дани и налоги; и сохранились места ее стоянок и места для охоты. И пришла в город свой Киев с сыном своим Святославом, и пробыла здесь год.

В год 6455. Отправилась Ольга к Новгороду и установила по Мете погосты и дани и по Луге — оброки и дани, и ловища ее сохранились по всей земле, и есть свидетельства о ней, и места ее и погосты, а сани ее стоят в Пскове и поныне, и по Днепру есть места ее для ловли птиц, и по Десне, и сохранилось село ее Ольжичи до сих пор. И так, установив все, возвратилась к сыну своему в Киев, и там пребывала с ним в любви.

В год 6463. Отправилась Ольга в Греческую землю и пришла к Царьграду. И был тогда царь Константин, сын Льва, и пришла к нему Ольга, и, увидев, что она очень красива лицом и разумна, подивился царь ее разуму, беседуя с нею, и сказал ей: «Достойна ты царствовать с нами в столице нашей». Она же, поразмыслив, ответила царю: «Я язычница; если хочешь крестить меня, то крести меня сам — иначе не крещусь». И крестил ее царь с патриархом. Просветившись же, она радовалась душой и телом; и наставил ее патриарх в вере, и сказал ей: «Благословенна ты в женах русских, так как возлюбила свет и оставила тьму. Благословят тебя сыны русские до последних поколений внуков твоих». И дал ей заповеди о церковном уставе, и о молитве, и о посте, и о милостыне, и о соблюдении чистоты телесной. Она же, склонив голову, стояла, внимая учению, как губка напояемая; и поклонилась патриарху со словами: «Молитвами твоими, владыка, пусть буду сохранена от сетей дьявольских». И было наречено ей в крещении имя Елена, как и древней царице — матери Константина Великого. И благословил ее патриарх, и отпустил. После крещения призвал ее царь и сказал ей: «Хочу взять тебя в жены». Она же ответила: «Как ты хочешь взять меня, когда сам крестил меня и назвал дочерью? А у христиан не разрешается это — ты сам знаешь». И сказал ей царь: «Перехитрила ты меня, Ольга». И дал ей многочисленные дары — золото, и серебро, и паволоки, и сосуды различные; и отпустил ее, назвав своею дочерью. Она же, собравшись домой, пришла к патриарху, и попросила у него благословения дому, и сказала ему: «Люди мои и сын мой язычники, — да сохранит меня Бог от всякого зла». И сказал патриарх: «Чадо верное! В Христа ты крестилась и в Христа облеклась, и Христос сохранит тебя, как сохранил Еноха во времена праотцев, а затем Ноя в ковчеге, Авраама от Авимелеха, Лота от содомлян, Моисея от фараона, Давида от Саула, трех отроков от печи, Даниила от зверей, — так и тебя избавит он от козней дьявола и от сетей его». И благословил ее патриарх, и отправилась она с миром в свою землю, и пришла в Киев. Произошло это, как при Соломоне: пришла царица эфиопская к Соломону, стремясь услышать премудрость Соломона, и увидела великую мудрость и чудеса: так же и эта блаженная Ольга искала настоящей божественной мудрости, но та (царица эфиопская) — человеческой, а эта — Божьей. «Ибо ищущие мудрости найдут». «Премудрость на улицах возглашает, на путях возвышает голос свой, на городских стенах проповедует, в городских воротах громко говорит: доколе

невежды будут любить невежество...». Эта же блаженная Ольга с малых лет искала мудростью, что есть самое лучшее в свете этом, и нашла многоценный жемчуг — Христа. Ибо сказал Соломон: «Желание благоверных приятно для души»; и: «Склонишь сердце твое к размышлению»; «Любящих меня я люблю, и ищущие меня найдут меня». Господь сказал: «Приходящего ко мне не изгоню вон».

Эта же Ольга пришла в Киев, и прислал к ней греческий царь послов со словами: «Много даров я дал тебе. Ты ведь говорила мне: когда возвращусь в Русь, много даров пришлю тебе: челядь, воск, и меха, и воинов в помощь». Отвечала Ольга через послов: «Если ты так же постоишь у меня в Почайне, как я в Суду, то тогда дам тебе». И отпустила послов с этими словами.

Жила же Ольга вместе с сыном своим Святославом и учила его принять крещение, но он и не думал прислушаться к этому; но если кто собирался креститься, то не запрещал, а только насмехался над тем. «Ибо для неверующих вера христианская юродство есть»; «Ибо не знают, не понимают те, кто ходят во тьме», и не ведают славы Господней; «Огрубели сердца их, с трудом уши их слышат, а очи видят». Ибо сказал Соломон: «Дела нечестивых далеки от разума»; «Потому что звал вас и не послушались меня, обратился к вам, и не внимали, но отвергли мои советы и обличений моих не приняли»; «Возненавидели премудрость, а страха Божьего не избрали для себя, не захотели принять советов моих, презрели обличения мои». Так и Ольга часто говорила: «Я познала Бога, сын мой, и радуюсь; если и ты познаешь — тоже станешь радоваться». Он же не внимал тому, говоря: «Как мне одному принять иную веру? А дружина моя станет насмехаться». Она же сказала ему: «Если ты крестишься, то и все сделают то же». Он же не послушался матери, продолжая жить по языческим обычаям, не зная, что кто матери не слушает — в беду впадет, как сказано: «Если кто отца или матери не слушает, то смерть примет». Святослав же притом гневался на мать. Соломон же сказал: «Поучающий злых наживет себе беды, обличающего же нечестивого самого оскорбят; ибо обличения для нечестивых, как язвы. Не обличай злых, чтобы не возненавидели тебя». Однако Ольга любила своего сына Святослава и говаривала: «Да будет воля Божья; если захочет Бог помиловать род мой и землю Русскую, то вложит им в сердце то же желание обратиться к Богу, что даровал и мне». И, говоря так, молилась за сына и за людей всякую ночь и день, воспитывая сына до его возмужалости и до его совершеннолетия.

[...]

В год 6477. Сказал Святослав матери своей и боярам своим: «Не люблю мне сидеть в Киеве, хочу жить в Переяславце на Дунае — ибо там середина земли моей, туда стекаются все блага: из Греческой земли — золото, паволоки, вина, различные плоды, из Чехии и из Венгрии серебро и кони, из Руси же меха и воск, мед и рабы». Отвечала ему Ольга: «Видишь — я больна; куда хочешь уйти от меня?» — ибо она уже разболелась. И сказала: «Когда похоронишь меня, — отправляйся, куда захочешь». Через три дня Ольга умерла, и плакали по ней плачем великим сын ее, и внуки ее, и все люди, и понесли, и похоронили ее на выбранном месте. Ольга же завещала не совершать по ней тризны, так как имела при себе священника — тот и похоронил блаженную Ольгу.

Была она предвозвестницей христианской земле, как денница перед солнцем, как заря перед рассветом. Она ведь сияла, как луна в ночи; так и она светилась среди язычников, как жемчуг в грязи; были тогда люди загрязнены грехами, не омыты святым крещением. Эта же омылась в святой купели, и сбросила с себя греховные одежды первого человека Адама, и облеклась в нового Адама, то есть в Христа. Мы же зываем к ней: «Радуйся, русское познание Бога, начало нашего с ним примирения». Она первая из русских вошла в царство небесное, ее и восхваляют сыны русские — свою

начинательницу, ибо и по смерти молится она Богу за Русь. Ведь души праведных не умирают; как сказал Соломон: «Радуется народ похваляемому праведнику»; память праведника бессмертна, так как признается он и Богом и людьми. Здесь же ее все люди прославляют, видя, что она лежит много лет, не тронутая тлением; ибо сказал пророк: «Прославляющих меня прославлю». О таких ведь Давид сказал: «В вечной памяти будет праведник, не убоится дурной молвы; готово сердце его уповать на Господа; утверждено сердце его и не дрогнет». Соломон же сказал: «Праведники живут вовеки; награда им от Господа и попечение о них у Всевышнего. Посему получают они царство красоты и венец доброты от руки Господа, ибо он покроет их десницею и защитит их мышцею». Защитил ведь он и эту блаженную Ольгу от врага и супостата — дьявола.

***The Russian Primary Chronicle: Laurentian Text. Editado e traduzido por Samuel Hazzard Cross e Olgerd P. Sherbowitz-Wetzor. Cambridge: The Medieval Academy of America, 1953. p. 78 – 84; 86 – 87.***

6453 (945). In this year, Igor's retinue said to him, "The servants of Sveinald are adorned with weapons and fine raiment, but we are naked. Go forth with us, oh Prince, after tribute, that both you and we may profit thereby.", Igor' heeded their words, and he attacked Dereva in search of tribute. He sought to increase the previous tribute and collected it by violence from the people with the assistance of his followers. After thus gathering the tribute, he returned to his city. On his homeward way, he said to his followers, after some reflection, "Go forward with the tribute. I shall turn back, and rejoin you later." He dismissed his retainers on their journey homeward, but being desirous of still greater booty he returned on his tracks with a few of his followers.

The Derevlians heard that he was again approaching, and consulted with Mal, their prince, saying, "If a wolf come among the sheep, he will take away the whole flock one by one, unless he be killed. If we do not thus kill him now, he will destroy us all." They then sent forward to Igor' inquiring why he had returned, since he had collected all the tribute. But Igor' did not heed them, and the Derevlians came forth from the city of Iskorosten' and slew Igor' and his company, for the number of the latter was few. So Igor' was buried, and his tomb is near the city of Iskorosten' in Dereva even to this day.

But Olga was in Kiev with her son, the boy Svyatoslav. His tutor was Asmund, and the troop commander was Sveinald, the father of Mstikha. The Derevlians then said, "See, we have killed the Prince of Rus'. Let us take his wife Olga for our Prince Mal, and then we shall obtain possession of Svyatoslav, and work our will upon him." So they sent their best men, twenty in number, to Olga by boat, and they arrived below Borichev in their boat. At that time, the water flowed below the heights of Kiev, and the inhabitants did not live in the valley, but upon the heights. The city of Kiev was on the present site of the residence of Gordyata and Nicephorus, and the prince's palace was in the city where the residence of Vratislav and Chudin now stands, while the hunting grounds were outside the city. Without the city stood another palace, where the palace of the Cantors is now situated, behind the Church of the Holy Virgin upon the heights. This was a palace with a stone hall.

Olga was informed that the Derevlians had arrived, and summoned them to her presence with a gracious welcome. When the Derevlians had thus announced their arrival, Olga replied with an inquiry as to the reason of their coming. The Derevlians then announced that their tribe had sent them to report that they had slain her husband, because he was like a wolf, crafty and ravening, but that their princes, who had thus preserved the land of Dereva, were good, and

that Olga should come and marry their Prince Mal. For the name of the Prince of Dereva was Mal.

Olga made this reply, "Your proposal is pleasing to me; indeed, my husband cannot rise again from the dead. But I desire to honor you tomorrow in the presence of my people. Return now to your boat, and remain there with an aspect of arrogance. I shall send for you on the morrow, and you shall say, 'We will not ride on horses nor go on foot; carry us in our boat. And you shall be carried in your boat.'" Thus she dismissed them to their vessel.

Now Olga gave command that a large deep ditch should be dug in the castle with the hall, outside the city. Thus, on the morrow, Olga, as she sat in the hall, sent for the strangers, and her messengers approached them and said, "Olga summons you to great honor." But they replied, "We will not ride on horseback nor in wagons, nor go on foot; carry us in our boats." The people of Kiev then lamented, "Slavery is our lot. Our Prince is killed, and our Princess intends to marry their prince." So they carried the Derevlians in their boat. The latter sat on the cross-benches in great robes, puffed up with pride. They thus were borne into the court before Olga, and when the men had brought the Derevlians in, they dropped them into the trench along with the boat. Olga bent over and inquired whether they found the honor to their taste. They answered that it was worse than the death of Igor'. She then commanded that they should be buried alive, and they were thus buried.

Olga then sent messages to the Derevlians to the effect that, if they really required her presence, they should send after her their distinguished men, so that she might go to their Prince with due honor, for otherwise her people in Kiev would not let her go. When the Derevlians heard this message, they gathered together the best men who governed the land of Dereva, and sent them to her. When the Derevlians arrived, Olga commanded that a bath should be made ready, and invited them to appear before her after they had bathed. The bathhouse was then heated, and the Derevlians entered in to bathe. Olga's men closed up the bathhouse behind them, and she gave orders to set it on fire from the doors, so that the Derevlians were all burned to death.

Olga then sent to the Derevlians the following message, "I am now coming to you, so prepare great quantities of mead in the city where you killed my husband, that I may weep over his grave and hold a funeral feast for him." When they heard these words, they gathered great quantities of honey and brewed mead. Taking a small escort, Olga made the journey with ease, and Upon her arrival at Igor's tomb, she wept for her husband. She bade her followers pile up a great mound and when they had piled it up, she also gave command that a funeral feast should be held. Thereupon the Derevlians sat down to drink, and Olga bade her followers wait upon them.

The Derevlians inquired of Olga where the retinue was which they had sent to meet her. She replied that they were following with her husband's bodyguard. When the Derevlians were drunk, she bade her followers fall upon them, and went about herself egging on her retinue to the massacre of the Derevlians. So they cut down five thousand of them; but Olga returned to Kiev and prepared an army to attack the survivors.

6454 (946). Olga, together with her son Svyatoslav, gathered a large and valiant army, and proceeded to attack the land of the Derevlians. The latter came out to meet her troops, and when both forces were ready for combat, Svyatoslav cast his spear against the Derevlians. But the spear barely cleared the horse's ears, and struck against his leg, for the prince was but a child. Then Sveinald and Asmund said, "The prince has already begun battle; press on, vassals, after the prince." Thus they conquered the Derevlians, with the result that the latter fled, and shut themselves up in their cities.

Olga hastened with her son to the city of Iskorosten', for it was there that her husband had been slain, and they laid siege to the city. The Derevlians barricaded themselves within the

city, and fought valiantly from it, for they realized that they had killed the prince, and to what fate they would in consequence surrender.

Olga remained there a year without being able to take the city, and then she thought out this plan. She sent into the town the following message: "Why do you persist in holding out? All your cities have surrendered to me and submitted to tribute, so that the inhabitants now cultivate their fields and their lands in peace. But you had rather die of hunger, without submitting to tribute." The Derevlians replied that they would be glad to submit to tribute, but that she was still bent on avenging her husband. Olga then answered, "Since I have already avenged the misfortune of my husband twice on the occasions when your messengers came to Kiev, and a third time when I held a funeral feast for him, I do not desire further revenge, but am anxious to receive a small tribute. After I have made peace with you, I shall return home again."

The Derevlians then inquired what she desired of them, and expressed their readiness to pay honey and furs. Olga retorted that at the moment they had neither honey nor furs, but that she had 'one small request to make. "Give me three pigeons," she said, "and three sparrows from each house. I do not desire to impose a heavy tribute, like my husband, but I require only this small gift from you, for you are impoverished by the siege." The Derevlians rejoiced, and collected from each house three pigeons and three sparrows, which they sent to Olga with their greetings. Olga then instructed them, in view of their submission, to return to their city, promising that on the morrow she would depart and return to her own capital. The Derevlians re-entered their city with gladness, and when they reported to the inhabitants, the people of the town rejoiced.

Now Olga gave to each soldier in her army a pigeon or a sparrow, and ordered them to attach by a thread to each pigeon and sparrow a piece of sulphur bound with small pieces of cloth. When night fell, Olga bade her soldiers release the pigeons and the sparrows. So the birds flew to their nests, the pigeons to the cotes, and the sparrows under the eaves. Thus the dove-cotes, the coops, the porches, and the haymows were set on fire. There was not a house that was not consumed, and it was impossible to extinguish the flames, because all the houses caught fire at once. The people fled from the city, and Olga ordered her soldiers to catch them. Thus she took the city and burned it, and captured the elders of the city. Some of the other captives she killed, while she gave others as slaves to her followers. The remnant she left to pay tribute.

She imposed upon them a heavy tribute, two parts of which went to Kiev, and the third to Olga in Vyshgorod; for Vyshgorod was Olga's city. She then passed through the land of Dereva, accompanied by her son and her retinue, establishing laws and tribute. Her trading posts and hunting-preserves are there still. Then she returned with her son to Kiev, her city, where she remained one year.

6455 (947). Olga went to Novgorod, and along the Msta she established trading-posts and collected tribute. She also collected imposts and tribute along the Luga. Her hunting-grounds, boundary posts, towns, and trading-posts still exist throughout the whole region, while her sleighs stand in Pskov to this day. Her fowling preserves still remain on the Dnieper and the Desna, while her village of Ol'zhichi is in existence even now. After making these dispositions, she returned to her city of Kiev, and dwelt at peace with it.

6463 (955). Olga went to Greece, and arrived at Tsar'grad. The reigning Emperor was named Constantine, son of Leo. Olga came before him, and when he saw that she was very fair of countenance and wise as well, the Emperor wondered at her intellect. He conversed with her and remarked that she was worthy to reign with him in his city. When Olga heard his words, she replied that she was still a pagan, and that if he desired to baptize her, he should perform this function himself; otherwise, she was unwilling to accept baptism. The Emperor, with the assistance of the Patriarch, accordingly baptized her.

When Olga was enlightened, she rejoiced in soul and body. The Patriarch, who instructed her in the faith, said to her, "Blessed art thou among the women of Rus', for thou hast loved the light, and quit the darkness. The sons of Rus' shall bless thee to the last generation of thy descendants." He taught her the doctrine of the Church, and instructed her in prayer and fasting, in almsgiving, and in the maintenance of chastity. She bowed her head, and like a sponge absorbing water, she eagerly drank in his teachings. The Princess bowed before the Patriarch, saying, "Through thy prayers, Holy Father, may I be preserved from the crafts and assaults of the devil!" At her baptism she was christened Helena, after the ancient Empress, mother of Constantine the Great. The Patriarch then blessed her and dismissed her.

After her baptism, the Emperor summoned Olga and made known to her that he wished her to become his wife. But she replied, "How can you marry me, after yourself baptizing me and calling me your daughter? For among Christians that is unlawful, as you yourself must know." Then the Emperor said, "Olga, you have outwitted me." He gave her many gifts of gold, silver, silks, and various vases, and dismissed her, still calling her his daughter.

Since Olga was anxious to return home, she went to the Patriarch to request his benediction for the homeward journey, and said to him, "My people and my son are heathen. May God protect me from all evil!" The Patriarch replied, "Child of the faith, thou hast been baptized into Christ and hast put on Christ. Christ shall therefore save thee. Even as he saved Abraham from Abimelech, Lot from the Sodomites, Moses from Pharaoh, David from Saul, the Three Children from the fiery furnace, and Daniel from the wild beasts, he will preserve thee likewise from the devil and his snares." So the Patriarch blessed her, and she returned in peace to her own country, and arrived in Kiev.

Thus it was when the Queen of Ethiopia came to Solomon, wishing to hear his words of wisdom, and beheld much wisdom and many wonders. Even so, the sainted Olga sought the blessed wisdom of God. But the Queen sought human wisdom, while Olga sought divine wisdom. For those who seek for wisdom shall find it. "Wisdom is celebrated in places of concourse, she lifteth up her voice in the streets; she crieth at the entrance to the walls, at the gates of cities she uttereth speech. For as many years as the just cleave to wisdom, they shall not be ashamed."

From her youth up, the sainted Olga always sought wisdom in this world, and she found a pearl of great price, which is Christ. For Solomon has said, "The accomplished desire of the faithful is sweet to the soul"; and, "Incline thine heart to wisdom; I love them that love me, and those that seek me shall find me". And the Lord saith, "He who cometh to me I will not cast out".

Thus Olga arrived in Kiev, and the Greek Emperor sent a message to her, saying, "Inasmuch as I bestowed many gifts upon you, you promised me that on your return to Rus' you would send me many presents of slaves, wax, and furs, and despatch soldiery to aid me." Olga made answer to the envoys that if the Emperor would spend as long a time with her in the Pochayna<sup>63</sup> as she had remained on the Bosphorus, she would grant his request. With these words, she dismissed the envoys.

Now Olga dwelt with her son Svyatoslav, and she urged him to be baptized, but he would not listen to her suggestion, though when any man wished to be baptized, he was not hindered, but only mocked. For to the infidels, the Christian faith is foolishness. They do not comprehend it, because they walk in darkness and do not see the glory of God. Their hearts are hardened, and they can neither hear with their ears nor see with their eyes. For Solomon has said, "The deeds of the unrighteous are far from wisdom. Inasmuch as I have called you, and ye heard me not, I sharpened my words, and ye understood not. But ye have set at nought all my counsel, and would have none of my reproach. For they have hated knowledge, and the fear of Jehovah they have not chosen. They would none of my counsel, but despised all my reproof".

Olga remarked oftentimes, "My son, I have learned to know God, and am glad for it. If you know him, you too will rejoice." But he did not heed her exhortation, answering, "How shall I alone accept another faith? My followers will laugh at that." But his mother replied, "If you are converted, all your subjects will perforce follow your example." Svyatoslav did not heed his mother, but followed heathen usages, for he did not know that whoever does not obey his mother shall come to distress. For it is written, "Whosoever heedeth not his father or his mother shall suffer death." But he was incensed at his mother for this reason. As Solomon has said, "He that correcteth the unrighteous getteth to himself reviling, and he that reproveth a wicked man getteth himself a blot. Rebuke not the evil, lest he hate thee". For rebuke addressed to evildoers provokes offence.

[...]

6477 (969). Svyatoslav announced to his mother and his boyars, "I do not care to remain in Kiev, but should prefer to live in Pereyaslavets on the Danube, since that is the centre of my realm, where all riches are concentrated; gold, silks, wine, and various fruits from Greece, silver and horses from Hungary and Bohemia, and from Rus' furs, wax, honey, and slaves." But Olga made reply, "You behold me in my weakness. Why do you desire to depart from me?" For she was already in precarious health. She thus remonstrated with him and begged him first to bury her and then to go wheresoever he would. Three days later Olga died. Her son wept for her with great mourning, as did likewise her grandsons and all the people. They thus carried her out, and buried her in her tomb. Olga had given command not to hold a funeral feast for her, for she had a priest who performed the last rites over the sainted Princess.

Olga was the precursor of the Christian land, even as the day-spring precedes the sun and as the dawn precedes the day. For she shone like the moon by night, and she was radiant among the infidels like a pearl in the mire, since the people were soiled, and not yet purified of their sin by holy baptism. But she herself was cleansed by this sacred purification. She put off the sinful garments of the old Adam, and was clad in the new Adam, which is Christ. Thus we say to her, "Rejoice in the Russes' knowledge of God," for we were the first fruits of their reconciliation with Him.

She was the first from Rus' to enter the kingdom of God, and the sons of Rus' thus praise her as their leader, for since her death she has interceded with God in their behalf. The souls of the righteous do not perish. As Solomon has said, "The nations rejoice in the praise of the righteous, for his memory is eternal, since it is acknowledged by God and men". For all men glorify her, as they behold her lying there in the body for many years. As the prophet has said, "I will glorify them that glorify me." Of such persons David also said, "The righteous shall be had in everlasting remembrance, he shall not be afraid of evil tidings. His heart is fixed, trusting in Jehovah, his heart is fixed, and will not be moved" And Solomon said, "The righteous live forever, and they have reward from God and grace from the Most High. Therefore shall they receive the kingdom of beauty, and the crown of goodness from the hand of the Lord. With his right hand will he cover them, and with his arm will he protect them." For He protected the sainted Olga from the devil, our adversary and our foe.